RONALDO ADRIANO ALVES DOS SANTOS

(RE)EXISTINDO À HOMOFOBIA: NARRATIVAS DE HISTÓRIAS DE VIDA DE CIS-HOMENS GAYS NO MUNICÍPIO DE CASCAVEL-PR

ASSIS

2019

RONALDO ADRIANO ALVES DOS SANTOS

(RE)EXISTINDO À HOMOFOBIA: NARRATIVAS DE HISTÓRIAS DE VIDA DE CIS-HOMENS GAYS NO MUNICÍPIO DE CASCAVEL-PR

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Mestre em Psicologia (Área de Conhecimento Psicologia e Sociedade)

Orientador: Dr. Fernando Silva Teixeira-Filho

ASSIS

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Vânia Aparecida Marques Favato - CRB 8/3301

S237r

Santos, Ronaldo Adriano Alves dos
(Re)Existindo à homofobia: narrativas de histórias de vida de cis-homens gays no município de Cascavel-Pr / Ronaldo Adriano Alves dos Santos. Assis, 2019.
224 f. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Prof. Dr. Fernando Silva Teixeira Filho

1. Homofobia. 2. Homossexuais - Narrativas pessoais. 3. Homossexualidade masculina. I. Título.

CDD 157.734

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: (RE)EXISTINDO À HOMOFOBIA: NARRATIVAS DE HISTÓRIAS DE VIDA DE CIS-HOMENS GAYS NO MUNICÍPIO DE CASAVEL-PR

AUTOR: RONALDO ADRIANO ALVES DOS SANTOS
ORIENTADOR: FERNANDO SILVA TEIXEIRA FILHO

Faculdade de Ciências e Letras
Seção Técnica de Pós-graduação
UNESP - Câmpus Assis

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em PSICOLOGIA, área: Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. FERNANDO SILVA TEIXEIRA FILHO
Departamento de Psicologia Clínica / UNESP/Assis

Profa. Dra. ANGELA APARECIDA DONINI
UNIRIO / Rio de Janeiro

Prof. Dr. LEONARDO LEMOS DE SOUZA
Departamento de Psicologia Social e Educacional / UNESP/Assis

Assis, 11 de setembro de 2019

Essa daqui é praquelas gay
Que no prézinho já sabia que era gay
A criançada apontava: “Cê é muito gay”
Já brincava com as barbie “Teu filho é gay, eu bem que te avisei”
É praquelas gay que num sabia bem porque era ruim ser gay
Sentiu na pele bem cedo como tratam as gay
Já brigou com Deus “por quê me fizeste gay?”, queria ser alguém
Já não temas, gay
Aquilo que não mata fortalece um gay
Sente o quanto te empodera ter nascido gay
Em teus olhos um espelho onde eu me enxergue
É que eu também sou gay
E levante, gay
Que a luta ainda não acabou pras gay
Que a nossa vitória vai ser o close, gay
E que se eu tô aqui hoje dando voz pras gay é por ser
Gay
(Glória Groove)

SANTOS, Ronaldo Adriano Alves dos Santos. **(RE)EXISTINDO À HOMOFOBIA: NARRATIVAS DE HISTÓRIAS DE VIDA DE CIS-HOMENS GAYS NO MUNICÍPIO DE CASCAVEL-PR**. 2019. 222 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

RESUMO

No presente trabalho, tenho o objetivo de apresentar um percurso narrativo através das experiências e histórias vividas e compartilhadas por cis-homens gays que assumem e/ou vivenciam suas homossexualidades no município de Cascavel-PR. Nesse percurso, pretendo discutir as experiências e os impactos das diferentes manifestações da homofobia em suas intersecções e tensionamentos com as idiossincrasias que marcam o enredo de cada uma das histórias dos participantes da pesquisa. Para tanto, adoto como referencial teórico os estudos de gênero e feministas que me possibilitam pensar as homossexualidades e a própria vivência da homofobia como fenômenos plurais impossíveis de serem submetidos a categorias universalizantes e essencialistas. Nesse sentido, busco discutir e apresentar a homofobia enquanto um conceito "guarda-chuva". Uma categoria política, conceitual e analítica que possibilita traduzir o cotidiano de violências, mais ou menos explícitas, que constituem e afetam todas as pessoas, e especialmente as pessoas LGBT, margeando e (de)limitando as formas de nos relacionarmos social, política, afetiva e sexualmente. Reconhecendo o caráter localizado, contextualizado, (de)limitado e parcial desse empreendimento de pesquisa e visando alcançar os objetivos traçados adoto como "método-processo de investigação" as narrativas de histórias de vida de seis cis-homens gays, dentre os quais me incluo. Por meio dessa pista metodológica, pude estabelecer uma necessária e indissociável vinculação com os participantes da pesquisa, processo que me possibilitou o acesso às paisagens experienciais, afetivas, relacionais e subjetivas narradas em cada uma das histórias que se encontram aqui (re)construídas e que dão corpo e vida a este trabalho.

Palavras-chave: Homossexualidade Masculina. Homofobia. Narrativa de Histórias de Vida.

SANTOS, Ronaldo Adriano Alves dos**. RESISTING HOMOPHOBIA: CISGENDER GAY MEN LIFE STORIES NARRATIVES IN CASCAVEL CITY, PARANÁ**. 2019. 222 f. Dissertation (Masters in Psychology). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2019.

ABSTRACT

This dissertation aims to present a narrative pathway through experiences and stories lived and shared by cisgender gay men that assume and/or live their homosexuality in Cascavel city, Paraná state. In this pathway, I intend to discuss experiences and impacts from the different homophobia manifestations in their intersections and tensions with idiosyncrasies that are remarkable on the story of each participant of this research. For this purpose, I adopt as a theorical reference gender and feminist studies, which allow me to consider homosexualities and the homophobia experience itself as plural phenomena, that are impossible to be submitted to universalising, essentialist and static categories. Therefore, I aim to discuss and present homophobia as an "umbrella" concept, a political, conceptual and analytical category, that allows to render the daily violence, explicit or not, that constitutes and affect all the people, especially LGBT ones, creating margins and delimitating the social, aesthetic, political, affective and sexual ways to relate to each other. Recognizing the localized, (de)limited, contextualized and partial character of this research, I adopted as an "investigation method-process" the life stories narratives of six cisgender gay men, in which I include myself. The choice of this "method-process" was fundamental, since it made possible to be linked to and stablish an approximation with the research participants, both undeniable elements to accomplish the subjective dimension, inherent and indissociable from academic research. Thus, the execution of this investigative path led me to experience encounters that permitted to access the experiential, affective, relational and subjective landscapes that constitute the life stories of each participant of this research, that also gives substance and life to all the narratives that were (re)constructed in this work.

Keywords: Male Homosexuality; Homophobia; Life stories narratives.

SUMÁRIO

UM CAMINHO QUE SE ABRE **9**
NOSSO PONTO DE PARTIDA **16**
O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO **33**
SOBRE AS SINALIZAÇÕES QUE DÃO O RITMO DA VIAGEM 33
OS CAMINHANTES APARECEM 41
UM PASSO DE CADA VEZ E A GENTE CHEGA LÁ 43
SOBRE O PESQUISADOR-CAMINHANTE **48**
PRIMEIRO ENCONTRO: CAMINHANDO COM SAM **74**
SEGUNDO ENCONTRO: CAMINHANDO COM VICTOR **98**
TERCEIRO ENCONTRO: CAMINHANDO COM SANTHIAGO **120**
QUARTO ENCONTRO: CAMINHANDO COM SEVERO **146**
QUINTO ENCONTRO: CAMINHANDO COM ALVO **186**
DIVAGAÇÕES ENCRUZILHADAS **202**
REFERÊNCIAS **217**

UM CAMINHO QUE SE ABRE

No presente trabalho, tenho como objetivo apresentar um percurso narrativo através de histórias de vida de cis-homens gays que assumem e/ou vivenciam suas homossexualidades no município de Cascavel-PR. Nesse percurso, pretendo discutir as experiências e os impactos das diferentes manifestações da homofobia em suas intersecções com as idiossincrasias que marcam o enredo de cada uma das histórias dos participantes da pesquisa. Tomo esse caminho, pois, tanto como homem-cis gay quanto como profissional e pesquisador da e na Psicologia, percebo que ainda é necessário visibilizar e veicular nossas histórias e, assim, denunciar o cotidiano de violências às quais estamos submetidos. Violências que negam, alijam e subtraem nossa existência social, subjetiva e, não raras as vezes, física.

Sendo assim, esse percurso nasce da crença de que é preciso seguir lutando. Foi preciso lutar para poder escrever essas linhas e escrevo cada uma delas como uma tomada de posição nesta trincheira que compartilho com tantas pessoas que acreditam que ainda vale a pena lutar. Mas não lutamos desorientados e cegamente. Esse caminho combatente também nasce das reflexões teóricas e acadêmicas que construí ao longo da minha formação e fundamenta-se nos referenciais teóricos dos Estudos de Gênero e Feministas. Um conjunto de referenciais teóricos e epistemológicos que tomei contato recentemente (após o início desse Mestrado) e que, apesar do curto espaço de tempo, representam uma quebra paradigmática na minha trajetória acadêmica, profissional e pessoal.

Fazer esse destaque é importante, pois foi por meio dos Estudos de Gênero e Feministas que pude contatar um quadro conceitual o qual me possibilita pensar as sexualidades e os gêneros desde uma perspectiva plural, política e analítica. Desse modo, esse conjunto de saberes e práticas, ao evidenciar a impossibilidade de pensar uma identidade única, estável, universal e essencial do feminino (congelada na categoria "mulher"), me possibilitaram também pensar e refletir as homossexualidades de uma forma plural, aberta e interseccional. Nesse sentido, concordo com Teixeira Filho (2012, p.97) quando afirma que os estudos feministas e de gênero favoreceram e produziram uma complexificação ou multiplicação das possibilidades da resposta à pergunta "Quem é homossexual?". Além disso, essas teóricas e teóricos me ajudam a pensar a homofobia não mais como uma violência circunscrita ao rechaço à prática sexual, mas como produto de uma relação de gêneros estereotipada e marcada pela subjugação e dominação do

feminino. Em outras palavras, pude ingressar em um conjunto de discussões que reflete a homofobia como uma violência que está diretamente conectada à desqualificação e ao rechaço de performances femininas em corpos lidos como masculinos.

Além dessas reflexões teóricas, esta empreitada também emerge de minhas experiências e de minha própria história de vida (também (de)marcada por diferentes expressões da homofobia). Fazer essa afirmação é importante, pois não acredito nem advogo a existência de uma "objetividade" científica calcada em uma racionalidade "neutra" e "imparcial". Diferente desse formato positivista androcentrado de ciência (SARDENBERG, 2007), acredito que a objetividade (im)possível deste trabalho resulta justamente de seu caráter localizado, contextualizado, (de)limitado e parcial (HARAWAY, 1995). Desse modo, pensar esse (des)local(mento) que ocupo enquanto homem-cis gay e enquanto pesquisador é fator fundamental nesse processo. Fundamental porque parto da percepção de que todo conhecimento é localizado e marcado pelas experiências vividas pelos pesquisadores e participantes das pesquisas (BIGLIA e BONET-MARTÍ, 2009). Sendo assim, pensar e produzir conhecimento a partir de uma lógica de localização é reconhecer as parcialidades e os efeitos das subjetividades dos pesquisadores e dos participantes de modo a evidenciar a não existência de uma uniformidade e generalidade nas e das produções científicas.

Nesse sentido, acredito que construir uma pesquisa qualitativa em Psicologia é também uma forma de reconhecer que a vida, as subjetividades e a experiência são construções discursivas (SCOTT, 1998). Construções que fluem abertamente, como um rio margeado por determinados contextos espaço-temporais que comprimem e impõem certos ritmos aos fluxos vividos. Desse modo, é necessário reconhecer que o próprio conhecimento da realidade também se constitui social e historicamente estando, portanto, circunscrito a determinados contextos espaço-temporais. Destarte, é impossível qualquer processo de universalização dos saberes que produzimos em nossos respectivos espaços e atividades acadêmicas. Esse pressuposto é importante, pois não deixa dúvidas de que todo conhecimento produzido se configura como vislumbres parciais do mundo (NEVES, 2012) e simultaneamente serve à própria configuração e fabricação desses mundos e dessas realidades que nos propomos a estudar.

A partir desse reconhecimento, busquei na Narrativa de Histórias de Vida o meio para concretizar essa proposta de pesquisa. Essa definição foi importante, porque através desta pista metodológica pude vislumbrar a possibilidade de incluir, neste trabalho, a dimensão subjetiva que acredito ser inerente ao encontro entre pesquisador e participantes

da pesquisa (PASSOS e BARROS, 2009). Diante dessa necessária e indissociável vinculação entre pesquisador e participantes da pesquisa, não posso deixar de destacar que este trabalho, embora seja academicamente apresentado como um trabalho e um produto individual, é uma construção coletiva feita em conjunto com os participantes e com as pessoas com quem convivemos e partilhamos nossas experiências e nossas vidas pessoais, acadêmicas e profissionais. Apresento aqui um texto feito com muitos afetos, muitas vozes, muitas experiências, muitas potências e muitas histórias.

Dessa maneira, apresento, na primeira seção, um debate em torno do conceito e da experiência da homofobia. Nele discuto a homofobia como uma expressão da violência que precisa ser refletida enquanto uma categoria política, conceitual e analítica (BORRILLO, 2010). Um fenômeno que necessita ser considerado e refletido a partir da identificação das condições históricas e sociais que possibilitam a sua produção. Destarte, como veremos a seguir, acredito que as diferentes expressões da homofobia não podem ser subsumidas à esfera individual, sendo, portanto, fundamental refletirmos criticamente sobre as relações e condições que produzem (na intersecção e constituição mútua entre indivíduo e sociedade) os indivíduos e as violências homofóbicas.

Na seção seguinte, apresento a discussão referente às pistas metodológicas adotadas neste trabalho. Nessa seção, reflito a Narrativa de História de Vida, enquanto uma potente pista metodológica para a pesquisa qualitativa em Psicologia, especialmente quando direcionada a minorias sociais, raciais e sexuais. Esse acento no uso desta pista metodológica se produz a partir do reconhecimento de que através da pesquisa acadêmica podemos iluminar, produzir ouvidos e audiência àquelas vozes que ocupam espaços social e historicamente silenciados.

Nesse sentido construir uma pesquisa a partir da narrativa de histórias de vida de cis-homens gays mostra-se como uma possibilidade de construir um outro discurso dentro do mundo acadêmico. Essa produção se faz por meio de um posicionamento capaz de produzir interrogações e estranhamentos "[...] ao que certa narrativa aceitaria como natural e regra, forçando a um descolamento do dito na busca das condições de sua produção" (PASSOS e BARROS, 2009, p. 164). Outrossim, nessa seção busco também caracterizar brevemente os participantes da pesquisa, os procedimentos adotados e as adaptações metodológicos tomadas a fim de ajustar o projeto à realidade concreta da pesquisa.

Nas seções seguintes, apresento os encontros que foram produzidos ao longo desse trajeto. Diversidade de encontros que não se realizaram apenas por meio da

concretude presencial das entrevistas e dos encontros não planejados que o acaso produziu nos diferentes espaços sociais nos quais transitamos. Foram e são encontros diversos que também se produziram por meio de uma série de contatos virtuais, das transcrições das entrevistas, das múltiplas leituras desse material e da (re)construção conjunta das histórias de vida dos participantes. Sendo assim, cada uma dessas seções é dedicada à narrativa de um dos personagens que compuseram esses encontros e este trabalho que ora se apresenta.

Hoje posso dizer seguramente que entrar em contato com os depoimentos, experiências e histórias dos participantes desta pesquisa não foi apenas um exercício teórico/acadêmico. Esse contato demonstrou ser simultaneamente uma experiência de (fabric)ação e (re)invenção de narrativas em realidades possíveis. Além disso, este trabalho de pesquisa me impeliu a um necessário exercício de retomada e visitação às minhas próprias experiências e história, pois, como bem evidencia Castañeda (2011), o processo de escuta do outro envolve também a escuta de si mesmo. Em suma, posso dizer com absoluta segurança que desenvolver esta pesquisa foi um exercício afetivo, potente, porém desafiador e, em muitos momentos, intensamente mobilizador.

Nessa empreitada, talvez, o maior desafio que eu tenha encontrado seja construir um trabalho que veicule, dê linguagem, palavra e escrita aos afetos que marcam e constituem as experiências, histórias e vidas dos participantes da pesquisa. Um grande desafio. Digo isso, pois, tanto acadêmica quanto pessoalmente, vivi e fabriquei um percurso formativo que produziu aquilo que chamei de uma posição "afetivamente racional e racionalmente afetiva". Uma posição que foi uma companheira e uma defesa constante ao longo da minha história. Sempre a repetia aos meus amigos quando eles me apontavam as barreiras e distanciamentos que eu criava em relação à expressão e compartilhamento dos afetos e experiências que constituíam minha história. Era difícil falar sobre mim, sobre afetos e sobre minha história (ainda o é, de certa forma).

Apesar disso, pude, ao longo desse trajeto do mestrado, entrar em contato com alguns intercessores fundamentais que possibilitaram uma ampliação e mergulho na minha e nessas outras histórias pensando-as como plataformas para a produção de um saber localizado. Foram intercessores teóricos (com os estudos de gênero e feministas), relacionais (com as amizades de longa data e aquelas que construí durante esse percurso), orientadores (com as provocações feitas por meu orientador), metodológicos (o encontro com a narrativa de histórias de vida), terapêuticos (em meu processo analítico) e, por

último, mas não menos importante, afetivos (estabelecidos a cada encontro com os participantes da pesquisa).

Intercessores que direta ou indiretamente me desafiaram e me mantiveram nessa empreitada e que agora me auxiliam a compartilhar as paisagens e histórias que encontrei pelo caminho. Sendo assim, o que busco apresentar neste trabalho configura-se como um exercício, uma tentativa, um ensaio de uma outra escrita. Uma escrita que valorize a potência e as idiossincrasias que marcam cada uma das histórias que me foram narradas. Uma escrita mais comprometida com a montagem e a contação de histórias do que com a explicação, análise e desvelamento de "verdades" contidas e escondidas nos dados e resultados da pesquisa (BIGLIA e BONET-MARTÍ 2009). Uma escrita comprometida com a valorização das narrativas das experiências e histórias de vida de cada participantes da pesquisa.

Apesar de considerar que a pesquisa é sempre um percurso inacabado, não tenho dúvidas que discutir as experiências de homofobia por meio da narrativa de vida de cis-homens gays é fundamental e urgente em nosso país. Vivemos no país que mais violenta e mata pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT)[1] no mundo e testemunhamos uma onda ascendente do conservadorismo reacionário, do fundamentalismo religioso e do fascismo em terras tupiniquins. É certo que este não é um fenômeno localizado e restrito apenas ao Brasil, sendo possível observar, com as devidas proporções e especificidades, seu espraiamento por todo o mundo. Simultânea e consequente a esse contexto assistimos uma curva de crescimento nos dados e registros de crimes de ódio e violências perpetradas contra a população LGBT. Dados que demonstram a urgência e emergência da adoção de estratégias, políticas e medidas enérgicas visando a proteção das pessoas LGBT e o combate a toda forma de manifestação das LGBTfobias.

O momento histórico e político exige que nossas vozes sejam ouvidas, que a nossa existência e nossas vidas sejam reconhecidas e que a sociedade se comprometa ética, estética e politicamente com a mudança do quadro que se apresenta. Nosso tempo exige uma luta intransigente pela superação da violência e da barbárie que se nutrem dos discursos de ódio que diariamente silenciam nossas vozes, invisibilizam nossos corpos e

[1] Embora esteja ciente dos múltiplos acrônimos que visam visibilizar a diversidade que caracteriza as dissidências sexuais e de gêneros opto pela atulização do LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) ao longo deste trabalho, pois ele figurou como a principal referência à dissidência sexual e de gênero no discurso dos participantes da pesquisa.

ceifam nossas vidas. Fruto desse contexto histórico e social, a (des)configuração do atual governo, composto por inúmeros quadros militares, grupos conservadores e segmentos religiosos fundamentalistas, investe maciçamente contra direitos e políticas arduamente conquistadas. Além disso, testemunhamos as frequentes ameaças de cerceamento à liberdade de cátedra e universitária aliadas à diversidade de ataques à imprensa, às artes e à produção acadêmica e intelectual acusadas de promoção "ideológica" e "doutrinação". Um cenário de retrocessos políticos e civilizatório que produz uma atmosfera de temor e ameaça que afeta toda a população e especialmente as minorias sociais, raciais, étnicas e sexuais.

Relacionam-se a esse processo os crescentes e sistemáticos ataques direcionados à Psicologia, ao Sistema de Conselhos e suas resoluções. Alas conservadoras, reacionárias e fundamentalistas religiosas que compõem os quadros profissionais da Psicologia se movimentam e se articulam na promoção e defesa de uma suposta "psicologia científica". Uma "psicologia" que, pautada em um discurso ideológico que defende a "neutralidade" e "imparcialidade" da ciência, busca dar sustentação a práticas moralistas, normatizantes, normalizantes e discriminatórias que funcionam como mecanismos do dispositivo de controle dos corpos, subjetividades e condutas individuais e coletivas. Grupos que, tendo frustradas as tentativas judiciais de sustar importantes normativas do Conselho Federal de Psicologia (como, por exemplo, as Resoluções nº 01/1999 e nº 01/2018) disputam o atual pleito eleitoral do Sistema de Conselhos com claro e declarado objetivo de desregulamentar a prática psicológica permitindo a repatologização das dissidências de gênero e sexuais.

Ciente desse cenário atual acredito que construir esse percurso de pesquisa, discutindo a homofobia e apostando na potência das histórias de vida de cis-homens gays, é também uma forma de assumir uma posição nas trincheiras da luta antifascista, antirracista, antiLGBTfóbica e na luta contra o machismo, o sexismo, a misoginia e o anti-intelectualismo contemporâneos. Outrossim, não tenho dúvidas que pesquisar também é uma forma de intervir e produzir na e a realidade. Sendo assim, acredito que, neste contexto que vivemos, pesquisar é também uma forma de assumir um compromisso ético, estético e político com a construção de uma Psicologia comprometida com a transformação histórica e social. Uma Psicologia que por meio de seus saberes e práticas se engaje de maneira intransigente no projeto de construção e na defesa de uma sociedade democrática, laica, justa, igualitária e plural. Ademais, reconheço que a história da nossa

comunidade (LGBT) é uma história de luta aguerrida, revolucionária e (re)existente e é nessa direção que seguimos e seguiremos.

Da luta não me retiro!

NOSSO PONTO DE PARTIDA

A homofobia, enquanto categoria política, conceitual e analítica (BORRILLO, 2010), configura-se como um conceito que possibilita, mesmo que de forma imperfeita, traduzir diferentes manifestações de violência às quais estão sujeitas, direta ou indiretamente, a totalidade das pessoas e especialmente a população LGBT e todos aqueles que não se adequam à norma linear heteronormativa[2] (fêmea/feminina/mulher/heterossexual ou macho/masculino/homem/heterossexual) (TOLEDO e TEIXEIRA FILHO, 2013). Porém, apesar de considerar a importância política desse conceito "guarda-chuva" (TEIXEIRA FILHO, 2012), é fundamental refletirmos, discutirmos e visibilizarmos as especificidades e peculiaridades das experiências de vitimização às quais estão submetidas as pessoas LGBT em decorrência de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero. Nesse sentido, a I Conferência Nacional LGBT, ocorrida entre os dias 05 e 08 de junho de 2008, asseverou a necessidade de discutirmos as especificidades da lesbofobia, transfobia, travestifobia, entre as quais podemos incluir também a bifobia. Desse modo, e reconhecendo o caráter (de)limitado da pesquisa acadêmica e multifacetado desses fenômenos, é fundamental esclarecer que ao abordarmos a homofobia, suas manifestações e experiências, não pretendemos totalizar, generalizar ou subsumir a realidade vivenciada, tanto intra quanto entre, por cada um desses grupos específicos.

A partir dessa ponderação inicial, entendemos que o ódio homofóbico constitui-se como um conjunto de discursos e práticas que surgem, se desenvolvem e se multiplicam nas relações cotidianas. Através de sua repetição, eles produzem realidades e estabelecem valores que criam o alvo da homofobia e não o contrário (SÁEZ e CARRASCOSA, 2016). Ou seja, os discursos e as práticas sociais comumente localizam a pessoa LGBT, sua forma de ser e estar no mundo como a "origem" das ações homofóbicas. Entretanto, os autores nos alertam para o fato de que essa localização

[2] Podemos compreender a heteronormatividade como "[...] um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. Assim, ela não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e "natural" da cisheterossexualidade" (MISKOLCI, 2009, p.156-157).

comum funciona, na verdade, como um velamento ideológico que oculta a função e o funcionamento estrutural e estruturante da homofobia nas e das relações sociais.

Entendemos, assim, que a homofobia afeta todas as pessoas não estando, portanto, necessariamente atrelada ao tipo de relação afetiva, prática sexual e/ou identidade de gênero. Nesse sentido, a homofobia margeia e (de)limita as formas pelas quais nos relacionamos social, política, afetiva e sexualmente. Ela condiciona e determina nossas performances de gêneros (BUTLER, 2017) e as performances e práticas hetero, homo (gay e lésbica) e bissexuais. É por meio dessas (de)limitações, determinações e condicionamentos que a homofobia funciona como um "dispositivo de controle" (TEIXEIRA FILHO, 2011, p.42)[3] que articula e formata uma rede de discursos (religiosos, legais, científicos, políticos, etc.) e práticas que visam produzir, manter e garantir uma série de percepções e relações negativas, homogeneizadas e estereotipadas com as homossexualidades. A homofobia busca então disciplinar, normatizar, normalizar e categorizar nossas formas de ser e estar no mundo como "normais" ou "patológicas" e produzir, dessa maneira, a internalização da própria homofobia (BORRILLO, 2010; NASCIMENTO e TEIXEIRA FILHO, 2010).

Assim, pensar a homofobia sob essa perspectiva é fundamental para podermos espraiarmos a discussão em torno dessa categoria para além do contexto histórico de sua emergência e amplificarmos sua potência conceitual, analítica e política. Essa ampliação em torno do debate sobre a homofobia vem sendo construída nas últimas décadas e, embora o advento desse conceito remonte aos anos 1970 do século passado, é importante considerarmos que historicamente foi construída uma intrincada rede de discursos e práticas religiosas, jurídicas, acadêmicas e especialmente médicas que deram sustentação a práticas de exclusão e violência contra a população LGBT. Foi justamente esse conjunto

[3] Adotamos neste trabalho o conceito foucaultiano de dispositivo que é definido pelo autor como "[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. Em segundo lugar, gostaria de demarcar a natureza da relação que pode existir entre estes elementos heterogêneos. [...] em suma, entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções que também podem ser muito diferentes. Em terceiro lugar, entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante" (FOUCAULT, 1979, p. 244). Contribuiu para o entendimento desse conceito discussões de Agamben (2005, p. 13) que pensa o dispositivo como "qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes". São justamente esses modos de conceituar o dispositivo que me permitem concordar com Teixeira Filho (2011) quando esse apresenta a homofobia enquanto um "dispositivo de controle".

articulado de discursos e práticas sociais que, desde o fim do século XIX, com o advento da "espécie" e das "subespécies" homossexual (FOUCAULT, 2017a) dentro da semiologia biomédica e da psicopatologia, pavimentaram o percurso histórico que possibilitou a emergência do conceito de homofobia. Conceito que, na década de 1970, servia à nomeação do medo da presença e/ou convívio com homossexuais.

Essa contextualização e ampliação da conotação do conceito de homofobia é necessária, pois em sua formulação inicial e em decorrência de sua "pobreza conceitual" (TEIXEIRA FILHO, 2011, p. 50) ela aparenta ligar-se apenas às experiências de violência e exclusão que afetam indivíduos biologicamente considerados como machos da espécie, os quais assumem uma identidade de gênero masculina e identificam-se afetivo e sexualmente como homossexuais. Entretanto, como apontamos acima, esse conceito, nas últimas décadas, tem abarcado diferentes situações de preconceito, aversão, agressão, demérito e desqualificação das pessoas que rompem com as performances cisheteronormativas, quer sejam pessoas LGBT ou não (WELZER-LANG, 2001). Percebemos, assim, que a homofobia deixa de designar apenas afetos e efeitos eminentemente individuais e psicológicos, passando a dimensionar também um problema social e historicamente engendrado. Desse modo, essa mudança na compreensão da homofobia potencializa sua função política e, por conseguinte, a produção de conhecimentos e estratégias visando sua superação.

É importante destacar que essa transformação/ampliação conotativa da homofobia não foi resultado apenas de um trabalho e esforço teórico/acadêmico, ela traduz uma série de lutas e reivindicações pautadas especialmente pelos movimentos sociais e também por organizações não governamentais, instituições públicas e civis. Tais lutas têm produzido e promovido algumas movimentações e mudanças sociais as quais têm paulatinamente garantido nosso direito de existir, ser e estar no mundo independente das identidades de gêneros, orientações e práticas afetivo-sexuais que possamos assumir ao longo da vida. É válido destacar e ponderar que, embora possamos vislumbrar alguns avanços nos últimos anos, é inegável a ameaça que as conquistas arduamente obtidas pela população LGBT sofrem no atual contexto político, econômico e social brasileiro. A polarização política, a instabilidade das relações e das instituições democráticas, a ascensão de grupos conservadores e fundamentalistas, a projeção e proliferação a céu aberto de discursos de ódio, aliado ao anti-intelectualismo e ao desmonte de diversas políticas públicas nacionais colocam em risco os avanços produzidos e, de forma mais dura, a própria sobrevivência das minorias raciais, étnicas, sociais e sexuais.

Cônscios desse cenário e da necessidade de ampliarmos esse debate, percebemos que é inegável o quanto a experiência e a consciência em (des)construção da homofobia nos constitui subjetivamente, comprime nossos corpos, margeia nossos afetos e relações buscando condicionar e determinar nossas possibilidades de ser e estar no mundo. Porém, em que se pese a importância e a necessidade de apreendermos e refletirmos sobre as manifestações individuais da homofobia, é fundamental termos clareza de que não podemos perder de vista que ela se constitui e se (re)produz como um fenômeno histórico e social. Nesse sentido, Castañeda (2007) afirma que as relações particulares e as relações sociais são indissociáveis, pois, para a autora, a vida privada, nela inclusa a sexualidade, sempre produzirá ressonâncias públicas e sociais. Seguindo a constatação da referida autora, podemos afirmar que essas relações se constituem de maneira mútua e interdependente, porque as relações produzidas socialmente (de)formam e (des)configuram a vida privada e a própria sexualidade.

Identificarmos essa relação indissociável entre público e privado é imprescindível, uma vez que nos permite evidenciar o caráter ideológico da privatização das homossexualidades e da própria homofobia. Falamos em privatização porque experienciamos cotidianamente expressões que buscam dissociar essas esferas da vida afirmando que as sexualidades e suas expressões devem "ficar entre quatro paredes", que "a sexualidade é uma coisa íntima", de tal modo que o que incomoda a esfera pública são "as pessoas ficarem se esfregando, se agarrando em público", expressões de afeto "não podem e não devem ser feitas diante das crianças", pois é necessário manter um pretenso "respeito às famílias". Falas comuns que vêm desacompanhadas de qualquer processo crítico-reflexivo quanto às experiências e histórias de vida de seus alvos e/ou quanto o que, de fato, pode ser considerado íntimo ou sobre o que é o espaço público e o que significa o trânsito e a ocupação desse espaço. Mais distante ainda está qualquer discussão sobre os afetos, desejos e suas manifestações ou mesmo sobre o que vem a ser família. Essa reprodução irrefletida desses discursos e práticas sociais demonstram o quanto a homofobia estrutura nossas experiências, nossos sentidos, nossa forma de representar e interpretar o mundo e os outros e consequentemente a forma como nos relacionamos em sociedade.

Percebemos, desse modo, que é fundamental pensarmos a homofobia enquanto fenômeno social submetido ao contexto histórico-cultural e que funciona como uma prática regulatória tanto das identidades de gênero quanto das orientações e práticas afetivo-sexuais (TEIXEIRA FILHO, et. al. 2012; TEIXEIRA FILHO, 2011). Afirmamos,

assim, que a homofobia não pode ser compreendida como um fenômeno atinente exclusivamente ao funcionamento mental intra-individual (JODELET, 1999). É certo que existem indivíduos homofóbicos e que, portanto, há manifestações individuais da homofobia. Contudo, não podemos confundir as lógicas e os funcionamentos individual e social (CROCHÍK, 2008), sendo assim, percebemos que é necessário buscarmos no âmbito da sociedade o que leva o indivíduo a ser ou não ser homofóbico.

Podemos dizer então que a homofobia, como manifestação do preconceito, deve ser analisada nas relações estabelecidas entre indivíduo e sociedade (HORKHEIMER e ADORNO, 1973a), sendo, portanto, essencial a compreensão das condições culturais (TOLEDO e TEIXEIRA FILHO, 2013) que determinam os indivíduos homofóbicos e a própria homofobia. Percebemos, em conjunto com Borrillo (2010, p. 87), que a homofobia se constitui e se institui em uma complexa trama de relações que articulam "uma estrutura psíquica do tipo autoritário" e uma sociedade organizada e estruturada sob a compulsoriedade da cisheterossexualidade (RICH, 2010). A sociedade pressupõe de modo automático que todas as pessoas são heterossexuais (CASTAÑEDA, 2007) e nessa pressuposição elegem a monogamia como "o" modelo ideal, saudável e correto de exercício e gozo dos afetos e do sexo (RUBIN, 2017; BORRILLO, 2010) condenando, dessa maneira, todas as formas dissidentes da cisheterossexualidade monogâmica. Portanto, torna-se fundamental inquirirmos sobre os modos através dos quais essa relação entre o universo subjetivo e social produzem, favorecem, incentivam e banalizam a homofobia e suas expressões.

Nesse sentido, Miskolsci (2009) afirma que a homofobia pode ser compreendida como um conjunto de relações que se produzem a partir da heteronormatividade que pressupõe a cisheterossexualidade como "*a"* sexualidade normal e natural, sendo assim percebida como a base sob a qual é erigida a sociedade. Vale destacar que a heteronormatividade, enquanto constructo social, se articula e se emparelha com a cisnormatividade[4], pois, como afirma Vergueiro (2015, p. 57), "a inteligibilidade

[4] Em consonância com as discussões produzidas por Vergueiro (2015), apresentamos e percebemos a cisnormatividade como uma categoria que possibilita produção de análises que permitam evidenciar a constituição e as relações de gênero. Essa categoria pode ser descrita a partir de três elementos: pré-discursividade, a binariedade e a permanência dos gêneros. "A cisnormatividade opera, portanto, inscrevendo como pré-discursivas as marcas corporais relacionadas ao 'sexo biológico', tomando-as posteriormente como critérios naturais e objetivos para definição do sexo-gênero; pela noção de que os corpos, se normais, terão seus gêneros definidos a partir de duas alternativas, sendo elas: macho/homem-cis, fêmea/mulher, associação entre 'sexo biológico' e 'gênero cultural'; e permanência, que se refere à continuidade e persistência da identificação de gênero designada com base no sexo ao longo da vida,

cisgênera [...] pressupõe a inteligibilidade heterossexual como decorrência". Tanto o sexo quanto o gênero nos são atribuídos ainda no processo gestacional ou no parto e a partir dessa determinação, proveniente do discurso médico/jurídico/familiar, a expectativa social é que ambos (sexo e gênero) apresentem uma correspondência unívoca, linear, inequívoca e inquestionável. É dessa forma que somos compulsoriamente conduzidos, disciplinar e coercitivamente, a estabelecermos, de modo sexuado e generificado, determinadas relações afetivas e eróticas dentro de uma lógica ""oposicional" e "complementar" (mulher/homem, feminino/masculino), originando uma formação heteronormativa – esta dita "normal", "santificada" e "sadia"" (TOLEDO e TEIXEIRA FILHO, 2014, p. 306).

> A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se a diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual. O ato de diferenciar os dois momentos oposicionais da estrutura binária resulta numa consolidação de cada um de seus termos, da coerência interna respectiva do sexo, do gênero e do desejo (BUTLER, 2017 p.53).

Percebemos, dessa forma, que a cisheteronormatividade[5], através do discurso e das práticas sociais, constitui-se como o núcleo duro da homofobia. Portanto, a homofobia se configura como um tentáculo da cisheteronormatividade que funciona a partir da violência e da negação das possibilidades existenciais de toda e qualquer pessoa ou grupo social que se "desvie" das normas de gênero e sexuais. Destarte, a homofobia aliena direitos humanos fundamentais, negando o acesso e exercício pleno da cidadania, alijando os mecanismos de (des)proteção do Estado, da Sociedade e, não raras as vezes, da própria família.

> [...] se trata de um regime muito complexo, que se constrói dia a dia; um regime cuja elaboração participamos todos em maior ou menor medida. [...] regime de terror [...] que impõe sua lei e sua violência, que vai do machismo à misoginia, do pressuposto de que somos todos heterossexuais, e de que só existem dois sexos; de que ninguém deve sair dos seus papéis de gênero; do ódio e da perseguição às sapatões, aos trans e às bichas; um regime que respira e cresce dia a dia, partindo dos púlpitos das igrejas e das mesquitas, das escolas, dos tribunais, das famílias, das rádios, das televisões e da imprensa (SÁEZ e CARRASCOSA, 2016, p. 75).

avaliada pela reiteração das expectativas de gênero associadas aos homens e às mulheres" (PONTES e SILVA, 2017, p. 409)

[5] A partir das discussões apresentadas acima seguiremos este trabalho discutindo a cisheteronormatividade como modo de explicitar a relação indissociável e interdependente dessas duas categorias analíticas (heteronormatividade e cisnormatividade).

Esse “regime de terror”, que caracteriza a homofobia, produz uma sociedade pautada em um sistema rígido que estabelece determinadas práticas, estéticas e expressões as quais regulam, normatizam e hierarquizam de forma excludente as possibilidades de ser e existir no mundo. Para Toledo e Teixeira Filho (2014, p. 312), todos aqueles que não se conformam aos imperativos dessa sociedade permanecem em posições sociais subalternas e marginais “[...] no lugar da abjeção, do não-direito a existência pública, do não-direito a expressão de carinho, afeto e erotismo por sua parceria, do não-direito de igualdade”, tornando-se, assim, alvo privilegiado das manifestações de violência.

Portanto, vemos e vivemos dentro de “[...] um modelo político de gestão de corpos e desejos” (WELZER-LANG, 2001, p. 468). Destarte, se admitimos que as sexualidades se constituem como categorias e regimes políticos, somos levados a perceber que não vivemos em uma “democracia sexual” como aspiravam aqueles que viveram, desejaram e produziram a “revolução” ou “liberação” sexual que marcou o Ocidente nos 60 e 70 do século XX. Constatamos, dessa forma, nossa submissão ao regime autoritário das cisheterossexualidades, no qual todas as outras manifestações, expressões e performances sexuais e de gênero são experimentadas e experienciadas de forma subversiva, transgressoras e clandestina.

> Los discursos que nos oprimen muy en particular a las lesbianas, mujeres y a los hombres homosexuales dan por sentado que lo que funda la sociedad, cualquier sociedad, es la heterosexualidad. […] Estos discursos de heterosexualidad nos oprimen en la medida en que nos niegan toda posibilidad de hablar si no es en sus propios términos y todo aquello que los pone en cuestión es enseguida considerado como «primario». […] Estos discursos nos niegan toda posibilidad de crear nuestras propias categorías. Su acción sobre nosotras es feroz, su tiranía sobre nuestras personas físicas y mentales es incesante (WITTIG, 2006, p. 49).

Como todo regime autoritário, as cisheterossexualidades se fundam e se mantêm de forma violenta, ficando a cabo das LGBTfobias, do machismo e da misoginia exercerem a função de polícia e guardiãs das cisheterossexualidades, tomadas como “sexualidade normal”, natural e boa. Nesse sentido, percebemos que a homofobia conforma um verdadeiro “dispositivo de vigilância das fronteiras de gênero” (BORRILLO, 2010, p.8). Welzer-Lang (2001, p. 465) colabora com essa ideia ao considerar a homofobia como “discriminação contra as pessoas que mostram, ou a quem se atribui, algumas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao outro gênero. A homofobia

engessa as fronteiras do gênero". Percebemos, desse modo, que a homofobia serve como instrumento da organização social cuja finalidade é abordar, revistar, investigar, julgar, prender, categorizar e disciplinar os corpos que por suspeição ou efetividade transgridem a norma cisheterossexual.

Nesse jogo de controle e disciplinarização dos corpos, a homofobia funciona como um grande mecanismo de projeção no qual todos os impulsos e desejos homoeróticos são lançados em um *outro*, em um grupo minoritário, como forma de proteção contra os indizíveis, impensáveis e incontroláveis fluxos de desejo que irrompem em nós. A possibilidade de projetar essa experiência no *outro* protege o heterossexual e a comunidade heterossexual, que se mantém coesa por encontrar nesse *outro* grupo (LGBTs) a possibilidade de descarregar suas frustrações e afetos negativos (BORRILLO, 2010). E, como afirmam Sáez e Carrascosa (2016, p. 90), "O medo da própria homossexualidade leva o homem a um temor paranoico de vê-la aparecer ao seu redor". No mesmo sentido, Teixeira Filho (2012) afirma que a homofobia funciona como um mecanismo de defesa social e subjetiva que tem por finalidade a manutenção do *status* normativo, normalizado e naturalizado das cisheterossexualidades. A homofobia funciona, dessa maneira, como escudo a toda e qualquer situação e/ou experiência que possa produzir uma desestabilização das identidades e experiências cisheterossexuais.

Esse processo de normalização e naturalização da cisheterossexualidade e esconjuração das *outras* possibilidades de expressão e experiência das sexualidades, além da função mantenedora da ordem social heterossexual, também funciona como um regime econômico tanto a nível psíquico quanto a nível social.

> En efecto, la sociedad heterosexual está fundada sobre la necesidad del otro/diferente en todos los niveles. No puede funcionar sin este concepto ni económica, ni simbólica, ni lingüística, ni políticamente. Esta necesidad del otro/diferente es una necesidad ontologica […]. Ahora bien, ¿qué es el otro/diferente sino el dominado? Porque la sociedad heterosexual no es la sociedad que oprime solamente a las lesbianas y a los gays, oprime a muchos otros/diferentes, oprime a todas las mujeres y a numerosas categorías de hombres, a todos los que están en la situación de dominados. Porque constituir una diferencia y controlarla es «un acto de poder ya que es un acto esencialmente normativo. Cada cual intenta presentar al otro como diferente. Pero no todo el mundo lo consigue. Hay que ser socialmente dominante para lograrlo» (WITTIG, 2006, p. 52).

Assim, ao banalizar, satirizar, subalternizar e desumanizar as vivências e experiências dos dissidentes das cisheterossexualidade, a homofobia se configura como uma manifestação da violência e um meio de ocultação da realidade. Portanto, é por meio

da compulsoriedade das cisheterossexualidades, enquanto pressuposição e mecanismo homogeneizantes, que são social e historicamente produzidos determinados padrões relacionais os quais viabilizam de modo mais eficaz as estratégias de controle social. Padrões relacionais violentos e disciplinadores que não seriam possíveis em uma sociedade edificada sob a égide do respeito e defesa das diferenças e diversidades (CANIATO, 2008).

Nessa perspectiva, a homofobia se alinha também ao machismo, à misoginia, à xenofobia, ao racismo, ao antissemitismo e aos preconceitos relativos à classe social, compleição física, entre outros (ERIBON e HABOURY, 2003). Esse alinhamento ocorre, pois "[...] à semelhança do negro, do judeu ou de qualquer estrangeiro, o homossexual é sempre o outro[6], o diferente, aquele com quem é impensável qualquer identificação" (BORRILLO, 2010, p. 14). Essa impossibilidade de identificação condena as homossexualidades, e as outras expressões e performances das sexualidades e gêneros, à clandestinidade. Essa clandestinidade experimentada pelas homossexualidades se configura como um território sem-lugar, pois, " [...] acreditamos que a pessoa que experiência a homossexualidade deva ela mesma, se sentir uma "estranha" nos espaços de socialização que circula. Não por questões específicas de sua pessoa, mas por conta da não aceitação social da homossexualidade" (TEIXEIRA FILHO, 2012, p.97). Assim, vivemos essa clandestinidade como um solo estrangeiro no qual habitamos, mesmo nas relações mais íntimas e próximas. Uma terra de incertezas onde talvez o único ponto fixo e certo seja a impossibilidade de desvencilharmo-nos completa e definitivamente de suas fronteiras maleáveis e movediças.

Falo de uma impossibilidade de desvencilhamento, pois, conforme aponta Castañeda (2007), nenhum homossexual, mesmo que já tenha assumido sua orientação sexual, pode afirmar que saiu completa e definitivamente do armário. Desse modo, "viver no armário, e então sair dele, nunca são questões puramente herméticas. As geografias pessoais e políticas são, antes, as mais imponderáveis e convulsivas do segredo aberto" (SEDGWICK, 2007, p. 39). Dessa maneira, afirmar a impossibilidade da saída absoluta do armário é afirmar que estamos constantemente alternando e transitando entre espaços, onde as homossexualidades podem ser vividas, expressas e performadas de forma autêntica e outros onde elas precisam ser dissimuladas, escondidas e negadas.

[6] Destaque inserido por mim.

> Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas. Além disso, a elasticidade mortífera da presunção heterossexista significa que [...] as pessoas encontram novos muros que surgem à volta delas até quando cochilam. Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. Mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não (SEDGWICK, 2007, p. 22).

Para a autora, este processo de alternâncias constitui e produz um estado de vigilância constante que causa um grande desgaste subjetivo e relacional produzindo ressonâncias negativas não apenas na vida privada dos indivíduos, mas também nas demais esferas de sua vida.

Ao considerar esse processo, é fundamental não tratarmos da assunção e da vivência das homossexualidades a partir de uma perspectiva também homogeneizante, como se esse processo tivesse as mesmas implicações para todos os indivíduos e lugares. Para Castañeda (2007), não é possível discutirmos isso de forma abstrata ou generalizante, sendo necessário uma avaliação minuciosa sobre quando e como realizar a dita saída do armário. Segundo a autora, essa decisão e as implicações dela decorrentes irão depender diretamente do contexto social, econômico, cultural, familiar e profissional de cada um. Essas considerações são primordiais, pois servem de advertência contra qualquer processo ou discussão que leve à essencialização e universalização das experiências e histórias das pessoas LGBT.

Percebemos, dessa forma, que o processo que leva à "saída" do armário não é um caminho simples a ser trilhado. As angústias vivenciadas no processo de autoaceitação, os temores quanto às possíveis reações negativas de familiares e amigos, o receio quanto à possível descoberta pela comunidade e pelo ambiente de trabalho e o medo da violência gratuitamente perpetrada contra a população LGBT assombram e margeiam todo esse percurso. Nesse sentido, podemos afirmar que todo esse processo é atravessado pelo medo da rejeição em suas amplas e diversas formas de manifestação (TOLEDO e TEIXEIRA FILHO, 2013).

Nessa perspectiva, Schulman (2010) reconhece as angústias e medos de assumir e vivenciar as homossexualidades, inclusive no ambiente íntimo da família, e afirma que as ressonâncias da homofobia irão depender das redes relacionais que os indivíduos conseguem ou não acessar na família e também fora dela. Para a autora, o fundamental

dessas redes são sua consistência e confiabilidade, características que possibilitam, em maior ou menor grau, mitigar os impactos da experiência da homofobia, que não são poucos. Nesse sentido, Teixeira Filho (2012, p.100), ao discutir a obra de diferentes autores e autoras que abordam a temática da homofobia, enumera uma série de impactos subjetivos, sociais e relacionais produzidos pela experiência da homofobia:

> 1) Negação de suas atrações sexuais e emocionais para si mesmo e para os outros; 2) Tentativas de 'mudar' ou deixar de sentir atração por pessoas de mesmo sexo biológico; 3) Sentir que nunca se é "suficientemente bom" e, por isso, instauram-se mecanismos compensatórios, como, por exemplo, serem excessivamente bons na escola ou no trabalho (para serem aceitos); 4) baixa autoestima e imagem negativa do próprio corpo que pode levar ao suicídio já em tenra juventude; 5) Desprezo pelos membros mais "assumidos" da comunidade LGBT; 6) Negação de que a homofobia é um problema social sério; 7) Projeção de preconceitos em um outro grupo alvo (reforçados pelos preconceitos já existentes na sociedade); 8) Tornar-se psicológica ou fisicamente abusivo ou permanecer em um relacionamento abusivo; 9) Tentativas de se passar por heterossexual, casando-se, por vezes, com alguém do sexo oposto para ganhar aprovação social ou na esperança de "se curar"; 10) Envolverem-se em práticas sexuais não seguras e outros comportamentos autodestrutivos e de risco [...]; 11) Separar sexo e amor e/ou medo de intimidade, gerando, até, um desejo de ser celibatário(a); 12) Abuso de substâncias [...].

Vemos, diante disso, como a homofobia torna-se uma experiência constantemente presente em nossa vida. Antes mesmo de termos consciência de sua existência e dos mecanismos a partir dos quais ela opera, nós a experimentamos, vivenciamos e somos afetados por ela. A homofobia atravessa os poros da nossa pele, se faz sentir em cada fio de cabelo do nosso corpo, transparece em cada olhar e discurso que sobre nós é dirigido e se apresenta em cada toque dado, recebido, evitado ou negado. Somos, dessa maneira, diariamente atravessados pela homofobia e nosso primeiro processo de superação é sobrevivermos a ela. Somo sobreviventes da homofobia, pois, se podemos nos conscientizar de sua existência, refleti-la, criticá-la, escrever sobre ela e lutar pela sua superação é porque tivemos o privilégio ou talvez a sorte de não sermos tragados por suas garras mortais. Pensamos em sorte ou privilégio, pois a homofobia (de)forma, nega e subtrai a nossa existência. Ela nos nega como sujeitos, aliena nossa humanidade, nos subalterniza e, por fim, nos mata subjetiva e concretamente. Falarmos de sobrevivência pode parecer demasiado hiperbólico àqueles que, distantes da experiência e do convívio com a população LGBT, desconhecem a realidade e o cotidiano de violências às quais está submetida essa população. Ignoram, por desconhecimento ou cinismo, que o Brasil

é um dos países mais violentos do mundo em relação à população LGBT (MOTT et. al., 2019).

Esse dia a dia de agressões e invisibilizações se desdobra institucionalmente na inexistência de levantamentos estatísticos oficiais sobre a incidência das violências praticadas contra pessoas LGBT. Esse vácuo institucional inviabiliza o planejamento adequado de políticas públicas voltadas à erradicação da violência contra essa população e a justa responsabilização dos agressores, haja vista que as LGBTfobias não eram tipificadas como crime no Código Penal brasileiro até junho de 2019. Diante dessa flagrante omissão por parte do Poder Legislativo brasileiro, destacamos a importância do julgamento do Supremo Tribunal Federal (STF), que reconheceu, na ausência de tipificação penal para as LGBTfobias, uma ação inconstitucional (por omissão) por parte do Estado brasileiro. Nesse julgamento, dez dos onze ministros do STF votaram favoravelmente ao reconhecimento da inconstitucionalidade por omissão e oito ministros votaram a favor da aplicação da Lei n° 7.716, de 05 de Janeiro de 1989.

A referida lei, popularmente conhecida como "Lei Anti-Racismo", que originalmente restringia-se a "Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor", teve sua redação alterada pela Lei nº 9.459, de 13 de Maio de 1997, e atualmente assevera em seu Artigo 1° a punibilidade de "crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional". Diante do resultado do julgamento no STF, os casos de violências e crimes de ódio homofóbicos poderão agora ser enquadrados na "Lei Anti-Racismo" até que o Congresso Nacional se manifeste em relação à tipificação penal específica dos crimes de LGBTfobia.

Embora controversa e temporária, essa "solução" (re)aquece esse debate fundamental em termos jurídico/legais, históricos e sociais. Vale destacar também que não podemos cair na armadilha de pensarmos que o reconhecimento e a tipificação penal das LGBTfobias seja "a" solução. Criminalizar as LGBTfobias é um passo importante no reconhecimento das especificidades, riscos e violências aos quais estamos submetidos enquanto pessoas LGBT. Além disso, essa tipificação pode servir à produção de registros oficiais que nos permitam um diagnóstico mais apurado do atual panorama de violências LGBTFóbicas e concomitantemente traçar um planejamento e linhas de ação que visem a produção de medidas preventivas e educativas as quais possibilitem, essas sim, superar as LGBTFobias. Entretanto, temos que ter clareza de que "as representações sociais se transformam nas práticas coletivas, não em códigos de condutas" (DARÓS, 2010, p. 751).

Nesse sentido, é fundamental destacar que a criminalização das LGBTfobias desacompanhada do estabelecimento de um conjunto articulado de ações e políticas (que garantam o gozo integral de nossos direitos, o exercício pleno de nossa cidadania, que promovam a construção de novas formas de relacionamento e convívio entre diferentes grupos sociais e sexuais e que previnam a ocorrência de violências e crimes de ódio) será em grande medida inócua, a exemplo do que ocorre com a própria "Lei Anti-Racismo", com 30 anos desde sua promulgação, mas ainda testemunhamos a presença insidiosa do racismo em território nacional.

De todo modo, o que observamos hoje é que essa não codificação da homofobia, como crime, resulta na lentidão, e, não raras as vezes, na omissão da justiça que, em muitas situações, percebe os LGBT antes como réus do que como vítimas. Esse cenário resulta na punição de menos de 10% daqueles que violentam a população LGBT (MOTT, 2003). Diante dessa realidade e da inexistência de dados oficiais, pudemos verificar, no "Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil Relatório 2018", produzido pelo Grupo Gay da Bahia (MOTT et. al., 2019), que, no ano de 2018, 420 pessoas LGBT morreram no país vítimas de assassinatos ou suicídios. Segundo o Relatório, 320 pessoas foram assassinadas (76%) e 100 cometeram suicídio (24%), o equivalente a uma morte a cada 20 horas. Esse número foi ligeiramente menor do que o apresentado em 2017, ano ao longo do qual foram registradas 445 mortes de pessoas LGBT no Brasil (o número de mortes mais alto já registrado desde que esse levantamento começou a ser feito em 1970). Esses dados colocam o Brasil como o campeão em mortes de minorias sexuais, muito à frente de países onde as sexualidades dissidentes ainda podem ser punidas com a pena de morte. O mesmo Relatório mostra o crescimento acelerado no número de mortes de LGBT no país subindo de 130 homicídios em 2000, para 260 em 2010, 343 em 2016, 445 em 2017 e reduzindo para 420 em 2018.

Outro levantamento importante é realizado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA): o "Dossiê Assassinatos e Violência contra Travestis e Transexuais no Brasil" (BENEVIDES e NOGUEIRA, 2019). O Dossiê referente ao ano de 2018 reforça a informação de uma crescente subnotificação dos casos de violência cometidos contra a população LGBT, especialmente contra as pessoas Trans. O referido documento aponta que no ano de 2018 ocorreram, no Brasil, 163 assassinatos de pessoas Trans, sendo que 158 eram travestis e mulheres Transexuais, 4 eram homens Trans e 1 pessoa era Não-Binária. O Dossiê destaca também que em apenas 15 casos houve prisão de suspeitos, ou seja, apenas 9% do total de assassinatos. Além das informações sobre os

assassinatos de pessoas Trans, o documento apresenta dados categorizados como "assassinato social", reconhecendo assim o caráter estrutural e social das LGBTfobias e, aqui em específico, da travestifobia e transfobia. Segundo o Dossiê, no ano de 2018, foram registrados 8 casos de suicídio de pessoas Trans e 5 casos de morte em decorrência do uso de silicone industrial (BENEVIDES e NOGUEIRA, 2019).

Esses dados evidenciam o contexto de violência ao qual estamos submetidos por conta de sermos pessoas LGBT e demonstram o quanto a população Trans encontra-se ainda mais (a)sujeitada às violências. Esse contexto se complexifica quando identificamos que, segundo a ONG Trangender Europe, os crimes de ódio contra a população LGBT, em especial a população Trans, são perpetrados por pessoas próximas às vítimas como os pais, irmãos, vizinhos, colegas de escolas, amigos, parceiros ou ex-parceiros e colegas de trabalho. Diante desses dados, percebemos que as violências às quais as pessoas LGBT são submetidas podem ser consideradas extremamente familiares, ilustrando o cotidiano de violações às quais são sujeitas nos diferentes espaços que ocupam, restando, em grande parte dos casos, poucos territórios de convivência e pertencimento livres de manifestações LGBTfóbicas.

Nesse sentido, compreendemos que a forma como os LGBT têm sido retratados nas peças publicitárias e demais produções da indústria cultural, apesar de possibilitar uma maior "visibilidade" à população LGBT, contribui também para romancear e velar o cotidiano de agressões e violências sofridas por essa população, servindo, assim, à montagem de nicho de mercado *gay* (CASTAÑEDA, 2011). O processo de assepsia moral e estética aliado à estereotipia, à simplificação e à caricatura das experiências homossexuais demonstram-se, desse modo, como reflexos da própria homofobia que, ao banalizar a homossexualidade (CASTAÑEDA, 2007), dificulta e obsta uma discussão aprofundada sobre as verdadeiras condições de existência e resistência dos LGBT.

Esse movimento não é algo recente em nossa história. Foucault (1979) já nos advertia de que os movimentos reivindicatórios dos anos 1960 e 1970, que geraram um investimento produtivo no corpo traduzido como "revolta do corpo sexual", mobilizaram uma nova ofensiva contra esse efeito indesejado. Iniciando, dessa maneira, um processo de "exploração econômica da erotização". Processo esse que serve de incremento às estratégias de controle

> através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos... Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a

> forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: "Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!" (FOUCAULT, 1979, p. 147).

Percebemos, assim, como nossas vidas, nossas histórias e nossas lutas podem ser capturadas e transformadas em mercado e mercadoria, de modo que aquilo considerado como linha de fuga, de resistência, passa facilmente a ser consumido como "última moda" (MADLENER e DINIS, 2007). Nesse sentido, precisamos estar atentos a esses movimentos, como nos advertem e previnem Sáez e Carrascosa (2016, p. 91), ante os "espetáculos midiáticos interesseiros", quando comentam a discussão de Preciado a respeito da mercantilização do *queer* na Espanha.

> Uma reapropriação do ativismos para uso midiático e personalista, para venda de projetos culturais "queer" para as instituições, museus, universidades e meios de comunicação; quer dizer, converteu-se em uma espetacularização banalizada para o consumo de heteros curiosos ou entediados, para épater le bourgois, e para alimentar a máquina estatal da cultura, que precisa de novos brinquedos com os quais se divertir com os quais ganham um ar de progressismo e abertura. *Queer business!* (SÁEZ e CARRASCOSA, 2016, p. 91).

Não podemos negar, obviamente, que essa exposição midiática também serve para aquecer e produzir debates em torno da pluralidade dos modos de ser e estar no mundo. No entanto, o que proponho refletir aqui são os possíveis usos dessa apropriação e exposição a favor de um processo disciplinar e normatizador (MADLENER e DINIS, 2007). Refletirmos criticamente sobre esse assunto é fundamental, pois, como aponta Louro (2001, p. 542), essa maior exposição e visibilidade:

> [...] tem efeitos contraditórios: por um lado, alguns setores sociais passam a demonstrar uma crescente aceitação da pluralidade sexual, e até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais; por outro lado, setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física.

Essa discussão é importante porque, na ânsia de afirmarmos positivamente as homossexualidades, incorremos no risco de as reificar no lugar de "variante natural da sexualidade humana" não as retirando do binarismo hétero x homossexualidades. Nessa perspectiva, é justamente esse processo de naturalização que precisa ser evitado, posto que "não há nada "natural" ou "antinatural" nas (homos)sexualidades. Elas são acontecimentos em nossas vidas e nossas práticas sexuais nada dizem de nosso caráter, de nosso desejo, de nossos sentimentos" (TEIXEIRA FILHO, 2012, p. 92).

Desse modo, pesquisar a experiência da homofobia e a força e potência das narrativas de histórias de vida cis-homnes gays que assumem e/ou vivenciam sua orientação sexual, configura-se como uma forma de também resistir a esse processo de fagocitose promovido pela sociedade capitalista. Penso desse modo, pois concordo com Foucault (1979, p. 241) quando ele afirma que "para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele. Que, como ele, venha de "baixo" e se distribua estrategicamente". Buscar e veicular essas narrativas é também produzir essa distribuição estratégica desses discursos vindos de "baixo" e, dessa maneira, explicitar e discutir como as diferentes experiências de violência foram subjetivadas pelos participantes da pesquisa.

Além disso, veicular essas narrativas pode servir para lançar luz sobre os modos através dos quais essas experiências, interseccionadas pelos marcadores sociais de diferença, impactam na construção das identidades[7] dessas pessoas. Voltar o nosso olhar e nos propormos a escutar e refletir sobre essas narrativas é especialmente importante para nós, estudantes e profissionais da Psicologia, pois nos permite corrigir a dívida histórica que temos com a população LGBT. Dívida contraída historicamente por meio de nossas teorias e práticas patologizantes, classificatórias, categorizantes e excludentes.

---

[7] Quando afirmo a construção de identidades estou advertido de que não podemos cair na armadilha de pensá-las como um constructo universal, naturalizado e estável. Penso aqui a afirmação da discussão das identidades, considerando o peso político e a função estratégica dessa discussão, ciente da importância e dos problemas provenientes dessa afirmação (MACRAE, 1987, FRY, 1982). Como bem sabemos tanto a homo como a heterossexualidade não são experiências privativas às pessoas que se identificam e/ou se nomeiam como homo ou heterossexuais, da mesma forma como os pares masculinidade e feminilidade não se restringem àqueles e àquelas que se localizam como homens e mulheres. Nesse sentido, pensamos como Bernardet, (1982, p. 9) que afirma a Homo e a heterossexualidade como "possibilidades de comportamento" e não como estados, fixos e imutáveis. Desse modo, é importante recordar a afirmativa foucaultiana de que"[...] se a identidade é somente um jogo, se ela é somente um procedimento para favorecer relações, relações sociais e relações de prazer sexual que criarão novas amizades, então, ela é útil. Mas, se a identidade se torna o problema maior da existência sexual, se as pessoas pensam que devem "desvendar" sua "identidade própria" e que essa identidade deve tornar-se a lei, o princípio, o código de sua existência, se a questão que elas apresentam perpetuamente é: "Essa coisa é conforme à minha identidade?", então penso que elas voltarão a uma espécie de ética muito próxima da virilidade heterossexual tradicional. Se devemos nos situar em relação à questão da identidade, deve ser enquanto somos seres únicos. Mas as relações que devemos manter com nós mesmos [...] devem ser, antes, relações de diferenciação, de criação, de inovação. É fastigioso ser sempre o mesmo. Não devemos excluir a identidade, se é pelo viés dessa identidade que as pessoas encontram seu prazer, mas não devemos considerar essa identidade como uma regra ética universal" (FOUCAULT, 2014, p.255). Sendo assim, ao adotar a categoria identidade, ao longo do trabalho, estou pensando-a como esse elemento que nos caracteriza como "seres únicos", singulares dentro de nossos espaços relacionais e não uma estrutura fechada, fixa e estável, pois, assim como Bernardet (1982, p.9), acredito na identidade enquanto uma fabricação cujo "princípio produtor é o movimento, o fluir ambíguo", ou seja, a identidade como uma construção "[...] em busca do devir, do ser homossexual enquanto um modo de vida" (MADLENER e DINIS, 2007, p. 53).

Teorias e práticas que comumente colocaram-se a serviço do controle e disciplinamento dos corpos de todos que se distanciassem dos códigos da cisheteronormatividade. Sendo assim, reconhecermos que o papel histórico da Psicologia, enquanto mecanismo do dispositivo homofóbico, é fundamental para podermos romper com essas teorias e práticas, além de fabricarmos e construirmos uma Psicologia potente e comprometida ética, estética e politicamente com a construção de uma sociedade plural, justa e igualitária. É nessa perspectiva que apresento, na próxima seção, a narrativa de história de vida como uma potente pista metodológica à *práxis* psicológica e como veículo de materialização desse empreendimento de pesquisa.

O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO

SOBRE AS SINALIZAÇÕES QUE DÃO O RITMO DA VIAGEM

Nesta pesquisa, parto da percepção de que a vida, as subjetividades e as experiências sociais são construções discursivas (SCOTT, 1998) e que todo conhecimento produzido configura-se como vislumbres parciais do mundo (NEVES, 2012). Portanto, acredito que todo conhecimento precisa ser pensado e refletido a partir da consideração de seu caráter localizado, contextualizado, (de)limitado e parcial (HARAWAY, 1995). Sendo assim, esta pesquisa (de)limita-se à discussão e (re)construção narrativa de histórias de vida de cis-homens gays possibilitando, a partir delas, a discussão sobre as experiências e os impactos das diferentes manifestações da homofobia em suas intersecções com as idiossincrasias que marcam o enredo de cada um dos participantes.

Buscar as narrativas de história de vida como base para a construção do conhecimento torna imprescindível a percepção de que elas se constituem como "processo e objeto de investigação" (TELLES, 1999). Nesse sentido, Biglia e Bonet-Martí (2009) afirmam que a utilização de narrativas de histórias de vida se constitui como um novo método e objeto de análise discursiva.

> Na narrativa a preocupação é [...] construir significados, estabelecer relações e refletir sobre os fatos previamente narrados nas estórias. A estória se torna, pois, objeto e método de pesquisa. Objeto porque é nela que os esforços se concentram para se chegar a uma compreensão mais concreta da experiência. É, também, método, porque é pela narração que os significados são construídos (TELLES, 1999, p. 89).

Portanto, esse método e objeto nos possibilita o acesso e a (re)escritura de realidades subjetivas e sociais, servindo de plataforma para (re)pensarmos as antigas formas de validação positivista do conhecimento.

Como sabemos, a ciência positivista asseverou a existência de uma realidade objetiva a ser revelada através da pesquisa e produção acadêmica a fim de construir conhecimentos capazes de desvelar o funcionamento dos fenômenos e predizer sua ocorrência futura. Tomando a exterioridade como dado objetivo, a participação e

intervenção da subjetividade dos pesquisadores (e dos próprios participantes da pesquisa) no processo de pesquisa é vista como ruído a ser controlado e, na medida do possível, silenciado, evitando assim "contaminações" ou enviesamentos dos dados e resultados da pesquisa. Isso ocorre porque a pretensa imparcialidade dos pesquisadores e o controle das variáveis é percebida como condição *sine qua non* da construção de uma análise objetiva da realidade, livre de preconceitos e juízos de valor.

Segundo Oliveira e Amâncio (2006), é a partir da crise do paradigma positivista, entre os anos 1960 e 1970 do século XX, que se evidencia, de forma mais acentuada, que tais pressupostos, aliados ao enviesamento androcêntrico, sexista e cisheteronormativo da ciência, são limitados ou mesmo incapazes de dar conta da complexidade dos fenômenos sociais e subjetivos. Dessa constatação surge a necessidade da articulação entre as ciências sociais e humanas e a política, para assim construir novos modos de produzir conhecimento sobre a realidade social (NEVES, 2012). É nessa esteira que a pesquisa qualitativa, e nela as pesquisas e análises narrativas, ganham espaço e impulso.

As pesquisas e análises narrativas podem ser consideradas, segundo Passos e Barros (2009), como uma forma de pesquisa capaz de incluir a dimensão subjetiva inerente ao encontro entre pesquisadores e participantes da pesquisa. Nesse encontro o acesso à dimensão subjetiva se dá através da escuta[8] e acolhimento das memórias que marcam as histórias de vida dos participantes da pesquisa (TOLEDO, 2013). Desse modo, a pesquisa constitui-se como um processo colaborativo de (re)construção conjunta (pesquisadores e participantes) de uma narrativa possível (NEVES, 2012; PAIVA, 2008). Por conseguinte, a pesquisa com foco na história de vida é uma forma de produção de conhecimento que tem como característica fundamental a atenção dada ao vínculo criado entre pesquisadores e participantes da pesquisa (SILVA et. al., 2007).

Percebemos que essa forma de produzir pesquisa torna indissociável a consideração e imersão da subjetividade do pesquisador no processo de produção de sua pesquisa. Isso ocorre, pois no processo de produção da pesquisa (de realidades,

[8] "En este orden de ideas, la escucha ideal es la que distingue no sólo lo que se oye, sino lo que no se oye: la intención oculta tras lo expresado, lo implícito debajo de lo explícito, el silencio más allá de las palabras. La escucha no consiste meramente en registrar lo dicho" (CASTAÑEDA, 2011, loc. 81). Por conseguinte, a escuta envolve processos de filtragem, seleção e eliminação que no caso da pesquisa narrativa não se encerram no encontro direto com os participantes. Todos esses processos permanecem operando em um *continuum* até o momento em que finalizamos a última sentença possível dentro do espaço-tempo que dispomos. A diferença é que no primeiro caso esses processos operam de maneira inconsciente ao passo que no *continuum* posterior são as consciências e as negociações entre os envolvidos na textura da narrativa (pesquisador e participante) que operam esses processos.

subjetividades e conhecimentos) reside uma série de "implicações cruzadas", entrando no jogo os valores, crenças, expectativas, receios e desejos tanto dos participantes quanto do próprio pesquisador (PASSOS e BARROS, 2015). Esses (inter)cruzamentos e a indissociável presença, ativa e implicada do pesquisador (no presente caso também homem-cis, gay, vítima de homofobia), permite-me dizer que, de certa forma, essa pesquisa se impôs sobre mim (GUATTARI e ROLNIK, 2013). Destarte, construir esta pesquisa tomando essas reflexões como referência, torna evidente que esse processo e esse percurso investigativo rompem com a dicotomia entre sujeito (pesquisadores) e objeto (participantes), ou seja, constitui um trânsito entre mundos, entre espaços antes tidos como o "dentro" (participantes) e o "fora" (pesquisadores). Sendo assim, pensar esse (des)local(mento) que ocupo, como homem-cis gay e pesquisador, é fator fundamental nesse processo, pois

> […] la subjetividad del investigador y su adscripción a un género, etnia o clase social no desaparecen detrás del magnetófono, sino que intervienen directamente en la producción textual de significados, por lo que el resultado final no es atribuible únicamente a la experticia de la investigadora, sino que es construido dialógicamente, como todo proceso de investigación es fruto de una autoría compartida (BIGLIA e BONET-MARTÍ, 2009, s/p).

Esse processo torna evidente que em toda produção do conhecimento, especialmente nas pesquisas e análises narrativas, os pesquisadores desempenham um papel inevitavelmente implicado e comprometido ética, estética e politicamente com a realidade que pesquisam (PASSOS e BARROS, 2009; TOLEDO, 2013). Isso se dá, pois a utilização da narrativa de histórias de vida pressupõe necessariamente a existência de um compromisso, entre pesquisadores e participantes, com a transformação social e com a militância em prol da emancipação humana (NEVES e NOGUEIRA, 2003).

Nessa perspectiva, poderíamos dizer que em uma pesquisa narrativa

> "[...]tudo é político", indicando que o caso individual é índice singular de situações que, problematizadas, mostram-se como ethos político, com ramificações do caso individual no plano imediatamente político. A fronteira que separa o "caso individual" do plano político mostra-se bem mais uma franja, zona de indiscernibilidade, do que marca de separação entre um (o caso) e o de qualquer um (o político) (PASSOS e BARROS, 2009, p. 167).

Assim, quando ambicionei construir essa pesquisa parti do claro reconhecimento de que a linguagem é constituinte das relações sociais e, portanto, espaço privilegiado de produção de saberes e de lutas. Esse reconhecimento se traduziu na busca por construir

uma pesquisa calcada em uma pista metodológica capaz de transformar histórias individuais/coletivas em uma importante e "poderosa fonte de análise social" (NEVES, 2012, p. 9). Pois, como afirma Passos e Barros (2009, p. 167-168), em uma narrativa "tudo adquire valor coletivo [...] e institui-se como agenciamento coletivo de enunciação [...]. Mesmo quando vivido, enunciado, protagonizado, emitido por uma singularidade, a narrativa não remete a um sujeito".

Nesse contexto, Paiva (2008) afirma que a pesquisa narrativa objetiva explicitar os mecanismos que operam na produção de um sentido particular e retirar daí as implicações e ressonâncias que esse sentido tem para a existência humana. Para a autora, a pesquisa narrativa não se constitui como uma simples enunciação de fatos e eventos vividos, trata-se de uma (re)construção narrada de situações vividas e que fazem parte da biografia do participante da pesquisa. Essa biografia, a partir de uma avaliação emocional e social, é transmutada em experiência que pode ser socialmente compartilhada.

Desse modo, Neves (2012, p. 9) nos ajuda a perceber que as pesquisas produzidas a partir de narrativas de histórias de vida possibilita o desvelamento "dos processos através dos quais as pessoas atribuem significado às suas vidas [...] processos esses que sofrem influência das estruturas e das dinâmicas sociais que emolduram as experiências humanas". De acordo com a autora, as histórias de vida estão em relação reflexiva/especular, tanto na forma como no conteúdo, com as identidades dos participantes da pesquisa, haja vista que a narrativa da história de vida possui a função de as representar. Sendo assim, a pesquisa narrativa pode ser percebida como uma forma de (re)construção de histórias sobre determinado tema, experiência ou acontecimento através da qual os pesquisadores poderão encontrar informações para lançar luz sobre certo fenômeno (PAIVA, 2008).

É justamente nesse processo que é possível perceber a relevância da utilização dessa pista metodológica, pois a narrativa de histórias de vida, ao focar toda a produção nas enunciações dos participantes da pesquisa, torna central as subjetividades, as experiências e as interpretações que eles fazem da realidade social na qual estão mergulhados cotidianamente (NEVES, 2012). Desse modo, as histórias de vida favorecem a discussão da indissociabilidade entre as individualidades e dos fenômenos históricos, porque, como afirma Paulilo (1999, p. 142):

> A história de vida pode ser, desta forma, considerada instrumento privilegiado para análise e interpretação, na medida em que incorpora experiências subjetivas mescladas a contextos sociais. Ela fornece, portanto, base

> consistente para o entendimento do componente histórico dos fenômenos individuais, assim como para a compreensão do componente individual dos fenômenos históricos.

Na busca dessa individualidade e singularidade a pesquisa narrativa pode lançar mão de uma série de técnicas tais como: entrevistas (BIGLIA e BONET-MARTÍ, 2009), questionários, grupos focais, introspeção, artefatos, observação participante (PASSOS e BARROS, 2009), diários, autobiografias, gravação de narrativas orais, narrativas escritas, notas de campo (PAIVA, 2008), produções culturais e documentos (NEVES, 2012). A utilização desses diferentes métodos é vantajosa, pois favorece tanto a aproximação quanto a percepção e apreensão das relações sociais e das experiências subjetivas dos participantes da pesquisa. Esse processo de percepção e apreensão das relações sociais e experiências subjetivas possibilita o acesso aos "[...] elementos simbólicos que as constituem, especialmente a partir da descodificação de códigos linguísticos e performativos" (NEVES, 2012, p. 5).

Porém, dentre as diversas técnicas que podem ser utilizados, as entrevistas (por possibilitarem o encontro direto entre pesquisadores e participantes e consequente intercâmbio discursivo e subjetivo (NEVES, 2012)) despontam como procedimento especialmente valorizado (PAIVA, 2008; BIGLIA e BONET-MARTÍ, 2009). Nessa perspectiva, a entrevista é percebida como um processo de negociação e construção compartilhada de sentidos a partir do diálogo e interação produzidos no encontro entre pesquisadores e participantes da pesquisa em um determinado contexto específico (BIGLIA e BONET-MARTÍ, 2009). Assim, ao comentar os trabalhos desenvolvidos por outros pesquisadores, Neves (2012, p. 6) afirma que as entrevistas exigem "uma relação de abertura e de confiança entre os/as entrevistadores/as e os/as entrevistados/as" de modo a construir um espaço que espaço que valorize "as trocas, a colaboração e a interactividade" que segundo a autora formam a "base do processo de narração de histórias".

> De la misma manera, en nuestras propuestas no queremos narrar las "historias de otras" sino, narrativizar el diálogo que se ha producido en nuestras intersecciones y, favorecer que las narrativas propuestas puedan ser transformadas y/o subvertidas por otras subjetividades y colectividades (BIGLIA e BONET-MARTÍ, 2009, s/p).

Por conseguinte, Biglia e Bonet-Martí (2009) afirmam que as histórias podem ser contadas de diferentes formas pelas mesmas pessoas, de modo que a construção final de

um trabalho narrativo está sempre aberta ao questionamento, à dúvida. Contudo, devemos ter clareza que não é objetivo da pesquisa narrativa (re)construir "A" história da vida dos participantes da pesquisa e sim narrar "UMA" história compartilhada (dentre as muitas possíveis) entre pesquisador e participante. Destarte, as autoras aproximam a construção de uma pesquisa narrativa ao trabalho de atrizes e atores que performam as informações que recebem, "asumiendo esta visión nos configuramos como cuenta cuentos que interpretan narrativas producidas en encuentros vivénciales para que, siguiendo la tradición oral, sean apropiados y reinterpretados por otras narradoras" (s/p).

Desse modo, Neves (2012) destaca que a pesquisa a partir da narrativa de histórias de vida nos possibilita acessar as experiências dos participantes da pesquisa dando especial atenção às suas idiossincrasias, permitindo, assim, que os discursos e experiências das "pessoas reais, contadas na primeira pessoa", sejam acessados e inseridos no seio do discurso acadêmico/científico. Esse acesso às experiências e às subjetividades através da fluidez produzida no encontro entre pesquisador e participantes são fatores extremamente potentes da e na construção da pesquisa narrativa. E reconhecendo essa potência e as idiossincrasias inerentes a esse processo Biglia e Bonet-Martí (2009) afirmam que, ao invés de explicar os resultados da pesquisa, podemos nos debruçar sobre a montagem e a contação de um conto como parte fundamental e central da pesquisa.

É nessa perspectiva que Neves (2012) afirma a possibilidade e a potência da narrativa de história de vida de (re)construir sentidos através da linguagem, permitindo, muito além da produção de um conhecimento, o empoderamento das vozes daqueles que contam suas histórias.

> Há um consenso entre os pesquisadores que trabalham com histórias de vida, que uma boa história "desborda" deixando vir à tona elementos sequer imaginados e surpreendendo o próprio narrador. A história de vida devolve a palavra aos silenciosos e aos esquecidos da história e projeta uma iluminação particular ao social; elas tiram a palavra dos lugares de silêncio e rechaçam um ponto de vista enquadrado em sistemas de pensamento exclusivos, redutores e totalitários (MENEGHEL 2007, p. 119).

É reconhecendo esse processo de iluminação de vozes que ocupam espaços social e historicamente silenciados que Passos e Barros (2009) se remetem ao conceito de "literatura menor", cunhado por Deleuze e Guattari (1977), para afirmar a possibilidade de, através da pesquisa, construirmos "uma experiência narrativa minoritária". Para os filósofos franceses, "uma literatura menor não pertence a uma língua menor, mas, antes,

à língua que uma minoria constrói numa língua maior" (DELEUZE e GUATTARI 1977, p. 25). Destarte, construir uma pesquisa a partir da narrativa de histórias de vida (língua de uma minoria) mostra-se como uma possibilidade de construir essa outra língua dentro do discurso acadêmico (língua maior) e, assim, agir de modo tão inventivo, produtivo e móvel quanto o poder, vindo de "baixo", e produzindo essa propagação estratégica através de sua veiculação (FOUCAULT, 1979). Nesse sentido, não me resta dúvida de que veicular essas narrativas é uma potente forma de produzir interrogações e estranhamentos "[...] ao que certa narrativa aceitaria como natural e regra, forçando a um descolamento do dito na busca das condições de sua produção" (PASSOS e BARROS, 2009, p. 164).

Em posição semelhante, Araújo e colaboradores (2016, p. 592) reconhecem essa possibilidade de produzir ranhuras nos antigos modos de fazer e produzir ciência e, ao comentarem a obra de Amado (2009), afirmam que as narrativas de história de vida devem assentar-se "[...] no pressuposto de que narrar é reescrever e não descrever. [...] interpretar a narrativa experiencial não é descrever objetivamente o presente como um encadeamento causal de um passado, é subjetivá-lo para o projetar no futuro".

Nessa linha, Cabruja, Iñíguez e Vázquez (2000) apontam que enquanto práticas discursivas as narrativas de histórias de vida não se constituem apenas como encadeamento de palavras, constituindo-se também como conjunto de ações que constroem, atualizam e mantém a realidade. Isso ocorre, pois, ao operar a partir do depoimento dos participantes da pesquisa, essa metodologia atua diretamente sobre a realidade que se vai narrando, afinal, o próprio relato se configura como uma ação sobre a realidade (NEVES, 2012). Corrobora essa discussão a afirmação de Toledo (2013, p. 72) quando considera que "[...] produzimos nossas subjetividades e damos sentido a nossas vidas através das histórias que ouvimos, contamos e as experiências que compartilhamos com outros". Destarte, ao narrar, escutar e (re)construir as histórias elas mesmas são (re)significadas, pois são revividas por meio da expressão do próprio discurso narrado.

A partir dessa perspectiva, Araújo e colaboradores (2016), assim como Toledo (2013), asseveram que o trabalho com histórias de vida inevitavelmente produz uma intervenção e uma transformação junto aos participantes da pesquisa. Fato que se torna ainda mais evidente quando essa metodologia se volta às minorias sociais (como é o caso desta pesquisa) que invariavelmente são vítimas de diferentes tipos de violência (nesta pesquisa com especial enfoque à homofobia). Nesse sentido, a possibilidade da narração

de sua história de vida "[...] confere às vítimas um sentido de luta contra a injustiça, uma vez que ao contar as suas vivências sentem-se envolvidas no processo de denúncia social do problema" (NEVES, 2012, p. 10).

Sendo assim, ao propor a veiculação dessas narrativas de histórias de vida, dentro do discurso socialmente legitimado da academia, alinhamo-nos dentro de uma trama histórica que busca resistir aos modos por meio dos quais essa "língua maior" (DELEUZE e GUATTARI 1977) tem nos representado e construído suas "verdades" sobre nossos corpos, desejos, práticas, sofrimentos e prazeres. Falamos de uma trama histórica, pois a produção dessas formas de resistência que buscam apresentar a nossa forma de vida e a nossa realidade, sob nosso ponto de vista, emergem concomitantemente ao interesse do discurso médico e acadêmico de nos classificar, nomear, normatizar, disciplinar e controlar. Emergem, portanto, desse desejo de resistir a essa forma estandardizada de nos representar e produzir nosso próprio discurso sobre nós mesmos (MADLENER e DINIS, 2007). Desejo que resiste e produz. Desejo que Foucault (1979, p. 234) sintetiza de forma inequívoca: "[...] está certo, nós somos o que vocês dizem, por natureza, perversão ou doença, como quiserem. E, se somos assim, sejamos assim e se vocês quiserem saber o que somos, nós mesmos diremos, melhor que vocês".

Diante do exposto e considerando que a narrativa de história de vida produz e fomenta um mergulho na história e na experiência dos participantes da pesquisa (e em minha própria história e experiências enquanto homem-cis gay e pesquisador), é impossível negar ou não reconhecer a potência afetiva e transformadora dessa pista metodológica e dessa empreitada de pesquisa. Sendo assim, ao construir esta pesquisa, a partir das narrativas de histórias de vida, não tenciono "dar voz" ou "visibilidade" a uma minoria (sexual/racial/social) – intenção (re)colonizadora do discurso acadêmico contemporâneo. Ao invés disso, (re)contar essas histórias é um modo de amplificá-las, produzir ouvidos, audiência, conexões e abalos que viabilizem a transversalização desses discursos minoritários em um outro discurso estabilizado, legitimado hierarquicamente, o discurso acadêmico. E no traçar dessas linhas, que se (inter)cruzam, se (des)conectam e, às vezes, se sobrepõem nas articulações entre esses planos, poder produzir nosso desenho, nosso plano e território de pesquisa.

OS CAMINHANTES APARECEM

A proposta original dessa pesquisa previa a participação de até quatro (04) cis-homens gays, residentes no Município de Cascavel-PR. Esse grupo de participantes seria recrutado a partir da consideração dos marcadores sociais de diferença geração e raça. Inicialmente a pretensão era entrevistar pelo menos um (01) homem-cis gay na faixa etária de 18 a 29 anos; um na faixa etária de 30 a 59 anos e um (01) com 60 anos ou mais. Em relação ao marcador racial, buscávamos contatar pelo menos um (01) homem-cis gay que se autodeclarasse branco; um (01) que se autodeclarasse negro; um (01) homem-cis gay que se autodeclarasse pardo. As três raças foram definidas como critérios de inclusão, pois, considerando os dados do Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2010), a população que se autodeclara indígena e/ou amarela contabiliza, cada uma delas, menos de 1% da população total do município[9], fato que poderia comprometer a execução da pesquisa.

Entretanto, na construção concreta deste trabalho percebi que, apesar de todos os cuidados nas definições metodológicas, a concretude dos encontros impõe algumas limitações e exige algumas adaptações. Sendo assim, ampliei o número de participantes de quatro (04) para seis (06) cis-homens gays, dentre os quais me inclui. Essa inclusão de mais dois participantes ocorreu por dois motivos: a) a primeira inclusão foi proposta por um participante da pesquisa que, por conhecer e compartilhar da história de vida de outro, sugeriu sua inclusão no estudo. A indicação foi aceita, pois a proposta deste trabalho era estabelecer uma lógica de co-construção com os participantes da pesquisa e considerei que essa inclusão como mais uma forma de concretizar essa intenção. Além disso, ambas as histórias se cruzavam e se constituíam mutuamente sendo fundamental acolhermos essa segunda narrativa. E, por fim, mas, não menos importante, percebi que acolher essa nova narrativa favorecia a consecução dos objetivos desta pesquisa; b) a segunda ocorreu por conta da percepção de que seria inviável prosseguir com o estudo sem agregar a minha própria narrativa, haja vista ela disparar e compor diretamente esse estudo.

Outras adaptações também foram necessárias em relação aos marcadores geração e raça. Em relação ao marcador geracional, a pesquisa contou com a participação de: dois

[9] A partir das informações auto declaratórias obtidas no Censo 2010 verifica-se que 70,15% da população se autodeclara como Branca; 2,59% como Preta; 26,25% como Parda; 0,88% como Amarela; e 0,13% autodeclarou-se Indígena. Somente 3(três) pessoas não forneceram informação informações referentes à autodeclaração de raça, número que representa apenas 0,001% da população total.

(02) cis-homens gays na faixa etária de 18 a 29 anos e três (04) na faixa etária de 30 a 59 anos. Ao longo de todo o processo de recrutamento de voluntários e mesmo durante a realização dos encontros com os participantes, nenhum homem-cis gay com 60 anos ou mais se dispôs a participar da pesquisa. Quanto ao marcador racial: quatro (05) participantes se autodeclararam como brancos e um (01) se autodeclarou como negro. Nenhum homem-cis gay pardo, indígena ou amarelo se voluntariou a participar da pesquisa. Todas essas adaptações metodológicas, na montagem do grupo de participantes da pesquisa, foram devidamente comunicadas e submetidas à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da FCL UNESP/Assis, via Plataforma Brasil.

A classe social, embora um marcador social implicado em todas as narrativas, não foi elencada como critério de inclusão, pois acreditávamos que a proliferação de critérios de inclusão poderia dificultar ou mesmo inviabilizar a consecução do trabalho. Sendo assim, as discussões desse marcador serão feitas a partir das informações de renda declaradas pelos próprios participantes. Destarte, em relação à classe social, os participantes da pesquisa caracterizam-se da seguinte forma: dois (02) participantes possuíam renda familiar de aproximadamente cinco (05) salários mínimos, porém um (01) não possuía renda e outro (01) uma renda mensal de aproximadamente um (01) salário mínimo; dois (02) participantes, que vivem maritalmente, possuem renda familiar de aproximadamente quatro (04) salários mínimos; um (01) participante possui renda familiar de aproximadamente oito (08) salários mínimos; um (01) participante possui renda familiar de aproximadamente vinte e cinco (25) salários mínimos. Na Tabela 1 apresento os participantes e seus respectivos elementos de caracterização, considerando os marcadores de raça, geração e classe social:

Tabela 1 – Apresentação dos participantes da pesquisa

PARTICIPANTE	RAÇA	FAIXA ETÁRIA	IDADE	RENDA FAMILIAR
Ronaldo	Branco	30 A 59 anos	30 Anos	≅ 8 Salários Mínimos
Sam	Branco	18 A 29 Anos	28 Anos	≅ 5 Salários Mínimos
Victor	Branco	30 A 59 Anos	44 Anos	≅ 25 Salários Mínimos
Santhiago	Negro	18 A 29 Anos	21 Anos	≅ 5 Salários Mínimos
Severo	Branco	30 A 59 Anos	51 Anos	≅ 4 Salários Mínimos
Alvo	Branco	30 A 59 Anos	56 Anos	≅ 4 Salários Mínimos

Fonte: SANTOS (2019).

Vale destacar que todos os participantes da pesquisa se dispuserem espontaneamente a participar do estudo e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

UM PASSO DE CADA VEZ E A GENTE CHEGA LÁ

A tramitação da proposta desta pesquisa seguiu todas as normativas estabelecidas quanto à realização de estudos com a participação de seres humanos. Dessa forma, o projeto foi submetido à análise processual do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da FCL UNESP/Assis, via Plataforma Brasil (CAAE 90325218.1.0000.5401). Após apreciação, no referido CEP, o projeto foi aprovado e demos início ao recrutamento de voluntários. Vale destacar que, apesar de envolver a (re)construção narrativa das experiências e histórias dos participantes, a pesquisa não objetivou acarretar nenhum tipo desconforto aos participantes envolvidos. Entretanto, reconheço que rememorar a própria história e experiências, marcadas por episódios de violência e sofrimento, pode ser uma vivência sensível e potencialmente desconfortável e, por isso, o TCLE buscou evidenciar todos os procedimentos e facultatividades desse estudo.

Além disso, levando-se em conta a preocupação em relação aos possíveis efeitos subjetivos e emocionais que poderiam ser despertados, assumi a responsabilidade de ofertar suporte psicológico, caso ocorresse a necessidade em qualquer fase do trabalho. Este suporte seria ofertado pelo Núcleo de Práticas Psicológicas (NPP) da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Campus Toledo. A escolha desse local se deu devido à proximidade com a cidade onde realizo a pesquisa e pelo fato de eu possuir vínculo profissional com essa instituição. A possível utilização desse espaço foi garantida mediante Declaração de Autorização para Desenvolvimento da Pesquisa assinada pelo Coordenador do Curso de Psicologia da referida instituição.

Após a tramitação e a aprovação do projeto pelo CEP e seguindo as pistas metodológicas contidas na proposta inicial do estudo, utilizei as redes sociais como mecanismo de divulgação e recrutamento de voluntários para a realização da pesquisa. Dois participantes se apresentaram espontaneamente e os demais foram contatados diretamente por mim ou indicados por outros participantes. Nos contatos iniciais, ainda pelas redes sociais, contextualizei a pesquisa e sanei algumas curiosidades e dúvidas dos

possíveis participantes. Depois de aceitarem participar do estudo, foi agendado o nosso encontro para realização da entrevista.

Assim, as entrevistas foram realizadas em dia, horário e local definidos em conjunto com os participantes, em ambiente que favorecesse a livre expressão e a manutenção do sigilo das informações fornecidas. Para condução da entrevista adotei um roteiro semiestruturado de entrevista, porém o foco principal foi o relato livre da história de vida de cada um dos participantes, pois, como afirma Neves (2012, p.7),

> O conhecimento da realidade, que é assim sempre parcial e subjectivo, depende do acesso às experiências individuais e colectivas, sendo este acesso viabilizado pela linguagem e influenciado pela interacção entre investigadores/as e investigados/as. Idealmente, o modo como se acede às experiências, deve caracterizar-se pela não estruturação, já que esta facilita a expressão não induzida da linguagem.

Adotei essa modalidade de condução da entrevista por perceber que esse modelo possibilita o alcance dos objetivos propostos e também permite uma maior flexibilidade com a possibilidade de ampliar as margens das discussões e narrativas produzidas a partir dos discursos dos participantes da pesquisa (MINAYO *et.al.*, 2010).

A duração de cada entrevista foi de aproximadamente 1h30min, com exceção de uma entrevista que teve duração de 9h31min. Houve um caso em que foi necessário realizar mais de um encontro para poder finalizar a narrativa de um dos participantes devido a compromissos particulares do mesmo. Em outro caso, foram necessários dois encontros para a realização da entrevista devido a problemas técnicos no processo de captação de áudio durante a primeira entrevista. Ao término de toda entrevista, coloquei-me à disposição para novos contatos e encontros caso os participantes recordassem de algo que, porventura, acreditassem ser importante acrescentar em suas narrativas.

Durante o transcorrer dos encontros e, especialmente, ao longo do processo de transcrição, leitura e montagem das narrativas, ficou evidente para mim a importância da escuta na construção da pesquisa. Trabalhar com esses depoimentos, com essas histórias, abordando experiências de tanta dor, sofrimento e superação, me exigiu mais que uma disposição a ouvir e registrar. Realizar essa pesquisa demonstrou o quão importante é estarmos abertos e disponíveis à escuta. Nesse sentido, Castañeda (2011) deixa evidente que no processo da escuta está implicado o registro e acolhimento não apenas daquilo que

é dito e ouvido[10], mas também daquilo que fica no registro do não dito. Em todo caso, a chave de acesso a esses conteúdos é a atenção, condição *sine qua non* da escuta. Conforme os encontros iam transcorrendo, foi ficando evidente para mim que a única forma de concluir este trabalho de um modo que me fizesse sentido, para além da construção de uma pesquisa de mestrado (no sentido mais utilitarista dessa modalidade de pesquisa e pós-graduação), era me dedicar a produzir a escuta dessas narrativas.

Essa escuta, porém, não pode ser entendida como uma escuta "pura" e despretensiosa, muito menos como uma escuta fácil, espontânea, automática ou natural. É certo que não existe escuta "pura", "neutra" ou "objetiva", pois a todo processo de escuta está condionado "[...] por su contexto, su propósito, la relación entre las personas, la dinámica del intercambio, y por el bagaje psicológico, las expectativas y los patrones de comunicación que cada quien aporta al diálogo" (CASTAÑEDA, 2011, loc. 106). Faço esse destaque, pois produzir essa escuta tornou-se uma opção metodológica, não inteiramente planejada, mas inteiramente condizente com o contexto e território de pesquisa que foi se desenhando ao logo de todo esse percurso.

Vale destacar que, aliado a esse processo de escuta que marcou todos os encontros da pesquisa, todas as entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas. Essa era uma previsão metodológica inicial e fundamental para auxiliar na (re)construção das narrativas. Para realização das transcrições adotei o *software Transcribe* e, durante esse processo, fui realizando destaques nas narrativas dos participantes em trechos que traduziam momentos marcantes e intensamente afetivos para eles e em trechos que percebia como diretamente relacionados aos objetivos desse estudo. Essa forma de proceder a transcrição tornou-me claro que esse procedimento não se constitui apenas como uma atividade "mecânica" da pesquisa. Antes disso, as transcrições configuram-se como uma extensão do processo de escuta, possibilitando a iluminação de alguns pontos e evidenciado outros que, ao longo do processo da entrevista, passaram despercebidos ou tomam outros contornos quando vistos a partir de uma perspectiva global dos conteúdos enunciados.

---

[10] A autora destaca que mesmo nossa faculdade auditiva está repleta de filtros que executam um processo de seleção, supressão, transformação e interpretação dos conteúdos audíveis. "La facultad de oír un sonido incluye recogerlo, procesarlo e interpretarlo. En cada uno de estos tres pasos, se modifica el sonido original: el aparato auditivo amplifica algunas frecuencias y atenúa otras, y convierte la energía acústica de las ondas sonoras originales en energía mecánica, hidráulica, química y finalmente eléctrica, bajo cuya forma llega al cerebro para ser luego interpretada" (CASTAÑEDA, 2011, loc. 191).

Após finalizar as transcrições, retomei as entrevistas e procedi uma leitura livre de cada uma delas. Posteriormente à leitura, iniciei o processo de construção das narrativas e as encaminhei, via e-mail, para cada um dos participantes a fim de que eles pudessem entrar em contato com o material produzido a partir de nossos encontros e então sugerir alterações, inserções ou supressões de partes e eventos de suas narrativas. A partir da devolutiva de cada um dos participantes, procedi à revisão e redação final das narrativas que posteriormente foram editadas com a inserção de alguns personagens teóricos que servem de interlocutores na contagem dessas histórias.

Durante todo o processo de transcrição, leitura e (re)construção das narrativas fui produzindo anotações manuscritas sobre as histórias e experiências dos participantes, bem como sobre os afetos que transpareciam em seus relatos e que também me marcaram durante os encontros e durante esse processo de construção escrita do trabalho. Essas anotações manuscritas constituíram-se como um importante recurso no acompanhamento dos processos de construção da pesquisa e formataram a base para as discussões que apresentarei mais adiante, em cada uma das histórias. Essas discussões preliminares foram construídas despretensiosamente considerando as minhas percepções e reflexões particulares sem buscar, nesse momento, racionalizar, através das teorias, o conteúdo contatado. Essa foi uma opção metodológica arriscada, mas que, após o contato direto com os participantes e suas histórias e refletindo sobre minha própria história e narrativa, senti a necessidade de adotar.

Diante desses procedimentos, e especialmente durante o processo de leitura dos depoimentos dos participantes e início da textura deste trabalho, percebi (não sem relutância) que seria impossível prosseguir com a escrita sem a inclusão da narrativa da minha própria história de vida. Essa necessidade foi percebida e sentida logo no início do processo de escrita deste trabalho. Após a escrita dos primeiros parágrafos, que versavam sobre a emergência e meu trânsito da e na pesquisa, percebi que seria inescapável a apresentação da minha história. Essa era uma ideia inicial que há muito havia sido abandonada, mas que se impôs novamente. Neste momento de textura do trabalho ficou ainda mais evidente que foram minhas experiências e minha história que produziram a emergência desta pesquisa, ficando claro o quanto elas também se refletiam e se refratavam em todo o percurso deste trabalho.

Sendo assim, o que busco apresentar nas próximas seções configura-se como um exercício, uma tentativa, um ensaio de uma outra escrita. Uma escrita que valorize a potência e as idiossincrasias que marcam cada uma das histórias que me foram narradas.

Uma escrita mais comprometida com a montagem e contação de histórias do que com a explicação, análise e desvelamento de “verdades” contidas nos dados e resultados da pesquisa (BIGLIA e BONET-MARTÍ 2009). Uma escrita comprometida com a valorização das narrativas das experiências e histórias de vida de cada participante da pesquisa, pois são essas história que possibilitaram e dão forma, corpo e vida a este trabalho. Uma escrita que toma como ponto de partida a minha própria história.

SOBRE O PESQUISADOR-CAMINHANTE

Quão difícil é a textura de uma história? Quão árdua pode ser uma vida? Quão dura podem ser as experiências vividas ao longo de uma trajetória? Quanto esforço é necessário para revisitar nossa própria história? Quantos enfrentamentos se produzem nesse exercício? Quanta resistência é necessária produzirmos para sobrevivermos e existirmos, sermos quem nós somos? E quantas resistências temos e produzimos para evitar entrar em contato com tudo isso? Se começo esse texto com perguntas é porque daquilo que é possível ser dito e escrito tenho mais interrogações do que exclamações, mais parágrafos novos e reticências do que pontos finais.

Escrever esse trabalho tem sido um exercício e tanto. A escrita dessas primeiras palavras e linhas custaram a sair. Resisti. Resisti muito em escrever, em dar corpo, em concretizar essas palavras. Esta talvez seja a escrita mais difícil à qual me propus, porque pela primeira vez falarei clara e abertamente sobre mim mesmo. É certo que tomo de empréstimo outras histórias, outras vozes, outras experiências para também comunicar as minhas. É muito desafiador escrever esse texto sem tentar me esconder atrás de um narrador alheio ao desenrolar do enredo e do desfecho das cenas. Esse narrador sempre me foi apresentado como o lugar do pesquisador, o lugar do cientista, o lugar daquele que, por meio de um distanciamento objetivo da realidade, é capaz de traduzir a veracidade dos fatos. Um grande exercício de desconstrução: produzir um narrador-protagonista da história. Dar corpo, ocupar esse lugar de narrador-protagonista tem sido uma tarefa de fabricação difícil, mas, ao mesmo tempo, fundamental. Assim, essa empreitada fabril não se constitui apenas como a construção de uma pesquisa ou de um trabalho de dissertação, mas fundamentalmente uma experiência de encontros. Nesse curto período de tempo, pude me encontrar com teorias, autores e autoras novas e potentes, me encontrar com pessoas maravilhosas e com histórias que transbordam vida, também me encontrei com e em situações e vivências difíceis e pude, ainda, paulatinamente, me encontrar um pouco mais comigo mesmo.

Nesse período de realização do Mestrado, fui desafiado a desbravar um campo de estudos completamente novo para mim, deparei-me com textos, com discussões teórico-práticas com as quais nunca antes havia me ambientado. Todo um novo campo acadêmico se descortinou diante de mim. Tive meus primeiros contatos com a literatura dos estudos de Gênero, Feministas e *Queer*. Um conjunto de produções que deslocou a minha forma

de pensar a minha história tanto profissional, acadêmica quanto pessoal. Um pensamento acompanhou-me durante muito tempo, enquanto eu tomava meus primeiros contatos com essa literatura: “por que eu não li esse texto antes?”. Não havia lido ou tomado contato porque nem tinha conhecimento deles, foram textos absolutamente apagados da minha formação. Foi e ainda é uma experiência nova de contatos e encontros sucessivos com essa literatura, mas também não foi um processo simples.

Sem dúvida alguma, iniciar um percurso teórico novo é desafiador, porém, muito mais que a apreensão desse novo campo de estudos, meu maior desafio foi e é produzir esta escrita. Os dias se tornaram semanas e elas se tornaram meses. Um hiato de escrita. Durante todo esse período, o texto se fabricava nos meus devaneios conscientes, nos meus sonhos diurnos, na terapia, nos encontros e nas conversas com os colegas e amigos, entretanto, não tomava forma-corpo, não se tornava texto. Uma verdadeira prisão imaginária. Há muito a ser dito, muito a ser escrito, mas qual a entrada? Por onde começar? E nesses embates e debates, alguns particulares outros compartilhados, o tempo, senhor implacável, continuou a correr e como na mitologia experimentava essa sensação de devoramento que o passar do tempo produzia.

Não sabia direito por onde começar ou por onde entrar nessa escrita, porém, como nos lembra Rolnik (2016, p. 65), “todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas”. Com essa perspectiva decidi que de um jeito ou de outro teria que começar. Então, se não via ou havia entrada eu teria que construí-la. No fim, a entrada era justamente essa dificuldade de começar: Por que sentia essa dificuldade de produzir esse texto de forma tão presente? Quais eram esses obstáculos tão presentes frente à possibilidade de conclusão dessa jornada? Agora tenho clareza que essa dificuldade resulta do fato de que este trabalho antes de ser um percurso acadêmico e uma empreitada de pesquisa é um exercício particular.

Particular não no sentido privatista que, não raras as vezes, persiste em imperar nas produções acadêmicas e profissionais da Psicologia. Particular naquilo que é possível traduzir de singular na experiência de alguém, pensando essa singularidade como uma síntese intercessora das múltiplas pessoas, (des)encontros e experiências que constituem nossa história de vida (PASSOS e BARROS, 2009). Esta pesquisa nasceu assim com um desejo de ouvir outras histórias de pessoas que vivem suas homossexualidades e que como eu vivenciaram e ainda convivem com a homofobia. Queria conhecer os caminhos que elas trilharam e as saídas que encontraram. Queria saber sobre as especificidades que marcavam seus corpos e suas histórias e sobre as redes relacionais que deram ou não

sustentação ao caminhar de cada um deles. Por fim, o que pude encontrar foi um conjunto de narrativas que produziram ressonâncias na minha própria história. De uma forma muito particular pude me identificar também nessas histórias que são múltiplas e diversas da minha. Talvez esse tenha sido um projeto um tanto quanto egoísta (narcisista, diriam alguns), mas uma aposta no pressuposto de que o desejo produz. Produz e produz muito.

Contudo, esse desejo de ir ao encontro dessas histórias só tomou uma forma mais clara e acabada durante o percurso do Mestrado. Falo em forma clara e acabada, pois hoje consigo perceber que ele já estava ali produzindo diferentes questões, movimentos, encontros e deslocamentos há muito tempo. Desde a infância, eu era uma criança ávida por saber, por aprender, por descobrir. Queria ser professor e para isso desejava saber sobre como as coisas funcionavam, queria ir para a escola o quanto antes. Terceiro filho de uma família de agricultores familiares do interior paranaense, caçula e único homem-cis gay de uma família católica e tradicional. Uma família que sempre almejou um filho homem que pudesse dar continuidade ao nome da família. Meu pai, o homem mais velho de um grupo de 12 irmãos (dois falecidos ainda crianças), minha mãe, a segunda filha de grupo de seis irmãos. Nasci e cresci no sítio em um município com menos de 10 mil habitantes. Minhas irmãs foram alfabetizadas em casa, iniciando na escola apenas na primeira série do ensino primário. Eu, por conta da (per)insistência em demandar a possibilidade de ir pra escola, fui matriculado no pré-escolar em uma escola rural do distrito do Município. Feliz da vida iniciei meu percurso acadêmico aos seis anos de idade.

Minhas irmãs mais velhas são respectivamente 4 e 10 anos mais velhas que eu, logo não partilhávamos das brincadeiras e como cada um tinha suas responsabilidades/afazeres no sítio e na casa, nossa convivência se dava a partir desses encontros, mas não do brincar. Morávamos em um sítio relativamente afastado de outras famílias, não tinha uma convivência regular com outras crianças. Vivi uma infância relativamente solitária por conta disso, mas que se alterou com o início do meu primeiro ano letivo. Agora, podia, ao menos no período das aulas, conviver e brincar com outras crianças cotidianamente, cinco vezes por semana e, ainda por cima, havia começado a estudar. Logo, logo poderia ser professor, eu pensava. Lembro com vivacidade do contentamento que sentia em ir para a escola. Entretanto, ali, já no pré-escolar, notava uma diferenciação em relação aos demais colegas. Não me apeteciam as brincadeiras dos meninos ou a companhia deles, especialmente porque alguns deles me agrediam verbalmente, chamavam-me “maricas” e “mulherzinha”. Certa vez, em um intervalo,

durante as brincadeiras de pega-pega, fui empurrado e jogado por alguns meninos em uma pilha de galhos que estava amontada no canto do pátio da escola. Ali eu chorei. O choro não era pela dor dos machucados, chorava, pois experimentava a dor de não entender os motivos daquilo acontecer comigo. Nessa época, minhas únicas reações eram essas: o choro e a evitação. Afinal de contas, o isolamento e a invisibilização são uma marca do nosso processo e percurso escolar (BRITZMAN, 1996, LOURO, 2000)

Não entendia o que estava acontecendo, não entendia o porquê me tratavam diferente, não entendia o significado de "maricas" e "mulherzinha", não entendia o motivo das agressões, e muito menos o porquê de eu ser o alvo dessas satirizações e apelidos (GODOI e ARANTES, 2012). Porém, mesmo sem entender o significado de todas essas experiências, eu sabia que não era algo bom, que alguma coisa em mim estava "errada", que "não estava no lugar". Algo se produzia e ocorria ali naquelas relações e eu não sabia o que era. A criança ávida por saber não conseguia produzir um saber sobre o que acontecia com ela mesma. A única coisa que vislumbrava era que se assemelhar ou se aproximar das meninas e das mulheres era algo ruim e que deveria ser evitado (WELZER-LANG, 2001; TEIXEIRA FILHO, 2012; ZANELLO, 2018). Apesar disso, o receio das agressões dos meninos fazia com que eu procurasse a companhia e as brincadeiras com as meninas, que sempre me acolhiam e me tratavam muito bem. Por ali eu ficava. Me queixava em casa, com minha mãe, mas, de modo geral, isso sempre foi visto como "coisa de criança" e sempre fui ensinado a não revidar agressões físicas ou entrar em brigas, a máxima era: "se entrar em briga e apanhar na escola, apanha em casa também". Essas agressões eram assim naturalizadas e tendiam à produção de uma certa docilização frente a elas.

Ao longo desse ano, apesar de gostar da companhia e das brincadeiras com as outras crianças, me sentia estranho, sem me sentir pertencente daquelas relações, me sentia deslocado em relação aos demais. Nessa época, minha melhor amiga era uma idosa, a benzedeira da comunidade. Ela morava próximo à escola e eu passei a desenvolver uma relação familiar com ela e ela tornou-se minha avó de consideração. As aulas encerravam-se às 16h e eu corria para a casa da "vó Maria Benzedeira" e lá ficava conversando sobre espíritos e ouvindo histórias do passado que me fascinavam, às vezes, perdia a hora e chegava em casa quase escurecendo. Essa foi a primeira pessoa com quem eu me conectei no sentido de encontrar alguém com quem eu pudesse conversar e onde eu me sentia acolhido e protegido. Ela foi a primeira de uma série de pessoas que, ao longo da minha história, se tornaram literalmente uma família escolhida por mim (WESTON, 1991).

Assim, fui vivenciando todo o meu primeiro ano na escola. Terminei o pré-escolar e na primeira série tínhamos mais conteúdo, mais deveres de casa, mais coisas para aprender. E ali foi a primeira vez que vi uma poesia em um livro de português, logo nas suas primeiras páginas: “Lala e a rosa”. Lia repetidas vezes essa poesia de tal modo que logo era capaz de recitá-la sem depender do livro. Aquilo era uma experiência fascinante para mim, me conectei com aquela poesia, as rimas, a imagem que a acompanhava, eu queria fazer aquilo, também queria escrever poesia, queria desenhar daquele jeito. Na metade do ano, tivemos que nos mudar para outro sítio, para poder cuidar da minha avó paterna. A mudança era necessária, pois a minha tia mais nova, que morava com ela, iria se casar e minha avó ficaria sozinha no sítio. Dessa maneira, desde os meus sete anos de idade eu estudava no período da manhã na cidade, passava a tarde fazendo as atividades no sítio e à noite ia para casa da minha avó ficar com ela. Passaram-se três anos e ela mudou-se para a cidade, porém minha rotina continuou a mesma até os 13 anos.

Quando nos mudamos para esse sítio tive que ser transferido de escola e passei a estudar na escola municipal na sede do município. Ali, assim que cheguei, fui avaliado pela coordenação pedagógica para ver como estava meu aprendizado. Dentre as atividades, me foi pedido para ler, e o texto escolhido foi justamente a poesia “Lala e a rosa” que recitei com orgulho, sendo parabenizado pela coordenadora. Esse episódio foi marcante para mim, pois meus pais cresceram na labuta da lavoura, meu pai não concluiu nem a primeira fase do ensino fundamental e minha mãe só chegou a concluir os ensinos fundamental e médio quando eu já era adolescente. Minha mãe acompanhava de maneira muito próxima minha trajetória escolar, mas meu pai não tinha muito envolvimento com minha vida na escola. Lembro que, durante minha infância, havia semanas em que eu quase não o via, pois quando acordava ele já estava trabalhando e quando ia dormir ele ainda não havia chego da roça.

Apesar da baixa escolaridade, à sua maneira, meus pais sempre nos incentivaram, minhas irmãs e eu, a estudarmos, para que nós não precisássemos “viver o que eles viveram”. A esperança era de que por meio da educação e de melhores trabalhos nós pudéssemos ascender socialmente. Mas o projeto de carreira acadêmica que eles planejavam para mim era claro, eu deveria estudar para ser Agrônomo ou Médico Veterinário. Era uma forma de prosseguir os estudos, mas me manter ligado ao trabalho do campo, ligado às nossas raízes, àquilo que constitui a história da nossa família. Diante desse projeto familiar, que desde muito cedo eu recusava com veemência, minhas inclinações e desejos pela poesia e pelo desenho não eram bem compreendidas, eram

sensíveis demais para um futuro Agrônomo ou Médico Veterinário. Sendo assim, aquele elogio recebido na nova escola me fez experimentar uma das sensações mais marcantes dessa época. Eu fiquei feliz. Era como se tivesse sido reconhecido nos meus esforços, era como se obtivesse a confirmação de que estava no caminho certo.

Eu era, de fato, um menino com uma sensibilidade que destoava daquela masculinidade campesina, às vezes meio bruta, que configurava os homens da minha família e da minha cidade. Era o menino que gostava de poesia e desenho, que auxiliava nas tarefas domésticas (para minha mãe nunca houve distinção entre trabalhos de homens ou de mulheres, eu e minhas irmãs aprendemos tanto os trabalhos da roça e da lida com os animais quanto os afazeres domésticos), que preferia as brincadeiras e companhia das meninas e não dos meninos, que não tinha habilidades para os esportes, que recolhia e fazia buques de flores silvestres para presentear a mãe e a avó, que não tinha muitas habilidades ou força para os trabalhos com os animais e com a lida na roça, era o menino que chorava fácil e que evitava brigas, enfim, era tudo menos a concretização daquele projeto de homem que caracterizava as minhas relações.

Eu sofria com isso, queria me encaixar, queria fazer parte desse universo, mais para evitar vivenciar o que eu vivia do que por me identificar com aquilo. Nessa tentativa de me encaixar eu me machucava física e subjetivamente. Houve um episódio em que meu pai e um primo dele tentavam capturar uma novilha, eles a laçaram, porém ela havia escapado com a corda no pescoço e corria sob as árvores do pomar. Vi uma oportunidade de provar o meu valor, de demonstrar que também era homem. Corri até o pomar e quando a novilha passou correndo por mim agarrei a corda para tentar segurá-la, tentei rapidamente enrolar a corda em uma goiabeira para travar seu movimento. Lá estava um menino magricelo de sete anos tentando segurar uma novilha desgovernada, uma equação que não tinha como dar certo, mas eu queria provar que podia entrar naquele clubinho que parecia fechado para mim, queria ascender à "casa-dos-homens" (WELZER-LANG, 2001). Não tinha forças para segurar a corda e assim ela foi correndo pelas minhas mãos, resultando em uma queimadura intensa em ambas as mãos. Perdi a camada superior da pele, onde a corda havia corrido. Minhas mãos ardiam e doíam. Contudo, não foi isso que atraiu a atenção do meu pai que, gritando, brigou comigo por eu não ter conseguido segurar a novilha. Nesse dia, eu chorei copiosamente, pois havia me esforçado para me encaixar naquilo que esperavam de mim, mas só havia conseguido me machucar e diferente de recitar a poesia não vi meus esforços reconhecidos. Parecia que não

importava o que fizesse, nunca seria o suficiente. Foi ali que comecei a perceber que aquele não era o meu lugar e que eu não conseguiria me encaixar naqueles moldes.

Dessa maneira, a escola foi tornando-se cada vez mais um escape para mim. A escola tornou-se um espaço onde eu podia, por algumas horas, me afastar das atividades do sítio, que podia encontrar outras crianças, podia brincar e podia aprender coisas novas. Porém, a escola era um lugar onde nem tudo eram flores. Ia diariamente de ônibus para a escola, em média uma hora e meia para ir e outra hora e meia para voltar. Estava em uma escola nova, com novas professoras, novos colegas, no entanto, as relações ainda pareciam as mesmas. Não me encaixava muito bem ali, não tinha proximidade com os meninos e suas brincadeiras e novamente as mesmas agressões começaram a ocorrer. Ao mesmo tempo, recebia acolhimento nas relações que construía com as meninas. Assim foram a primeira e a segunda séries. Nesse período, houve outro episódio de agressão física: em um intervalo, um grupo de meninos aproximou-se com os xingamentos e tentando evitá-los eu sai de onde estava, tentei me esconder (BRITZMAN, 1996). Entretanto, quando começo a caminhar eles vão me acompanhando, xingando, dando chutes, empurrões e socos. Minha única reação possível ainda era chorar e tentar evitá-los o máximo possível.

Na terceira série, com nove anos de idade, começo a perceber mais claramente que não conseguiria ser e conviver como e com os demais garotos da escola, comecei a perceber qual era o meu (não)lugar naquelas relações, naquelas “brincadeiras”/agressões e encontrei refúgio na biblioteca. Os livros eram uma forma de evitar as brincadeiras e funcionavam como uma passagem para outras realidades. A imaginação sempre foi um território para onde eu fugia no meu cotidiano, seja das brincadeiras, seja das minhas atividades diárias. Eu criava cenários, histórias e lugares nos quais eu podia viver livremente, era um exercício lúdico, mas que hoje percebo ter sido fundamental para manter uma certa salubridade mental.

Essa fuga, por meio da imaginação, foi alimentada pelas histórias e livros que eu acessava por meio da biblioteca. A biblioteca da escola também era a biblioteca municipal, do lado esquerdo ficavam os livros infantis destinados aos alunos da escola, do lado direito os livros destinados à população em geral, eram aqueles que eu chamava de “os livros grandes”. Eu era fascinado por aqueles livros, sonhava em poder ter uma casa cheia deles, queria pegá-los, lê-los e tê-los comigo. Então, certo dia, pedi para o bibliotecário se eu poderia pegar algum dos “livros grandes” e ele me disse que sim. Um novo mundo se abria para mim, com tantas possibilidades. Quantos livros eu podia pegar

e ler agora? Havia muitos livros de poesia que eu lia avidamente, passando aos poucos para os livros de mitologia e depois literatura. A leitura me transportava para outros mundos, outras épocas, outras histórias e isso era tudo que eu queria. Queria me distanciar daquele lugar e dos tempos concretos que vivia.

Fora dali, da biblioteca e das minhas leituras, seguia próximo e brincando com as meninas, evitando e sendo agredido verbalmente pelos meninos que, além do "maricas" e "mulherzinha", também me chamavam agora de "bichinha", "baitola" e "viadinho", perguntavam quem era meu "namoradinho" e se já tinha "dado o cu", coisa que nem sabia o que era na época, mas antevia que algo bom não era. Minha resposta continuava a mesma, choro, evitação. Evitava ir ao banheiro quando tinham outros meninos ali, tinha receio de ser agredido, de ser zombado, pois já tinha alguma ideia vaga de que esses xingamentos todos relacionavam-se ao interesse sexual, sem saber muito bem do que se tratava e sem perceber ainda que gostava de meninos. Todo esse conjunto de agressões que eu vivia, sem ainda esboçar qualquer prática homoerótica propriamente dita, mostra o quanto a homofobia funciona, direciona-se e tem como alvo comportamentos e atitudes lidos como femininos, ou seja, comportamento e atitudes que borram a fronteira dos gêneros (BORRILLO, 2010; WELZER-LANG, 2001). Desse modo percebemos que a homofobia não se restringe apenas à prática sexual em si (LOURO, 2003; TEIXEIRA FILHO, 2012).

Na família sentia uma exigência, às vezes velada, outras bem explícitas, pelo desenvolvimento de uma masculinidade viril, de "tomar jeito de homem", de fazer "coisas de homem" e "como homem". Eram exigências ligadas à minha postura, jeito de andar e falar, bem como em relação à dedicação aos trabalhos do sítio. Nada daquilo me fazia muito sentido. Quando reunia a família as cenas da escola se repetiam, zombaria dos meninos e proximidade com a meninas. Uma única vez brinquei com bonecas e fui duramente repreendido, pois "aquilo não era brincadeira de menino". Os mesmos xingamentos que ocorriam na escola também eram presentes nesses encontros familiares, contudo, sem a mesma agressividade, algo ainda agressivo, mas estranhamente atenuado pelo vínculo familiar. E assim eu vivia e experimentava sem poder nomear a homofobia familiar que sempre marcou minhas relações (SCHULMAN, 2010).

Não entendia por que me tratavam assim, não sabia de onde surgiam essas percepções, não me sentia e não me via diferente, apesar de ser assim tratado. Era como se vissem alguma coisa em mim que eu mesmo não sabia o que era. Por isso, comecei a policiar o jeito que eu andava, que falava, gesticulava, como brincava, comecei a me

tornar um censor de mim mesmo. Fui me fechando e, aos poucos, criando uma couraça, uma postura dura em relação à vida e às pessoas, uma certa frieza e distanciamento relacional que funcionavam como ocultamento e sufocamento daquela sensibilidade infantil. Certa vez, conversava com minha mãe sobre isso e nessa oportunidade ela contou-me que quando eu tinha 3 anos de idade um tio havia dito que eu seria um "maricas". Esse relato me impactou muito, pois não entendia: como era possível que as pessoas vissem em mim algo que era oculto para mim mesmo? Que poder era esse que algumas pessoas se atribuíam e que lhes permitiam olhar e dizer "a verdade" sobre o outro?

Quanto mais essas agressões ocorriam mais eu me aproximava das meninas e do refúgio que para mim era a amizade e companhia delas. E essa segurança dessas amizades me fortalecia: agora eu não estava mais sozinho. Tinha minhas amigas e na quarta série já tinha alguns amigos também com quem eu podia conversar e que começavam a me defender das agressões verbais públicas. Fortalecido pelo grupo comecei a responder e a revidar verbalmente as agressões e quando algo tendia para a agressão física, o grupo de amigos se juntava e evitava que a discussão verbal se transformasse em agressão física. Assim foram os anos seguintes, na segunda fase do ensino fundamental: as agressões verbais continuaram, mas, em contrapartida, as amizades se consolidaram e também minha capacidade de reagir e me defender das agressões.

Nesse período, já tinha claramente o entendimento da minha homossexualidade, porém experimentava essa percepção com um misto de medo, de vergonha e culpa. Graças à minha formação familiar e religiosa e das reações e agressões que eu vivenciava se constituiu em mim a ideia de que era errado ser quem e como eu era, que era um pecado e que eu precisava de alguma forma alterar isso em mim. Havia internalizado todo o conjunto de agressões homofóbicas (CASTAÑEDA, 2007; BORRILO, 2010) de que havia sido vítima e assim reproduzia em relação aos outros e a mim mesmo essas violências (NASCIMENTO e TEIXEIRA FILHO, 2010). Passei por esse turbilhão de afetos sozinho, tinha muito medo de falar sobre isso com alguém, mesmo com os meus amigos e amigas, pois receava perder alguma dessas amizades. Eram possíveis perdas que eu não me sentia preparado para vivenciar, caso elas, de fato, se produzissem. Falar com a família era algo inimaginável, não via essa possibilidades e só de imaginar as possíveis reações já estremecia. Tinha medo de que sair do armário pudesse causar sofrimento a eles, de que meu pai tivesse um ataque cardíaco e morresse ou que eu fosse agredido e expulso de casa (CASTAÑEDA, 2007; SEDWICK, 2007). Assim, passei

longos anos na prisão solitária do armário até que pudesse abri-lo e falar abertamente sobre minha homossexualidade.

Apesar de todos esses afetos negativos em relação à minha homossexualidade, o desejo estava ali e pulsava. Foi nessa época que tive minha primeira experiência sexual com um homem que era maior de idade. Não tinha coragem de fazer algo com alguém da escola porque tinha receio de que contassem e eu fosse exposto, temia que isso pudesse tornar as agressões ainda mais violentas e temia mais ainda que isso chegasse aos ouvidos da minha família. Dessa maneira, não tive aquelas experiências comuns de socialização homoeróticas que marcam o desenvolvimento das masculinidades (WELZER-LANG, 2001). Inclusive, lembro que foi uma surpresa para mim descobrir, já adulto, que esse tipo de relação ocorria. Em um misto de desconhecimento e desejo me encontrei com esse rapaz e, após fazer sexo com ele, me senti mal, culpado e sujo, era como se tivesse cometido o maior dos pecados. Sentia vergonha de mim mesmo. Era noite e cheguei na casa da minha avó e tomei vários banhos, como se assim pudesse me limpar, me lavar e me purificar daquilo que havia feito.

Depois esse dia, fiquei durante um ano inteiro me culpando e me penitenciando por ter feito sexo com outro homem. Entrei em crise na escola, meu desempenho caiu, comecei a questionar se realmente tinha amigos, porque não podia falar sobre isso com eles. Ao mesmo tempo, não estava preparado para ter uma resposta clara sobre isso, pois tinha medo de perdê-los. No fim do ano, não conseguia produzir quase nada na escola e não ia à igreja, não me sentia digno de entrar lá por conta do "pecado cometido". Todo esse período e esses afetos foram experienciados de forma solitária, não via como nem com quem partilhar nada disso. Estava preso em um círculo de desejo, medo, vergonha e culpa. Esses sentimentos embaralhados e extremamente mobilizadores ilustram o quanto ainda vivemos em uma sociedade eivada de julgamentos morais que examinam as sexualidades dissidentes sobre a égide da tríade do crime, da doença e do pecado (NASCIMENTO e TEIXEIRA FILHO, 2010). Digo isso porque era justamente essa a minha sensação: havia me tornado e estava vivendo como um criminoso, doente e pecador.

Hoje eu penso e vejo o quanto essa forma de exarar juízos morais se projetam sobre crianças e adolescentes que desprovidos de uma rede de acolhimento e proteção, assim como eu estava, são condenados a sofrer em silêncio e em isolamento. Um tipo de relação que não se processa no acaso. Antes disso, mostra-se como um projeto de sociedade que sob a égide da cisheteronormatividade (VERGUEIRO, 2015) e da

heterossexualidade compulsória (RICH, 2010) estabelece um regime de controle disciplinar sobre os nossos corpos por meio de um sistema de silenciamentos e invisibilizações em torno das dissidências sexuais. Esse sistema resulta na produção do isolamento de suas vítimas, que se sentindo e se vendo desamparadas acreditam estar sozinhas e serem as únicas a vivenciarem esses desejos e afetos. Sem espelhos onde possamos nos refletir e sem acústica para ressoar nossas vozes vivemos e experienciamos nossos corpos, desejos e afetos de maneira solitária, silenciada, invisibilizada e mais suscetível às violências que sistematicamente se projetam sobre nós. Violências que vividas repetidamente produzem um sentimento de menos-valia, baixa autoestima e, como no meu caso, vergonha (CASTAÑEDA, 2007, BORRILLO, 2010). Nesse sentido,

> A vergonha (homofobia interiorizada) é um mecanismo poderoso graças a qual a ordem social nos contém e nos mantém sob o próprio aprisionamento, impedindo que os "anormais" se distanciem do que é posto como certo, ou ainda fazendo com que estes "anormais" se escondam e se mantenham invisíveis para não serem identificados como pertencentes àquela categoria estigmatizada. Possui um efeito político de opressão reproduzida cotidianamente, e muitas vezes utilizada como refúgio nos nossos corpos, nas nossas subjetividades e nas estruturas objetivas da sociedade heterossexista (NASCIMENTO e TEIXEIRA FILHO, 2010, p. 976).

Só pude romper com esse círculo de vergonha (mas não de introjeção da homofobia) quando fiz minha primeira confissão. Apesar do medo que tinha de falar abertamente sobre isso, sabia que o padre não podia relatar para ninguém o que era dito em confissão e assim agarrei firmemente a oportunidade. Era a oportunidade perfeita de compartilhar o segredo sem mudar seu *status* de segredo (SEDWICK, 2007). Confessei ao padre a "verdade", confessei os meus desejos, minha primeira relação sexual e tudo que estava sentindo. O padre ouviu tudo atentamente e sem me repreender (o que, de fato, me surpreendeu), deu-me uma penitência de algumas orações seguidas do "perdão". Saí de lá absolutamente aliviado, era como se houvesse me reconciliado comigo mesmo, com Deus e o mundo. Era isso, eu precisava me encontrar, me defrontar com a minha "verdade" por meio dessa confissão, pois essa foi a formação cristã que recebi: "conhecereis a verdade e ela vos libertará" (JOÃO 8:32). A "verdade" que me libertaria estava conectada à minha sexualidade e a única forma de me conciliar com ela e com Deus era pondo-a em discurso e depois sob vigilância (FOUCAULT, 1979). A vigilância era necessária, pois o perdão é dado na companhia de uma admoestação e advertência: "vai-te, e não peques mais" (JOÃO 8:11). Assim, eu não podia "cair em tentação" novamente e na busca de livrar-me do mal, que representava o meu desejo, me aproximei

mais intensamente da igreja. Me envolvi em toda e qualquer atividade que aparecia, me tornei catequista, comecei a participar de grupos de jovens, de oração, de atividades de organização das missas e outras atividades da igreja.

Quanto mais eu estudava mais tinha consciência de que não haveria como deixar de ser homossexual, mas, ao mesmo tempo, não me permitia viver a homossexualidade. Eram a lógica e a homofobia cristã que internalizadas se reproduziam em meus pensamentos e ações. Uma lógica que se encarna no discurso comum de um "ódio ao pecado e não ao pecador". Desse modo, acreditava naquele adágio popular de que "Deus não dá uma cruz mais pesada do que a gente possa carregar". Era assim que via minha homossexualidade como uma cruz, um suplício e uma provação. Era algo que eu precisava viver para provar a fé e a única forma de viver seria por meio de abster-se de mim mesmo.

Nesse processo de ampliação desse saber sobre mim e dos conhecimentos que aprendia na escola, comecei um debate pessoal sobre que caminhos tomaria na minha vida. E foi desses debates e durante uma conversa entre amigos no intervalo da aula, na oitava série, que eu decidi que faria o curso de Psicologia. Lembro claramente que estávamos sentados em uma calçada em frente à quadra de esportes e discutíamos justamente as agressões que eu sofria e eu disse que: "gostaria de entender o porquê das pessoas tratarem as outras de modo diferente, se somos todos diferentes? Se somos todos diferentes uns dos outros isso não faz com que a gente seja igual nessa diferença?". Foi nessa conversa que conclui que poderia entender isso fazendo Psicologia. Hoje eu vejo que essa talvez tenha sido a primeira formulação mais ou menos organizada daquilo que hoje se concretiza nesta pesquisa. De certa forma, sigo tentando, naquilo que estudo e trabalho, perseguir e responder essas questões.

Mas na oitava série essa não foi a única decisão que tomei. Via na Psicologia a possibilidade de descobrir e entender algumas coisas e relações, contudo, ainda restava decidir o que fazer com minha homossexualidade. Que destino? O que fazer em relação a isso? Me imaginava terminando a faculdade e indo morar em uma cidade grande, onde ninguém me conhecesse e eu pudesse viver tranquilamente a minha homossexualidade, eu seria "um lobo solitário". Durante muito tempo, acreditei e via como uma única possibilidade essa vida solitária. Em outros momentos, fantasiava um casamento arranjado com uma lésbica e assim seguia nos meus devaneios. Mergulhado nessas possibilidades imaginárias eu seguia super envolvido com as atividades da igreja. Nesse envolvimento o sacerdócio foi me parecendo uma alternativa perfeita, uma solução

maravilhosa. Não se cobra de um padre o casamento, ter esposa e filho, formar uma família, espera-se do padre uma renúncia de sua sexualidade e uma parte de mim desejava isso. Além disso, achava a profissão bonita pela proximidade com Deus, por poder ajudar as pessoas, fazer a diferença em uma comunidade e toda uma visão romantizada do sacerdócio que eu tinha até então.

E assim montei meu itinerário de vida: entraria no seminário, faria Filosofia e Teologia e depois Psicologia e me tornaria Padre. Estava pronto para renunciar ao sexo, renúncia que era por mim desejada na época, pois não sabia lidar com isso. Tinha feito sexo uma vez, sabia teoricamente sobre como o sexo funcionava, a partir das aulas de educação sexual na escola, mas nunca havia tido uma conversa franca com alguém sobre o assunto. Foi nesse período que tive minha segunda relação sexual, porém, diferente da primeira essa não foi apenas sexo, além do sexo, conversei abertamente com alguém sobre a homossexualidade. Essa conversa me abriu as possibilidades de me conhecer mais, de aceitar quem eu sou, de não me ver como culpado, de pensar que não havia nada de errado na homossexualidade e em ser homossexual. Entretanto, apesar desse novo cenário se descortinar diante de mim, sabia e experimentava a violência cotidiana que me dizia que eu não encontraria espaço para ser quem eu era, pelo menos não naquele contexto que vivia.

Por conta dessa percepção, mantive meu planejamento de ir para o Seminário, e assim o fiz. Mudei-me para o Seminário e lá fiquei por dois anos, os dois primeiros anos do ensino médio. Foi uma experiência muito importante na minha vida, estava longe da família, vivendo com mais quarenta adolescentes vindos de realidades e educações completamente distintas, aprendi muito com isso. Tudo transcorria muito bem ali até que um dos padres responsáveis pelo Seminário, pessoa que eu considerava como um pai, me questionou se eu tinha “tendências homossexuais”. Ingênuo que era na época eu acreditava que para fazer o voto de castidade não haveria distinção entre ser hetero ou homossexual e por acreditar nisso respondi que sim, que tinha “tendências homossexuais”. Quando respondi isso fui informado que eu não poderia continuar ali e fui expulso do seminário. Porém, por ser metade do ano, não haveria como explicar para minha família e para o resto da minúscula cidade o porquê da minha expulsão. Sendo assim, implorei aos padres que me autorizassem ficar até o fim do ano, para que eu pudesse, ao voltar em férias, simplesmente dizer que estava desistindo do Seminário.

Após minha demanda, os padres se reuniram e decidiram autorizar minha permanência ali. Foram seis meses em que sofria cotidianamente porque retornaram todos

aqueles sentimentos de culpa e vergonha que eu acreditava terem ficado para trás, eu chorava, me autopenitenciava e orava para que algo ocorresse e eu pudesse permanecer ali. Nada ocorreu. Os seis meses acabaram, eu retornei para a casa dos meus pais, mas ali não fiquei mais que uma semana, não conseguiria voltar a morar ali, antevia que naquele contexto a minha homossexualidade não seria aceita e não queria retornar a vivenciar cotidianamente esse sentimento de inadequação no contexto familiar (SCHULMAN, 2010). Desse modo, estabelecer minha independência financeira era fundamental para conseguir me afastar do convívio familiar e poder construir meu espaço, produzir e viver a minha vida (TOLEDO e TEIXEIRA FILHO, 2014). Arrumei um emprego na cidade vizinha, aluguei um quarto na casa da família de um amigo e mudei-me para lá. Passados mais de seis meses a casa foi assaltada levaram minhas coisas e, por medo, voltei a residir com meus pais, porém trabalhando e estudando na cidade vizinha. E assim fiz todo o terceiro ano do ensino médio. Trabalhava o dia todo, à noite ia para escola, depois da aula retornava para minha cidade e saía de manhãzinha para o trabalho. Por conta dessa rotina, quase não via meus familiares durante a semana e o fato de ter meu trabalho e dinheiro tornava a relação e o convívio mais amenos.

O plano de ser padre não tinha dado certo, mas ainda me restava a Psicologia. Comecei a me preparar para seguir outro itinerário de vida. Foi o que fiz, terminei o ensino médio e ingressei no curso de Psicologia na mesma cidade onde eu trabalhava. Saí do emprego, pois queria me dedicar integralmente ao curso. Arrumei um estágio, montamos uma república de amigos de turma e novamente deixo a casa dos meus pais. Durante os primeiros anos do curso, eu ainda não havia assumido a minha homossexualidade para ninguém do meu círculo íntimo o que mudou quando conheci um rapaz e comecei a namorar.

Ter um relacionamento me deu a segurança de que se todas as outras pessoas me abandonassem por conta da minha homossexualidade, agora eu não ficaria sozinho. Munido desse sentimento resolvi me assumir para um amigo da graduação. Contei primeiro para ele, pois ele era um dos meus melhores amigos, na época, além disso ele era um homem maduro, com mais de quarenta anos, e isso me fazia acreditar que ele conseguiria lidar melhor com a minha saída do armário. E assim foi. Conversamos bastante durante semanas e nos aproximamos ainda mais. Ainda restava mais dois amigos da graduação que sentia a necessidade de contar, porém não sabia como fazê-lo. Temia, de certo modo, as possíveis reações deles. Foi então que, eu e esse amigo, montamos um

plano: faríamos um jantar em no qual se reuniriam os quatro amigos e essa seria a “noite do segredo”, nela os quatro deveriam compartilhar com o grupo o seu maior segredo.

Novamente a lógica para lidar com a minha homossexualidade se configurou como uma partilha marcada pela manutenção do segredo (SEDWICK, 2007). Hoje compreendo que essa talvez não seja a forma ideal, mas entendo que foi a forma possível. Foi a maneira que encontrei, na época, de começar a sair do armário, um processo que tenho plena consciência que nunca será definitivo (CASTAÑEDA, 2007). Sendo assim, organizamos tudo e colocamos nossa estratégia em prática. O dia marcado chegou, nos reunimos na casa do meu amigo e após o jantar a ideia foi posta em prática. Todos aderiram à proposta e ali após todos partilharem seus segredos, pude assumir minha homossexualidade para eles. A estratégia montada deu certo e o medo que eu tinha de perder as amizades se arrefeceu quando fui acolhido calorosamente por esses amigos. Esse foi um dos episódios mais importantes da minha história, pois funcionou como um divisor de águas. Eu realmente não estava mais sozinho, tinha amizades que estariam comigo para valer em toda e qualquer situação. Após essa noite, nosso laço de amizade se fortaleceu e se aprofundou e isso foi fundamental no meu percurso. Me sentia fortalecido por esse acolhimento de meus amigos e, por isso, resolvi me assumir para minha família, inicialmente apenas para minha mãe e posteriormente para o meu pai.

Morava na cidade vizinha à dos meus pais e ia com uma certa frequência passar o final de semana com eles. Em uma dessas visitas, resolvi que iria ter a conversa com a minha mãe. Ela estava preparando o almoço e quando minha sobrinha, que na época morava com eles, saiu para ir ao mercado eu chamei minha mãe para o quarto, dizendo que precisava conversar uma coisa com ela. Fechei a porta do quarto e ambos sentamos na cama: “mãe... tenho uma coisa pra te contar”. Eu estava sério e o clima estava um pouco tenso e minha mãe mais que depressa me interpela: “não vai me dizer que você engravidou uma menina” (lá estava o filho homem desejado e projetado para dar continuidade ao nome da família). Eu respondi: “muito pelo contrário... mãe eu sou gay”.

A primeira reação dela foi de incredulidade: “o quê? como assim? Justo você que sempre brigou que sempre negou que era?!”. Depois vieram as questões “não têm uma forma de mudar isso?”, “não tem como tratar?”. Expliquei para ela que não era uma doença e que, portanto, não havia tratamento e que eu continuava sendo o Ronaldo, continuava sendo o filho dela. Conversamos por um bom tempo, ela estava preocupada e com medo da reação das pessoas, tinha receio de eu me assumir abertamente para todo mundo, tinha medo das violências que eu poderia sofrer e tinha medo da reação do meu

pai. Justamente por medo da reação do meu pai ela fez o pedido: “não conte para o seu pai”. Minha mãe tinha receio da reação do meu pai, temia que ele passasse mal ou que me agredisse. E mais claramente ela temia um fantasma que assombra muitas mães de homossexuais: ser responsabilizada pela homossexualidade de seus filhos e filhas (CASTAÑEDA, 2007). Com esse temor, minha mãe decidiu entrar e partilhar o armário comigo (SEDWICK, 2007).

No momento concordei até porque não estava cogitando contar de pronto para o meu pai. Eu estava tateando, sentindo e explorando o terreno e, assim como ela, também tinha muito medo da reação dele. Diante da minha concordância com a manutenção do segredo, ela me diz que precisa voltar a mexer com o almoço, dá um abraço e retorna à cozinha. Eu vou para a sala, com sentimento de alívio por finalmente ter contado e pela reação ter sido relativamente tranquila. Tinha a mesma sensação que tive no passado, quando me confessei. Tive a sensação de livrar-me de um peso. Passados alguns minutos, minha mãe vem até a sala, olhos marejados, me abraça forte, diz que me ama e seguiria me amando independentemente de qualquer coisa, confessa que tem medo da violência e pede para que eu me proteja, que seja discreto em relação a minha homossexualidade para evitar possíveis agressões.

Alguns meses se passaram, desde que havia me assumido para minha mãe, e eu sentia que era o momento de contar para o meu pai. Apesar do pedido da minha mãe de que não contasse para ele, eu sentia essa necessidade e decidi fazer isso, mesmo que à revelia dela. Em um final de semana, fui com meu pai para o sítio e lá, ensacando aveia, comecei a conversar com ele sobre a família, sobre mim e as minhas irmãs e sobre como de uma forma ou de outra cada um de nós havíamos frustrado alguns desejos e expectativas que eles tinham projetado em nós. Minhas pernas estavam bambas enquanto mantinha as sacas abertas para que meu pai colocasse a aveia. Me faltava coragem para dizer.

Listando as frustrações que de certa forma causamos, disse: “então pai... eu sou gay” e ele me responde “O que? Como assim? O que que é isso?”; “eu gosto de homem pai”. Meu pai não acreditava e fui contando um pouco da minha história, que era desconhecida para ele, e disse que estava namorando. Ele então pergunta: “mas você já comeu uma mulher?”, respondo que sim, pois já havia tido uma relação sexual com uma mulher porque desejava “ter certeza”, tirar a prova real da minha homossexualidade. Ele me pergunta incrédulo: “e não gostou?”, respondo que “não é a mesma coisa” . E, então,

sou interpelado: “mas você é o homem ou a mulher?”, explico que “não tem ‘o’ homem e ‘a’ mulher, são dois homens”.

Meu pai me interpela por meio da reprodução da norma cisheteronormativa binária, oposicional e binária (fêmea/feminina/mulher/heterossexual/passiva ou macho/masculino/homem/heterossexual/ativo) (TOLEDO e TEIXEIRA FILHO, 2013; ZANELLO, 2018). Além disso, ao demonstrar preocupação quanto à posição sexual adotada em minhas práticas, ele evidencia o processo de valoração social que a cisheteronormatividade produz em torno da penetração. Uma valoração que atribui superioridade, poder e *status* àquele que penetra e condena o outro corpo, penetrado, ao lugar da submissão, posse e dominação sendo, portanto, passível de injúria e opressão (SÁEZ e CARRASCOSA, 2016). Uma perspectiva que infelizmente não se restringe apenas à comunidade heterossexual e é constantemente reproduzida também dentro da comunidade LGBT.

Mas ele não parou por aí. Meu pai então perguntou se minha mãe já sabia, eu digo que sim. Diante da minha resposta, ele pede que eu não conte para ela que ele sabe. E, desse modo, o armário familiar se multiplicava, parecia que todas as minhas tentativas de sair desse armário só redundavam na produção de novas divisórias, novos segredos (SEDGWICK, 2007). Hoje eu compreendo que essa produção sistemática de novos contornos cobertos de segredos faz parte de uma lógica que visa evitar que a homossexualidade seja um assunto abertamente debatido no cotidiano familiar (SCHULMAN, 2010). Na época, percebi que, além disso, havia questões do relacionamento dos meus pais que também estavam implicadas nessa produção de segredos. Eram questões que não tinha clareza quais eram, mas que pressentia ser uma situação que não deveria intervir.

Voltamos para a casa dos meus pais e estava surpreso, pois, apesar dos pesares, meu pai aparentemente havia recebido com tranquilidade a informação e lidado bem com a situação. A sensação foi de alívio porque tinha me preparado para uma briga, para uma agressão ou uma expulsão das relações familiares ou ainda que meu pai passasse mal, tivesse um infarto ou algo do gênero. Todo um cenário imaginário comum a muitas pessoas homossexuais quando decidem sair do armário (SEDWICK, 2007). Minha preocupação maior sempre foi com a reação dele e para minha surpresa estava tudo aparentemente bem.

Passados quinze dias, retorno para a casa dos meus pais e descubro que essa tranquilidade toda havia sido só aparência, meu pai estava arredio, visivelmente nervoso

e, chamando-me para conversar, diz que a minha homossexualidade era “falta de vergonha na cara ou isso é uma doença, isso é pecado”, “isso precisa ser tratado, tem que mudar isso aí”. Fiquei surpreso, pois realmente estava crente de que ele havia recebido tranquilamente a informação. Foi então que comecei a explicar para ele que não se tratava de doença, que não era uma questão de caráter. Repetindo o que falei para a minha mãe, disse a ele que eu continuava sendo o mesmo Ronaldo, continuava sendo o mesmo filho deles. Conversamos bastante, ele se acalmou e depois disso não tocamos mais no assunto.

As semanas foram passando, eu já havia contado para as minhas duas irmãs mais velhas, que reagiram super bem, sem esboçar nenhuma reação negativa. Eu visitava meus pais nos fins de semana e nada se falava, seguíamos como se nada tivesse acontecido. Todos sabiam, mas ninguém falava sobre. A evitação tornou-se uma marca da forma como minha família tratava o assunto (SCHULMAN, 2010). Passados alguns meses, isso começou a me incomodar profundamente, pois minhas irmãs tinham seus relacionamentos e isso era clara e abertamente discutido em família, seus companheiros frequentavam a casa dos meus pais, mas eu também tinha um relacionamento e não gozava das mesmas relações e privilégios. Isso me incomodava, porque eu tinha uma urgência, eu queria que eles, o mais rápido possível, me aceitassem integralmente e que eu pudesse fruir das relações familiares sem restrições. Queria que meu relacionamento também fosse aceito, que pudéssemos seguir nosso convívio normalmente, como as minhas irmãs. Comecei então a forçar um pouco a relação, a cobrar os meus pais. Eu dizia que eles “não participavam da minha vida” e que “não se importavam comigo” e isso feriu profundamente meus pais, especialmente minha mãe. Minha mãe ficou muito ofendida com essa queixa e foi quando percebi que eu não poderia forçar a me aceitarem, esse processo tomaria um tempo. Quanto tempo eu não sabia, mas sabia que ele era necessário.

Comecei a pensar em mim e em quanto tempo me debati e demorei para me aceitar, me assumir para mim mesmo. Percebi que era necessário que eles também tivessem o tempo deles. Eu havia dito, tanto para o meu pai quanto para minha mãe, que eu era o mesmo filho de antes e, agora, eu percebia que eu não era mais o mesmo Ronaldo e que não havia como eu continuar sendo o mesmo filho. Percebi que o Ronaldo ideal, aquele projetado para o trabalho no campo, para namorar, casar com uma mulher e ter filhos que garantissem a continuidade do nome da família havia morrido para eles de uma vez por todas. Então, era necessário elaborar o luto desse ideal de filho que jazia morto para poder em seu lugar acolher o filho concreto. Assim como eu, eles precisavam fazer

o luto da heterossexualidade e, além disso, precisavam fazer o luto da descendência que não viria, dessa continuidade ideal da família que nunca se concretizaria (CASTAÑEDA, 2007; TEIXEIRA FILHO, 2012; MODESTO, 2015). Ao mesmo tempo em que compreendi que precisava respeitar o tempo deles, também não era possível que eu, estando em um relacionamento, agisse como se não o tivesse. Por isso, aos poucos, fui diminuindo as visitas aos meus pais, pois o final de semana era também um tempo de estar com meu namorado. Isso produziu um afastamento entre nós, que, de uma certa forma, já existia, afinal, saí de casa muito cedo e sempre fui independente. Uma trajetória de vida muito comum a muitas pessoas homossexuais e que lidam com a homofobia familiar (SCHULMAN, 2010; TOLEDO e TEIXEIRA FILHO, 2014).

Após me assumir para minha família, me assumi para todos os meus amigos e a reação foi a melhor possível e isso me fortaleceu muito. Na graduação tudo transcorria muito bem, mas evitava todo e qualquer trabalho que envolvesse a discussão sobre sexualidades, porque imperava em mim a ideia de que pelo fato de ser homossexual se fizesse qualquer discussão sobre o assunto, ela seria deslegitimada justamente por ser homossexual. Dessa forma, evitar o assunto marcava a minha história, a minha relação familiar e havia sido interiorizada projetando-se sobre a minha trajetória acadêmica. Não sabia lidar nem conseguia enxergar a minha homofobia internalizada (CASTAÑEDA, 2007; BORRILLO, 2010) e a projetava de forma imaginária. Não discutia academicamente nada sobre sexualidades, pois imaginava que se o fizesse minha trajetória seria posta em descrédito, uma vez que ainda vivenciava uma formação acadêmica calcada no distanciamento positivista entre sujeito e objeto, entre pesquisador e pesquisa. Também não queria que dissessem que escolhi fazer Psicologia "porque queria me entender" ou entender a minha sexualidade, o que, naquela época, era uma forma de satirização que servia para menosprezar o desempenho de algumas pessoas no curso. Além disso, ainda não queria que pessoas fora dos meus círculos íntimos soubessem da minha orientação sexual e acreditava que se começasse a discutir academicamente a temática isso seria inevitável. Naquele momento, bancava a linha "discreto e fora do meio", ainda reproduzia e performava o discurso de "tudo bem ser gay, mas não precisa dar pinta", me escandalizava com algumas cenas protagonizadas por pessoas LGBT. Enfim, toda a LGBTfobia que internalizei ao longo dos anos ainda operava a todo vapor e se projetava sobre os outros que, diferente de mim, já viviam abertamente suas vidas (NASCIMENTO e TEIXERIA FILHO, 2014).

Apesar dessa postura, eu ainda perseguia aquela questão que havia formulado na oitava série sobre a minha necessidade de entender por que as pessoas tratavam as outras diferentes. Entretanto, não queria discutir isso em relação às sexualidades. Participei, então, durante um ano, de uma pesquisa (em outra Universidade) que buscava investigar o preconceito em relação às crianças com deficiência que eram incluídas na escola regular. Foi nesse trajeto que minha busca de responder àquela questão começou a tomar uma forma mais clara. Estava no último ano da graduação e certo de que pretendia seguir carreira acadêmica, afinal de contas, desde antes do pré-escolar, tinha o desejo de ser professor. Decidi, então, que tentaria uma seleção de Mestrado ainda naquele ano.

Estava convicto de que tinha que estudar o preconceito, porque o havia experimentado durante toda a minha vida, mas queria manter aquela distância artificial da minha própria experiência. Elaborei um projeto sobre o preconceito em relação à inclusão de adolescentes em conflito com a lei na escola regular. Fiz o processo seletivo, em uma universidade pública paranaense, porém não fui aprovado na fase final da seleção. Fiquei frustrado, mas sabia que fazia parte do processo. Aquele foi um ano de muitos términos, terminei a graduação, terminei também o namoro que já contava três anos. Com o término da graduação encerrava-se também meu vínculo com o projeto de extensão que, através da bolsa, me mantinha na cidade onde eu cursava Psicologia. Havia sido aprovado, com uma boa colocação, em alguns concursos, mas ainda não havia sido chamado. Assim, tive de voltar a morar com os meus pais.

Foi difícil voltar a morar com a família. Estava acostumado há muito tempo a ficar pouco tempo com eles, por conta da rotina de viver parte do dia na escola, parte com eles e parte com a minha avó, depois ter ido para o seminário e morar fora a partir dos 13 anos de idade. Desde os quinze anos sempre trabalhando e estudando, eu convivia homeopaticamente com a minha família. Agora era diferente, aos 22 anos retornava para morar com os meus pais, porém não estava estudando, trabalhando, nem passava períodos com a minha avó, tinha me assumido para eles, além de ter rompido o primeiro e único relacionamento. Agora seria uma dose cavalar de convivência.

Soma-se a isso o fato de eu nunca ter tido uma "vida de solteiro", propriamente dita. Afinal, antes do namoro, eu não era assumido e não vivia livremente "a vida de solteiro". Agora que havia me assumido e estava solteiro queria vivenciar isso, queria ter as experiências que eu não tive, mas, ao mesmo, estava na casa dos meus pais, com suas rotinas, suas regras e seus modos de lidar com a vida. Fiquei nessa situação por apenas quatro meses porque fui convocado em um dos concursos no qual havia sido aprovado e

assumi uma vaga como Psicólogo no Município de Cascavel-PR, cidade que resido até hoje e local da realização da minha pesquisa.

Mudei-me para Cascavel-PR no dia do meu aniversário e isso foi muito significativo para mim. Era como um renascimento, como se começasse uma nova vida, em um novo trabalho, o primeiro como profissional da Psicologia, em nova casa (agora morando sozinho pela primeira vez), com novos colegas e com novas amizades por fazer. De certa forma, e em uma proporção reduzida, aquela fantasia infato-juvenil de me graduar e ir para uma cidade maior viver e construir a minha vida começava a se concretizar. Conheci pessoas, mas saía pouco, não tinha a vida de solteiro que achei que teria, estava focado no trabalho, em um CREAS, no atendimento de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas.

Alguns meses se passaram e através das redes sociais conheci o Ancelmo, carinhosamente chamado de Cecéu, meu companheiro até hoje. Através dele conheci e construí uma rede de amizades em Cascavel que foram e são fundamentais na minha história. Após um ano de relacionamento, terminamos e ficamos um ano "separados". Nesse período, foi como se vivesse, finalmente, a "vida de solteiro" que nunca tinha vivido, conheci várias pessoas, tive várias experiências, mas, passado esse um ano de "separação", reatamos o relacionamento. As aspas da separação decorrem do fato de que havíamos terminado, porém seguimos amigos e fazendo quase tudo juntos por conta das amizades em comum, até concluirmos que não fazia o menor sentido seguirmos separados. Reatamos e dois anos depois passamos a morar juntos.

Logo que reatamos, eu contei para a minha família que estava namorando, e não houve muita reação ou interesse incialmente por parte dos meus pais. Minhas irmãs sempre se mostraram abertas, participantes, em especial minha irmã do meio. Mas a reação mais efusiva foi do meu sobrinho e das minhas duas sobrinhas mais novas que demonstram grande interesse em saber quem era a pessoa com quem estava namorando. Eles ficaram muito surpresos e ainda mais interessados quando lhes contei que "o tio namorava outro homem". Um conhecimento que contrariava o desejo da minha mãe de não falar abertamente sobre isso com as crianças, pois ela acreditava que a inocência infantil ("desprovida de sexualidade") seria perturbada por esse conhecimento da minha homossexualidade (BRITZMAN, 1996; GODOI e ARANTES, 2012).

Não me importando com isso, mostrei algumas fotos minhas e do Cecéu e eles logo queriam conhecer "o namorado do tio", o "novo tio" deles. Para eles foi uma festa. Passadas algumas semanas, a minha irmã passou por Cascavel com as crianças e eles

foram os primeiros a conhecer o Cecéu. Quando visitava meus pais, fazia questão de falar do Cecéu e de mandar-lhes cumprimentos, beijos e abraços enviados por ele. Entendia que já era tempo deles superarem o luto daquele filho idealizado e lidar diretamente comigo e meu relacionamento. Aos poucos, foram abrindo-se até que fomos, eu e Cecéu, a primeira vez para a casa dos meus pais. Estávamos relativamente nervosos, ele mais que eu, mas tudo transcorreu bem e fomos muito bem recebidos no tradicional churrasco de domingo da família. Fomos para o sítio onde cresci e passamos um ótimo dia por lá. Nesse dia, pude compartilhar um pouco mais de mim mesmo com o Cecéu, fizemos um passeio por todos os locais e histórias que vivi naquele sítio.

Outras vezes fomos à casa dos meus pais e lá somos sempre bem tratados e reconhecidos como um casal. Entretanto, percebo ainda que o luto pela heterossexualidade e pela descendência não é algo totalmente elaborado por eles e não sei se um dia será. Penso isso, pois em um almoço de fim de ano, há dois anos atrás, na casa da minha irmã chegou, à tarde, um casal de tios e também uma família de amigos e, nesse momento, o Cecéu foi apresentado como meu "amigo". Essa situação me deixou absolutamente constrangido e sem reação, queria responder que ele era meu namorado, mas, ao mesmo tempo, não consegui me expressar e como aquela criança que eu era usei a tática da evitação (SCHULMAN, 2010). Não quis me expor, não quis expor o Cecéu ou meus pais, não quis constrangê-los como eu estava constrangido. Nem conversei com o Cecéu sobre isso, pois, no fundo, torci para que ele não tivesse notado.

Apesar disso, percebo claramente que depois que me assumi para os meus pais houve uma melhora significativa nas nossas relações, em especial na relação paterna. É como se houvéssemos limpado parte do canal e agora as coisas fluíssem melhor. Foi somente após esse processo de assunção da minha orientação sexual que demonstrações de afetos entre nós passaram a existir, mesmo que meu pai ainda não saiba responder muito bem ao abraço, ao beijo ou ao "eu te amo". Eu entendo, ele teve uma educação dura e voltada ao trabalho na lavoura, sem demonstrações de afeto e ternura por parte de seu pai. Com a minha mãe a relação foi sempre relativamente próxima, ela sempre esteve preocupada e presente, às vezes preocupada até demais, mas sempre solícita e pronta para ajudar. Apesar de tudo isso, sinto que ainda temos um percurso a percorrer até que a homossexualidade e meu relacionamento seja algo trivial e cotidiano na família.

Enquanto as coisas caminharam assim na família, segui trabalhando na prefeitura, mas sem desistir de seguir a carreira docente. Fiz uma pós-graduação *lato sensu*, passei em um processo seletivo para docência no mesmo curso de Psicologia no qual me formei,

na PUC-PR Campus Toledo. Também cursei algumas disciplinas como aluno especial em Programas de Pós-Graduação em Educação, Serviço Social e Filosofia, busquei em cada uma delas discutir algo que girava em torno da minha questão formulada ainda nos anos da adolescência e fruto das experiências que vivi. Tentei mais uma vez a seleção de mestrado na mesma universidade de antes, porém agora meu projeto buscava compreender como as vítimas de preconceito podiam subjetivar essa experiência de violência transformando a agressão em potência de ação tornando-se assim militantes dos movimentos sociais.

Nessa altura, eu já compreendia ser indissociável a realização de uma pesquisa e a discussão sobre minha homossexualidade. Porém inseri essa questão como apenas um dos focos da pesquisa. Queria então pesquisar como pessoas LGBT, pessoas com deficiência, mulheres e pessoas negras subjetivavam as violências sofridas e se tornavam militantes. Era como se ao tratar também dessas outras experiências, eu pudesse de uma certa forma diluir a minha. Algo como "estou pesquisando sobre mim, MAS não é foco". Novamente chego até a fase final do processo e, apesar das elogiosas interpelações da banca, não fui aprovado. Dessa vez, a frustração foi maior, talvez porque eu agora estava mais ali, aquilo dizia mais de mim.

Mas segui adiante, pois tinha o anseio de conseguir responder àquela questão a qual agora tinha clareza que, de uma forma ou de outra, havia me posto em movimento, me acompanhado em todo o meu percurso acadêmico e de vida. Assim, no ano seguinte, vi que a UNESP, Campus de Assis-SP, estava com processo seletivo aberto. Era uma sexta-feira e as inscrições se encerravam na segunda-feira. Por impulso, decidi que iria me inscrever, passei o final de semana produzindo o projeto e organizando a documentação. Fiz minha inscrição, apresentei um projeto que não propunha esconder meu interesse e minha implicação pessoal enquanto pesquisador, queria discutir a subjetivação do preconceito em relação a pessoas LGBTs, interessando-me pela transformação da violência em potência de ação. Passei por cada uma das etapas e fui aprovado, apesar da minha incredulidade, pois tinha certeza que, após a entrevista, um processo muito (in)tenso e mobilizador, não seria aprovado. Por sorte eu estava engando e pude iniciar o tão sonhado mestrado.

Passadas algumas orientações e ao ser apresentado ao novo universo de estudos e de perspectivas teóricas, o preconceito deu lugar à homofobia e o movimento social deu lugar às redes de solidariedade/amizades. Foi durante as orientações que, através do trabalho coletivo e das interpelações do orientador, percebi que, mais que dos

movimentos sociais em si, eu desejava falar sobre as redes, as relações de amizade e solidariedade que haviam sido tão importantes na minha história e que sem as quais eu não teria conseguido me fortalecer para assumir minha homossexualidade e lutar pelo meu lugar, meu espaço no mundo.

Nesse processo, abandonei as teorias que vinha estudando (Teoria Crítica e Escola de Frankfurt) e abracei um novo foco de estudos adotando um campo de saberes até então completamente desconhecido para mim. Começo a desbravar uma trilha absolutamente nova entre os conceitos e estudos de gêneros, feministas e *Queer*. Um caminho que tem sido muito potente e, ao mesmo tempo, muito desafiador. Além dessas mudanças acadêmicas, também tive que passar por algumas mudanças profissionais. Fui obrigado a escolher entre o mestrado e o trabalho que exercia na Prefeitura de Cascavel nos últimos 5 anos. Assim, optei por pedir exoneração do concurso público e dar prosseguimento ao mestrado. Isso ocorreu, pois a Prefeitura do Município se recusou a manter minha licença sem vencimento pelo prazo de dois anos, o que tornava inviável as viagens e o cumprimento de todos os créditos necessários. Quanto ao trabalho como docente consegui ajustar meus horários e assim mantê-lo durante esse percurso.

Não me arrependo das decisões que tive que tomar nessa trajetória, pois hoje percebo que todas elas me possibilitaram chegar onde estou. Hoje percebo que muita coisa mudou na minha vida, mas, diante de todas elas, algo permaneceu intocado: eu não abri mão da discussão sobre "por que as pessoas tratavam as outras diferentes". Sendo assim, a discussão que apresento de assumir uma outra formatação discursiva ainda é uma tentativa de responder às questões daquele Ronaldo adolescente que sofria homofobia e não entendia a razão disso. Apesar das dificuldades que enfrentei durante esse percurso, pude me permitir investigar os mecanismos e o funcionamento da homofobia, sua experiência e seus impactos na história de vida de outros cis-homens gays que como eu também tiveram de lidar desde cedo com a violência e, dessa maneira, traçar, cada um a seu modo, suas estratégias de sobrevivência.

Uma outra coisa de que não abri mão no processo foi a realização de entrevistas. Na verdade, em relação a isso só houve incremento, pois, desafiado pelo orientador, fui conhecer e me apaixonar pela narrativa de histórias de vida. E hoje, mais que antes, vejo que nenhuma outra pista metodológica poderia fazer tanto sentido quanto essa no processamento deste trabalho. Agora eu me vejo inteiro aqui, este trabalho está pleno de sentido para mim. Eu queria ter esses encontros, queria ouvir essas histórias, coisa que somente depois de um tempo de trabalho, das entrevistas feitas e de inúmeras sessões de

terapia pude perceber mais nitidamente. Pude perceber que esse desejo por trás da pesquisa, esse desejo de escutar essas vozes, esse desejo de contatar essas histórias era um desejo também de me escutar, de contatar minha própria história, de tomar de empréstimos essas múltiplas vozes para poder dar corpo e substância às experiências que também são minhas (CASTAÑEDA, 2011).

Essas histórias me atravessaram de muitas e distintas formas, me vi em cada um dos participantes e em diferentes momentos de suas narrativas. Eu estava ali. Estava como pesquisador, mas muito além disso estava ali como escuta, como presença, como questão e também como testemunha, como partícipe, como companheiro de experiências. Vivemos em temporalidades e espacialidades tão distintas e, ao mesmo tempo, tão compartilhadas. Foram literalmente entre-vistas, foram encontros com os outros e comigo mesmo, foram momentos em que pude ver-me na experiência e na vida de cada um deles, mas também perceber o quão diversos foram nossos caminhos, nossas experiências, nossas histórias, nossos (des)encontros. Somos similarmente diferentes.

Agora, posso dizer que esse percurso da pesquisa e de encontro com os participantes me fez vivenciar experiências mais à flor da pele. Tiveram momentos que era como se vivesse uma experiência de nudez afetiva e que para mim não é uma coisa nada fácil, porque sempre tentei me proteger disso e construir algumas “muralhas” a fim de me proteger dos afetos. Perceber essa abertura afetiva que vivencio ao longo dessa caminhada faz com que eu só tenha a agradecer por todos esses processos e fluxos que têm me impelido a me permitir viver mais afetivamente.

Hoje percebo que a realização desse percurso não se constituiu como um processo de coleta de informações ou “dados”. Antes disso, é um movimento de encontros sucessivos com a história dos participantes e com a minha própria história. Cada movimento, cada passo dado nesse caminho, desde a concepção do projeto, passando pela introdução a um novo campo de saberes e estudos até a textura dessas palavras e linhas e especialmente nos encontros com cada um dos participantes, me dão a certeza de que esse foi e é um trabalho de deslocamentos sucessivos e mudanças nas paisagens subjetivas e relacionais dos participantes, na minha própria e quiçá na das pessoas que tomaram contato com essas histórias.

Aprendi muito nesse percurso, um aprendizado experiencial e pessoal além de acadêmico/teórico. Hoje posso reconhecer que, ao contrário do que muitos ainda podem pensar, não há demérito algum em aprendermos assim. A academia precisa se preencher de afetos, de experiências vívidas, de encontros e trocas com o mundo e as pessoas que

existem para além dela. Aprendi que não podemos nos encastelar em um academicismo metodológico frio e duro que nega o calor e a volatilidade das vidas que cruzam, afetam e refratam o nosso próprio exercício acadêmico de pesquisa e teorização.

Os encontros com os participantes deixaram ainda mais claro esse caminho da pesquisa e da produção acadêmica. Nesses encontros ficou evidente que o ato da escuta não é um ato passivo. Antes disso, a escuta é uma ação que mobiliza e possibilita a todos os indivíduos implicados na cena a possibilidade de refletir sobre seu contexto, sua história, suas experiências e sobre si mesmo (CASTAÑEDA, 2011). Sendo assim, o que busco apresentar e discutir nas próximas páginas é um pouco dessas reflexões compartilhadas com os participantes da pesquisa e com os teóricos e teóricas que me ajudaram a pensar mais claramente sobre cada passo que foi dado nesse percurso.

PRIMEIRO ENCONTRO: CAMINHANDO COM SAM

A primeira história que tive contato nessa empreitada da pesquisa foi a de Sam[11]. Logo nos primeiros dias de divulgação da pesquisa, Sam entrou em contato por meio de um e-mail solicitando maiores informações e dispondo-se a participar do trabalho. Feitos os esclarecimentos iniciais chegou o momento de agendarmos nosso encontro. Dia, horário e local para a realização do nosso encontro ficaram a critério de Sam, assim como de todos os demais participantes. Nos demoramos mais na definição do local da realização do encontro, reforcei em nossos contatos que o ideal seria nos encontrarmos em um local onde ele pudesse se sentir confortável e que tivéssemos um certo nível de privacidade que favorecesse a narrativa de sua história.

Nesse momento inicial de definição do nosso encontro, foi perceptível que falar da sua história e das suas experiências não era uma ação plenamente tranquila para Sam. O que mais me chamou a atenção foi a dificuldade na definição do local. Essa situação me fez pensar no quanto sua história e suas experiências são silenciadas (ZANELLO, 2018) e mantidas em um lugar de segredo e, em alguma medida, dentro do "armário" (SEDGWICK, 2007; CASTAÑEDA, 2007). Fiz essa discussão, pois a impossibilidade de fazermos nosso encontro em espaços que lhe eram familiares (e teoricamente promotores de um ambiente mais favorável à realização da entrevista), como sua casa ou por onde ele transita, me remeteu à ideia de que sua homossexualidade, ou o discurso sobre ela ainda, não são passíveis de serem abordados e discutidos abertamente nos ambientes nos quais vive suas relações mais próximas. Em uma lógica de manutenção de um sigilo sobre si mesmo que, de acordo com Sedgwick (2007), funciona como uma prática que mantém uma oposição entre as esferas privada e pública, mantendo e preservando, de certa forma, a sacralidade imaculada da primeira.

Diante dessa dificuldade inicial e visando contorná-la, disponibilizei minha casa, como um local possível para realizarmos o encontro. A sugestão foi aceita e, assim, definimos também a data e o horário. Entretanto, nosso primeiro encontro teve que ser

[11] Todos os nomes utilizados nesse trabalho são fictícios. Adoto nomes fictícios objetivando a preservação do sigilo quanto a identidade dos participantes da pesquisa. Além disso, vale destacar que no processo de (re)construção e revisão das narrativas foi dada a possibilidade de os participantes escolherem os nomes fictícios dos personagens que compunham suas histórias. Aqueles participantes que não se sentiram à vontade e/ou não se dispuseram a escolher os nomes deram-me liberdade para estabelecer os nomes dos personagens. Nesses casos adotei nomes fque remetem a personagens e autores de literatura que marcaram a minha própria história.

adiado, devido a uma demanda emergencial do meu trabalho. Sam concordou em remarcarmos para o sábado seguinte. Numa tarde de sábado, às 15h, Sam chegou em minha casa. Esse seria o nosso primeiro encontro presencial, nosso primeiro contato direto face a face, e também minha primeira entrevista da pesquisa. A primeira vez em que me dedicaria a produzir uma escuta da história de vida de uma pessoa a partir da posição de pesquisador, uma posição que não sabia exatamente qual era, nem exatamente o que esperar dela, nem o que dela se produziria. Mas, junto a essas incertezas e expectativas iniciais, havia certamente o desejo de estabelecer uma relação de acolhimento, de diálogo, que pudesse construir um intercâmbio substantivo entre nós e promover um espaço onde Sam pudesse partilhar sua história, falar, ser escutado e acolhido. Além disso, havia a curiosidade e desejo de saber sobre sua história e suas experiências, elementos cruciais para a escuta que me propus a desenvolver (CASTAÑEDA, 2011).

Foi mergulhado nesse vórtice afetivo que recebi Sam. Na hora marcada para nosso encontro, ele me avisa por mensagem que havia chego. Saio, abro o portão e o cumprimento. Entramos e permanecemos na sala enquanto conversávamos e nos conhecíamos um pouco mais. Estávamos ambos nervosos, um nervosismo talvez corriqueiro quando conhecemos uma pessoa pela primeira vez, mas também um nervosismo por saber que não seria um encontro qualquer: Sam contaria sua história de vida, um exercício nada simples e eu me proporia a escutar e refletir sobre sua história. Um nervosismo que vejo implicado nesse processo de conscientização da responsabilidade dessa escuta e da importância desse depoimento. Acredito que esses minutos iniciais foram importantes para ambos, não apenas por servir metodologicamente para estabelecer um *rapport*, mas precisamente por servir a um processo de reconhecimento mútuo, que acredito ser fundamental nesse exercício de entrega que configura o depoimento e a escuta na pesquisa narrativa. Assim, utilizamos esse momento inicial para nos conhecermos, discutimos sobre a pesquisa e sobre como seria a entrevista. Passados alguns minutos de conversa, ambos estávamos visivelmente mais à vontade. Sam já havia tomado conhecimento do TCLE e consentido em participar da pesquisa e então resolvemos iniciar a entrevista propriamente dita.

Nesse encontro inicial não foi possível concluirmos a entrevista, pois Sam tinha compromissos acadêmicos no fim da tarde. Por conta disso, seria necessário nos reunirmos novamente para prosseguir com a narrativa de sua história de vida. No dia seguinte ao nosso primeiro encontro, recebi uma mensagem de agradecimento de Sam,

por poder fazer parte da pesquisa e contar sua história. "*Foi bom pra mim falar sobre as coisas que aconteceram na minha vida*". Sam finaliza sua mensagem dizendo que estava ansioso pelo nosso próximo encontro. Essa mensagem me fez refletir bastante sobre a importância da pesquisa, não apenas no sentido da produção acadêmica, mas fundamentalmente nas suas possibilidades de construir um espaço de escuta e acolhimento de histórias e experiências que ficaram e ficam durante muito tempo emudecidas, invisibilizadas e silenciadas nas relações cotidianas dos participantes da pesquisa. Me fez pensar também o quanto a vivência e insistência do armário mutila e represa nossas vivências e experiências sociais e afetivas (SEDGWICK, 2007; CASTAÑEDA, 2007), impossibilitando, muitas vezes, de compartilharmos as alegrias e sofrimentos de sermos quem somos, mesmo para as pessoas mais "próximas".

Além disso, essa mensagem me recordou a importância da pesquisa narrativa enquanto um veículo de "denúncia social" (NEVES, 2012, p. 10). Falo disso, pois, essa mensagem, juntamente com a sequência do depoimento de Sam, demonstra o quanto esse compartilhamento de sua história e experiências produziu um sentimento de envolvimento direto na luta pela superação da homofobia.

Sam me dizia que estava ansioso pelo nosso próximo encontro e não posso negar que eu também estava. Estava feliz com o início das entrevistas e ainda mais com a ressonância produzida. E foi com essa energia que agendamos um novo horário. Nesse segundo encontro, a conversa transcorreu de maneira natural, já nos conhecíamos e aquele nervosismo inicial se arrefeceu completamente. Estávamos os dois sentados nos sofás da sala da minha casa e ali conseguimos, após quase duas horas de conversa, concluir a narrativa da história de vida de Sam.

Sam é um homem-cis gay jovem, com 28 anos de idade, que nasceu, cresceu e viveu a vida toda no município de Cascavel-PR. Segundo filho de um casal cuja mãe é descendente de árabes e o pai de italianos, demonstrou dúvidas quanto à raça que se autodeclararia, devido à miscigenação familiar. Nossa conversa sobre a questão racial se estendeu ao longo dos dois encontros. Essa conversa evidenciou tanto o processo de desracialização da branquitude quanto o velamento da cisão racial brasileira por meio do discurso da miscigenação. Além disso e de modo mais evidente, ficou claro que o acesso e fruição desigual de direitos e a concentração de riqueza e privilégios que ocorre no Brasil, e, muito claramente, em nossa cidade (movida economicamente pelo agronegócio), turvam, mascaram e dissimulam o entendimento e o reconhecimento racial e as desigualdades raciais (SCHUCMAN, 2010). Digo isso, pois Sam evidenciou o

quanto a vivência de opressões e subordinações sociais, políticas e econômicas dificultavam seu autorreconhecimento enquanto uma pessoa branca. Entretanto, após algumas reflexões compartilhadas sobre essas questões, Sam se autodeclarou como Branco.

Atualmente Sam reside com seus pais, sua mãe é pedagoga e o pai administrador, porém ambos concluíram suas formações superiores há poucos anos, o pai em 2004 e a mãe em 2016. Sua família possui uma renda média de cinco salários mínimos e na casa moram apenas os três, pois seu irmão mais velho se casou e se mudou para sua própria residência. Sam não se considera praticante de nenhuma religião em específico, porém relata que frequenta o "*Espiritismo*" desde a infância e que na adolescência começou a ler e estudar sobre o Budismo. Quando realizamos nossos encontros, Sam estava cursando o quinto ano de Psicologia, em uma das instituições de ensino superior da cidade, e, por isso, não estava trabalhando, pois queria dedicar-se integralmente ao curso.

Após nossa conversa inicial e de coletar os dados de identificação, solicitei que Sam relatasse sua história de vida desde a infância. Porém, antes de iniciar o relato sobre sua infância, ele contou que havia terminado um relacionamento o qual já durava dois anos. Esse rompimento ocorreu na semana anterior ao nosso encontro e foi um momento muito difícil para ele, porque lhe fez rememorar e reviver "*muita coisa do passado*". É através dessa experiência recente que ele começa a relatar sua percepção quanto à existência de uma diferenciação entre ele e as demais pessoas com quem convive. Uma diferenciação que o acompanha desde a infância, uma sensação e experiência que ele compartilha com os demais participantes da pesquisa. Desde criança, ele se percebia como uma criança "*[...] diferente das outras 'criança'*". Essa percepção toma forma, inicialmente, através do brinquedo e do brincar: "*[...] às vezes eu 'tava' com meu irmão ou com os meus primos ali e todos eles queriam brincar de carrinho e eu não queria, eu queria brincar com as bonecas das 'minha' primas*".

Certa vez, um primo lhe perguntou por que ele brincava com bonecas e foi essa pergunta que fez com que Sam começasse a se questionar e a perceber que havia algo de diferente entre ele e os demais meninos. "*Pera aí... então tem alguma coisa errada né?! porque se ele está perguntado o porque que eu brinco de boneca é porque tem alguma coisa de errado*". Essa percepção muito primeva na sua infância não foi sem efeitos. Por se perceber diferente, ele sentia-se "*retraído*" e "*confuso*", pois "*não entendia o que estava acontecendo*". Também não entendia as admoestações de suas tias e sua avó: "*você não pode brincar com bonecas, porque boneca é coisa de menina*"; "*Não, você não pode,*

você tem que brincar de carrinho"; "*você tem que brincar com seus carrinhos não com os brinquedos da tua prima*". Sam não via nada de errado em brincar com bonecas, gostava de brincar com elas, para ele era tudo normal. Sam realmente "*não entendia o que estava acontecendo*". Essas relações e diferenciações só irão começar a fazer sentido no início da adolescência, quando ele começa a entender "*o que que era ser homossexual*".

O relato de Sam demonstra o quanto a fruição de brinquedos e brincadeiras lidas e "controladas" pelo gênero oposto resultam em grandes dificuldades e sofrimentos para as crianças (LOURO, 2003; GODOI e ARANTES, 2012). Esse processo de tipificação e qualificação dos brinquedos, das brincadeiras e do brincar, entre aquilo que era considerado como "*de meninas*" e aquilo que era "*de meninos*" aliado à maior identificação e desejo de participação naquelas atividades tipificadas como "*de meninas*", defronta-se com a proibição e repreensão promovida pelos adultos. Além disso, essa identificação fazia com que Sam fosse tomado como alvo de sátiras, "*brincadeiras*" e "*gozações*" por parte das demais crianças (LEMOS de SOUZA, MEDEIROS e DUARTE, 2010; GODOI e ARANTES, 2012). Desse modo, é possível perceber como essa relação contraditória (identificação/desejo x proibição/repreensão/sátira) fez com que o brinquedo e o brincar aparecessem como uma das primeiras marcas de diferenciação que começaram a ser percebidas por ele e também por aqueles que com ele conviviam.

Vale destacar que essa relação com o brinquedo, as brincadeiras e o brincar (dentro dessa lógica oposicional e binária), bem como os efeitos dela resultante, foi uma experiência comum a todos os participantes da pesquisa. Em todos os relatos ficaram evidentes as marcas profundas que essas experiências primevas produzem no processo de subjetivação dos participantes e como elas constituem o início de um sentimento de inadequação, inferiorização, opressão e subordinação em relação à comunidade cisheterossexual. É certo que essas experiências não são exclusivas às pessoas LGBT, visto que essas mutilações e repressões também compõem a construção das identidades heterossexuais (WELZER-LANG, 2001; TEIXEIRA FILHO, 2011; ZANELLO, 2018), entretanto, é inegável que seus efeitos são ainda mais deletérios em relação às pessoas LGBT (BRITZMAN, 1996; LOURO, 2000; 2003).

Nesse ponto é importante considerar que a experiência lúdica se constitui como uma forma primordial de comunicação, de expressão e subjetivação na infância (DELLABONA e MENDES, 2004). Portanto, o depoimento de Sam evidencia o quanto

a proibição, repreensão e satirização, relativas à participação ou fruição de determinados brinquedos e brincadeiras produz a "supressão de similaridades *potenciais*" (ZANELLO, 2018) entre os gêneros e o alijamento dos processos de expressão e subjetivação das crianças, por meio da adoção de mecanismos e práticas que intentaram cisheteronormatizar e normalizar seus corpos, experiências e afetos.

Contudo, essa reação de diferenciação não era experimentada por ele em todos os espaços que circulava. Diferente do que ocorria na casa de sua avó com as advertências dela e de suas tias, em sua casa a relação era de aceitação e não repressão em relação ao brincar. Ali ele podia brincar de bonecas e inclusive pedia para que sua mãe as comprasse. Seus pedidos eram atendidos por sua mãe sempre que havia dinheiro suficiente para realizar a aquisição. Seu pai e seu irmão mais velho nunca lhe questionaram ou lhe repreenderam por brincar com bonecas. Sam tinha pelo menos um lugar seguro para poder brincar livremente, sua família nuclear era uma espécie de porto seguro, onde ele recebia "*um apoio, um conforto*".

Se sua casa era percebida como um lugar seguro, o mesmo não pode ser dito em relação à escola. Durante os primeiros anos do Ensino Fundamental, ele não lembra de ter sofrido episódios específicos de homofobia. No entanto, recorda-se bem que rechaçava as atividades esportivas atribuídas aos meninos, em especial o futebol. Na escola havia um recorte de gênero bem marcado: "*vôlei é pras meninas e futebol é pros piá*". Assim, Sam ficou, em várias ocasiões, sem realizar atividades esportivas na escola. Quando as professoras insistiam para que ele participasse do futebol ele inventava desculpas: "*Não, eu estou com dor de cabeça*"; "*Não, eu estou com dor de barriga*"; "*Não, estou ruim*". Algumas vezes, as professoras autorizavam que ele jogasse vôlei. Em outras ocasiões, quando o viam jogando vôlei, reeditavam as falas de suas tias e sua avó: "*ué, mas por que que você está aqui?*"; "*Não, isso aqui é de menina*".

Essa experiência de Sam (também compartilhada com os demais participantes) evidencia o quanto as aulas de Educação Física expõem claramente o processo de fabricação das identidades de gêneros que é operado na escola e dissimulado em boa parte de suas práticas e discursos. Nesse sentido, Louro (2003) aponta para a origem e história dessa disciplina que, estando diretamente ligada a uma compreensão biologicista e higiênica de saúde, favorece o apelo a uma suposta "ordem biológica natural" que implica na distinção e separação das atividades femininas e masculinas, voltando-se para a construção de um domínio sobre o corpo. Isso demonstra o quanto "a escola está absolutamente empenhada em garantir que seus meninos e meninas tornem-se homens e

mulheres “verdadeiros”, ou seja, que correspondam às formas hegemônicas de masculinidade e feminilidade (GODOI e ARANTES, 2012, p. 62).

É importante considerar também que a experiência de Sam nos mostra que, além de operar essa produção dos gêneros, a escola, e especialmente as aulas de Educação Física, constitui-se como um *locus* privilegiado de preocupação e questionamento da sexualidade das crianças. Isso ocorre, pois a prática esportiva se constitui como um elemento central na formação da masculinidade hegemônica, fato apontado por diversas pesquisas que demonstram a naturalização das atividades esportivas como parte “instintiva” do homem e a recusa da fruição e/ou prática de esportes como um signo de que algo está errado (LOURO, 2003). Ainda dentro da lógica binária e oposicional, vemos que a leitura se inverte quando se trata da experiência das meninas, em que o signo de “erro” está no desejo e nas habilidades esportivas (ZANELLO, 2018; LOURO, 2000; 2003).

Assim, a escola funciona como um importante mecanismo dentro da lógica de regulação, vigilância e controle que caracterizam a sociedade disciplinar (FOUCAULT, 1987). A escola compõe o dispositivo da sexualidade operando uma verdadeira pedagogia das sexualidades (LOURO, 2000) dentro de suas práticas cotidianas. Comentando sobre o Código de Meninos (conjunto de regras, comportamentos princípios e de linguagem que constroem e constituem a infância de meninos, categoria analítica construída no trabalho de Pollack (1999), Godoi e Arantes (2012, p. 60) afirmam que essa codificação não escrita“[...] é tão forte e ao mesmo tempo tão sutil em sua influência, sendo que os garotos nem notam a sua existência até que o violem de alguma forma ou tentem ignorá-lo. Quando isto acontece, a sociedade tende a torná-los cientes imediata e forçosamente”. É justamente essa resposta social frente a infração desse código não escrito que fez com que Sam, a partir da terceira série, começasse a perceber e se conscientizar de que era vítima constante de agressão. É justamente essa resposta social frente à infração desse código não escrito que fez com que Sam, a partir da terceira série, começasse a perceber e se conscientizar de que era vítima de agressão homofóbica. Entretanto, esses episódios eram tratados por ele como “*bullying*” e não como agressão homofóbica propriamente dita. Por conta disso, ele relata que foi nesse período que seu trânsito e permanência no espaço escolar “*começou a ficar um pouco mais complicado*”.

Sam participa cada vez menos das atividades, começa “*a ficar mais recluso*” e manter uma certa distância relacional com os colegas. Sam não participava das brincadeiras “*dos meninos*”, era “*um pouco mais sensível*” do que seus colegas e era uma

criança gorda. Essas três características se cruzavam e davam forma às agressões que ele sofria. Seu sentimento de inadequação crescia proporcionalmente à intensificação das agressões de que ele era vítima. Além das agressões, Sam começava a perceber que não teria possibilidade de compartilhar algumas coisas, experiências e afetos com os seus colegas. Assim o retraimento e a vergonha passaram a ser uma característica constante em suas relações sociais. Sam sabia que não correspondia àquela imagem e àqueles comportamentos lidos como heterossexuais (LEMOS de SOUZA, 2008). Enquanto os meninos podiam falar "*'eu gosto de tal menina'; 'eu gosto de não sei quem' ou 'eu gosto de outra não sei quem'*", Sam percebia que "*não podia falar que gostava de ninguém*", não podia dizer que estava gostando de uma menina, pois, de fato, não estava. Ele teve "*umas paixãozinhas*" por alguns meninos, porém, por alguma razão, sabia que "*não podia falar, [...] tinha que ficar quieto*". Era uma experiência difícil para uma criança tão nova que já percebia que "*todo mundo ali tinha liberdade para falar*", menos ele. Sam sabia que se falasse ele "*ia ser uma aberração*", então preferia manter-se afastado e silenciado. Isso mostra como a nossa vida afetiva e erótica se constitui de maneira muito diferente das pessoas cisheterossexuais que desde a infância podem expressar e dividir seus afetos sem essas interdições (CASTAÑEDA, 2007).

Sendo vítima de agressões gordo e homofóbicas, sentindo-se isolado e silenciado, Sam tinha dificuldades de acompanhar o ritmo de aprendizado dos demais colegas da turma, seu desempenho escolar não ia bem e, além disso, foi diagnosticado com dislexia. Embora a dislexia seja uma condição que afeta diretamente o processo de ensino aprendizagem é inegável que a exposição constante as agressões gordo e homofóbicas configuram-se como fatores determinantes no processo de socialização e de aprendizagem de Sam. Apesar disso, por ser uma condição que "*não era tão, tão falada na época que nem é hoje*" os professores tratavam seu diagnóstico de dislexia como "*preguiça*". Já as agressões homofóbicas que ele sofria eram percebidas como "*brincadeira entre crianças [...] eles não[...] davam tanta importância [...] se alguma professora via dentro de sala alguma coisa... ninguém fazia nada*". A escola não tomava nenhuma medida pedagógica ou disciplinar no sentido de cessar as agressões que ele sofria, sua mãe era chamada a comparecer na escola apenas quando ele relatava e queixava-se de alguma agressão sofrida.

Essa (im)postura perversa da escola demonstra o quanto as violências sofridas por Sam e pela maioria absoluta (para não dizer a totalidade) das pessoas LGBT são naturalizadas, reproduzidas (LEMOS de SOUZA, MEDEIROS e DUARTE, 2010) e até

desejadas no contexto escolar. É preciso termos claro que a escola é uma das instituições responsáveis pela (re)produção dos valores e normas morais e sociais e que nossa sociedade se constitui sobre a égide da cisheteronormatividade. Sendo assim, torna-se inegável que ela (a escola) também (re)produz os discursos e práticas que visam oprimir, subjugar e disciplinar as dissidências de gênero e sexuais, salvaguardando a sim a comunidade cisheterossexual. Desse modo, a escola considera, de maneira mais ou menos explícita, que as agressões homofóbicas estão inscritas na "ordem das coisas" (LOURO, 2003, p.60) "situações [...] comuns" (LEMOS de SOUZA, MEDEIROS e DUARTE, 2010, p. 3). Essa naturalização das violências, produto e (re)produtora do predomínio da cisheteronormatividade nas práticas educativas, resulta na invisibilização e silenciamento dos homossexuais no cotidiano escolar (LEMOS DE SOUZA, 2012) favorecendo a manutenção das agressões sofridas. Nesse sentido, podemos dizer que a experiência de Sam nos mostra como a homofobia é consentida e, em alguns casos, ensinada na e pela escola (LOURO, 2000).

A história de Sam também mostra uma contradição patente dentro da escola. Ao não agir direta e incisivamente contra as violências gordo e homofóbicas de que Sam era vítima, a escola, enquanto instituição promotora do conhecimento, acabou atuando como agente de repressão, ocultamento e silenciamento das sexualidades e corpos dissidentes dos padrões sexuais e estéticos tidos como normativos. Isso evidencia o fato de que "[...] a escola oferece muitas poucas chances para que adolescentes ou adultos *gays* assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento, ou seja, a escola passa a ser então o lugar do desconhecimento em relação à sexualidade" (GODOI e ARANTES, 2012, p. 65). Vale lembrar, porém, que "desconhecimento" enquanto ignorância em relação às experiências e violências, contra as pessoas LGBT na escola, não são fruto de uma ausência de saber/conhecimento, antes disso é um de seus efeitos (BRITZMAN, 1996). Desse modo, o processo de negação das pessoas LGBT no espaço escolar e especialmente na sala de aula "[...] acaba por confiná-los às "gozações" e aos "insultos" dos recreios e dos jogos, fazendo com que, deste modo, jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejados ou ridículos" (LOURO, 2003, p. 67-68).

Diante da inação da escola, que ignorava seus apelos por acolhimento e proteção, Sam buscava em sua mãe o apoio e o cuidado de que precisava. Ele ainda não compreendia exatamente o motivo das agressões que sofria, porém sabia que precisava "*falar pra alguém o que estava acontecendo*". Assim, sua mãe ia frequentemente à escola buscando resolver a situação, contudo, a escola nunca foi resolutiva em relação às

agressões. Durante um tempo, Sam estudou no mesmo período que seu irmão mais velho e, nessa época, pôde contar, mesmo que por pouco tempo, com o apoio e a proteção que seu irmão lhe garantia. Naquele período, seus amigos não intervinham no momento das agressões, fora sua mãe e seu irmão Sam nunca teve alguém que o defendesse - *"[...] pelo contrário... tinha alguns que até se afastavam pra não... sei lá... não ter a imagem associada àquilo ou alguma coisa assim*". Alguns amigos apenas tentavam consolá-lo depois dos episódios de agressão.

Essa situação escolar foi perdurando e na quinta e na sexta séries as agressões pioraram. Sam não conseguia fazer amizade com os meninos, caso o fizesse isso já desencadeava uma série de agressões dos demais garotos. "*ah... vocês dois estão tendo um caso*"; "*ah... vocês dois não sei o quê*"; "*ah... você está dando pra não sei quem*". Essas agressões nunca eram protagonizadas por indivíduos isolados, elas eram caracterizadas por um movimento coletivo que agia sempre em grupos de três ou quatro meninos. Essa característica coletiva das agressões minava qualquer intenção de autodefesa: "*eu estava sozinho, eu pensava*: '*como é que eu vou tentar me defender?*' *eram três, quatro meninos que vinham me xingar, não era só um, então eu não tinha como me defender, não tinha como eu falar: 'Não!' era o medo de acabar me defendendo [...] e acabar levando a pior ainda. Então, muitas vezes, eu simplesmente deixava acontecer e deixava quieto*".

Tanto o comportamento de não intervenção e defesa de seus amigos quanto a dificuldade de fazer novas amizades, bem como as insinuações projetadas sobre suas relações fraternas, partem de uma matriz comum. Elas são expressões de uma lógica que pensa a homossexualidade ou as expressões e comportamentos dissidentes da cisheteronormatividade como "contagiosos". Desse modo, os indivíduos apresentam uma série de resistências em demonstrar publicamente simpatia ou amizade com pessoas lidas como homossexuais (LOURO, 2000), não é possível estabelecer qualquer forma de identificação com elas (BORRILLO, 2010) e, portanto, tornam-nas alvo de chacota como forma de demostrar sua distinção em relação a elas. Essa lógica de contágio, presente nas relações escolares de Sam, produz uma perspectiva relacional que coloca em suspeição a sexualidade de uma pessoa, pelo simples fato dela se aproximar e estabelecer uma relação com alguém que é lido como homossexual. Nessa lógica, a proximidade e o relacionamento estabelecidos podem ser interpretados como signos da homossexualidade da pessoa. Esse fenômeno foi também identificado em um estudo com adolescentes do ensino médio, por meio do qual foi possível verificar uma tendência geral de "rechaço ao

convívio social" com pessoas dissidentes da cisheteronormatividade (TEIXEIRA FILHO, RONDINI e TOLEDO, 2017). Uma lógica de evitação que funciona como forma de preservação da própria identidade (LEMOS de SOUZA, 2008).

Essas agressões constantes somadas a esse isolamento relacional e ao sentimento de diferenciação que Sam sentia referente aos demais meninos tomam contornos extremamente negativos. Nesse período, ele começa a internalizar a homofobia (CASTAÑEDA, 2007; BORRILLO, 2010; NASCIMENTO e TEIXEIRA FILHO, 2010) e pensava: "*eu não sou coisa boa não*". Mergulhado nesse cotidiano de agressões e de sentimentos negativos em relação a si mesmo, Sam começa a perceber que, de fato, "*gostava*" de meninos. Apesar de sentir isso, ele não sabia como nomear o que experimentava em seus afetos, pois "*não entendia o que era ser homossexual ainda [...] o que era passado pra mim era que se eu gostasse de meninas era uma coisa normal, só que não era passado pra mim que ser homossexual também era uma coisa normal... aliás, não era passado, então eu ficava naquela dúvida*".

Esse desconhecimento de Sam em relação a si mesmo e aos seus afetos, produto dessa pedagogia cisheteronormativa à qual somos submetidos, também se relaciona com os diferentes tipos de isolamento aos quais estamos submetidos enquanto homossexuais. Britzman (1996, p. 84) comenta o trabalho de Martin e Hetrick e sugere a existência de quatro tipos inter-relacionados de isolamento vividos por jovens homossexuais: cognitivo, social, emocional e estético. O primeiro resulta do fato de que "o conhecimento, as práticas e as histórias dos gays e das lésbicas não estão disponíveis", não são facilmente acessíveis durante nossa infância e/ou adolescência. O segundo é produto da "rejeição social por parte de jovens e adultos heterossexuais" que evitam o contato, repreendem ou violentam as pessoas homossexuais. O terceiro é resultado do fato de que "ser aberto sobre a própria sexualidade é visto como um ato hostil, enquanto permanecer fechado significa ser rotulado como anti-social". E o último se produz, pois a juventude homossexual deve "rearticular representações recebidas de sexualidade com seus próprios significados, ao mesmo tempo que devem, imaginativamente, construir uma estética e um estilo gays e lésbicos".

Viver toda essa carga e camadas de isolamento sempre foi muito pesado para Sam e os únicos locais onde ele sentia-se protegido de agressões homofóbicas e acolhido naquilo que ele se percebia como diferente eram sua casa e sua vizinhança, onde tinha várias amigas sendo o único menino entre elas. Em tom de pura satisfação Sam relata que ali "*era maravilhoso, porque [...] eram todas meninas. [...] era muito legal, porque [...]*

brincava de bonecas com elas, [...] conversava sobre um monte de coisa". Ali, Sam nunca sofreu nenhuma agressão e vivia na vizinhança como em um oásis de proteção, muito diverso daquele ambiente cada vez mais aversivo que ele encontrava na escola.

Na escola aqueles sentimentos de retração e confusão, que desde muito cedo ele experimentava em sua família extensa, somavam-se agora a afetos ainda mais negativos e despotencializantes: "*era torturante, era angustiante, porque eu não conseguia reagir, eu não conseguia falar "não! Para", eu não conseguia. Até teve uma época que eu nem chamei mais minha mãe para o colégio, porque eu sabia que não ia mais adiantar*". A situação na escola foi ficando cada vez mais insustentável. "*Eu tenho certeza que esse piá é 'viado*'; '*boiola*', *'viado gordo', [...] a manhã inteira ou a tarde inteira*". Uma experiência cotidiana de agressões múltiplas que, ele acentua enfaticamente, ocorriam "*todo dia, TODO DIA*". Por conta dessas agressões, da sua dificuldade de aprendizagem e pela inércia da equipe pedagógica, Sam começa a desenvolver uma aversão intensa à escola, pois sabia que ia chegar lá e "*alguém ia fazer uma brincadeira de mau gosto*", ia agredi-lo. Sam tentava como podia se proteger, mas o desgaste relacional, subjetivo e cognitivo eram imensos (CASTAÑEDA, 2007).

Esses desgastes todos resultam em três reprovações consecutivas na sexta série. Assim, a escola se tornou um ambiente mental e relacionalmente insalubre para Sam e ele já "*não queria mais passar por aquilo*". Por conta disso, resolve desistir da escola: "*não, eu não vou mais pisar no colégio, chega! Pra mim acabou*". Sua mãe foi a única a questionar sobre o que estava ocorrendo e a insistir para que ele tentasse prosseguir com os estudos regularmente, já seu pai limitava-se a dizer "*ele não quer ir deixa ele*". Hoje Sam percebe que esse processo de saída da escola reverbera em sua vida: "*são coisas que me atrapalham hoje, né?! porque se eu tivesse passado pelo segundo grau talvez a faculdade tivesse sido [...] um pouco mais fácil*". Porém, afirma que apesar desses aspectos negativos ainda foi "*[...] melhor fazer isso do que passar pelo que eu passei todo esse tempo na escola*". A desistência/exclusão da escola que marca a história de Sam nos mostra o quanto a homofobia nos coloca nesse (não)lugar "[...]da abjeção, do não-direito a existência pública, do não-direito a expressão de carinho, afeto e erotismo por sua parceria, do não-direito de igualdade" (TOLEDO e TEIXEIRA FILHO, 2014, p. 312).

Sam ainda era adolescente quando desistiu/foi-expulso da escola e, portanto, era legalmente obrigado a estar matriculado e frequentando alguma modalidade de ensino. Sendo assim, foi matriculado no Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Nesse novo contexto ele não experimentava mais agressões, pois o público que frequentava as aulas era "*mais*

adulto". Ainda assim, Sam não se adapta a essa modalidade de ensino, abandona o EJA e se dedica, durante o ano seguinte, a um curso preparatório para o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA). Foi através dessa prova que ele recebeu a certificação de conclusão do Ensino Fundamental. Nessa época, Sam já contava com 17, 18 anos, não soube precisar. Sua resolução era clara "*eu vou fazer de tudo pra eu não pisar em uma sala de aula*". Com essa mesma intenção, mais ou menos dois anos após o ENCCEJA, Sam fez pela primeira vez o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), porém não obteve um bom resultado. No ano seguinte, presta novamente o ENEM conquistando um desempenho melhor que na primeira tentativa. Desse modo, com o resultado das duas provas e sem frequentar a escola, Sam recebeu a certificação de conclusão do Ensino Médio. No ano seguinte, ele se matricula e inicia o curso superior em Psicologia, voltando após mais de seis anos a frequentar regularmente uma sala de aula.

Na graduação, Sam encontra dificuldades na absorção dos conteúdos, devido à defasagem pedagógica produzida pelo fato de não ter frequentado aulas regulares durante boa parte de sua educação básica. Além disso, questões relativas à sua homossexualidade e à homofobia também estão presentes ao longo desse período. Foi durante os anos iniciais da graduação que ele conheceu um rapaz, que estudava na mesma instituição que ele, e começam a se relacionar. Ele "*só estava ficando, não 'tava' tendo um romance, um negócio assim*". Entretanto, esse rapaz contou para sua mãe sobre a relação que tinha com Sam e ela pediu para seu filho parar de vê-lo e se relacionar com ele. Apesar da admoestação da mãe de seu parceiro, eles prosseguiram se encontrando. Passou algum tempo e o rapaz relata que sua mãe insistia para que eles não se vissem mais.

Diante da insistência da mãe do rapaz, Sam acha melhor terminar o relacionamento. Porém, em uma manhã, dias após o rompimento, Sam estava no trabalho e recebe uma ligação de um número desconhecido, era a mãe daquele rapaz. A mãe começa a lhe agredir verbalmente pelo telefone: "*me xingou de tudo quanto é nome, me xingou de 'viado', de 'vagabundo', que era pra eu parar de andar com o filho dela*". Apesar da agressividade da mulher, Sam permaneceu, durante toda a ligação, em silêncio, sem respondê-la. Além das agressões, a mulher disse que sabia o endereço de sua residência, trabalho e onde ele estudava e ameaçou fazer um escândalo caso ele mantivesse contato com o filho dela. Embora tenha permanecido em silêncio, essa experiência não foi sem efeitos. Na verdade, o seu silêncio marca um dos efeitos de todas aquelas agressões e ameaças. Sam se sentiu em "*pânico*", com "*medo*", era um misto de

"*angústia*" e "*raiva*". Ele tinha receio do que poderia resultar disso, tinha medo das pessoas do trabalho descobrirem sua orientação, tinha medo de perder o emprego e, principalmente, tinha medo de que seu pai descobrisse "*da forma errada*". Todos esses afetos eram plenamente justificáveis uma vez que ele ainda vivia parte de sua vida e transitava em muitos espaços dentro do armário (CASTAÑEDA, 2007; SEDGWICK, 2007).

Esse episódio (in)tenso funcionou como um eco amplificador de suas experiências passadas: "*foi um momento assim, que me fez [...] pensar muito a respeito da minha sexualidade e daí voltou tudo aquela coisa que... ainda, ainda tem coisas que eu não aceito em mim... então... hoje eu consigo falar, hoje eu consigo... antigamente eu não conseguia, ainda mais nessa época*". Em resposta à agressão e ao medo das ameaças feitas a ele, orientado por uma advogada que namorava um membro de sua família, resolve registar um Boletim de Ocorrência, porém sem sucesso. Na delegacia, ele foi atendido por um policial que se recusou a fazer o registro do Boletim de Ocorrência de ameaça. Segundo o policial, o boletim só poderia ser registrado se ela concretizasse as ameaças: "*se caso ela for... daí você chama a polícia, mas até então não gera*". Postura policial que demonstra a indisposição institucional de registrar e averiguar crimes cometidos contra a população LGBT, uma maneira de atuação institucionalizada que resulta, quase que invariavelmente, em um processo de culpabilização/responsabilização das próprias vítimas (MOTT, 2003).

A partir desse episódio Sam começa rememorar uma série de paixões que teve ao longo da vida e foram frustradas por diferentes razões. Em larga medida, essas paixões foram frustradas antes do estabelecimento de qualquer relação. Isso ocorre, pois Sam, desde a adolescência, tende a se apaixonar por homens heterossexuais. "*Isso me deixava um pouco chateado, [...] parecia que a homossexualidade era uma coisa ruim*". Sam, apesar de querer namorar, não queria se relacionar com pessoas que aparentassem ser homossexuais por receio de ser alvo de mais agressões ou "*chacotas*". Além disso, seu ciclo de convivência era bem restrito. "*Na verdade na adolescência eu não saí com ninguém, nem com homossexual, nem com 'hetero', nem com ninguém... eu já era um pouco mais reservado*". Essa "reserva" e ausência de relação com outras pessoas, que Sam relata, ainda se constitui uma experiência comum a muitas pessoas homossexuais que vivenciam uma boa parte do seu processo de socialização "[...] centrado na preocupação em se esconder" (BRITZMAN, 1996, p.82).

Além disso, em sua casa, essa não era uma questão que circulava pelas conversas familiares. Então, durante sua adolescência, Sam acreditava que "*ser homossexual era errado*". Pensamento que demonstra como essa pedagogia sexual(LOURO, 2000) cishetornormativa funciona dentro do dispositivo homofóbico (TEIXEIRA FILHO, 2011) inculcando a ideia de que a heterossexualidade é "a" sexualidade natural e boa e a homossexualidade seu oposto, prática antinatural e moralmente degenerada (CASTAÑEDA, 2007; RUBIN, 2017; BORRILLO, 2010). Essa conotação da homossexualidade e a sensação de solidão promovida pelo isolamento relacional que Sam vivia é reforçada pela fala de uma de suas tias que, ao ser informada sobre sua homossexualidade, refere-se, de forma categórica, à solidão vivida por ele: "*ah...você é homossexual, você vai viver sempre sozinho".* Sam acreditava nisso, nessa condenação à solidão, pois era como se ela encontrasse confirmação na impossibilidade de concretização de sua paixões.

A fala de sua tia reforça e demonstra a percepção e pressuposição social da heterossexualidade monogâmica enquanto modelo ideal, saudável e correto de exercício e gozo dos afetos e do sexo (RUBIN, 2017; BORRILLO, 2010). Atrelada a essa percepção é possível observar que, ao afirmar a solidão vivida e vindoura, a tia de Sam implicitamente considera (como a grande parte da comunidade cisheterossexual) que a homossexualidade, assumida por ele, é uma prática que se restringe e se reduz ao ato sexual, sem a consideração dos afetos e sentimentos que são pressupostos apenas nos relacionamentos cisheterossexuais (MADLENER e DINIS, 2007). Essa compreensão estritamente sexual da homossexualidade liga-se a uma visão estereotipada das homossexualidades como relações necessariamente promíscuas, além disso, soma-se à ausência da reprodução biológica (em termos sexuais) e a uma compreensão limitada de família produzindo assim a conclusão "inequívoca" de uma condenação à solidão. Essa forma de perceber as homossexualidades torna-se uma barreira, às vezes intransponível, no processo de assunção das identidades homossexuais, pois reduz a vida e a experiência homossexual a efeitos e afetos tristes e deprimentes (BRITZMAN, 1996). Efeitos e afetos que marcam anos da história de Sam.

Somente mais tarde que ele começa a retificar essa percepção, ressignificar sua experiência e a perceber, através da convivência com outras pessoas LGBT, do estudo e da leitura, que "*a coisa não é assim, que não tem nada de errado, não tem nada assim que... que esteja fora do lugar*". Essa abertura e mudança de percepção começa a se alterar por volta dos 16, 17 anos. Esse processo inicia-se através da internet, onde Sam começa

a pesquisar conteúdos que lhe possibilitassem entender o que se passava com ele. Sam queria entender "*o que era se relacionar com pessoas do mesmo sexo*". Foi através das redes sociais que ele conheceu um homem "*um pouco mais velho*", com quem teve a primeira experiência homoerótica. Sam já tinha "*ficado*" com mulher, porém havia percebido que não era sua "*praia*" e, agora, a partir dessa primeira experiência, ele transforma a dúvida em uma certeza: "*Não! É isso que eu quero!*". Nessa época, Sam era "*muito recatado*", "*muito quieto*" e, por conta disso, quase não saía de casa, então as pessoas com quem ele se relacionava e conhecia eram todas provenientes dos contatos que ele mantinha por meio das redes sociais.

A internet e as redes sociais se configuram, na experiência de Sam e Santhiago (como veremos posteriormente), como uma aliada, como um espaço que lhes viabilizou o encontro com pessoas que estavam atravessando momentos e experiências semelhantes. Essa relação com a internet marca uma diferença geracional muito evidente entre as experiências de Sam e Santhiago e as dos demais participantes desse estudo. No caso dos adultos, que participam da pesquisa, o que encontrei foi o depoimento da absoluta desinformação em relação às homossexualidades, as dificuldades em (re)conhecer outras pessoas LGBT e ainda a identificação da ausência da internet em suas adolescência e juventude, momento em que consideram importante essa ferramenta para as gerações mais novas como estratégia e um território de (re)conhecimento, estabelecimento de alianças e formação identitária.

Pertencendo e vivenciando uma outra geração, tanto Sam quanto Santhiago destacam a importância do acesso e dessa relação com a internet. Em ambos pude perceber a internet como um espaço privilegiado do encontro, mesmo que virtual, um espaço que potencializou esses participantes minimizando, em certa medida, a sensação de solidão que experimentavam ao se defrontar com suas dúvidas, angústias, sofrimentos, mas também quando se viam diante de seus desejos, afetos e atrações.

Vale destacar, porém, que não podemos cair na armadilha de romantizarmos e purificarmos esses espaços virtuais. Nesse sentido, Sam relata que o ambiente virtual e a própria comunidade LGBT, com a qual ele começava a ter contato, não é livre de preconceitos e homofobia. A internet e as redes sociais são produtos e partes constituintes do tecido social e, por conseguinte, (re)produzem também as mazelas, preconceitos e violências que estruturam a nossa sociedade. Elas não são espaços livres de manifestações homofóbicas, antes disso, em muitos casos, elas favorecem, por meio do anonimato, a propagação de discursos e práticas homofóbicas. Por isso, é necessário salientar que

ambos os participantes relatam experiências em que foram vítimas de manifestações discriminatórias de cunho racista, classista e gordofóbico atreladas a uma compreensão cisheteronormativa e homofóbica por parte, inclusive, de pessoas que compõem a comunidade LGBT.

Isso aparece marcado no discurso dos jovens participantes da pesquisa quando relatam suas experiências de não conformidade com a busca do padrão estético estandardizado na comunidade homossexual masculina: homem-cis, branco, com "boa aparência", corpo definido e/ou malhado, classe média/alta, com uma aparência geral heteronormativa em termos de vestimentas, voz, gestos e forma de andar, uma representação de "masculinidade" e "virilidade". Um padrão que não se restringe apenas ao corpo, à compleição física, cor da pele ou aparência da face, um padrão que se estende a todas as esferas da vida.

Sam relata a interseção entre homofobia e gordofobia ao narrar que, na busca de um determinado padrão estético, muitas pessoas se recusam a conhecê-lo ou a sair com ele: "*'Não, não eu não saio com gordinhos', 'Não saio com isso, não saio com aquilo' [...] 'Não, você não' [...] eles nem faziam nem amizade por causa disso*". A constituição desse "*padrão*" pauta-se também na constituição de uma dimensão estética da existência. Existe um imperativo estético que molda nossas experiências, (de)forma nossos corpos e nos aloca em determinados nichos no olhar e na valoração que atribuímos aos outros e a nós mesmos e que eles, por conseguinte, atribuem a nós. Nesse sentido, é possível perceber nos relatos de Sam o modo como o gordo e homossexual não são aceitos ou não encontram lugar dentro desse imperativo estético da nossa sociedade. Essa ausência de aceitação ou de lugar restringem os corpos à ocupação de posições de exclusão como aqueles que são rejeitados e indesejados ou produzem uma lógica de alocação e inclusão perversa ou marginal condenando-os ao lugar de exotismo, peculiaridade, curiosidade e "fetiche" nas fantasias e nas relações sociais. Nesses lugares e posições não são sujeitos, não são indivíduos, não têm identidade, são objetos/mercadorias, massa amorfa e pasteurizada.

Percebemos que no caso de Sam o fato de ser gordo conectou-se à orientação sexual produzindo uma experiência extremamente aversiva e violenta, tanto em seu trânsito na escola quanto na internet e nas redes sociais. Esse marcador (compleição física) junto com a homofobia demonstram que o corpo funciona como instrumento e objeto de ação moral (FOUCAULT, 2017b). Uma forma de conceber o corpo que está presente nos diferentes formatos e discursos de culto ao corpo, à juventude e a um

determinado padrão estético veiculados nas propagandas, nos produtos da indústria cultural e do entretenimento e que aparecem também como foco das indústrias estética e farmacêutica. Assim, a máxima apontada por Foucault (2017c, p. 128), "boa saúde e [...] bom estado da alma", ainda hoje sustenta as críticas, os juízos de valor e as diversas práticas disciplinadoras e normatizadoras dos corpos em decorrência das diferentes compleições físicas e das múltiplas formas de usos do corpo para obtenção de prazer e satisfação sexual. A busca pela "saúde" do corpo não está apartada de uma compreensão e de um regime morais do corpo. No caso de Sam, vemos que os juízos morais e as violências, decorrentes tanto da homofobia e cisheteronormatividade quanto da gordofobia, se articulam e se projetam sobre seu corpo por meio de ações violentas e disciplinadoras. Sua narrativa mostra também como esses discursos e práticas invadem os mais diferentes territórios subjetivos e sociais estando presentes, de uma maneira ou de outra, mais direta ou indiretamente, em nossos pensamentos, ações, relações afetos e desejos. Uma presença perene, mesmo que às vezes implícita.

Sam vivia e ainda vive essa experiência contraditória com as relações virtuais, sendo que, fora das redes sociais, as únicas pessoas com as quais conversava sobre as questões relativas à sua homossexualidade eram sua mãe e um cabeleireiro que tinha um salão na vizinhança. Ali, com esse cabelereiro, que também era homossexual, Sam encontrou um espaço de acolhida onde ele podia deixar suas confidências, se acalmar e se tranquilizar de seus temores e também, de certa forma, receber orientações. "*Ele era uma espécie assim de conselheiro assim [...] ele meio que clareava as coisas pra mim*". Sua mãe e seu cabelereiro eram as pessoas com quem ele mais podia contar e, nesse sentido, ele evitava tratar sobre a sua homossexualidade com outras pessoas, pois temia que se isso se "*espalhasse*" e seu pai viesse a saber. Sam não queria isso. "*Se ele viesse me questionar eu não ia saber o que falar pra ele [...] se meu pai viesse a me expulsar de casa, vamos supor... que era o que me vinha muito na minha cabeça. Como que eu iria me virar naquela época, né? Hoje em dia já não, se chegar nos ouvidos do meu pai e meu pai chegar a me expulsar de casa, eu tenho como me virar. Agora... naquela época não ia ter como*".

Em meio a esses temores, Sam evitava qualquer espaço ou relação que pudesse propiciar a descoberta de sua homossexualidade por parte de seu pai. Hoje ele se sente mais preparado para responder a qualquer questionamento de seu pai, ou de seu irmão mais velho, além disso, também possui meios "*de se virar*", ou seja, em uma eventual reação negativa dos homens da família Sam tem meios de se manter financeiramente.

Esse último elemento da fala de Sam é importante, pois como sabemos a dependência financeira é um dos elementos fundamentais da manutenção do armário (CASTAÑEDA, 2007). As dependências financeira e afetiva se cruzam de maneiras diversas na experiência homossexual e se traduzem no temor quanto à manutenção da relação familiar e quanto à própria sobrevivência material. Há, neste ponto, um processo de sobreposição entre a dominação e o vínculo financeiro que engendra diferentes expressões da homofobia familiar (TOLEDO e TEIXEIRA FILHO, 2014). Entretanto, apesar de hoje não vivenciar mais essa relação de dependência financeira absoluta, Sam ainda não conversou abertamente sobre sua homossexualidade com os demais homens da família. Sam teme causar algum tipo de sofrimento ao seu pai - "*eu não vejo problema [...] em eu ser homossexual, o problema é eu acabar promovendo um sofrimento a mais pro meu pai*". Enquanto Sam busca não produzir sofrimento no outro, é ele quem sofre. Exemplo disso foi o relacionamento que terminou recentemente e que, apesar de ter durando dois anos, não foi vivenciado como uma relação familiar. Sam nunca apresentou seu namorado para a família nem o levou até a sua casa, com receio das ressonâncias que isso poderia gerar. Ele é impelido a viver uma lógica constante de evitação (SCHULMAN, 2010) que o massacra relacional e subjetivamente.

Ao não falar abertamente sobre a sua homossexualidade com os homens de sua família, Sam mostra o quanto a cisheteronormatividade promove o aprendizado duradouro de que as práticas consideradas "inapropriadas" ao gênero e à heterossexualidade devem ser silenciadas e dissimuladas (LOURO, 2003). Em posição próxima, Zanello (2018, p. 48), ao exemplificar e discutir a atuação das tecnologias de gênero afirma que, no caso das mulheres, "[...] o silêncio é o preço a se pagar para manter uma relação heterossexual". A afirmação da autora e a narrativa de Sam me fazem pensar o quanto, no caso de pessoas LGBT, o silêncio também funciona como moeda de troca na sustentação de relações com a comunidade heterossexual. É necessário silenciarmos sobre nós mesmos na tentativa de adquirirmos salvo-conduto nos territórios dominados pela cisheterossexualidade.

Assim, em meio a esses silenciamentos, o medo e o sofrimento se misturam na história de Sam. Ele não assume sua homossexualidade para seu pai e seu irmão com medo do sofrimento que isso possa gerar e, ao mesmo tempo, sofre por não contar: "*eu seria uma pessoa mais... mais verdadeira com ele, mas eu não... mas que nem eu falei, eu tenho medo da reação dele, eu tenho medo de como ele vai encarar isso, e...então eu evito contar, eu evito tocar no assunto, pra não acabar deixando ele ruim*". Em situação

similar à identificada por Toledo e Teixeira Filho (2014, p. 139), Sam sofre com a (im)possibilidade de falar sobre sua homossexualidade com seu pai, sendo que não precisar recorrer ao segredo "é ter o direito a existência, o que é legitimado na simples possibilidade de falar de si".

Esse possível sofrimento que poderia ser causado ao seu pai seria um derivado das expectativas do próprio pai. "*Eu acho que o meu pai gostaria que eu me casasse com uma mulher, que eu fosse ter filho, que eu...enfim, formasse uma... uma família tradicional [...] Tanto que ele pergunta [...]: 'Quando você vai me dar os netos?'*". Em relação a sua mãe Sam não teve o mesmo *mix* de medo e sofrimento, tampouco sentia-se pressionado quanto à formação de uma "*família tradicional*". Quando ele assumiu a sua homossexualidade a resposta de sua mãe não foi negativa, ela demonstrou receptividade, aceitação e preocupação com sua felicidade. "*O importante é que você seja feliz, né?! independente se você vai ter filho se não vai, se... com quem você vai casar. O importante é você ser feliz*".

Na narrativa de Sam é possível perceber que sua dificuldade quanto à assunção da homossexualidade para os homens de sua família se cruza e se articula com o ideal cisheteronormativo de constituição familiar (projeção ideal que é também constantemente (re)produzida e reforçada nos discursos e práticas escolares). Essa intersecção produz tanto o medo quanto o sofrimento que ele relata e que pavimentam o percurso do experiencial do luto da heterossexualidade (CASTAÑEDA, 2007; MODESTO, 2015). Assumir a homossexualidade é frustrar o projeto cisheteronormativo que constitui suas relações familiares e frustrar também as expectativas quanto à reprodução da masculinidade hegemônica que, de modo geral, constitui a experiência dos demais homens da família. Um tipo de frustração que passa pelo receio da perda da "virilidade", da "masculinidade" e da possibilidade (re)produtiva.

O medo e o receio que Sam vivencia é compreensível, pois somos impelidos desde a infância a assumir um projeto de constituição de uma família através do casamento e da geração de uma prole que reproduzirá e dará continuidade a nossas famílias. Assim, ao nos percebermos como homossexuais, nos defrontamos com a frustração, mesmo que parcial, de todas essas expectativas e anseios familiares que se projetaram sobre nós. Falo em frustração parcial, pois podemos constituir família e termos filhos, porém fora dos padrões projetados sobre nós, uma compreensão que parece marcar, mesmo que implicitamente, o discurso da mãe de Sam.

A mãe de Sam sempre esteve ao seu lado desde a infância, comprando suas bonecas, tentando lhe proteger dos ataques homofóbicos na escola, passando pela época em que ele assumiu para ela e chegando no presente quando ele busca viver mais sua homossexualidade. A presença e apoio de sua mãe sempre foi muito importante para Sam, sentindo-se mais fortalecido quando se assumiu para ela. Esse fato o encorajou a contar para algumas tias e amigas da vizinhança, as quais também o acolheram sem demonstrar qualquer resquício de homofobia. Desse modo, a boa receptividade da mãe e das amigas da vizinhança se constituíram como importantes eventos na sua história, pois foi a partir dessas relações e reações que ele percebeu que "*podia falar pra outras pessoas*" sobre a sua homossexualidade. Foi assim que, através de sua mãe, de suas amigas, de seu cabeleireiro e das redes sociais, Sam começou a tecer uma rede de relações as quais lhe possibilitaram constituir um espaço de acolhida por onde podia transitar e descobrir mais sobre sua própria homossexualidade.

Apesar de todas essas relações, Sam dá ênfase à importância das redes sociais as quais possibilitaram que, por volta de seus 18 anos, ele começasse a sair mais e a conhecer outros rapazes. Embora saindo mais, conhecendo e se relacionando com outros rapazes, ele ainda refletia bastante e tinha dificuldades em relação à aceitação de sua orientação sexual. Por conta disso, só teve sua primeira relação sexual aos 27 anos de idade. "*Pra mim foi um processo meio longo até eu entender, foi um processo meio complicado ainda, porque eu [...] tinha a visão que ser assim era errado, então por eu pensar assim o meu processo ele parece que foi um pouquinho mais devagar, até eu ir aceitando tudo até eu ir entendendo tudo*".

A narrativa de Sam mostra uma vivência ainda comum a muitos de nós. Vivemos em grupos e relações parciais, pois não encontramos modelos que possibilitem identificar e experimentar sermos quem somos, nossa sociedade é construída de um modo que nega a nossa existência, nossa experiência e a nossa história. Somos talhados para sermos cisheterossexuais e na ausência de modelos identificatórios precisamos construir de forma, muitas vezes, precária nossos próprios espaços e percursos formativos, mergulhados nesses processos de (de)formação aos quais estamos (a)sujeitados nas relações sociais, institucionais e familiares. Esse tempo e energia demandados à fabricação desses espaços e percursos, não raras as vezes, resultam num "adiamento" ou retardamento do início da vida sexual ativa quando comparamos esse processo à experiência heterossexual.

Castañeda (2007, p. 83-84) nos ajuda a discutir esse "adiamento" experimentado por Sam. A autora compara as trajetórias de vida de hetero e homossexuais e nos mostra que

> na vida dos heterossexuais, a seqüência nas relações amorosas progride em complexidade e profundidade, desde as paqueras da adolescência até os amores da juventude, depois até a coabitação ou casamento e a paternidade, e assim por diante. As etapas da vida sucedem-se de uma maneira mais ou menos previsível; e cada uma delas prepara, de algum modo, a seguinte. Raramente esse é o caso para os homossexuais. Um menino pode estar apaixonado por outro sem nunca expressar, dividir, nem consumar seus sentimentos, passando assim ao largo da experiência tão necessária dos amores da adolescência. Uma pessoa pode viver sua primeira paixão homoerótica aos cinqüenta anos sem ter tido a experiência que lhe permitira situá-la e entendê-la. Duas mulheres podem começar a coabitar depois de algumas semanas sem ter passado pelas etapas anteriores, que se teriam preparado para tal compromisso. Isso significa que as etapas do desenvolvimento heterossexual não se sucedem necessariamente na mesma ordem, nem do mesmo modo, entre homossexuais.

Por conta dessa frustração de suas paixões e desejos, somada à dificuldade de aceitação da própria homossexualidade e aliada à gordofobia, Sam atravessou, aos 21 anos de idade, uma forte crise emocional. "*'Por que que eu sou assim?' 'Por que eu...?' Sabe?! me culpando por não conseguir... por não... sei lá, não ser da preferência do outro então aquilo me judiou muito*". Nessa época, ele sentia-se "*muito confuso*", essa confusão lhe gerava ansiedade e essa última raiva e posteriormente depressão "*fora do comum*". Sam estava com muita dificuldade em lidar com tudo isso que vivenciava e todos esses afetos negativos se transformaram em gatilhos de ideações e algumas tentativas de suicídio. Com histórico de suicídio na família, ele via essa alternativa como a única maneira de pôr um fim em seus sofrimentos. Com essa percepção, em algumas ocasiões, Sam se automutilava e em outras ingeria uma grande quantidade de medicamentos e bebida alcóolica. Porém, as suas tentativas de suicídio foram todas frustradas. Percebendo todos esses afetos e o sofrimento que isso também causava a sua mãe, Sam decide procurar ajuda psicológica. Nesse momento, Sam já tem a clara percepção de que "*não adiantava conversar com a minha mãe, não adiantava eu conversar com as minhas amigas, eu precisava conversar com alguém de fora, eu precisava de alguém de fora falasse o que estava acontecendo, alguém que de fato entendesse, aí eu peguei e fui aí eu comecei a terapia*".

Foi através desse processo psicoterapêutico que "*a coisa também foi normalizando, a coisa foi tendo um pouco mais de controle*". Somando-se ao processo terapêutico ele começou a conviver mais com outras pessoas homossexuais, através das redes sociais, dos encontros pessoais e posteriormente em sua sala de aula no curso de

Psicologia. Todos esses processos, encontros, pessoas e relações que ele começou a conhecer, produzir e partilhar foram muito importantes para repensar a forma negativa com que ele via sua homossexualidade. Através da convivência cotidiana, sua "*resistência*" à homossexualidade começou a se arrefecer. Aos poucos, ele começou a vislumbrar que a sua homossexualidade "*não era do jeito como eu estava olhando, que a coisa é um pouco diferente, não era aquela, aquela dramatização que eu fiz toda... que eu fiz minha vida inteira... ali eu vi que já era um pouco mais tranquilo, que não tinha nada do que ter vergonha, do que não aceitar*".

Essa (re)configuração e (re)construção identitária que Sam relata é uma experiência comum e, ao mesmo tempo, muito diversa em nossas histórias. Britzman (1996, p. 83), ao discutir o conceito de "dissonância cognitiva", afirma que nesse processo de assunção identitária a própria categoria homossexual precisa ser ressignificada. Segundo a autora,

> os próprios significantes "gay" e "lésbica" devem ser rearticulados de forma que sejam prazerosos, interessantes e eróticos. Isso é assim pelas seguintes razões: a insistência histórica em se vincular a homossexualidade com formas de patologia e doença; o pressuposto de que a homossexualidade é não natural; o estigma e as ilegalidades das práticas gays e lésbicas; o pressuposto da homogeneidade, de que as relações entre sexos iguais são todas iguais [...].Além disso, a rearticulação do significante "homossexualidade" exige que a heterossexualidade seja desvinculada dos discursos da naturalidade e dos discursos da moralidade. (BRITZMAN, 1996, p. 83).

Processo de ressignificação que não é simples e não se faz de uma única vez, mas vem se mostrando fundamental na história de Sam. Assim, hoje, ele acredita lidar melhor com a condição de seu corpo e com sua homossexualidade, ele consegue se relacionar com outras pessoas sem o medo do que elas vão pensar e sem o policiamento sobre suas atitudes, gestos e falas que antes eram tão presentes. Por conta de tudo isso que viveu durante a sua vida, Sam pretende, após se formar, trabalhar, como psicólogo com a comunidade LGBT. Ele acredita que pode através de sua experiência contribuir para a transformação dessa realidade compartilhada por tantas pessoas LGBT. Olhando para sua própria história Sam percebe o quanto a vivência cotidiana das angústias, medos e agressões homofóbicas somadas à ausência de informações e de intervenções adequadas produzem sofrimentos físicos, relacionais e subjetivos das vítimas de homofobia. Assim, a partir de sua experiência, de sua história de vida, Sam pretende contribuir para que as pessoas LGBT, as quais estejam passando por situações similares às suas, percebam que

esse processo "[...] *não precisa ser tão dolorido assim, que não precisa ser tão massacrante assim que nem foi o meu*".

SEGUNDO ENCONTRO: CAMINHANDO COM VICTOR

A segunda pessoa que se dispôs a participar da pesquisa foi Victor. Ele entrou em contato através do meu perfil no Facebook propondo-se a contribuir com a pesquisa. Minha primeira reação foi de surpresa, pois já conhecia Victor de um de meus empregos. Embora trabalhando em Políticas Públicas diversas, tivemos alguns contatos inicialmente quando buscávamos organizar uma movimentação de trabalhadores de diferentes setores e políticas em busca de melhorias salariais. Além disso, por atuarmos na rede intersetorial local também havíamos nos encontrado algumas vezes. Fiquei muito feliz com a disponibilidade que ele demonstrou ao aceitar participar desse processo, pois, conhecendo parte de sua trajetória, sentia que seria um encontro muito potente.

Victor ocupa uma posição fundamental dentro da estrutura organizacional do Município, é professor universitário, vivenciava o processo de finalização de seu Doutorado, e ainda tem sua rotina familiar. Sabia que Victor dispõe de pouco tempo, porém, ainda assim, ele se disponibilizou para ser um dos participantes desse trabalho. Após trocarmos algumas mensagens e conversarmos um pouco sobre a pesquisa, definimos o local, data e horário do nosso encontro. Por conta de sua rotina carregada de atividades, Victor optou por nos encontrarmos em seu trabalho e assim o fizemos.

Em uma quarta-feira, às 9h da manhã, estava na recepção de seu gabinete. Sua secretária anuncia minha chegada e pede que eu aguarde alguns minutos até que Victor possa finalizar algumas atividades. Depois de alguns instantes, Victor passa por mim na recepção, nos cumprimentamos e ele, acompanhado de um servidor, pede que eu aguarde um momento até que possa solucionar uma situação. Logo após, Victor retorna me cumprimenta novamente e me conduz até seu gabinete. Entramos e conversamos sobre nossas rotinas, nossas pesquisas e sobre a sua banca de qualificação, que havia ocorrido na semana anterior. Esse terceiro encontro de entrevistas foi ainda mais tranquilo que o anterior e em nada lembrava o nervosismo do primeiro. É certo que o fato de já conhecer Victor me deixou mais à vontade, porém percebo que também há uma mudança na forma como a pesquisa vai se processando. É como se uma intimidade com o trabalho começasse a se produzir e isso é um sentimento precioso e de difícil tradução.

Nesse clima mais descontraído e leve, após explicitar todas as características e objetivos da pesquisa e com a anuência de Victor em prosseguir com sua participação, demos início à entrevista. A narrativa de sua história de vida transcorreu com naturalidade

e fluidez, o que fazia desse encontro mais que uma entrevista para uma pesquisa, um encontro entre duas pessoas dispostas a conversar e a conhecer a história uma da outra. Foi uma experiência muito positiva, havia algo de um contentamento, de uma felicidade pela realização desse trabalho, porém, ao chegar em minha casa, constatei que, devido a um problema na captação do áudio (haja vista que conectei o cabo do microfone ao gravador de maneira invertida), todo o nosso encontro havia se transformado em um grande silêncio. Uma hora e vinte e dois minutos de puro silêncio. Minhas pernas estremeceram. Fiquei muito triste, frustrado e custei a acreditar que todo aquele relato havia sido silenciado, mas não havia o que ser feito a não ser realizar novamente a entrevista.

Apesar de lamentar a não gravação desse encontro, ele não deixou de ser produtivo e potente. A própria ausência da gravação me fez refletir sobre a nossa experiência enquanto pessoas LGBT. Essa uma hora e vinte e dois minutos de puro silêncio me fez pensar nos processos de silenciamento que nos são impostos por diferentes dispositivos que se constituem no tecido social. Nossas experiências, nossas histórias e, não raras as vezes, a nossa própria vida são silenciadas. Toda uma serialidade de silenciamentos produzidos por nossas famílias, amigos, colegas de trabalho. Silenciamentos impostos pelas igrejas, escolas, meios de comunicação, pelo sistema jurídico e pela ausência de políticas públicas e de segurança. Somos constantemente silenciados pelo funcionamento geral e estrutural dessa sociedade. Simultânea e contraditoriamente também nos silenciamos em relação às violências sofridas por outros corpos dissidentes, corpos que não são atravessados pelos mesmos marcadores que os nossos; ou ainda acabamos por, direta ou indiretamente, silenciá-los e invisibilizá-los (NAVASCONI, 2019; RIBEIRO, 2017).

Sem dúvida alguma, muitos silenciamentos e muitos silêncios nos constituem, porém nem todo silêncio é uma imposição, uma violência. Há silêncios necessários. Há silêncios desejantes. Há silêncios potentes, produtivos, fabris. Há silêncios que curam, libertam, acalmam. Inevitavelmente todo silêncio comunica, diz, fala. Alguns silêncios chegam a gritar, são silêncios inquietos, exigentes, decididos. Os silêncios estão por aí distribuídos no dia a dia. Os silêncios estão aqui em cada vírgula, ponto e reticências que compõem. Quantos silêncios você ouviu hoje? Quantos deles você escutou? Quantos silêncios você produziu? Quantos lhe foram impostos? São muitos os silêncios.

Esse acaso da pesquisa fez justamente com que me defrontasse com esses silêncios, me fez voltar a atenção para eles. Esse episódio foi muito importante para mim,

pois me fez perceber e refletir sobre o (não)lugar e a (des)atenção que, muitas vezes, temos destinado aos silêncios em nossas pesquisas e práticas profissionais. Esse episódio me fez pensar na importância basilar e constitutiva que os silêncios têm na produção da nossa escuta (CASTAÑEDA, 2011). E nesse espírito, ainda sob efeito dessas reflexões e de todos esses afetos contraditórios, positivos pelo encontro e negativos pelo silenciamento da narrativa, entrei em contato novamente com Victor. Relatei o ocorrido e, após me desculpar pelo transtorno, pedi se havia possibilidade de realizarmos novamente a entrevista.

Victor prontamente se disponibiliza para nos encontrarmos novamente, porém diz não ter certeza se lembraria de tudo que havia relatado. Victor diz que veria uma nova data para que pudéssemos nos encontrar novamente. Em decorrência da sua rotina de trabalho e da finalização do Doutorado, passou-se mais de um mês até que, de fato, conseguíssemos nos encontrar para que ele pudesse relatar, finalmente, sua história. Em uma sexta-feira, às 9h da manhã, novamente o aguardava na recepção de seu gabinete. Logo após ser anunciado, entramos. Inicialmente conversarmos sobre sua defesa do Doutorado e sobre o nosso último encontro, essa conversa foi ainda mais descontraída que a anterior, talvez pelo peso da finalização do Doutorado ter se arrefecido, ou por ser meu quarto encontro da pesquisa, mas acredito que o fato de agora já conhecer sua história produzia um efeito de proximidade ainda maior. E, nesse clima, descontraído e próximo, retomamos a narrativa de sua história de vida.

Victor é um homem-cis gay, branco, com 44 anos de idade. Graduado em Enfermagem Obstetrícia, Victor terminou seu Doutorado na semana anterior ao nosso encontro. Ele trabalha na área de saúde desde sua graduação, é servidor público municipal e estadual, atualmente ocupando um cargo de chefia na Política de Saúde do Município de Cascavel-PR. Além da carreira no serviço público, ele também atua como professor universitário e sua renda mensal é de aproximadamente 25 salários mínimos. Victor é casado e mora com seu esposo, Hugo e seus dois filhos, Alexandre e Antônio, ambos com 16 anos de idade. Moram com eles mais duas jabutis, duas cachorras e alguns pássaros, seus animais de estimação que são como membros de seu núcleo familiar.

Natural de Jaraguá do Sul-SC, Victor mudou-se para o Estado do Paraná ainda criança, por volta dos sete anos de idade. Filho de uma família luterana "*muito tradicional*", seu pai é pastor da Igreja e sua mãe professora. Além de Victor, seus pais tiveram mais quatro filhos, sendo ele o segundo mais velho. Entre seus irmãos e irmãs, ele teve, ao longo da infância e da adolescência, uma relação de proximidade muito maior

com sua irmã mais velha e com sua irmã imediatamente mais nova. Com o casal de irmãos mais novos, sua relação sempre foi de distanciamento, pois possuem uma grande diferença de idade. Quando se mudou para o Paraná, sua família foi residir na cidade de Palotina-PR, cidade próxima a Cascavel-PR. Essa mudança ocorreu por conta do trabalho de seu pai, que havia sido convocado para assumir as atividades pastorais na comunidade luterana da cidade. Victor teve sua formação muito ligada à igreja luterana e permanece praticante dessa confissão religiosa até hoje.

Quando atingiu a idade escolar, Victor frequentava um colégio particular, de sua cidade, onde era alvo de "*bullying*". Ele não gostava de futebol e esse desinteresse era motivo de "*gracinhas*", sendo "*[...] muito citado nas brincadeiras dos meninos*". Nessa época, ele ainda não tinha percepção, não conseguia identificar que essas agressões estavam relacionadas à sua homossexualidade. Dos dois primeiros anos do ensino primário ele não tem recordações claras dessas agressões. Entretanto, a partir do terceiro e quarto anos essa experiência das agressões começa a tomar um contorno mais claro encarnado no "apelido" através do qual os garotos zombavam dele: "*Victor boneca*". Contudo, Victor não compreendia muito bem por que era tratado de maneira diferente e agredido pelos demais garotos. Na busca de um sentido para as agressões sofridas, ele ligava esse tratamento agressivo ao fato de não participar das brincadeiras dos meninos, realizar afazeres domésticos, uma atividade comum a todos os membros de sua família, mas que o distinguia dos demais garotos que reconheciam o trabalho doméstico como atividades ligadas às mulheres. Ainda criança, Victor faz uma coerente análise das suas relações sociais. Sua percepção mostra como a depreciação das características e comportamentos lidos como femininos se constitui como componente fundamental das agressões homofóbicas (WELZER-LANG, 2001) que atingem todas as pessoas e não apenas os homossexuais (TEIXEIRA FILHO, 2012; TOLEDO e TEIXEIRA FILHO, 2013). No mesmo sentido, Louro (2003, p.48) afirma que "aqueles homens que se afastam da forma de masculinidade hegemônica são considerados diferentes, são representados como o outro e, usualmente, experimentam práticas de discriminação ou subordinação". Desse modo, Victor, por não se ajustar às expectativas e padrões de gêneros que constituíam suas relações sociais, era vítima dessas "*gracinhas*", "*brincadeiras*" e apelidos (GODOI e ARANTES, 2012).

Nesse período, Victor começou a participar do grupo de escoteiros e da "*escolinha*" de basquete. Embora seu espaço de convivência fosse ampliado, para além da escola, da família e da igreja, ele não se reconhecia ali, nesses grupos. Victor se sentia

"*deslocado*", como "*um peixinho fora d'água*". Ele não conseguia estabelecer vínculos afetivos com os demais integrantes desses grupos e isso produzia nele uma sensação de deslocamento, "*eu era mais isoladinho, na minha*". "*Eu tinha uma sensação de que eles sentiam alguma coisa em mim que nem eu sabia. Nem eu reconhecia o que era*". Além disso, os assuntos que eram pauta nas rodas de meninos não lhe despertavam nenhum interesse, eles só falavam de futebol e carrinhos e Victor não se identificava com essas brincadeiras ou conversas. Apesar disso, no basquete ele nunca experimentou nenhum tipo de agressão, pois era um espaço público formado por um grupo "*bem mais heterogêneo e de diversas classes*". Na época, ele também fazia aulas de música, ali ele aprendeu a tocar flauta, piano e violão, mas sempre buscou esconder dos seus colegas. Ele escondia especialmente o fato de que aprendia e sabia tocar flauta e piano, pois ele "era *o único menino na escolinha de piano*". Apesar de gostar muito desses instrumentos, ele não falava sobre isso, pois "*não era uma coisa muito bem vista pela 'mulecada', né?! Eram coisas mais femininas mesmo*".

Esses sentimentos de inadequação e de não pertencimento que Victor vivenciava (que ele representa metaforicamente como sendo "*um peixinho fora d'água*" ou mais claramente falando do seu desenraizamento como um "*deslocado*") são muito comuns em nossas infâncias. São sentimentos que se produzem nas relações sociais que estabelecemos e paulatinamente são introjetados passando a ser uma companhia constante, mesmo quando não há qualquer reação externa à nossa presença. Nesse sentido, Teixeira Filho (2012, p.97) acredita que a pessoa que vivencia a homofobia pode, " [...]ela mesma, se sentir uma "estranha" nos espaços de socialização que circula. Não por questões específicas de sua pessoa, mas por conta da não aceitação social da homossexualidade". E por sentirmos e vivenciarmos esse estranhamento relacional nós mesmos acabamos por nos "esconder" e "esconder quem somos e o que fazemos. "[...] Aprender a se esconder torna-se parte do capital sexual da pessoa" (BRITZMAN, 1996, p. 83). Esse foi um aprendizado que se consolidou e se cristalizou na experiência de Victor e assim ele seguiu escondendo e se escondendo.

Foi nesse misto de isolamento e ocultamento de si mesmo que nos anos seguintes (entre 10 e 11 anos de idade) "*a coisa começa a ficar [...] mais tensa nas brincadeiras*". Nesse período, ser chamado de "*Victor Boneca*" se tornou uma constante no seu cotidiano e, por conta disso, ele procurava não frequentar os banheiros da escola no intervalo, antes ou depois da aula, pois identificava esse espaço como potencialmente perigoso por ser um lugar mais íntimo e, ao mesmo tempo, propício a agressões e constrangimentos. Desse

modo, o constrangimento funciona como estratégia de controle que faz parte e constitui o cerne da forma como se estrutura a relação com e entre as crianças. Por meio de uma série de estratégias que buscam, através de humilhações constantes, "endurecer" os meninos fazendo-os"[...]sentir vergonha constantemente durante a fase de crescimento, partindo da ideia de que um garoto precisa ser disciplinado, endurecido, agir como um "homem de verdade", ser independente e manter as emoções sobre controle" (GODOI e ARANTES, 2012, p. 60).

Victor era vítima desse processo tão naturalizado de uso do constrangimento que na sua repetição constante acaba por ser internalizado assumindo a forma de vergonha. A vergonha é descrita por Nascimento e Teixeira Filho (2010, p. 976) como um mecanismo de controle que nos aprisiona e nos impede de fugir das margens comportamentais, afetivas e relacionais que nos são impostas socialmente. Um afeto que nos mantém invisibilizados, silenciados e imobilizados de um tal modo que não temos possibilidade de caminhar no sentido do encontro de espaços e pessoas que nos possibilitem viver abertamente quem nós somos. A vergonha funciona assim como uma importante estratégia política de opressão dos nossos corpos, desejos e afetos.

Vivendo nesse contexto de constrangimento e vergonha Victor não entendia o que motivava as agressões e muito menos associava isso à homossexualidade. Não havia como ele saber, sequer imaginar. Ele " *[...] não tinha clareza do que que isso significava em termos de homossexualidade porque o acesso à informação naquela época era muito restrito e eu não tinha nenhuma referência de homossexualismo, homossexualidade... eu não conhecia ninguém, a cidade era pequena, nunca tinha ouvido falar de ninguém, a TV não mostrava. Então pra mim... na verdade eu não sabia que isso existia*".

Apesar de na escola, nos escoteiros e no basquete Victor se sentir "*deslocado*", ele ainda tinha suas irmãs e as "*meninas da rua*" com quem brincava e onde encontrava um espaço de pertencimento. Mesmo com essa relação próxima com suas irmãs e amigas, nunca contou para elas sobre as agressões que sofria ou lhes pediu ajuda em relação ao assunto. Ele se sentia "*muito chateado*", pois as agressões estavam se tornando cada vez mais recorrentes, porém passou por todas as agressões e conviveu com todos os afetos negativos sozinho. "*Não conversava isso com ninguém, eu não tinha pessoas próximas que eu pudesse falar sobre [...] 'num' tinha nenhuma referência, não conversava, não sabia exatamente do que eles estavam falando*". A única reação que ele conseguia esboçar em relação às agressões era se afastar, se "esconder".

Esse cotidiano de agressões perdurou todo o ensino secundário. Já no final desse período Victor começou a ter alguns contatos com conteúdos relacionados às sexualidades. No oitavo ano, ele vê as primeiras imagens de pornografia em uma revista que lhe foi emprestada por um colega de turma. Apesar de começar a acessar conteúdos relativos às sexualidades e à pornografia, ele "*ainda não tinha a noção da questão de homossexualidade, nada*". Enquanto Victor não tinha noção sobre isso (da sua homossexualidade e de como era viver essa orientação sexual), seus colegas já projetavam isso nele há muito tempo. "*Eu acho que eles descobriram essas coisas antes do que eu, eu ainda era muito... muito babaca, muito... muito babaca*". Victor projeta em si mesmo a razão de não saber sobre sua própria homossexualidade. No entanto, ele não é a causa de seu desconhecimento. É preciso considerar que esse saber não se constitui apenas em um conhecimento informativo, antes disso ele é um saber sobre si que envolve um processo de construção de si e de uma identidade. Um processo que tem sua própria temporalidade e que, no caso das pessoas LGBT, é obstacularizada, refreada e/ou adiada por conta da homofobia (TEIXEIRA FILHO, 2012). Diferente de Victor seus pares heterossexuais vivenciavam a todo instante (desde antes do nascimento) a projeção e validação da heterossexualidade apreendendo-a como uma norma compulsória (RICH, 2010). Única forma "natural", "normal", "santificada", "sadia" e pública de manifestação das sexualidades. Desse modo, o desconhecimento e o consequente atraso no processo de reconhecimento da homossexualidade de Victor não é ocasional ou acidental. Esse processo faz parte de um projeto, de uma agenda que, sabendo da multiplicidade espectral, que constitui as sexualidades, atua no sentido de mantê-las sob o véu da ignorância (BRITZMAN, 1996).

Assim, antes de começar a reconhecer ou a compreender a homossexualidade, Victor vivia apenas "*uma sensação*". Por volta dos 13 e 14 anos, ele começou a "*olhar pros meninos adolescentes de uma outra forma, mas sem saber exatamente o que isso significava*". Ele não conversava com ninguém sobre isso, era uma coisa sua. Nesse momento, ele e sua família viajam, em férias, para as praias de Santa Catarina e são hospedados na casa de uma família. Nessa casa, havia um rapaz um pouco mais velho que ele e esse rapaz tinha uma série de revistas pornográficas. Apesar de, até então, não ter visto nenhuma imagem de relação sexual entre dois homens, ao manusear essas revistas Victor se imaginava com esse rapaz. E essa vivência imaginária foi a primeira experiência daquilo que, mais tarde, ele passaria a nomear como homossexualidade.

Nesse período, ele já estava no colegial e passou a estudar em uma escola particular na cidade vizinha e trabalhar na biblioteca municipal de sua cidade. Victor trabalhava o dia todo e estudava à noite. Como convivia pouco com os colegas da nova escola não se recorda de nenhum episódio de agressão naquele momento, denominado por ele como "*uma fase de rebeldia*". Suas irmãs e amigas tinham um time de futebol e ele começou a se envolver com as atividades delas. Eles começam "*a beber, experimentar bebida de álcool, experimentar outras drogas*". Ele começa a participar de um grupo de teatro que foi um espaço muito importante para ele. Ali ele começou "*a criar uma identidade*". Sua participação nesse grupo foi importante, pois, diferente dos outros espaços e grupos que participava antes, agora havia interesses e assuntos compartilhados, havia um senso de pertencimento e figuras com que se identificar, das quais ele destaca o coordenador do grupo em quem ele "*já reconhecia nele uma pessoa homossexual*".

Como mencionado acima, a construção da identidade é um processo que tem sua própria temporalidade e envolve a articulação dialógica entre as dimensões subjetivas, objetivas e sociais, as quais compõem o contexto relacional das pessoas (TEIXEIRA FILHO, 2012). Nesse sentido, a participação de Victor no grupo de teatro figurou com um importante espaço de acolhimento, pertencimento e identificação. Ali ele não estava "*deslocado*", não era "*um peixinho fora d'água*". Essa alteração no seu meio social, fruto das condições objetivas que a família possuía de possibilitar esse acesso, foi fundamental para Victor, pois ele encontrou as condições favoráveis para esse processo de criação e fabricação da sua identidade. Vale destacar essa dimensão criadora que aparece no discurso de Victor, uma vez que em sua narrativa ele demonstra uma compreensão da identidade como uma construção social (MADLENER e DINIS, 2007), como um jogo (FOUCAULT, 2014) e não como uma essência.

> Nenhuma identidade sexual - mesmo a mais normativa - é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construão. [...] instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada. Como uma relação social no interior do eu e como uma relação social entre "outros" seres, a identidade sexual está sendo constantemente rearranjada, desestabilizada e desfeita pelas complexidades da experiência vivida, pela cultura popular, pelo conhecimento escolar e pelas múltiplas e mutáveis histórias de marcadores sociais (BRITZMAN, 1996, p. 74).

Talvez, por isso, Victor leia esse período como uma época de "*rebeldia*", pois criar e fabricar uma identidade que desafia e desestabiliza o contexto, as expectativas e as imposições sociais e familiares é também uma forma política de se rebelar. Foi nesse

período que Victor teve sua primeira relação sexual. Uma relação que ocorreu "*por conta de uma experimentação de drogas*". Ele estava em um jantar com seus amigos e queria experimentar maconha e também queria "*experimentar alguma coisa com homem*". Um dos convidados desse jantar era um homem, mais velho e já casado, que possuía maconha. Victor então afirma: "*Aí meio que eu ofereci a... me ofereci em troca de droga*". Eles então mantiveram uma relação sexual, sem penetração, e "*ali acendeu, ali eu percebi que me chamava atenção*". Esse episódio é importante para pensarmos o quanto a manutenção da "ignorância" sobre as sexualidades pode contribuir para a produção de vulnerabilidades à vitimização sexual (BRITZMAN, 1996, p. 79). Embora Victor não relate essa experiência como um ato de abuso sexual, fica claro que ele experimentou aquilo que Welzer-Lang chamou de "vestíbulo da "gaiola da virilidade"".

> [...] a "primeira peça" da casa-dos-homens [...]. Ela funciona, parece, como um lugar de passagem obrigatório que é fortemente freqüentado [...] periodicamente por homens mais velhos. Homens que ocupam, ao mesmo tempo, o lugar de irmão mais velho, modelo masculino a ser conquistado pelos pequenos homens e agentes encarregados de controlar a transmissão dos valores. [...] Não somente o pequeno homem começa a descobrir que, para ser viril, é preciso sofrer, mas também nessa peça (ou nas outras, não se trata aqui de uma metáfora) o menino é, às vezes, iniciado sexualmente por um adulto. Iniciado sexualmente pode também significar violado. Ser obrigado – sob obrigação ou ameaça – de acariciar... de chupar ou de ser penetrado de maneira anal por um sexo ou um objeto qualquer. Masturbar o outro. Deixar-se acariciar... (WELZER-LANG, 2001, p. 463-464).

Victor tinha passado por essa experiência de iniciação sexual e por meio de sua participação no grupo de teatro começou a ter mais contato com outras pessoas que também se identificavam como homossexuais, bem como começou a ter "*contato com meninos*". Entretanto, no mesmo período, ele inicia um relacionamento com uma amiga, do time de futebol das suas irmãs, com quem ele tinha "*muita afinidade*". Ele também teve relações sexuais com essa namorada, mas, aos poucos, eles foram se reconhecendo juntos e nesse processo ela tinha experiências sexuais com meninas e ele com meninos. Foi assim que eles foram se "*posicionando*" em relação àquilo que cada um gostaria de ter para si. Além dessa namorada e dos meninos com quem ele tinha "*contato*", Victor também teve "*outros rolinhos com meninas nesse período*" e isso tudo era muito confuso para ele.

Vivendo todas essas experiências exploratórias de sua sexualidade ele não contava nada para suas irmãs, embora fosse muito próximo delas. Assim, ele não podia contar diretamente com o apoio delas, mas ele acredita que de algum modo elas percebiam que

isso estava acontecendo. De qualquer maneira, ele passou a encontrar esse apoio em sua amiga/namorada, nas pessoas que também participavam do teatro e especialmente no coordenador desse grupo que era uma referência para Victor. Esse era seu grupo de pertencimento e nos finais de semana eles queriam "*ficar mais juntos*". Essa proximidade entre as pessoas que compunham esse grupo "*fez com que a conversa fosse sendo aos poucos liberada e aos poucos as pessoas se abrindo mais sobre essa questão*" das homossexualidades. "*Era uma época que não tinha internet, que não tinha celular, [...] então o que você conversava, o que você via e ouvia era por meio dessas pessoas, né?! Então eu não viajava, era muito vinculado à questão de família, então esse coordenador era uma pessoa que saía mais [...] ele conhecia o mundo um pouquinho mais [...], então ele falava desse mundo que para nós era muito, muito desconhecido. E aí a gente foi se fortalecendo nesse sentido...você vai formando um guetinho, né?! Você fica muito fechado e com isso eu me afastei totalmente de todas as minhas relações anteriores*".

Assim, a narrativa de Victor (como também veremos nas histórias de Severo e Alvo) diferencia-se do depoimento de Sam e Santhiago (como veremos adiante) que por pertencerem a uma outra geração (ambos são jovens) puderam ter acesso à informação, além de terem a possibilidade de construir um espaço de descobertas e identificações por meio da internet.

O grupo de teatro era, naquele tempo, o lugar possível para Victor ter essas experiências. Dessa forma, as relações desse grupo foram se estreitando e possibilitando que Victor começasse a se reconhecer e a ter um espaço de acolhimento. Entretanto, o relacionamento com sua família ficava cada vez mais conflituoso especialmente com seu pai. O pai de Victor não autorizava que ele e suas irmãs saíssem à noite, porém eles desobedeciam com frequência essa proibição, pulavam a janela do quarto e saíam para encontrar os amigos. Mais que ter seu direito de ir e vir cerceado pelas regras familiares, o fato de ter começado a se reconhecer como homossexual foi que o fez perceber "*que não haveria compatibilidade de mundos ali*".

Mesmo sem assumir sua homossexualidade para seus familiares, Victor antevia que seria vítima da homofobia familiar (SCHULMAN, 2010; TOLEDO e TEIXEIRA FILHO, 2014). Por isso, ele "*precisava encontrar alguma forma de sair de casa*". Com esse pensamento em mente Victor terminou o colegial. Ele queria ser cientista e por relacionar ciência e o trabalho na Saúde resolveu fazer o vestibular para o único curso na área que existia em uma universidade estadual em Cascavel. Victor passou no vestibular e, mesmo a contragosto de seu pai, que "*não achou que seria a melhor escolha naquele*

momento", inicia seu curso de Enfermagem Obstetrícia. Ele se mudou para uma pensão em Cascavel e conseguiu colocar em prática a intenção que tinha de "*sair de casa*".

Apesar de não estar morando com sua família, as discussões entre Victor e seus pais tornam-se mais frequentes. Quando ia visitar sua família não se sentia acolhido e isso se somava ao fato de sua família ser "*muito fechada*". Por conta disso, se distanciou do núcleo familiar e cada vez menos visitava os familiares. Em uma dessas visitas, chegou tarde da noite na casa de seus pais, porém não foi recebido por ninguém, além disso, não tinham lhe preparado um lugar ou roupa de cama para que pudesse dormir, seu antigo quarto agora era ocupado por seu irmão mais novo e, assim, Victor teve que dormir no sofá e com frio. Era como se ele não tivesse mais lugar naquela casa. No dia seguinte, pela manhã, houve uma discussão familiar, Victor queria visitar seus amigos e seus pais não queriam que ele saísse, pois desejavam que fizesse pães, pois Victor "*era o padeiro de casa*". Nessa discussão, o pai de Victor o acusou de estar apenas querendo "*usufruir*", disse que estava fazendo um grande esforço para mantê-lo estudando em outra cidade e que, apesar disso, ele chegava em casa e se recusava a ajudar a família. Victor ficou muito triste com todo esse episódio, desde o não acolhimento em sua chegada em casa até essa discussão matinal, tudo se somou. Ele saiu correndo e chorando da casa de seus pais e procurou abrigo e apoio em uma vizinha, uma senhora mais velha, com quem mantinha uma relação maternal e morava a alguns metros da casa da família. Após relatar como todo o ocorrido e como se sentia, essa vizinha lhe emprestou dinheiro e com esse dinheiro ele retornou à Cascavel no mesmo dia. Victor pegou sua mala na casa paterna sem mesmo avisar ou se despedir de seu pai. Ao regressar à Cascavel, Victor decidiu "*não retornar tão cedo para casa*" da família.

Agora era necessário resolver sua (in)dependência financeira em relação à família. Não havia outra alternativa. Apesar de seu curso ser integral, Victor precisava começar a trabalhar "*pra poder... não depender mais do meu pai, das opiniões dele, das discussões que ele fazia*". Ainda no semestre inicial da graduação, ele arranjou seu primeiro emprego, trabalhava como garçom em um restaurante da cidade. Logo depois, Victor conseguiu um estágio em um hospital e, depois de um tempo, foi efetivado nessa instituição, trabalhando no local até a conclusão de seu curso. A narrativa de Victor corrobora os apontamentos feitos por Toledo e Teixeira Filho (2014) que destacam três caminhos trilhados por pessoas homossexuais quando conseguem romper com a dependência financeiras de suas famílias: o vínculo afetivo se destacar; o rompimento definitivo dos laços familiares em decorrência da homofobia; ou o afastamento do núcleo

familiar. A trajetória de Victor caminhou e se estruturou por meio do afastamento que, apesar de superadas as desavenças daquele período, permanece marcando as relações familiares até hoje.

Entretanto, essa decisão de manter sua independência financeira não teve implicações apenas na sua relação familiar, mas impactou sua vida social, acadêmica e amorosa. Victor cursava uma graduação em período integral e fazia plantões de 12h por 36h no hospital, isso o distanciou do "*mundo social e do mundo acadêmico*", foi um período "*meio sabático*". Ele "*não saía, não convivia, não ia em espaços públicos*", pois tinha limitações financeiras, ganhando apenas o suficiente para se manter, além disso, não tinha tempo para frequentar festas, conhecer pessoas, namorar, ele "*estava sempre cansado*". Nesse período, não se relacionou de nenhuma forma com nenhum homem e com mulheres trocou apenas alguns "*beijinhos*".

Embora haja evidentemente um componente objetivo (extensa carga horária de trabalho/estudos e o cansaço dela decorrente), nesse período "*sabático*", vivido por Victor, também evidencia-se o quão distinta é a sequência de progressão das relações afetivo-sexuais hetero e homossexuais (CASTAÑEDA, 2007). É preciso reconhecer que no caso de Victor essa exigência do trabalho só se produziu por conta dos conflitos e da implícita e prevista homofobia familiar. Essa última, sem dúvidas, a principal mola propulsora da sua necessidade de afastar-se do convívio familiar por meio do autossustento. Um tipo de motivação que não é experimentada por uma pessoa heterossexual e que, portanto, não refletirá em seus enlaces afetivos-sexuais. Isto posto, a situação vivida por Victor, nesse período, produziu um estado de "privação", "inércia", "adiamento" ou "interrupção" da sua vida afetivo-sexual. Uma experiência muito distinta daquela vivida por seus pares/colegas heterossexuais que tendo iniciado a vida sexual progrediram até a constituição de relacionamentos amorosos. Vale destacar que, por meio dessa observação, não tenho a pretensão de conceber ou prescrever essa forma de progressão das relações afetivo-sexuais como um progresso "normal" ou "natural", busco apenas assinalar a forma distinta em que as relações sociais, econômicas e familiares intervêm nos modos pelos quais vivenciamos nossos afetos e desejos.

Nessa vida dedicada apenas ao trabalho e ao estudo, o tempo foi passando e aquela discussão familiar que fez Victor iniciar todo esse movimento já havia se tornado um evento distante. Por conta disso, ele resolveu que era hora de voltar a frequentar a casa de seus pais. Porém, ele regressou com o desejo de enfrentar e afrontar as relações familiares. Victor que antes fumava escondido agora resolveu fumar diante de seus pais, "*para poder*

desaforar mesmo, pra poder dizer: 'Eu fumo, o cigarro que eu compro... se esse corpinho está de pé é porque eu pago minha comida e hoje me entendo como visita' e eu lembro até hoje... 'E se quiserem que a visita volte tem que tratar bem' [...] 'Hoje vocês não me mantêm mais, então agora eu sou visita, agora eu sou responsável por mim... é ... vou fazer minhas escolhas [...] "". Victor precisava dessa afirmação, desse afrontamento, era como marcar uma posição que dava o tom de independência da relação familiar que se construiria dali para frente. Embora duras, suas falas foram recebidas com um "*pouco de graça [...] meio que pra relativizar*" ou amenizar o momento.

Enquanto ele começava esse processo de reaproximação com a família, sua vida em Cascavel seguia a rotina "*sabática*" de afastamento do convívio social. Victor tinha amigas, porém não conversava com elas sobre assuntos relativos às sexualidades. Mas, a partir da metade do segundo ano da graduação, ele identificou uma jovem que também era homossexual no curso. Ele se aproximou dela e se tornaram amigos. Com ela Victor podia e se sentia à vontade para falar sobre sexualidade. Victor convivia com essa jovem e, aos poucos, começou a conhecer e conviver com seu círculo de amizades. Quando se formou, ele queria sair da pensão, mas não tinha condições de sustentar um apartamento sozinho. Ele tinha que dividir despesas, mas queria dividir o apartamento com alguém que não gerasse conflito por conta da orientação sexual. Essa amiga havia lhe apresentando um rapaz que também era homossexual e estava querendo se mudar, como eles já se conheciam e conviviam decidem dividir o apartamento.

Agora Victor morava sozinho e o término da graduação coroou o fim de seu período "*sabático*". Ele começou a sair e a frequentar um barzinho chamado "*Porco Jones [...], era um gueto também né?!, não era reconhecidamente um bar GLS, mas [...] ele atraia artistas, pessoas alternativas e um público gay e de lésbicas grande*". Ele frequentava esse bar todo fim de semana e assim começou a ter mais contato e mais experiências sexuais. A partir dessas experiências, não lhe restava dúvidas de que o queria mesmo era relacionar-se com outro homem. Depois dessa constatação, Victor nunca mais ficou com mulheres. Esse bar foi um importante território subjetivo, pois ele pôde dar continuidade ao processo que havia iniciado ainda adolescente, no grupo de teatro. Ali ele havia encontrando um novo espaço onde podia "*criar e construir uma identidade*". Victor tinha "*uma curiosidade de conhecer pessoas e conversar com pessoas [...] tinha uma necessidade de me inserir um pouco mais [...] nesse mundo. E que era um mundo separado mesmo. Eu pelo menos enxergava dessa forma: 'o mundo dos normais e o mundo dos gays'. Então eu não achava que eu caberia em outro espaço que não fosse*

em um espaço que não fosse de gay". Essa percepção divisória entre dois mundos mostra o quanto a homofobia pode ser internalizada (BORRILO, 2010; CASTAÑEDA, 2007) e se reproduzir em nossos afetos, pensamentos, discursos e ações (NASCIMENTO e TEIXEIRA FILHO, 2010). Além do bar, havia algumas "*festas gays*" na cidade, onde "*as pessoas fechavam barracões e promoviam festinhas*". Assim, Victor passou um ano "*bem intenso*", saía muito, porém apenas em locais reconhecidamente "*GLS*" ou "*gay*", pois receava sofrer agressões, um temor que sente até hoje.

Victor segue tendo essas experiências, mas sem perder a forte influência religiosa que marcou toda sua formação familiar. Em sua formação religiosa ele nunca pensou sua homossexualidade como pecado e ela nunca foi uma questão que lhe afligisse por conta da religião. Na verdade, ele não vê dissociação entre as teses da igreja luterana e sua vida cotidiana. Porém, Victor é claro ao dizer que a igreja é "*feita por pessoas*", estando, portanto, sujeita à falha e ao erro. Nesse sentido, ele percebe que "*a Igreja te aceita à medida em que ela não sabe exatamente ou à medida que ela não tem certeza ou à medida que você não choca ela*". Ele reconhece o privilégio de ser um homem-cis, pois, segundo ele, pessoas trans provavelmente teriam dificuldades em serem acolhidos em plenitude na sua igreja. Contudo, Victor não percebe ou silencia em relação ao privilégio que vivencia por ser branco e pertencer à classe média alta. A intersecção desses três marcadores - gênero, raça e classe social - possibilitam que Victor, mesmo sendo homossexual, tenha mais condições e possibilidades de ascender à norma (MOMBAÇA, 2017a; NAVASCONI, 2019).

Destarte, Victor denuncia o quanto o discurso da "tolerância" é enganoso (SCHULMAN, 2010), o quanto o racismo e os privilégios da branquitude tendem a ser invisibilizados (BENTO, 2014) e o quanto a cisheteronormatividade se (re)produz por meio das diferentes práticas e discursos sociais, jurídicos, médicos e, especialmente, nesse caso, religiosos (VERGUEIRO, 2015). O relato de Victor mostra como o dispositivo da sexualidade busca regulamentar, controlar e padronizar os indivíduos visando tornar "[...] mais aceito aquele homossexual que se encaixa em um modo de ser específico. Isso fecha um círculo no qual ficam de fora aqueles que mais "incomodam" e que não se encaixam nesse padrão" (MADLENER e DINIS, 2007, p. 58).

Qual seria então esse "modo de ser específico"? Qual seria esse "padrão"? Ora, esse "padrão" diz respeito ao "homossexual comportado" que possui valores, comportamentos e modos de vida que se assemelham e mimetizam os heterossexuais (MACRAE, 1987). Aquele homossexual que por reproduzir e performar cotidianamente

a cisheteronormatividade “nem parecem gay”, que “não é afemeninado”, nem é “escandaloso”, um homossexual que “respeita a família e as crianças” e “não fica se agarrando em público”, que “não é militante do ‘ativismo gay’”, que acredita que “somos todos iguais” e que, portanto, não demanda “privilégios” sabendo que aquilo que ele viveu “foi só uma brincadeira” e que “o movimento LGBT transforma tudo em homofobia”[12]. Em suma, é um homossexual que não incomoda, que não demanda, que não luta, um ser docilizado que não questiona e que “*não levanta bandeiras*” e assim não desestabiliza ética, estética e politicamente a comunidade heterossexual, que fica resguardada de defrontar-se com seus privilégios e com as violências que os sustentam.

Com essa forte influência familiar e religiosa, a narrativa de Victor é marcada pela introjeção da homofobia. Ele era um assíduo frequentador do “*Porco Jones*” e das festas que ocorriam na cidade, mas “*não gostaria de ter uma vida promíscua*”, não queria ter “*múltiplos parceiros*”. Era uma época marcada por uma forte associação, de maneira direta ou indireta, entre promiscuidade sexual e homossexualidades. Uma associação que para Victor era resultado de “*uma necessidade de se libertar e de uma forma enlouquecida e desenfreada*”. Um tipo de homossexualidade que vai justamente na contramão daquela comportada homossexualidade que descrevi acima. Então, ele frequentava o bar e as festas, mas queria constituir uma família e uma “*casa tradicional*”, ele queria ter filhos, pois sempre se “*enxergava com filhos*”.

Em que se pese a legitimidade do desejo de constituir uma família e exercer a paternidade, Victor acaba por reproduzir um discurso (cishetero)normativo de família. Ao narrar uma “*casa tradicional*” como aquela composta por um casal e seus filhos, com “*horário e coisinhas*”, Victor reproduz um tipo específico de inteligibilidade familiar, pois, segundo ele, “*a gente não se desloca tão longe daquilo que a gente tem como referência*”. Mas qual seria essa “*referência*” familiar adotada por Victor? Ora, não resta dúvida que fala de uma “*família tradicional*” como a sua, uma família nuclear. Esse arranjo que foi sociohistoricamente hipostasiado como modelo natural, universal e sacralizado de família: UM arranjo familiar constituído por um casal, formado por um homem-cis e uma cis-mulher, e seus filhos, preferencialmente biológicos (HORKHEIMEIR e ADORNO, 1973b; WELZER-LANG, 2001). O discurso de Victor remete a esse modelo de família idealizado, caramente defendido por algumas correntes políticas, ideológicas e religiosas e que, na verdade, é um mito, uma construção da

[12] Reproduzo aqui uma série de frases que compõem o discurso cisheteronormativo que cotidianamente a pessoas LGBT são forçadas a ouvir, ver e, em alguns casos, reproduzir.

modernidade (CARVALHO e ALMEIDA 2003), pois como sabemos "[...] a história da família não é linear; é feita de rupturas sucessivas, pois toda sociedade tenta formatar um tipo de família compatível com suas necessidades" (SEQUEIRA, 2007, p 91).

Com o objetivo de montar esse quadro familiar, Victor viveu aquele ano transitando pelo bar e pelas festas como um grande experimento. O que ele desejava era: "[...] *me inserir, de entender coisas que eu não queria daquele mundo, coisas que... de exposições que eu não gostaria pra mim é... então... eu nunca fiz lutas... pela causa, se assim que a gente pode dizer, nunca fui... nunca trabalhei nessa linha. Nunca escondi quem sou, mas sempre acreditei que eu consigo transformar o entendimento que as pessoas têm a respeito da gente pela forma como eu me posiciono, como profissional, como cidadão, né?! Tratando com respeito as diferenças e respeitando os outros, como eu gostaria, né?! Sempre fui muito nessa linha e eu acho que isso também fez com que eu acabasse me distanciando do gueto, porque naquela época isso era muito forte: ou você é e defende, de uma maneira louca, né?! ou você está fora*".

Victor demonstra em sua narrativa a dificuldade de desvencilhar-se da homofobia internalizada. Em sua fala ainda aparece uma cisão entre mundos, um onde a homossexualidade é vivida por meio de "*exposições*", "*lutas*" e que, portanto, forma um "*gueto*"; e outro em que a homossexualidade é vivida em um regime de "segredo aberto" (SEDGWICK, 2007), em que seu espaço pode ser conquistado por meio de sua posição profissional e "cidadã". Essa última forma de fabricar as homossexualidades (e que foi adotada por ele) se assenta no mito de que as identidades sexuais são construídas de forma privada e particular, um mito que impede a percepção de que elas são (re)produzidas por meio de categorias e fronteiras sociais historicamente (de)limitadas (BRITZMAN, 1996).

Essa concepção mantém uma oposição enganosa entre público e privado, tomando esse último como território sacralizado que, dessa maneira, deve ser mantido inviolado e livre de qualquer profanação (SEDGWICK, 2007). Nessa lógica oposicional, "A visibilidade é tratada como uma condição estereotipada e a invisibilidade – coordenada pela homofobia – apresenta um efeito subjetivo poderoso, a ponto de desvalorizar conceitos tais como amizade, fraternidade, solidariedade entre outros" (NASCIMENTO e TEIXEIRA FILHO, 2010, p. 979). Assim, Victor acredita no alcance da cidadania por meio da sua postura reservada, sem precisar se posicionar "*de uma maneira louca*", acredita também ser possível ascender a ela por meio da sua atuação e dedicação profissional. Porém, a homofobia internalizada não permite que Victor perceba que os termos dessa equação estão equivocados. Só acenderemos à condição de cidadãos plenos

quando a cidadania não for condicionada. Não existe cidadania sem garantia, acesso e gozo equânimes de direitos. Não existirá cidadania enquanto tivermos pessoas e grupos sociais vivendo em regime de opressão, desigualdade, violência e exclusão, por quaisquer razões que sejam. Entretanto, acredito que é importante destacar que não podemos cair na armadilha de reproduzir o discurso de culpabilização das vítimas. Victor, assim como todos nós, também é vítima da homofobia e assim a internalizou.

Foi com essa percepção e com esse posicionamento em relação à sua homossexualidade e ao "mundo homossexual" que, naquele ano, Victor conheceu Hugo. Eles se encontraram "*duas ou três vezes*" e já começaram a namorar, depois foram morar juntos e seguem nesse relacionamento há mais de 19 anos. Durante o início do namoro, eles continuaram a frequentar o bar e as festas, porém ambos trabalhavam muito e gradativamente foram se afastando desses espaços de socialização. Victor estava em uma relação estável com uma pessoa que, assim como ele, era proveniente de uma "*família tradicional*", também desejava constituir o mesmo quadro familiar. Aos poucos, eles vão restringindo seus espaços de socialização ao círculo íntimo de amigos e Victor retoma a prática dos "*jantarzinhos*" que eram na adolescência seu espaço de convivência, pertencimento e liberdade. Para evitar o "*gueto*" a "segurança" do armário - manifesto na vivência e sociabilidade "privada" da homossexualidade - (SEDGWICK, 2007; CASTAÑEDA, 2007).

Nove anos após terem se conhecido e começado a namorar, veio o primeiro filho. Na época, Victor já ocupava um cargo de chefia na Política de Saúde do Município de Cascavel. A Vara da Infância e da Juventude da Comarca de Cascavel havia determinado que a Secretaria de Saúde do Município acolhesse uma criança de cinco anos de idade que possuía sérios problemas de saúde, era vítima de violência e estava em processo de destituição do poder familiar. Entretanto, a Secretaria Municipal não possuía estrutura para prestar esse tipo de serviço. Ainda assim, havia uma determinação judicial a ser cumprida e Victor, mesmo sem conhecer a criança, sentiu "*uma coisa muito especial*" em relação ao caso e se propôs a acolhê-la em sua própria casa "*até que essa situação ficasse resolvida*". Coincidiu que, nesse mesmo período, o Serviço de Acolhimento Familiar estava sendo implantado no Município, então Victor e Hugo fizeram todo o processo legal necessário para se habilitarem como família acolhedora. Aproximadamente 20 dias depois de ter dado início no processo, a criança estava com o casal em sua casa. De maneira não planejada, mas oportuna, o desejo de constituir sua "*família tradicional*" começou a se concretizar. Apesar de conviverem maritalmente, não havia

reconhecimento legal da união do casal, então, a documentação referente à guarda provisória de Antônio foi toda processada apenas no nome de Victor, como se ele fosse solteiro. A guarda era apenas provisória, pois o processo de destituição do poder familiar não havia sido concluído e a proposta era que eles acolhessem Antônio até que esse processo chegasse ao fim.

Antônio tem paralisia cerebral, é cadeirante, foi vítima de violência nos anos iniciais de sua vida e tinha uma série de complicações de saúde. Como era uma criança que não tinha autonomia para a realização das atividades da vida diária e demandava uma série de cuidados, Victor e Hugo decidiram que um deles deveria abandonar o trabalho para poder assistir Antônio. Por uma questão de "*viabilidade financeira*" chegaram à conclusão de que seria melhor que Victor seguisse trabalhando e Hugo assumisse mais diretamente os cuidados de Antônio. Essa decisão perdura até hoje, pois, embora Antônio esteja em um estado de saúde muito melhor (graças ao processo de reabilitação), ele permanece, devido a sua condição, sem autonomia para a realização das atividades da vida diária.

A guarda provisória de Antônio perdurou por aproximadamente quatro anos, período necessário para finalizar seu processo destituição do poder familiar. Terminada a tramitação, Antônio estava disponível para ser adotado. Naquela época, Victor e Hugo não estavam vinculados ao Cadastro Nacional de Adoção (CNA), além disso, a regulamentação do Serviço de Acolhimento familiar não permite que as famílias acolhedoras sejam postulantes à adoção. Apesar desses fatores, o Ministério Público e a Vara da Infância e da Juventude da Comarca de Cascavel-PR convidam o casal para discutir e "*para decidir os futuros do Antônio*". Devido à idade de Antônio, que na época já tinha quase 10 anos, e também por conta de sua condição de saúde, o promotor de justiça e o juiz da Comarca avaliavam que seria muito difícil, até improvável, que Antônio fosse adotado. Essa era uma constatação clara, assim como eram constatados todos os cuidados que vinham sendo providos pelo casal e a excelente relação que eles mantinham com a criança. Diante disso, eles questionaram se Victor e Hugo tinham interesse em adotar Antônio.

A ideia que eles nutriam era de que Victor, assim como no processo da guarda provisória, fizesse a adoção como um homem solteiro, porém, como sabemos, esse tipo de estratégia pode resultar em mais obstáculos do que em soluções (DARÓS, 2010; DIAS 2010). Ciente disso, o promotor de justiça propôs que Victor e Hugo, enquanto casal (embora ainda não houvesse reconhecimento da união estável de casais homossexuais na

época), adotassem Antônio. Essa proposição surpreende os dois que ficam "*constrangidos ou perplexos*". A reação do casal ocorre, pois na época eles estavam acompanhando o debate sobre a adoção por casais homossexuais e a luta que um casal lésbico no Rio Grande do Sul travava na justiça para ter direito à adoção. Uma verdadeira *via crucis* que demonstra que a adoção por casais homossexuais, embora seja uma possibilidade constitucionalizada (DANTAS, 2010), ainda demanda, em muitos casos, a atuação do Poder Judiciário para termos nossos direitos reconhecidos. Uma lógica que implica em um processo de judicialização da vida, pois "[...] se não houver pleitos em juízo, não há decisões, não havendo como assegurar direitos" (DIAS, 2010, p. 32).

Cientes disso, Victor e Hugo temiam que se tentassem adotar como casal o processo se tornasse mais longo ou resultasse na negativa à adoção. Eles não queriam correr o risco de "*[...]o Antônio sair de casa e ir pra uma adoção internacional no meio desse processo. Então o que seria mais prático no nosso entendimento seria uma adoção de solteiro que aí não teria problema. Mas o MP e o Juíz, à época, eles entenderam que não, que a gente era uma família já constituída já há muitos anos e que o caminho que eles propunham era a adoção pelo casal*". Essa postura adotada por esses operadores do direito mostra o quanto

> o direito de família ao longo dos anos vem se modificando, se recompondo, adequando-se as necessidades humanas correspondente aos valores que inspiram cada tempo, com escopo de superar exclusões jurídicas em seu seio [...]. Analisando o conceito da família no contexto atual, observa-se a sua reinvenção em face das alterações ocorridas no modelo tradicional dos vínculos familiares, desvinculando-se de seus paradigmas originários como o casamento, o sexo e a procriação. Ainda assim, aliar adoção e homossexualidade é um assunto extremamente polêmico, que tem sido alvo de inúmeras discussões e controvérsias, seja nos meios jurídico, religioso e social (DANTAS, 2010, p. 107).

Vale destacar que, embora o promotor e o juiz tenham apresentado uma ampliação conotativa de família, é perceptível que nesse caso o que prevaleceu foi o princípio do "superior interesse da criança" que rege a aplicação de medidas protetivas como o caso de "colocação em família substituta", previstas respectivamente nos Artigos 100 e 101 do Estatuto da Criança e do Adolescente (DIGIÁCOMO e DIGIÁCOMO, 2013). Afirmo isso, pois a idade que Antônio apresentava na época e a sua condição de saúde são fatores que tornam remotas as chances de adoção (EBRAHIM, 2001; BOSSA e NEVES, 2018). Cientes de tudo isso Victor e Hugo persistiam em seus temores e sabendo da importância da decisão a ser tomada tiveram um tempo para pensar. Muita coisa passou pela cabeça

do casal. Seria uma adoção por um casal gay e temiam que isso se somasse ao fato de Antônio ser "*descendente de negro*" e "*cadeirante*" e isso acabasse se tornando "*uma carga muito pesada para ele carregar ao longo da vida dele*".

Após pensarem bastante e debaterem com o promotor e o juiz, chegaram à conclusão de que seria melhor para Antônio (DIGIÁCOMO e DIGIÁCOMO, 2013) ser adotado pelo casal, já que assim ele "*estaria mais resguardado se acontece alguma coisa*" com algum de seus pais. Com esse entendimento, deram prosseguimento ao processo de adoção, que rapidamente se concluiu, tornando-se "*a primeira adoção no país com proposição do MP e do Juiz pra uma adoção homoafetiva*". Diante da importância histórica dessa adoção e sabendo das possíveis repercussões que isso poderia gerar, Victor e Hugo solicitam que o caso não fosse divulgado, para manter a privacidade da família, para proteger e não expor Antônio. Porém, o sigilo em entorno do processo de adoção de Antônio durou apenas oito meses, pois o juiz recebeu um prêmio pelo caso. O inusitado do caso e a premiação do juiz repercutiu nacional e internacionalmente e, por conta disso, a imprensa descobriu a identidade deles e tentou realizar alguns contatos, porém todos foram recusados para evitar a exposição de Antônio.

Victor se recorda que alguns grupos que defendem a adoção por casais do mesmo sexo entraram em contato e convidaram para que ele e Hugo participassem de debates e fóruns. Contudo, Victor nunca se propôs a participar, em primeiro lugar, por estar sempre com a agenda lotada de trabalho e, segundo, por acreditar que o debate sobre adoção, centrando na questão da união de pessoas do mesmo sexo, não é em si profícuo. Ele entende que "*quando você fica olhando para o sexo da pessoa pra discutir se ela tem direito a adotar eu acho que a gente... continua separando as coisas, né?! É... eu acho que todos tem que ter direito de adotar, independente [...] de outras situações. Mas eu não queria levantar bandeiras aleatórias, porque [...] algumas pessoas chegavam pra mim: 'o que que eu tenho que fazer pra eu convencer o juiz pra ele me dar o direito?'. Falei assim: 'Olha gente... não sei se tem que fazer uma coisa diferente a não ser se propor a adotar, né?!'*".

O desejo de não expor o filho se conecta com o desejo de não exposição do casal (fruto da homofobia internalizada). Assim, ao adotar essa postura, Victor manifesta mais uma vez a homofobia internalizada, pois, embora esteja absolutamente correto quando afirma que "*todos tem que ter direito de adotar*", sabemos que essa não é uma realidade na atual conjuntura brasileira. Sabemos também que a transformação desse cenário não será possível sem o hasteamento de bandeiras porque graças às bandeiras levantadas no

passado e no presente foi possível produzir operadores do direito "progressistas" como esses que atuaram no caso da adoção de Antônio. Não pretendo com isso prescrever mudanças discursivas ou engajamento militante, não acredito que nenhum modo de vida possa ser generalizado como regra ética universal (FOUCAULT, 2014). Entretanto, busco ponderar a importância de considerarmos o peso político de assumirmos ou não quem e como somos e de viver da forma como vivemos, independente de que forma seja essa.

Após a adoção de Antônio e de toda essa repercussão, por demanda do Ministério Público e do Poder Judiciário, Victor e Hugo acolhem outro menino, o Alexandre. Alexandre coincidentemente tem a mesma idade de Antônio, filho de brasileiros, mas nascido e crescido no Paraguai. Com uma séria defasagem escolar e tendo sido vítima de violência, Alexandre também estava em processo de destituição familiar. Sendo assim, a proposta das autoridades era de que Alexandre recebesse "*suporte familiar porque dificilmente a situação dele seria resolvida tão cedo de destituição [...] e quando fosse resolvida ele já estaria muito grande para o processo de adoção e a preocupação era que ele tivesse uma família que cuidasse pra que ele não ficasse transitando aí de casa em casa durante a adolescência*". Alexandre está há seis anos convivendo como membro da família de Victor e Hugo, mas ele ainda não foi adotado, pois seu processo de destituição familiar finalizou há pouco tempo. Porém, Victor e Hugo iniciarão os encaminhamentos necessário para poderem adotá-lo e assim garantir e dar "*proteção pra ele*".

Convivendo há mais de dez anos com Antônio e há mais ou menos seis anos com Alexandre, como seus filhos, Victor percebe que aqueles temores iniciais de que a adoção por um casal homossexual se tornasse "*uma carga muita pesada*" para eles foi se arrefecendo. Nesse sentido, a atuação dos profissionais das escolas pública, durante o ensino fundamental, e particular, agora no ensino médio, foram fundamentais. Nessas instituições seus filhos foram sempre bem acolhidos e tratados, nunca houve diferenciação de tratamento por eles serem provenientes de uma família chefiada por um casal homossexual. "*Eles têm filosofia nessa escola desde o quinto ano e aí assim, acho que isso de certa forma, também foi trabalhado então a gente sempre participou da vida cotidiana da escola, festa junina, aquela coisarada, sempre o casal, então os professores foram muito acolhedores. Eu vejo que... que essa situação ficou sempre muito tranquila, mas ela nunca foi o centro da questão [...] o foco não era um casal gay que adotou uma criança, o foco era: uma criança que precisava ser inserida por conta das suas múltiplas*

deficiências, e a gente era secundário [...] E a escola foi... trabalhou isso muito bem com os amiguinhos, então isso foi acontecendo de uma maneira muito normal".

Não manter o foco em sua orientação sexual não foi uma postura adotada apenas em relação ao processo de acolhimento e adoção de seus filhos. Da mesma forma, Victor nunca conversou abertamente, nunca assumiu diretamente, para sua família a sua orientação sexual. Ele nunca teve essa conversa com seus pais, pois não sente essa necessidade e percebe que essa conversa talvez pudesse "*magoá-los e seria uma conversa que não geraria ganhos*". Vivem em uma ignorância (in)formada. Uma ignorância fabricada pelo conhecimento (BRITZMAN, 1996) tácito da homossexualidade de Victor. Victor prefere manter essa condição de "segredo aberto" para tentar "proteger" seus pais de um sofrimento previsto (SEDGWICK, 2007). Ele vive, como todos nós, dentro de um armário entreaberto do qual é impossível se desvencilhar (CASTAÑEDA, 2007). Além disso, o diálogo "*nunca fez parte do dia a dia*" de sua família que, por conta da origem alemã, sempre se portou de maneira fechada e sisuda. Assim, Victor avalia que a distância entre os membros é uma característica familiar. Todos são "*distantes*" uns dos outros e só se acionam quando precisam de algo, "*não é uma família que fica se frequentando*", se reúnem apenas em ocasiões e datas especiais. Apesar disso, Victor vê a convivência e o trânsito da sua família com sua família de origem como "*normal*" e "*tranquila*". Seus familiares reconhecem Hugo como seu "*companheiro*", eles são um casal, e juntos com a crianças formam uma família que é assim reconhecida por seus pais e irmãos. Com esse reconhecimento familiar, com seu casamento e seus dois filhos, Victor e Hugo podem dizer que conseguiram concretizar o desejo que eles compartilhavam desde que se conheceram: constituíram também uma "*família tradicional*".

TERCEIRO ENCONTRO: CAMINHANDO COM SANTHIAGO

Após os dois primeiros participantes terem se disponibilizado a colaborar com a pesquisa, ainda era necessário encontrar dois cis-homens gays, um negro e um idoso, que pudessem participar dessa empreitada. Encontrei dificuldades em localizar voluntários, então, iniciei um processo de busca ativa de participantes. E foi através de um contato direto, por meio das redes sociais, que encontrei o terceiro participante, Santhiago. Já havia tido alguns contatos anteriores com Santhiago, a primeira vez que o vi foi em uma reunião de um coletivo LGBT da cidade, na qual buscávamos organizar as ações do grupo. Alguns meses mais tarde, esse coletivo organizou um café para familiares, em especial mães, de pessoas LGBT e também fui participar, pois eu havia ficado incumbido de disparar algumas discussões sobre um filme ("Orações para Bobby"). Foi nesse evento que tive o segundo contato com Santhiago, ali também entrei em contato com parte de sua história especialmente os fragmentos que mais produziram ressonâncias em sua mãe que, estando ali presente, deu um potente depoimento de sua experiência enquanto mãe de um jovem homossexual.

A partir desses contatos, sabia do envolvimento de Santhiago com o movimento LGBT e também com o movimento negro e, por isso, imaginava que ele poderia contribuir para a pesquisa. Com essa crença, entrei em contato por meio do Facebook e, após receber alguns esclarecimentos sobre a proposta da pesquisa, Santhiago consentiu em participar do estudo. Para Santhiago, o melhor local para realizarmos nosso encontro seria em sua casa e assim o fiz. Em uma tarde de sexta-feira, cinza e levemente chuvosa, cheguei às 15h à casa de Santhiago para o nosso encontro. Fui atendido por sua mãe que logo o chamou. Santhiago veio até o portão, entramos, fui então apresentado para sua mãe, pois essa é a regra da família, sempre apresentar as visitas à matriarca e chefe da casa. Após as apresentações e uma breve conversa, nos encaminhamos para uma área nos fundos da casa onde teríamos mais privacidade para que Santhiago pudesse relatar sua história.

Nesse encontro eu já estava me sentindo plenamente à vontade com a realização das entrevistas, não me preocupava tanto com o lugar do pesquisador e apenas o que interessava, nesse momento, era o encontro, o relato e a escuta. Essa sensação percepção são importantes nesse processo da pesquisa, pois percebo que essa dimensão do encontro e a possibilidade da escuta (CASTAÑEDA, 2017) são o que mais faz e produz sentidos

em toda essa empreitada. Comecei aí a perceber que a pesquisa não só trabalhava com histórias de vidas, mas que ela tinha como que uma vida própria. Comecei a perceber os movimentos que a pesquisa estava fazendo no acaso dos encontros, na intersecção das histórias, nas particularidades de cada um dos participantes e em meus próprios avanços, recuos e paradas. Os encontros se iniciaram em minha casa, passando ao local de trabalho do segundo participante e agora me encontrava na casa do terceiro. Era como se a própria pesquisa descrevesse um arco saindo da minha zona de conforto, passando por uma postura mais ligada ao ofício e ao desafio de pesquisar e ser pesquisador (algo como um ponto equidistante entre uma zona de conforto e uma zona de entrega) e agora chegando em um momento de encontro e, talvez, de mergulho naquilo que é do outro. Essa sensação e percepção me mobilizaram bastante e fortaleceram a ideia de que seguia no caminho certo. Assim, depois de contextualizar e retomar os objetivos da pesquisa, era evidente que Santhiago também havia compreendido e se comprometido com a pesquisa, esboçando seu consentimento em prosseguir com o relato de sua história.

Santhiago é um homem-cis gay negro, com 21 anos de idade. Ele tem ensino médio completo, é cabelereiro e montou um espaço especificamente destinado ao salão na parte frontal de sua casa. Ele não é adepto de nenhuma confissão religiosa e sua renda mensal gira em torno de um salário mínimo. Santhiago é o filho mais velho da família e possui dois irmãos mais novos. Os pais são separados e ele mora com sua mãe, o irmão de 19 anos, a cunhada e o sobrinho. O pai e o irmão mais novo de Santhiago, que tem 14 de anos, também residem em Cascavel. Fruto de um casamento inter-racial (sua mãe é de origem nordestina e migrou de Alagoas para Foz do Iguaçu no Paraná, já seu pai é paranaense e descendente de alemães e italianos), a história de vida de Santhiago é marcada desde a infância pela presença insidiosa da ideologia do embranquecimento (BENTO, 2014; NAVASCONI, 2019).

Seus pais se conheceram e se casaram na cidade de Foz do Iguaçu-PR e foi lá que Santhiago nasceu e passou toda sua infância. Durante a infância, a família enfrentou um período financeiramente difícil, mas ele não percebia, pois "*tava curtindo, tava brincando*" e seus pais "*sempre se esforçaram [...] pra não deixar faltar, pra dar do melhor*". Na adolescência ele começou a perceber que a família havia passado "*por algumas barras*". Ao longo do seu processo de escolarização, Santhiago sempre foi identificado como o "*aluno problema*", rótulo que lhe foi atribuído por conta de seus "*problemas de comportamento*". Esses problemas comportamentais se produziram por conta da "*dificuldade de integração social, por diferentes motivos [...] condição social,*

financeira e por questões raciais". Além disso, a família morava de aluguel e teve que se mudar várias vezes, fazendo com que essa dificuldade de integração também fosse fomentada pela troca frequente de escolas. Nesse período, sua família o matriculou em uma escola particular apostando que mediante pagamento eles poderiam acessar uma educação de maior qualidade e assim teriam condições de exigir "*melhor condição de tratamento, melhor condições de [...] estabilidade escolar*". A ideia da educação como via de ascensão social e proteção contra o racismo (SOUZA, 1983) logo se desconstruiu e Santhiago estudou nessa escola por apenas um ano. Estudar em um colégio particular não o livrou do racismo, antes disso, serviu para mostrar de forma mais evidente o quanto o racismo é um problema estrutural (MUNANGA, 2003; NAVASCONI, 2019) que atravessa, fratura e, ao mesmo tempo, constitui-se de múltiplas formas no tecido social.

Naquela escola, Santhiago era o único aluno negro de sua sala e recorda de coisas "*muito específicas: a forma de tratamento, as crianças brincando no dia do brinquedo num canto eu com um livro no outro, as crianças num canto da sala e eu em outro canto da sala, fora coisas decorrentes da questão financeira que eu via o que os meus colegas tinham e eu não tinha*". E apesar da equipe de educadores perceberem essa diferenciação e segregação, produzida na relação entre as crianças, nada faziam em relação a elas. Essa lembrança da infância somada com outros eventos ocorridos na sua adolescência fizeram com que ele percebesse claramente a forma diferenciada de tratamento que recebia por ser negro e ser *gay*. Uma diferenciação que não se produzia apenas na relação com os demais estudantes, mas também em relação aos professores que "*não tão capacitados [...] para lidar com isso [...] aí o que que dá quando você não sabe lidar com o aluno e ele vai [...] responder isso com uma atitude mais difícil de lidar ainda: se torna o aluno problema*"**.**

A cena relatada por Santhiago mostra que mesmo a infância não está protegida da violência simbólica e material produzida pelo racismo (SOUZA, 1983). Podem argumentar que uma criança branca e pobre provavelmente viveria o mesmo processo de segregação, por conta da situação econômica. Essa tentativa de reduzir o debate da desigualdade social brasileira à classe social mostra-se como uma das formas de escamotear o papel estruturante do racismo na constituição dessas desigualdades. Estudos evidenciam (SCHUCMAN, 2010; BENTO, 2014) como esse daltonismo analítico dificulta o debate e o reconhecimento do racismo no Brasil. É evidente que a pobreza e a desigualdade, no Brasil, afetam negros e brancos, entretanto, é inegável que as formas como elas se impõem sobre a população não branca são extremamente violentas. Por isso,

essa cena da infância de Santhiago nos lembra que "a pobreza e desigualdade, no Brasil, têm cor, e essa cor é negra" (NAVASCONI, 2019, p. 80).

Insisto nessa discussão e leitura da cena, pois, a não intervenção dos educadores frente à evidente relação de segregação, à qual Santhiago estava submetido, mostra um quadro de naturalização desse processo de exclusão. Uma reação dificilmente imaginável se a situação fosse outra e a criança vitimada e excluída fosse branca. A experiência escolar de Santhiago (assim como a de Sam, relatada anteriormente) mostra o quanto a escola também se configura como um território onde se (re)produzem múltiplas formas de violência (AQUINO, 1998). Dentro das múltiplas relações que existem dentro da escola (estudantes-estudantes; estudantes-professores; estudantes-funcionários; professores-professores; professores-funcionários; professores-famílias; funcionários-funcionários) vemos a (re)produção do racismo, classismo, sexismo, heterossexismo, machismo e androcentrismo. Sei que a escola se constitui como um espaço privilegiado no processo de formação humana e um potente espaço da e na luta em prol da transformação social (MEIRA, 2000; LEMOS DE SOUZA, 2012) e consequente mudança desse cenário. No entanto, a história de Santhiago, aliada às narrativas dos outros participantes, mostra que a falta de capacitação (ou disposição) dos professores para tratar dessas relações, ou mesmo a reprodução dessas violências por parte deles (como veremos mais adiante), demonstram que a escola tem falhado sistematicamente na transformação dessa realidade. Falha sistemática que mostra o quanto a escola está enredada e comprometida, mais ou menos conscientemente, com os dispositivos disciplinares de controle, normatização e normalização dos corpos.

Naquela época, Santhiago não tinha dimensão de como essas relações constituíam sua experiência na escola. Hoje ele consegue ter essa clareza perceptiva e no relato faz essa leitura de sua própria história, mas destaca que quando era criança ele ainda não tinha consciência do racismo, muito menos de que era uma vítima dele. A situação econômica da família ofuscou, durante muito tempo, sua percepção do racismo. Santhiago sabia que não era muito aceito no espaço escolar por ser pobre e, embora fosse alvo de "*piadas em relação a cor*", ele as interpretava como "*brincadeira*", ria e até reproduzia as "*mesmas piadas*": "*Zé-gotinha da Petrobras*"*;* "*Gasparzinho do candomblé*"*,* "*beiço de mula*". Como destacamos anteriormente, as agressões homofóbicas são naturalizadas no contexto escolar (LOURO, 2003; GODOI e ARANTES, 2012) e, da mesma maneira, as agressões racistas, travestidas de "brincadeiras", também se inscrevem nessa mesma lógica naturalizante de subalternizar

o *outro*. Essa forma comum de naturalizar e vivenciar a violência é estruturante em nossas vidas (NAVASCONI, 2019), pois, como Mombaça (2017a) destaca, "os corpos negros, os corpos racializados, os corpos não heteros, os corpos desobedientes de gênero, os corpos femininos, os corpos inscritos como loucos. Todos esses corpos foram colocados no mundo como... como marcados pela violência e foram colocados no mundo que é feito através da violência".

A violência torna-se assim um componente chave na relação que estabelecemos com o mundo e com aqueles que nos cercam. A história de Santhiago (assim como a dos demais participantes) demonstra como ela se inscreve em nossas vidas já na infância, antes mesmo que possamos desenvolver modos efetivos de defesa, restando sempre formas parciais e rudimentares de proteção que servem mais ao velamento da violência e de seus efeitos do que à sua superação. É nesse sentido que hoje Santhiago percebe que rir e reproduzir as "*piadas*" de que ele era vítima se constituíram como formas "*[...] de você esconder que você ficou magoado com aquilo*". Nessa lógica de reprodução das violências sofridas ele assume que tanto foi vítima de *bullying* quanto foi agressor. Costa (1983, p.7) destaca "os esforços para curar a "ferida"" produzida pelo racismo e aponta a reprodução de comportamentos, lidos ou atribuídos aos brancos, como umas das maneiras do negro renegar a si mesmo. Nesse sentido, é possível pensar que ao reproduzir as satirizações das quais era vítima, bem como em relação a outros corpos dissidentes, Santhiago reproduzia essa lógica mimética comportamental na esperança de assim tornar-se partícipe e beneficiário dos privilégios que lhe eram negados. Santhiago recorda que, durante muito tempo, reproduziu discursos preconceituosos, machistas, racistas e homofóbicos: *'Tudo bem um homem ser gay, mas não pode ser afeminado', 'a mulher tem que se dar ao respeito', 'bandido bom é bandido morto'*".

Desse modo, é possível perceber que essa estratégia de "defesa" adotada por ele configura-se também como um processo de agressão contra si mesmo, pois, por meio dessa reprodução, Santhiago evidencia o processo de internalização da violência de que era vítima. Um processo de internalização tanto da homofobia (BORRILO, 2010; CASTAÑEDA, 2007) quanto do racismo (COSTA, 1983; SOUZA, 1983). Podemos vislumbrar aí a existência de um jogo reflexivo e especular, porque o outro agredido empresta semblante e encarna o próprio agressor, é um reflexo dele mesmo e, por isso, deve ser atacado. O impossível de ser visto e experimentado em si mesmo (em seu caso, a homossexualidade e a negritude) projeta-se sobre o outro que é então identificado como um alvo possível e concreto, uma encarnação daquilo que nele é inelutável.

Essa lógica comportamental e relacional perdura até o período de transição entre o ensino fundamental e o ensino médio, época em que as percepções, relações e condutas de Santhiago começam a mudar. Esse foi um período em que ele caracteriza como o início de uma fase de "*descoberta*". Santhiago começa a descobrir sua sexualidade, sua origem e sua cor, mas também descobre o preconceito. A escolha das palavras não é aleatória. Não pude deixar de notar que o verbo que mais marcou esse momento de sua narrativa foi o verbo "descobrir". Santhiago fala da sua sexualidade, da sua raça e também da homofobia e do racismo como experiências que já eram vividas intensamente, mas veladas dentro de sua rede relacional. Um véu de ignorância produzido pela naturalização das violências e pela manutenção de um silêncio sintomático que produz o "desconhecimento", a "ignorância" em torno dos corpos e modos de vida dissidentes das normas racial e cisheteronormativa (GODOI e ARANTES, 2012; BRITZMAN, 1996).

Mas Santhiago começa a desenvolver sua possibilidade de descortinar esses véus ideológicos que tentam encobrir essas relações. Agora ele tinha elementos que o possibilitavam nomear as experiências que tanto marcaram sua história. Agora ele sabia que era vítima "*tanto o preconceito racial quanto o preconceito homofóbico*". Em sua experiência ele percebe que esses preconceitos "*partem de dois lugares diferentes*", porém existe "*um ponto onde eles se encontram*". A experiência dessa intersecção desses marcadores sociais de diferença (raça e orientação sexual) (CRENSHAW, 2002; 2004; JUNQUEIRA, 2007) e desses dois tipos de preconceito ficou mais evidente durante os anos em que ele cursou o ensino médio. Foi quando as agressões se transformaram e se incrementaram, elas começaram a evidenciar para Santhiago o quanto aproximar-se de condutas e posições lidas como femininas ou associadas às mulheres eram um problema e o núcleo das agressões homofóbicas (WELZER-LANG, 2001; TEIXEIRA FILHO, 2012; ZANELLO, 2018) de que era vítima: "*é muito afeminado*". Rispidamente ele reproduz a fala que ouvia com frequência e que conectava a agressão homofóbica à racial: "*além de preto é gay*"; "*além do cara ser preto, o cara é gay*". Foram essas últimas frases que fizeram, pela primeira vez, ele perceber e pensar que "*fazia parte de duas minorias*". Entretanto, a inserção de Santhiago nessas duas minorias ocorre de forma contraditória, pois "os padrões de masculinidades que operam como categoria de inteligibilidade do "ser homem" podem ser, ao mesmo tempo, potencializadas pela questão racial (homem e negro) e suavizadas pela orientação sexual (homem e *gay*)" (ARANTES, 2010, p.959). Sendo assim, viver essa experiência de deslocamento, violência e contradição foi marcante em sua história, uma experiência que ele tem "*dificuldade de esquecer*" e que

ele considera que "*deveriam ser esquecidas*". Ele lembra exatamente da primeira vez em que ouviu essas frases - "*até hoje do tom de voz, da roupa que ele estava usando*" - e imitando o tom de deboche repete: "*além de preto é gay*".

Nesse processo intenso e duro de importantes "*descobertas*", Santhiago percebe que teve mais "*facilidade*" em se "*aceitar enquanto gay*" do que negro. Contrariamente à questão racial, a "*descoberta*" de sua orientação sexual não foi algo que lhe "*chocou*" ou que tenha produzido nele algum tipo de "*rejeição*". Por nascer e crescer em um meio social de maioria branca Santhiago "*absorvia o que estava em volta, absorvia o padrão social [...] ideal*". Ele percebe que, de uma maneira ou de outra, isso ocorre com "*toda criança negra que conviveu assim no meio dos brancos*". Ele percebeu na sua própria experiência que diferente da homossexualidade "*você não pode esconder que é negro [...] se tem uma coisa que eu queria, que eu tinha vontade era isso... o meu padrão de beleza não era o meu, não era o que eu tinha, era o que eu queria ser, porque era mais fácil*".

Não é uma surpresa o fato de Santhiago ter encontrado mais "*facilidade*" em aceitar-se como homossexual do que como negro. Enquanto a homossexualidade pode ser dissimulada, ocultada no armário, o mesmo não é possível em relação a sua raça (SEDWICK, 2007; CASTAÑEDA, 2007; BORRILLO, 2010). Estigma visível, a raça torna-se base da violência cotidiana de que Santhiago era e ainda é vítima. Um cotidiano de violência que nós homossexuais brancos não podemos imaginar, pois, apesar de transgredirmos a heteronormatividade, ainda gozamos do privilégio de pertencermos ao "modelo universal de humanidade" (BENTO, 2014; NAVASCONI, 2019). Experimentamos e vivemos nossas vidas como se não fôssemos marcados pela raça, somos desracializados (SCHUCMAN, 2010) e , ao não problematizarmos essas relações, mantemos um pacto tácito de silêncio (BENTO, 2014; NAVASCONI, 2019) em torno dessas opressões e violências raciais cometidas contra a população não branca, bem como emudecemos e cegamos frente aos privilégios que gozamos enquanto pessoas brancas. É inegável que como homossexuais somos vítimas cotidianas de violência, porém não posso deixar de reconhecer que ascender à norma é mais viável desde a branquitude (MOMBAÇA, 2017a): "*tudo bem ele ser gay desde que ele seja o mais parecido comigo*". Esse é um privilégio que eu e os demais participantes da pesquisa tivemos e temos, mas que foi e é negado a Santhiago.

Enquanto humano universal, o branco se constitui como o "modelo de identificação normativo-estruturante" (COSTA, 1983, p. 4), o molde por meio do qual os processos de subjetivação das pessoas negras também são a-sujeitados. O espelho que

socialmente é oferecido às pessoas negras é um espelho branco. O branco converte-se num ideal a ser atingido, um ideal que leva necessariamente à negação da negritude (SOUZA, 1983; FANON, 2008). É disso que fala Santhiago quando evoca a ideia de um "*padrão social [...] ideal*". Novamente observo a não aleatoriedade na seleção das palavras que compunham sua narrativa. Santhiago fala de uma absorção desse ideal de branquitude, um processo quase osmótico de internalização dos padrões estético, relacional, comportamental e subjetivo que atravessam sua experiência desde a infância. Hoje Santhiago tem clareza que essa absorção osmótica é uma experiência comum e presente no cotidiano de toda criança negra, que vive em uma sociedade branca como a nossa. Um processo de absorção que se inicia no contexto familiar (vale lembrar que Santhiago é filho de um casamento inter-racial, uma lógica de união que é historicamente marcada e caracterizada pela ideologia de embraquecimento da população brasileira) e que prossegue nos espaços secundários de socialização (comunidade, escola, igreja, trabalho, espaços de lazer, etc.) onde é reforçado e encontra solo fértil para adquirir sentido e "eficácia enquanto modelo ideal para o sujeito" (SOUZA, 1983, p. 36).

> quando digo "feche os olhos e imagine uma família, uma criança, universitários/as, médicos/as", pode-se dizer que, na maioria das vezes, imaginamos pessoas brancas, posto que todos os meios de comunicação social brasileiros usam quase que exclusivamente o modelo branco para representar o cotidiano, consequentemente, o modelo que tomamos e assumimos como belo e padrão passa a ser a branquitude (NAVASCONI, 2019, p. 82).

Por conta da absorção desse modelo ideal branco, Santhiago queria esconder sua negritude e sofria com isso, um sofrimento que ele sentia e vivia literalmente em cada poro de sua pele, em cada fio de seus cabelos crespos, cabelos que ele tentava esconder mantendo sempre a cabeça raspada, tentando "*se encaixar naquele padrão*" de beleza que não era o seu. Vemos assim como o corpo negro é um corpo produzido, fabricado e lido através das lentes do branco (FANON, 2008; SOUZA, 1983; MUNANGA, 2003). Como afirma Mbembe, citado por Navasconi (2019, p. 68), "o negro é uma alcunha, a túnica com a qual outros me disfarçaram e na qual me tentam encerrar". Nesse processo de produção dos corpos negros fabricam-se corpos "que se odeiam, desprezam-se e que, automaticamente, possuem vergonha por, simplesmente, serem negros, tornando-se um corpo perseguido, odiado, visto como foco permanente de ameaça de morte e dor" (NAVASCONI, 2019, p. 84).

As sequelas desse processo, produzidas por nós que pertencemos ao "mundo branco", deixaram marcas profundas na vida de Santhiago. São feridas diversas, algumas abertas, outras cicatrizadas (SOUZA, 1983), mas que ainda estão ali marcando seu corpo e pulsando dolorosamente quando o tempo muda e o faz revisitar essas experiências. Hoje Santhiago sente-se "*capacitado*" para lidar e se defender de pessoas e relações que o violentem, que cobrem ou questionem sua não adesão a esse "*padrão social ideal*". Porém, naquela época, ele não vislumbrava alternativas, ele não tinha um modelo positivado de negritude, da mesma forma não tinha espelho que pudesse refletir sua homossexualidade e muito mais distante ainda estava o acesso a modelos ou discussões sobre a homossexualidade negra. Nada que Santhiago acessava, em termos de conhecimentos e relações, lhe permitia, naquela época, refletir sobre sua experiência enquanto um homem *gay* negro (BRITZMAN, 1996). Diante desse cenário de solidão experiencial, "*a melhor defesa era se adaptar, tentar se adaptar*". Adaptar-se não era, portanto, uma escolha era a sua única saída. Assim, como não havia como ocultar sua pele, sua cor, sua raça Santhiago tentava pelo menos minimizar os efeitos da homofobia. Sua primeira alternativa foi buscar atender a algumas expectativas da "*heteronormatividade [...] tentar jogar bola, brincadeira de menino, brincar com menino*". Apesar de agir de uma forma que buscava, em certa medida, ocultar sua homossexualidade, ele nunca se afirmou heterossexual. Nesse sentido, teve um período em que ele "*[...] evitava falar sobre sexualidade com as outras pessoas [...] com medo de falar alguma coisa ali, e parecer gay*". Era isso que Santhiago desejava de todo modo evitar, ele "*não queria [...] parecer gay*" ele queria garantir algum nível de aceitação social por corresponder à "imagem [...] aceitável" da heterossexualidade (LEMOS de SOUZA, 2008, p. 4-5).

A reprodução da heteronormatividade e o desejo de não parecer homossexual, mostra uma tentativa de Santhiago de romper com aqueles aspectos que poderiam associá-lo às mulheres (LOURO, 2003; TEIXEIRA FILHO, 2012; ZANELLO, 2018). Desse modo, adaptar-se significava negar-se a si mesmo, se esconder no armário. Vítima da violência externa e da violência auto infligida ele tentava participar e gozar dos privilégios da "casa-dos-homens" (WELZER-LANG, 2001) e assim romper com o isolamento social que caracteriza boa parte de nossas adolescências (BRITZMAN, 1996). Essa estratégia adotada por Santhiago é resultado da reação e das relações que ele estabelecia com as demais pessoas com quem convivia, especialmente na escola. Fato que mostra o quão distante ainda estamos de ter uma escola democrática, plural e

engajada no processo de transformação desse contexto social de violências. Em seus espaços relacionais Santhiago via que as pessoas aprendem que "*bonito é hetero*" e a partir desse aprendizado buscam "*passar*" e impor isso ao demais, "*seja em forma de piada, seja em uma crítica, ou espalhando boatos para todos os colegas pra você se tornar a bichinha da sala*" (LOURO, 2000; GODOI e ARANTES, 2012). Ele mesmo havia aprendido assim.

Na adolescência, ele "*já sabia que tinha homens que se relacionavam com homens, mulheres que se relacionavam com mulheres*", mas entendia que isso "*era feio, de que não era uma coisa boa*". Essa é uma percepção que foi se construindo desde sua infância quando as pessoas já corrigiam sua "*postura*": "*por que você não brinca de carrinho?*"; "*anda direito*"; "*para de andar só com meninas*"; "*anda com meninos*"; "*brinca com meninos*"; "*brinca de carrinho*"; "*não brinca de boneca*". Relembrando essas "correções posturais" ele relata um episódio marcante que lhe ocorreu quando estava na terceira série: Santhiago estava brincando de "*guerra*" com um colega na sala de aula e bateu com uma régua na bunda de seu amigo, a professora ao ver a cena o chamou para fora da sala e o repreendeu "*você acha bonito um homem fazendo sexo com outro homem?*". A partir desse episódio, ele percebeu que precisava se "*policiar mais, tinha que tomar mais cuidado [...] ter uma postura no tom de voz, no jeito de andar, no jeito de se vestir, tentando não ser feio*".

A cena narrada por Santhiago mostra o quanto o mito da "inocência" infantil, entendida como ausência de sexualidade nessa etapa da vida, ainda é fortemente presente nas relações escolares. Essa suposta "inocência" foi perturbada quando Santhiago, ao brincar com seu colega, produz uma ação lida pela professora como um comportamento que tem componentes sexuais. A resposta repressora da educadora é uma ação comum, especialmente quando esses comportamentos destoam das cisheteronormatividade (GODOI e ARANTES, 2012). Vemos assim que a escola ainda se configura como "[...] um lugar em que o gênero e a sexualidade são ainda pouco trabalhados institucionalmente e em sala de aula, dependendo muito mais do professor e de seus valores. Isso resulta, muitas vezes, em ações atravessadas por estereótipos e preconceitos, refletindo como o professor lida com estas questões no seu cotidiano" (LEMOS DE SOUZA, 2012, p. 125). A ação repressora da professora faz com que Santhiago conecte diretamente a leitura da sexualidade à "feiura" e assim sinta vergonha e desejo de se desvencilhar de todo comportamento que não possa ser lido como belo ("*bonito é hetero*"). A vergonha funciona assim como um importante instrumento de controle no processo de subjetivação

dos meninos "através de um processo de humilhação endurecedora, os meninos devem sentir vergonha constantemente durante a fase de crescimento, partido da ideia de que um garoto precisa ser disciplinado, endurecido, agir como um "homem de verdade"" (GODOI e ARANTES, 2012, p. 60). E para agir como um "homem de verdade" era preciso se policiar, evitando todo comportamento "*feio*".

Por conta desse constante autopoliciamento, Santhiago sempre se considerou "*talvez um pouco mais heteronormativo*". Apesar de se perceber assim, as pessoas enxergavam outra coisa, "*sempre desde pequeno: 'vai ser gay'*". Ainda quando era criança, houve uma ocasião em que sua mãe "*não gostou*" nem um pouco de vê-lo brincando com bonecas e também tinha "*receio*" pelo fato da maioria de suas amizades serem meninas. A primeira memória que ele tem de brincar com bonecas foi na casa de uma amiga que era sua vizinha. Nesse dia, a mãe da amiga chegou na porta do quarto, onde eles estavam brincando, colocou a mão na cintura e apenas disse "*huuummmm*". Essa fala veio acompanhada de um olhar que "*apenas mais tarde*" ele foi entender, Santhiago acredita que "*ela pensou: Vai ser gay*". A partir desse episódio e de sua própria história, ele concluiu que "*o preconceito chega antes [...] da gente perceber que é preconceito. Mas eu tenho certeza que com o entendimento que você tem, você lembra por algumas coisas e percebe como aquilo foi preconceituoso, mas na hora você não percebeu porque não tinha o entendimento de hoje*".

O autopoliciamento e a busca por não parecer *gay*, assumindo uma postura heteronormativa, muda quando ele começa a "*conversar sobre isso*". Na adolescência, Santhiago fez uma amizade virtual com um rapaz que "*também era gay*" e essa foi a primeira vez que ele conversou com alguém sobre sua homossexualidade, a primeira vez que tinha alguém com quem trocar "*experiências*". Graças a isso ele começa a mudar sua percepção, sua postura e suas relações. Se antes ele não queria "*parecer gay*", agora ele começava a sentir a "*necessidade*" de "*mostrar*" sua homossexualidade. Ele queria "*deixar claro*" sua orientação sexual para assim evitar que as pessoas fizessem "*piadinhas*" ou para que quando o fizessem e ele respondesse, mesmo que com um "*olhar sério*", a pessoa entendesse o motivo de sua resposta. A partir daí, ele não ria mais das "*piadas*", muito menos as reproduzia como fazia antes.

Nesse mesmo período, Santhiago teve que prestar serviço militar, sem se voluntariar ele foi "*puxado lá pra dentro*". Quando recebeu a informação de sua convocação, a primeira coisa que pensou foi: "*eu vou estar num lugar onde só tem homens, em sua maioria com um machismo predomina no quartel*". Para os militares do

Exército, "*o quartel é a escola que forma homem*" só que, naquele momento, Santhiago estava se questionando: "*o que que é ser homem?*". Com o tempo essa questão se transformou em uma certeza: diante da sua não correspondência com esse "*padrão social de homem, o padrão social imposto atualmente*" não teria como ele se considerar um "*homem*". Apesar de seus questionamento e temores iniciais, durante o ano em que ele prestou o serviço militar não vivenciou nenhum tipo de agressão homofóbica. Contudo, o medo era uma presença insidiosa: "*claro que eu via situações que eu tinha medo que as pessoas me perguntassem sobre a minha sexualidade, porque eu não ia mentir*".

Foi somente depois do serviço militar que Santhiago, com 19 anos de idade, se encontra e começa a namorar com outro rapaz, pela primeira vez em sua vida. Ele já havia conversado com outros "*caras*" por aplicativos e redes sociais, tinha amigos *gays*, mas ainda não havia se relacionado com ninguém. Esse início tardio da vida amorosa/sexual torna perceptível (assim como na história de Sam) o quanto a trajetória afetiva e sexual de Santhiago não segue a mesma linha de progressão comum à adolescência e juventude heterossexual (CASTAÑEDA, 2007). Quando começou a namorar ele estava certo que queria "*ter um namoro normal*". Para que isso ocorresse sua mãe e seu irmão, com quem ele morava, precisavam saber da sua orientação sexual e do seu relacionamento. Ele não sentia "*muita necessidade*" de ter essa mesma conversa com seu pai devido à ausência que ele lhe representava, pois "*quem me acompanhou, quem foi na escola, quem arrumava, quem comprava... na maioria das vezes, as minhas brigas no colégio era a minha mãe*".

Santhiago estava certo de que esse era o caminho, iria ter essa conversa com sua mãe, porém "*não tinha a mínima ideia de como contar isso*". Então um dia estavam os três na cozinha de sua casa: Santhiago, seu namorado, Michael, e sua mãe. Ela estava lavando louças, Santhiago estava na porta e Michael de pé. Não sabendo por onde começar ele resolveu ser direto: "*mãe, a gente está namorando*". A primeira reação de sua mãe foi de descrença "*é mentira né?!*". Ela continuou lavando louças, mas, ao ver que Santhiago permanecia sério e olhando-a fixamente, resolveu buscar confirmação em Michael: "é *verdade?*". Michael confirmou o relacionamento e, diante de sua resposta positiva, a mãe de Santhiago enxugou as mãos, suas pernas estavam bambas, ela se sentou à mesa da cozinha, Santhiago sentou-se em uma cadeira, Michael em outra e, então, ela começou a chorar.

Santhiago tentou "*explicar algumas coisas*" para sua mãe, mas "*nos três primeiros dias foi difícil*". Essa dificuldade inicial não decorreu especificamente da não aceitação

da orientação sexual dele, na verdade a "*primeira coisa que veio na cabeça dela*", sua maior preocupação era com a violência, ela pensava que Santhiago seria "*espancado e morto na rua*" por ser *gay*. Santhiago percebe que esse pensamento é algo recorrente na imaginação dos pais, pois independente de aceitarem ou não a orientação sexual de seus filhos eles sabem e pensam no "*preconceito*". Mas esse período inicial de angústias foi se amenizando e sua mãe "*não se revoltou*", não lhe pediu para se "*privar de nada*". Na verdade, sua mãe abraçou a causa, começou a se informar e a participar das ações do coletivo LGBT que Santhiago fazia parte. Foi um aprendizado conjunto e compartilhado, pois ambos eram "*muito cru nesse assunto, [...] não entendia*" muito sobre as discussões relativas à população LGBT.

No mesmo dia em que Santhiago assumiu sua orientação sexual e seu relacionamento para sua família, eles decidiram que teriam que fazer o mesmo processo com a família de Michael. Porém, a reação da família de Michael foi bem diversa da família de Santhiago. Michael é um jovem branco e proveniente de "*uma família muito conservadora*". Ali, Santhiago teve muita dificuldade de "*aceitação tanto racial quanto por orientação*". Junto à família de Michael, Santhiago reviveu muitas cenas passadas de sua vida, especialmente aquelas ligadas a experiências de racismo. Quando contaram para mãe de Michael ela ficou "*chocada*" e, logo após esse episódio, Michael e sua família saíram em uma viagem. Quando retornaram da viagem, Michael foi trancado no quarto, lhe retiraram a chave do carro e seu pai queria ir a um conhecido ponto de prostituição de Cascavel contratar uma prostituta, pois acreditava que assim isso "*ia passar*" e seu filho deixaria de ser *gay*. Michael contou para Santhiago que seu pai lhe dizia: "*Eu não posso aceitar você namorando com esse rapaz negro, com esse negrinho*". Enquanto isso, sua mãe o pressionava: "*a primeira vez que ele te pegar vai doer, você vai se arrepender*". Para Santhiago, isso "*foi uma tortura psicológica*" tanto para Michael quanto para ele. Embora essas falas não ocorressem diante de Santhiago, seu namorado sempre lhe relatava tudo que ocorria e tudo que era dito em sua casa e, assim, ele ia revivendo, indiretamente, as cenas que tanto lhe marcaram na infância e na adolescência.

A reação da família de Michael escancara o racismo de que Santhiago historicamente foi vítima. De forma dura e cruel eles demonstram inequivocamente como aprenderam a ler o corpo negro como uma ameaça (MOMBAÇA, 2017b). Enquanto brancos aprenderam e construíram o negro como o *outro* (FANON, 2008; BENTO, 2014; NAVASCONI, 2019). Segundo Bento (2014), o medo é um elemento constitutivo do racismo. O medo paranoico, conforme caracteriza a autora, que representa o *outro* como

a origem de todo o mal (FANON, 2008) funciona semelhante a um mecanismo de expurgo e purificação da branquitude. Assim, ao temer pelo filho, que agora se relacionava com Santhiago, a família dele "ao projetar os impulsos consegue se livrar deles e, ao mesmo tempo, reagir a eles, como algo que pertence ao mundo exterior. É um tipo de paranoia que caracteriza frequentemente quem está no poder e tem medo de perder seus privilégios. Assim, projeta seu medo e se transforma em caçador de cabeças" (BENTO, 2014, loc. 586).

Fanon (2008) afirma que o negro representa dentro do imaginário branco o perigo biológico, pois, segundo o autor, a pessoa negra não passa disso, de uma representação/redução biológica. Santhiago encarna esse perigo, que automaticamente é remetido ao ato sexual pela mãe de seu namorado - "*a primeira vez que ele te pegar vai doer*". Há nitidamente aí o "medo da potência sexual do preto" (FANON, 2008, p. 142). Vemos assim que "a superpotência sexual é mais um dos estereótipos que atribui ao negro a supremacia do biológico e [...] reafirma a representação de animalidade no negro, em oposição à sua condição histórica, à sua humanidade" (SOUZA, 1983, p. 31). Santhiago estava aos olhos da família de Michael reduzido a essa condição animalesca, um monstro, não uma pessoa, (NAVASCONI, 2019). Santhiago encarnava ali o mal que colocaria a integridade física e moral do filho e da família branca em risco.

> Faz frio, o preto treme, o preto treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do preto, o preto treme de frio, um frio que morde os ossos, o menino bonito treme porque pensa que o preto treme de raiva, o menino branco se joga nos braços da mãe: mamãe, o preto vai me comer! (FANON, 2008, p. 106).

> [...] o Mal é representado pelo negro. É preciso avançar lentamente, nós o sabemos, mas é difícil. O carrasco é o homem negro, Satã é negro, fala-se de trevas, quando se é sujo, se é negro – tanto faz que isso se refira à sujeira física ou à sujeira moral. [...] O negro, o obscuro, a sombra, as trevas, a noite, os labirintos da terra, as profundezas abissais (FANON, 2008, p. 160).

Apesar de vítima das agressões, Santhiago, em certa medida, se culpava por ter vivenciado isso, em seu entendimento ele errou ao desejar que a família de Michael lhe "*engolissem*". A exposição cotidiana às violências racistas e homofóbicas e a naturalização dessas violências faz isso: converte a vítima em agressor; converte a vítima em algoz de si mesma. Mas Santhiago amava Michael e insistiu no relacionamento e, após diversas investidas familiares na tentativa de minar a relação dos dois, os pais de Michael perceberam que não haveria alternativa, eles seguiriam se relacionando. A partir dessa constatação, a mãe de Michael resolveu ir conversar com a mãe de Santhiago. Nessa

conversa sempre que ela se referia a Santhiago ela o relacionava ao uso de drogas, falava sobre sua permanência na praça pública, falava sobre suas amizades e "*companhias*". Para Santhiago, ela estava fazendo "*um 'alto' julgamento*", sem o conhecer, "*tirando estigmas*" que ela tinha sobre ele e sua cor. Após essa conversa, no mesmo dia, Santhiago foi convidado para um jantar com a família de Michael, porém decidiu não ir, pois não "*estava psicologicamente*" preparado para isso, "*pra entrar lá*".

Passado um tempo e já preparado para a reunião familiar Santhiago foi até a casa de Michael para um jantar. Porém, ao chegar lá, não estavam presentes apenas a família de origem de Michael, mas diversos outros membros de sua família extensa, "*apareceu os tios, apareceu as tias, apareceu os primos*". Uma grande reunião de família. Apesar de ser bem recebido, ele sentia uma "*diferença muito grande de tratamento*". Santhiago percebeu que as pessoas, muitas vezes, não querem transparecer seus preconceitos, mas para ele isso era e é inevitável. Nesse sentido, ele começou a observar que o racismo "*é um crime tão perfeito que só a vítima percebe, às vezes você está numa roda e a pessoa solta alguma coisa, por mais que todo mundo tenha ouvido nitidamente, só aquela pessoa vai ouvir*". O racismo funciona assim, algumas vezes ele é ruidoso, outras mais "sutil": "*'você é moreno'; 'Você é mulato', 'ah você não é tão preto assim'; 'Você não é preto, você é escurinho'; 'você não é negro, você é escurinho, você é moreno'*". Expressões cotidianas que mostram que a ideologia do embranquecimento possui raízes profundas no imaginário brasileiro (BENTO, 2014). E, em muitas ocasiões, o racismo se (re)produz "silenciosamente": "*diariamente você percebe quando você não passa em uma entrevista de emprego, você percebe quando você não é aceito em algum lugar, em alguma família*".

Essas eram as suas experiências com o racismo e assim funcionava nas interações com os familiares de Michael. Apesar de perceber tudo isso, Santhiago permaneceu lá, seguiu frequentando a casa de Michael, pois ele era uma pessoa de quem Santhiago gostava muito, era seu primeiro relacionamento, seu "*primeiro contato com alguém [...] com uma outra família*". Santhiago se sentia "*despreparado pra tudo, inclusive [...] psicologicamente*" e seguiu fazendo algo que até então nunca tinha feito - "*ficar quieto, [...] tentar fingir que [...] não estava vendo*". Pressionado a ocupar esse lugar de silenciamento e invisibilidade (NAVASVONI, 2019) Santhiago encenava um personagem cujo roteiro não era de sua autoria. Era um roteiro branco que exigia dele o silêncio, a surdez e a cegueira. Santhiago então "*fingia*", mas via e ouvia claramente o insidioso preconceito que, além de racista, era homofóbico: "*Não quero vocês com viadagem!*"; *"Não quero unha pintada, se vestindo de mulher"; "Quem é a mulher da*

relação?"; "*como é que eu te chamo de genro ou de nora?*". É o feminino (WELZER-LANG, 2001; LOURO, 2003; TEIXEIRA FILHO, 2012; ZANELLO, 2018) e a negritude (FANON, 2008; BENTO, 2014; SOUZA, 1983; NAVASCONI, 2019) que são odiados. Enquanto essas agressões ocorriam, Michael mantinha-se "*com a boca calada, muito negligente, nunca se posicionou em nada*". Diferente da posição de Santhiago, que era silenciado, Michael tinha o privilégio de escolher silenciar ou se posicionar. Não posso deixar de reconhecer que Michael também era vítima da homofobia familiar, mas é preciso ter clareza que mesmo sendo vítima da homofobia ele goza "privilégio simbólico da brancura, o que não é pouca coisa" (BENTO, 2014, loc. 376), posição que lhe dá mais mobilidade em direção à norma (MOMBAÇA, 2017). Assim, o gozo desse privilégio, garantido pela branquitude, mostra o quanto "o silêncio, a omissão, a distorção do lugar do branco na situação das desigualdades raciais no Brasil têm um forte componente narcísico, de autopreservação, porque vem acompanhado de um pesado investimento na colocação desse grupo como grupo de referência da condição humana" (BENTO, 2014, loc. 437).

Um episódio marcante desse período ocorreu no aniversário do pai de Michael. Santhiago frequentava a casa da família, porém nunca havia conversado com seu "*sogro*", "*nunca tinha falado com ele*". Torcedor fanático do Clube Internacional, time de futebol do Rio Grande do Sul, o pai de Michael queria um relógio de parede do seu time do coração e, embora tenha até ido ao Paraguai procurar o item, acabou não encontrando. Santhiago, por acaso, encontra o relógio um dia quando estava andando de bicicleta pelo centro da cidade, feliz com seu achado ele ligou para Michael para compartilhar a notícia, foi até sua casa buscar dinheiro, comprou e embrulhou o relógio para poder presentear seu "*sogro*". No dia da festa de aniversário, ele vai até a casa de Michael, entrega o presente ao seu "*sogro*" que lhe dá um abraço e lhe diz apenas "*obrigado*". Após esse cumprimento, o pai de Michael sai do espaço onde eles estavam e vai para a edícula da casa deixando o relógio, sem mesmo tirar da caixa, em cima da mesa. A edícula da família era toda dedicada e decorada em homenagem ao Internacional, do "*enfeite da geladeira*" à "*tábua de carne*". Apesar disso, seu "*sogro*" havia deixado o relógio em cima da mesa. Isso não passou despercebido por Santhiago que após o ocorrido sobe para o quarto de Michael e fica "*mexendo no computador*". Passado algum tempo, Michael percebe o que havia ocorrido e depois de tirar o relógio da caixa coloca-o na edícula. Porém seu pai retira o relógio da edícula e coloca na lavanderia.

A partir desse episódio, a postura e a relação que Santhiago tentava estabelecer com a família de Michael começa a mudar. Ele frequenta menos a casa de Michael e compartilha seus afetos com seu namorado: "*Eu não estou conseguindo, não está tendo uma aproximação, está difícil pra mim e psicologicamente está ruim*". Diante desse relato, Michael lhe disse que não havia nada que pudesse ser feito, que ele não sabia o que fazer. Na época, Michael vivia um quadro complexo de depressão e sabendo disso Santhiago tentava "*não transparecer*" o que sentia para não afetar ou piorar o quadro clínico dele. Porém, ele começa a perceber que quando Michael estava em um período mais estabilizado ele acreditava que tudo estava bem na relação entre eles e com sua família. Michael "*não entendia*" o que Santhiago "*passava*" e o que ele vivia. Santhiago percebe que para muitas pessoas é realmente difícil entender a vivência do racismo ou de qualquer forma de preconceito e opressão. Ele via que frequentemente as pessoas utilizavam e utilizam o termo "*mimimi*" ou afirmam: "*Você está se vitimizando*". Ele percebeu que esse tipo de reação decorre do fato da pessoa não conseguir reconhecer os "*privilégios que ele tem*". Segundo Bento (2014, loc. 369), o que interfere nesse processo de reconhecimento "[...] é uma espécie de pacto, um acordo tácito entre os brancos de não se reconhecerem como parte absolutamente essencial na permanência das desigualdades raciais no Brasil". A autora continua questionado: "Há desigualdades raciais? Há! Há uma carência negra? Há! Isso tem alguma coisa a ver com o branco? Não! É porque o negro foi escravo, ou seja, é legado inerte de um passado no qual os brancos parecem ter estado ausentes" (BENTO, 2014, loc. 373). Ou seja, essa posição adotada por nós brancos reduz as desigualdades raciais brasileiras e as violências racistas ao entendimento de que essa é uma problemática exclusiva das pessoas negras.

Santhiago tem clareza dessas relações e compara a sociedade a uma pirâmide. "*Lá no topo da pirâmide está o homem-cis, rico, branco e hetero [...] aí lá na base da pirâmide está a mulher negra, trans, pobre*". Os indivíduos, na percepção de Santhiago, que ocupam o topo da pirâmide e possuem "*tantos privilégios*" têm dificuldades de enxergar e perceber a experiência e as condições de existência de quem está abaixo. Em contrapartida, em sua metáfora, quem ocupa os níveis inferiores e a base da pirâmide consegue "*olhar para cima [...] consegue olhar todo mundo, [...] consegue olhar todos os privilégios*". Nessa perspectiva, Santhiago reconhece que "*mesmo sendo uma minoria, eu tenho [...] o meu privilégios e o meu privilégio é ser homem*". Santhiago produz uma apurada análise social e denuncia assim a dificuldade que enfrentamos em nos defrontar com os nossos privilégios. Dificuldade que rapidamente se transforma "[...] num discurso

de mérito e competência que justifica uma situação privilegiada, concreta ou simbólica. Quando se deparam com informações sobre desigualdades raciais tendem a culpar o negro e, ato contínuo, revelar como merecem o lugar social que ocupam" (BENTO, 2014, loc. 740).

Santhiago tinha essa percepção vívida das relações sociais e não encontrava ressonância e entendimento em Michael e isso fez com que o relacionamento deles fosse, aos poucos, se desgastando, assim como a sua saúde mental. Santhiago começou a "*adoecer mentalmente*" e, por conta disso, buscou se envolver com atividades para se "*entreter*". Assim como Michael ele possui "*histórico de depressão*" e de "*acompanhamento psicológico*" e ciente disso viu na inserção em coletivos, na militância estudantil e nos movimentos sociais a possibilidade de manter sua salubridade mental. Para ele, a existência desses espaços coletivos funcionou como "*um farol né [...] Que as pessoas [...] procuram quando têm algum problema*". Começou a participar do Coletivo Cores da Diversidade, ligado a pautas diversas, mas diretamente à agenda LGBT, e do Coletivo Kizomba, o qual busca trazer as minorias, principalmente as de questão racial, para pautas públicas. Sua participação nesses espaços foi importante no processo de "*descoberta*", de assunção de sua orientação sexual e especialmente na lida com os efeitos deletérios da experiência do racismo e da homofobia. Ali nesses grupos ele pôde conhecer "*pessoas da mesma causa*" e isso lhe ajudou muito. Imerso nesse novo universo pôde acessar e debater temáticas que lhe ajudaram a expandir sua percepção sobre muitos temas. Ele estava certo em relação ao que queria: "*Eu vou me aproximar dessas pessoas, esse é o público que eu quero estar, essas são as pessoas com quem eu me sinto bem, que eu quero estar inserido*". A partir dessa experiência, ele começou a ter a certeza de que "*a melhor casa de acolhimento é as próprias pessoas*".

Essa experiência de inserção nos coletivos foi vital para Santhiago. Nesses espaços, ele pode encontrar e produzir relações de amizade e acolhimento que ainda não havia experimentado. Relações dessa natureza, de amizade e fraternidade, têm um papel fundamental na constituição das identidades nas juventudes e, segundo Lemos de Souza (2012, p. 118), engendram "[...] novas formas de ser, agir e sentir no grupo em que vivem". Um processo fundamental para Santhiago que vivenciou (e infelizmente ainda vivencia) as opressões e violências do racismo ao longo de toda a sua história. Violências e opressões que, de acordo com Souza (1983, p. 44), produzem "uma ferida narcísica, grave e dilacerante" a qual só pode ser curada se a pessoa negra consegue fabricar para si mesmo uma posição subjetiva que não seja identificada com a branquitude.

> Um novo Ideal de Ego que lhe configure um rosto próprio que encarne seus valores e interesses, que tenha como referência e perspectiva a História. Um Ideal construído através da militância política, lugar privilegiado de construção transformadora da História. Independente dos modos de compreender o sentido da prática política, seu exercício é representado para o negro como o meio de recuperar a auto-estima, de afirmar sua existência, de marcar o seu lugar (SOUZA, 1983, p. 44).

Nesse sentido, é possível estabelecer um paralelo entre a assunção da identidade homossexual e da identidade racial. Falo do estabelecimento de um paralelo, pois assim como uma pessoa homossexual precisa desvincular os sentidos negativos histórica e socialmente produzidos e internalizados sobre a homossexualidade (LOURO, 2003; BRITZMAN, 1996), a pessoa negra também necessita produzir uma superação da identidade racial imposta pelo branco (FANON, 2008; BENTO, 2014; SOUZA, 1983) e fabricar o seu próprio modo de vida, sua própria posição subjetiva (MOMBAÇA, 2017).

Foucault (2014, p. 251) considera a identidade homossexual como um jogo, um devir, "um tornar-se gay". Nessa perspectiva, poderíamos pensar com Souza (1983, p. 77) que a identidade negra, como uma identidade também dissidente da norma (homem-branco-heterossexual-etc), funciona como uma posição subjetiva em construção, aberta, potente e mutável. "Ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro". Assim,

> Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (SOUZA, 1983, p. 17-18)

Foi essa possibilidade que Santhiago encontrou nos coletivos. Nesses espaços, além de descobrir um território potente ao seu processo de reconhecimento, enquanto um jovem, negro e homossexual, também pôde experimentar a função política desses coletivos que serviram e servem de plataforma para sua inserção ativa e militante na esfera pública. Nesse sentido, Lemos de Souza (2012, p. 118) afirma que a participação nesse tipo de organização possibilita a jovens como Santhiago "a expressão de seus modos de ser, através de um *estilo*, produz e divulga práticas e símbolos da cultura jovem para outros setores da vida em sociedade, seja pela produção e denúncia das condições de vida, seja pela expressão da violência como forma de relacionar-se com as desigualdades e a exclusão social" (LEMOS DE SOUZA, 2012, p. 119).

Acolhido nesses espaços e principalmente nas relações que tecia com essas pessoas Santhiago foi se fortalecendo. Foi então que ele parou de frequentar a casa de Michael, pois, após dois anos, ele estava *"ficando cansado*" e percebia que estava buscando se encaixar em um espaço que não era seu e onde ele "*não ia ser aceito como um [...]membro da família*". Santhiago já tinha consciência disso quando Michael lhe relatou algumas falas de um de seus irmãos sobre ele, coisas que Santhiago "*preferia não ouvir*". Esse episódio foi a gota d'água. Santhiago decidiu ali que deveria terminar seu relacionamento com Michael: "[...] *melhor acabar por aqui [...] Eu não estou feliz, eu não estou contente, eu não quero mais*". Embora certo de sua decisão, esse processo de término foi "*muito traumático*", "*muito ruim*", porque Santhiago gostava muito de Michael. Era o primeiro relacionamento de ambos e o término foi um evento que abalou ambos. Santhiago se inseriu ainda mais nas atividades dos coletivos, mas Michael "*não soube lidar com isso, ele não fez um esforço para entender. [...] Aí começou uma perseguição muito grande*". Sempre que Michael tinha um encontro ou ia se encontrar com alguém mandava mensagem e fotos de seus parceiros para Santhiago. A partir das mensagens e das fotos, Santhiago começou a perceber que não importava se "*paranoia*" sua ou não: "*mas todos os caras com quem ele saía, eram brancos*". Isso intensificou seus sofrimentos, pois ele percebia, vivia na pele e sempre tentou explicar para Michael "*como é que funcionava o preconceito dentro do mundo gay, que o preconceito racial no mundo gay talvez fosse um pouco diferente do mundo hetero*". Tendo feito isso, ele percebia as nuances e as especificidades da agressão que era receber aquelas imagens.

Em sua experiência Santhiago via que o "*negro no mundo gay é objeto sexual*", "*antes de um oi: 'Quantos centímetros?'; 'Nossa, você é um negro muito bonito'*". Durante suas interações com outros homossexuais que não eram negros, ele "*ouvia coisas como: 'Nunca transei com um negro, tenho uma curiosidade muito grande de saber como que é se relacionar com um negro'*". Ele se sentia como "*uma mercadoria*", pois o tratavam como "*uma figura exótica, pra matar uma curiosidade, o álbum de figurinhas no caderno*". Foi nessas interações que ele percebeu "*o ponto de encontro [...] do preconceito racial e o preconceito de orientação [...] num grupo que já sofre preconceito por causa da orientação [...] eles criam outra minoria que a do gay negro*". Ele percebeu que existe todo um estereótipo criado em torno do homem *gay* negro: "*Ele tem que ter o pênis grande, ele tem que ser ativo, ele tem que ter postura de homem, não pode ser passivo, não pode ser afeminado*". Os relatos de Santhiago não deixam dúvida "o negro não é um homem [...] o negro é um homem negro" (FANON, 2008, p. 29). Distanciado

da imagem universal de humanidade (homem branco) ele experimenta essa percepção dilaracerante de ter o seu corpo lido como "um corpo-objeto", uma mercadoria, "um corpo "útil" nos momentos que convêm, ou seja, a possibilidade de uma "humanidade" só passa a ser resgatada quando o senhor, o estado, o capital e a branquitude desejam usufruir desse corpo, mas que, em questão de segundos, novamente, esse corpo é concebido com aversão e repugnância" (NAVASCONI, 2019, p. 62).

O que Santhiago relata é reflexo da construção histórica do mito sexual do homem negro, um mito construído desde os primeiros contatos entre os europeus e o povo africano (FANON, 2008; SOUZA, 2009; NAVASCONI, 2019). Esse mito que atribui o estereótipo relativo ao tamanho avantajado do pênis do homem negro aliado à sua hipervirilidade (ARANTES, 2010) e sua superpotência sexual funciona de um modo a manter o negro no lugar da "supremacia do biológico" da animalidade "[...] em oposição à sua condição histórica, à sua humanidade" (SOUZA, 1983, p. 31). Segundo Fanon (2008, p.147), "o branco está convencido de que o negro é um animal; se não for o comprimento do pênis, é a potência sexual que o impressiona" (FANON, 2008, p.147). Para o autor, "o negro representa o instituto sexual (não educado). O preto encarna a potência genital acima da moral e das interdições" (FANON, 2008, p.152).

Assim, vemos que essa exoticidade com que tratam Santhiago, esse "desejo" pelo seu corpo, essa ânsia por preencher o "*álbum de figurinhas*" demonstra o quanto a leitura social de seu corpo faz um emparelhamento historicamente automatizado "preto-biológico-sexual-sensual-e-genital" (FANON, 2008, p.169).

> Quando a sociedade visualiza o homem negro apenas como um pênis ambulante, posto que nossa inteligência foi avaliada pela branquitude na proporção inversa ao tamanho do nosso pênis, verifica-se a objetificação e animalização, e, assim, retiram-nos toda e qualquer possibilidade de humanidade, posto que seríamos apenas "um pênis" (NAVASCONI, 2019, p. 157).

Imerso nessa discussão Santhiago recita um trecho de uma poesia: "*Ficar pra trás? Não, vamos correr atrás do prejuízo, mulher tem que ser inteligente. Mulher preta tem que ser muito mais. Homem gay tem que ser inteligente. Homem gay preto tem que ser muito mais*". O primeiro fato que me chama atenção quando Santhiago evocou esse trecho de poesia foi o momento que ele ocupa no encadeamento da sua narrativa. Logo após depor sobre a inferiorização, subalternização e desumanização às quais é submetido por ser um negro homossexual, Santhiago recita uma poesia que remete a um processo

de compensação à sua dissidência da norma. É preciso fazer essa supercompensação de dois "defeitos", pois ele distancia-se da cisheteronormatividade (CASTAÑEDA, 2007, p.152) e da branquitude, lida como modelo universal de humanidade. Como em outros momentos de sua narrativa é perceptível também o quanto a raça figura no primeiro plano dessa lógica compensatória. A razão disso é clara em seu discurso, porque como ele mesmo enuncia "*você não pode esconder que é* negro", logo esse estigma visível e inelutável exige sua constante compensação. Essa tendência supercompensatória em decorrência da raça aparece e é sintetizada claramente no discurso de uma das depoentes do estudo feito por Souza (1983). Em seu discurso Luísa destaca o quanto o negro e a negra têm "[...] a responsabilidade de ter que ser, a exigência de ter que ser. Ser negro é ter que ser o mais".

> Ser o melhor! Na realidade, na fantasia, para se afirmar, para minimizar, compensar o "defeito", para ser aceito. Ser o melhor é a conquista a ser introjetadas, assimilada e reproduzida. [...] Para o negro, entretanto, ser o melhor, a despeito de tudo, não lhe garante o êxito, a consecução do Ideal. É que o Ideal do Ego do negro, que é em grande parte constituído pelos ideais dominante, é branco. E ser branco lhe é impossível (SOUZA, 1983, p. 40).

Como mostra a autora, essa estratégia compensatória está fadada à frustração e, por conseguinte, à produção de mais sofrimento. Sofrimento que Santhiago vivia intensamente naquele período. Ele estava sofrendo pelo término do seu relacionamento e também sofria com essa persistência do racismo que ele percebia na postura de Michael e nos contatos que fazia no "*mundo gay*". Esse acúmulo de sofrimentos eclode em uma tentativa de suicídio. "*As coisas decorreram disso... piorou tudo... eu achei que isso ia... ia ser melhor*". Santhiago vivia essa intersecção deletéria entre homofobia e racismo e viver essas constantes violências era insuportável. O seu depoimento mostra de forma contundente que

> Um corpo que não consegue ser absolvido do sofrimento que infringe ao sujeito torna-se um corpo perseguidor, odiado, viso como foco permanente de ameaça de morte e dor. Pode-se imaginar quais as seqüelas psíquicas derivadas desta última situação. A relação persecutória com o corpo expõe o sujeito a uma tensão mental cujo desfecho, como seria previsível é a tentativa de eliminar o epicentro do conflito (COSTA, 1983, p. 6).

Esse episódio na história de Santhiago mostra o quanto a fabricação histórica da negritude, em um lugar de subalternidade e de autorização tácita da violência, inscreve a

vida e o corpo negro em um registro subjetivo e relacional desumano. Desse modo, as relações sociais engendradas por essa lógica produzem

> [...] corpos negros que se odeiam, desprezam-se e que, automaticamente, possuem vergonha por, simplesmente, serem negros, tornando-se um corpo perseguido, odiado, visto como foco permanente de ameaça de morte e dor. As sequelas produzidas e derivadas desse contexto são produto de um grupo social, isto é, da branquitude, e, portanto, essa relação persecutória com o corpo, bem como a negação desse corpo, pode apontar diferentes desfechos deste que chamamos por "processo de embranquecimento", tal como a própria tentativa de eliminação, isto é, a consumação do suicídio (NAVASCONI, 2019, p. 84).

Era isso que Santhiago queria: cessar o sofrimento, eliminar o "mal encarnado" em seu próprio corpo. Com isso em mente ele ingeriu uma "*quantidade significativa*" de medicamentos e saiu correndo de bicicleta pela rua. Enquanto pedalava, ele ia "*pensando*" e, após refletir bastante, ele resolveu entrar em contato com um dos membros do coletivo LGBT do qual participava e verificar a possibilidade de ir, naquele momento, para a república de acolhimento para a população LGBT que o coletivo estruturou e mantém na cidade de Cascavel. Sabendo que era possível sua permanência na república, ele se encaminhou para lá. Duas horas depois, começou a passar muito mal, vomitou muito e "*apaga*". Michael foi até a república para levar Santhiago ao hospital, mas ele se recusou a ir e permaneceu em repouso ali mesmo. Ele permaneceu ainda dois meses na república depois que se recuperou. Santhiago relatou todos esses episódios, relacionados à sua tentativa de suicídio em um tom de voz mais baixo, pois não queria que sua mãe ouvisse que estávamos falando sobre esse assunto. A tentativa de suicídio não é assunto discutido abertamente pela família.

Esse período de permanência na república foi muito importante. Pela primeira vez, ele teve um tempo para si mesmo e, assim, começou a "*cair na real*", a pensar e refletir no que estava fazendo. Ele percebeu que na sua tentativa de se ocupar com outras coisas ele estava tentando fugir dele mesmo, percebeu que "*não estava resolvendo o problema [...] estava fugindo dele*". Nesse processo reflexivo ele conheceu um psicólogo que "*por coincidência*" era negro e *gay*. Esse encontro foi igualmente importante, pois Santhiago sempre teve dificuldades em falar sobre o que sentia e sobre o que se passava com ele e ao conhecer esse psicólogo ele pensou: "*ele vai me entender*". Durante sua permanência na república, ele conheceu um rapaz que também vivia lá e tornou-se uma "*referência de família*" ao longo de sua estadia na casa.

Isso fez com que ele percebesse que mesmo em um coletivo ou em uma ONG com objetivos claros e definidos, as relações entre as pessoas se desenvolvem em múltiplos níveis e, às vezes, como no caso dele, acabam "*se tornando um grupo de amigos com laços familiares*". Através desses laços, ele tinha "*com quem conversar*", tinha um tempo para ele, tinha "*ajuda*", "*estava procurando tratamento*", ele "*não estava sozinho*" mais. Deixar a solidão foi fundamental, pois foi graças a isso que ele pôde perceber que "*você se automedica, você se auto consola, você é seu próprio psicólogo quando você não tem ninguém e isso é uma coisa muito traumática*".

Essa experiência solitária ecoou em outros eventos passados de sua história. Santhiago, "*desde pequeno*", sempre se viu como sua própria "*referência*", porque não havia outra pessoa ou espaço que ele pudesse ter como espelho ou modelo. "*Onde que vou encontrar referência? Sendo que todos os personagens históricos, todos os personagens políticos, pessoas que cresceram na vida em sua maioria eram heteros e brancos*". Santhiago sintetiza assim a sua experiência de "ser-se negro numa sociedade branca. De classe e ideologia dominantes brancas. De estética e comportamentos brancos. De exigências e expectativas brancas" (SOUZA, 1983, p. 17).

> É a autoridade da estética branca que define o belo e sua contraparte, o feio, nesta nossa sociedade classista, onde os lugares de poder e tomada de decisão são ocupados hegemonicamente por brancos. Ela é quem afirma: "o negro é o outro do belo". É esta mesma autoridade quem conquista, de negros e brancos, o consenso legitimador dos padrões ideológicos que discriminam uns em detrimento de outros (SOUZA, 1983, p. 29).

Santhiago experimentou isso a sua vida toda e foi graças à sua participação nos coletivos e na militância dos movimentos sociais que ele pôde iniciar um processo de ressignificação de sua história, de sua homossexualidade e de sua negritude. Conhecendo esses grupos e essas pessoas, tecendo essas relações ele pôde atravessar esse momento difícil de sua vida, se restabelecer e se fortalecer relacional e mentalmente.

Por meio desse fortalecimento, ele mantém-se engajado na militância dos movimentos sociais porque percebeu que "*dentro da política não tem espaço de juventude, não tem espaço pra debater e é o jovem que debate sobre LGBT, é o jovem que debate sobre redução da maioridade penal, que fala sobre aborto, que fala sobre empregabilidade e DST*". Debates que ele acredita serem fundamentais não apenas em termos de estruturação de políticas públicas, mas também enquanto processo de transformação do indivíduo e da sociedade. Nesse sentido, ele se refere como exemplo,

pois, antes de participar dessas discussões, antes de conhecer e saber mais sobre DST, ele era taxativo "*eu não vou me relacionar com ninguém que seja soropositivo, mesmo usando camisinha*". Santhiago não tinha conhecimento sobre as formas de transmissão do HIV, não sabia sobre carga viral, não havia se informado e a informação nunca havia chego até ele. Aconteceu dele começar a se relacionar com um rapaz que lhe contou "*na maior inocência*" ser soropositivo. Santhiago ficou "*apavorado*" e foi imediatamente procurar atendimento em um serviço especializado em doenças infectocontagiosas da cidade. Ali foi acalmado e recebeu todas as informações que precisava e com as quais nunca havia contatado. Essa experiência o fez refletir bastante sobre a forma como se posicionava e as consequências que isso tinha em relação às demais pessoas: "*[...] imagina quanta pessoa não corre dessas pessoas pelo mesmo âmbito [...] daí é que vem o preconceito né?! 'AIDS é doença de gay'*".

Esse foi um acontecimento que o fez superar seus preconceitos e hoje Santhiago convive e tem "*muitos amigos que são soropositivo*". Seu atual namorado também é soropositivo e ele relata aprender muito com ele. Após ter recebido todos os esclarecimentos e informações e começar a conviver com pessoas soropositivas, Santhiago passou a "*levar esses debates pra dentro do movimento social*". Ele se engajou nessa discussão e em apoio a um amigo que estava pensando em abandonar o tratamento do HIV (por conta dos efeitos colaterais que a medicação causava devido a outros problemas de saúde que ele tinha) Santhiago tatua em suas costelas o laço vermelho, símbolo de solidariedade e de comprometimento na luta contra a AIDS. Assim, ele percebe que "*são todas essas questões que a gente [...] tem que abraçar para não existir minorias dentro da nossa minoria. Não ter a minoria dos soropositivos, o grupinho dos negros, o grupinho dos afeminados, o grupinho dos trans...*".

A partir de sua história de vida e daquilo que observa em termos da existência de "*minorias dentro da nossa minoria*", Santhiago percebe que "*a homofobia sempre vem acompanhada de alguma coisa*". Assim, ele permanece com o receio de que a história se repita e, portanto, não faz "*questão de conhecer*" a família de seu atual namorado, que também é branco. Evitando o contato, foi apenas uma vez na casa da família de seu namorado e não permaneceu por lá mais que uma hora. Santhiago não quer "*nenhum contato com eles*", pois acredita que "*não vale a pena*" se submeter a situações que possibilitem reviver aquilo que experienciou no passado. Ele não quer que as pessoas pensem estar lhe fazendo um favor por serem brancas e estarem se relacionando com ele. Assim, Santhiago percebe que ainda há muito a ser feito em termos de transformação

dessa realidade histórica e social e, portanto, segue atuando na militância dos movimentos sociais buscando compartilhar suas experiências, sua história de vida. Ele destaca a importância disso, porque através da experiência compartilhada "*outras pessoas vão se identificar, vai abrir uma janela pra elas, [...] é um farol pra gente, então no meio do escuro você vê uma luz lá no fundo... é isso*".

QUARTO ENCONTRO: CAMINHANDO COM SEVERO

Ao longo do processo de recrutamento de voluntários para a participação da pesquisa, eu temia não encontrar um homem-cis gay idoso disposto a participar do trabalho. Não era um temor infundado ou fruto das ansiedades que acompanham o processo. Vivemos em uma região muito tradicional e conservadora, em um estado muito tradicional e conservador, esse é um fator que imprime efeitos inegáveis na experiência e vivência das homossexualidades em Cascavel. Os tentáculos desse conservadorismo ainda prendem muitos jovens e adultos dentro do armário e acabam por aprisionar de maneira ainda mais estranguladora os gays idosos de nossa cidade. Durante o processo de divulgação da pesquisa, nenhum voluntário idoso se apresentou para participar do trabalho.

A cidade possui aproximadamente 324 mil habitantes[13], entretanto, a forma como as relações sociais são estabelecidas conservam uma lógica de socialização calcada na pessoalidade, na vigilância e no controle das condutas individuais e coletivas, um padrão relacional e de sociabilidade típicas de cidades pequenas (SILVA, 2000). Sem dúvidas, essa forma de sociabilidade arraigada no cotidiano cascavelense está implicada nessa dificuldade de adesão à pesquisa. Visando contornar essa barreira inicial comecei a contatar diretamente alguns idosos que sabia que eram homossexuais. Contudo, novamente não obtive êxito em conseguir um voluntário, uma demonstração insistente desses armários dos quais nunca conseguimos sair completamente (CASTAÑEDA, 2007; SEDGWICK, 2007).

Foi graças a Santhiago que pude iniciar uma conversa com um possível participante. Embora não seja idoso, aproxima-se da faixa etária pretendida. Troquei algumas mensagens com Alvo, lhe apresentei a pesquisa, seus objetivos e a forma que procederíamos, caso ele aceitasse participar. Após esses esclarecimentos iniciais, ele decidiu participar do estudo. Definimos então que faríamos nosso encontro em sua residência, na zona rural do município, decidimos fazer no fim da tarde, pois Alvo queria que eu conhecesse também seu esposo.

Assim, em uma sexta-feira à tarde, pego minha bicicleta e começo o trajeto de 12 km (9km de pedal e os 3km de caminhada) para chegar à residência de Alvo, para realizar

[13] Segundo estimativa populacional do IBGE publicada em agosto de 2018.

aquela que seria a última entrevista da pesquisa. Estava animado e ansioso pela conclusão de mais essa etapa e talvez, por isso, eu tenha me esquecido completamente do fato de haveria um trecho de estrada cascalhada. Havia me esquecido, deixei passar um fato simples: haveria pedras no caminho. E em que caminho não encontramos pedras? Graças a esse esquecimento, meu namorado havia ido para o trabalho com a bicicleta apropriada para terrenos difíceis e assim acabei pegando a bicicleta de velocidade para seguir o meu caminho. Nesse momento, ainda não me lembrava das inevitáveis pedras.

Atividades físicas individuais sempre foram para mim um eficiente e importante momento de encontro comigo mesmo, de reflexão sobre mim e sobre as relações e pessoas que me cercam. Foi assim que comecei o percurso para a casa de Alvo. Enquanto pedalava, eu refletia sobre muitas coisas. Comecei a revisitar minha própria história, a pensar sobre os trajetos que havia percorrido, as pessoas que tinha encontrado pela estrada, refleti sobre os obstáculos que tive que superar no caminho e aqueles que tive de contornar, os altos e baixos da estrada e, por fim, pensava nos múltiplos deslocamentos que o processo da pesquisa produzem, deslocamentos teóricos, territoriais, temporais, espaciais e, especialmente, subjetivos. E foi justamente nesse processo de mergulho reflexivo que me lembrei da estrada de cascalhos. Já era tarde demais, não havia como regressar e trocar a bicicleta e não queria, por conta disso, remarcar a entrevista. Segui o caminho, talvez essa seja uma lição a aprender: sempre seguir o caminho independente das pedras que encontramos. Não era um trajeto simples de se percorrer não tanto pelo relevo, mas mais precisamente pelo turbilhão de coisas e pensamentos que invadiam minha mente enquanto pedalava e caminhava.

Foi um trajeto colorido de muitas lembranças e afetos, era como se estivesse em um estado de imersão, era tudo muito simbólico para mim. Estava a caminho da minha última entrevista, um passo importante dentro do processo da pesquisa, que é em si uma parte importante de um projeto maior que faz parte da minha história. Ao mesmo tempo, estava me deslocando para um sítio a uma distância similar àquela que separava o sítio que eu cresci e a cidade onde eu estudava, vivia o caminho presente como aquele que eu fazia quando criança e adolescente, exercitava minha imaginação. Já quase no fim do trajeto de caminhada, passando por um trecho margeado por eucaliptos, à esquerda, e arvores nativas, à direita, vejo, no meio da estrada, sobre as pedras, uma forma esférica. Alguns passos adiante a curiosidade venceu a vontade de chegar logo e eu retorno até aquela forma. Quando me abaixo vejo uma bolinha de gude igual àquelas que eu colecionava quando criança. Fui diretamente arrastado até as lembranças infantis e sorri

com os acasos coincidentes da vida e da estrada. Essa sensação de retorno só fazia crescer, pois sabia que quando chegasse na casa de Alvo iria entrevistar uma pessoa que, além de compartilhar experiências similares, também compartilhava comigo o próprio nome. Era, de fato, todo um processo de encontro comigo mesmo em temporalidades muito distintas.

Chego na residência de Alvo, sou recebido por ele e seu esposo, Severo, ao qual fui apresentado. Conversamos por quase uma hora, a conversa mais extensa, antes do início de uma das minhas entrevistas. Partilhamos um pouco de nossas histórias, nos conhecemos melhor, falamos sobre a pesquisa e seu andamento, nesse momento, Alvo me disse que Severo também poderia contribuir bastante com a pesquisa. Segundo Alvo, a narrativa de Severo poderia ser muito rica para o trabalho, especialmente, por conta de um episódio de agressão homofóbica extrema de que ele foi vítima, bem como das consequências dessa agressão. Eles me relatam brevemente o ocorrido e Alvo me mostra um vídeo que alguns ex-alunos de Severo haviam feito em seu apoio. No vídeo que, após uma série de imagens e frases questionando o "choque" e o repúdio que algumas pessoas têm em relação às demonstrações de afeto entre pessoas LGBT, apresenta uma imagem de Severo desfigurado por conta das agressões sofridas. A imagem é terrível e chocante, mas não mais que a vivência de tamanha violência gratuita. Ambos me relatam que, em decorrência desse episódio, Severo registrou o primeiro Boletim de Ocorrência por agressão motivada por homofobia da cidade de São Paulo-SP. Mais uma vez o acaso dos encontros se colocava e diante de mim. De forma inesperada, deparava-me com uma história que acreditei ser fundamental ser ouvida e recontada em uma pesquisa que investiga justamente os impactos subjetivos da homofobia.

Conversamos mais alguns minutos e ambos estavam dispostos a participar da pesquisa. Resolvo entrevistar ambos, porém, por uma questão de tempo, faria isso em dias distintos. Deixei que eles decidissem quem seria o entrevistado daquele dia e assim decidiu-se que Severo seria o primeiro a relatar sua história. Desse modo, após assinar o termo de consentimento livre e esclarecido demos início ao seu relato. Enquanto Severo fazia seu relato, Alvo foi preparar o jantar, ali ficamos por uma hora e interrompemos a entrevista para podermos jantar. Durante o jantar, conversamos e nos conhecemos mais, estávamos todos muito à vontade. Logo após o jantar, retomamos o relato da história de vida de Severo. Já era noite, mas achei por bem prosseguirmos com o trabalho, pois percebia em Severo uma ânsia em poder partilhar sua história e eu também desejava conhecê-la. E assim o fizemos. Fazer esse exercício de rememoração não é uma experiência totalmente nova para Severo, pois ele relata possuir mais de 90 cadernos

escritos e aproximadamente 3000 páginas digitalizadas de memórias, um trabalho autobiográfico e reflexivo que o acompanha já faz algum tempo.

Severo é um homem-cis gay, branco, com 51 anos de idade, é mestre em semiótica e professor de Filosofia no Ensino Médio da rede estadual de ensino de Cascavel. Além disso, é bolsista do CNPQ em um projeto da Incubadora de Empreendimentos Econômicos e Solidários da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Na ocasião da entrevista possuía uma renda mensal de aproximadamente três salários mínimos e meio. Proveniente da região noroeste do estado do Paraná, Severo é o terceiro filho, de um total de quatro, sendo três homens e uma mulher, a mais velha da casa. Atualmente residem no sítio apenas ele e seu esposo, porém outros familiares moram na cidade, como seus pais e um de seus irmãos.

Severo nasceu em Umuarama-PR, no ano de 1967, filho de um cartorário e de uma dona de casa e fruto de uma gestação não planejada. Esse último fato, segundo ele, "*revelou algumas coisas que eu fui saber da minha criação um pouco mais tarde, quer dizer a minha mãe não me esperava, eu sabia que estava ali, ninguém conversava comigo*". Por conta dessa gravidez inesperada, Severo conta que foi o único filho a "*ser entregue para uma babá*". Ele atribui esse não planejamento da gravidez ao fato de ser o terceiro filho, pois seus pais já possuíam um casal de filhos o que produziu um certo senso de tranquilidade e de resolução da montagem de um quadro familiar "tradicional".

Apesar disso, Severo teve uma infância "*relativamente boa, muito rica*" seus pais possuíam uma chácara em um município próximo à sua cidade natal e que funcionava como "*uma espécie de paraíso*" onde ele ia e se "*divertia muito*", pois "*era uma criança muito ativa*". Severo era uma criança que corria atrás dos animais no pasto, se jogava no rio, subia nas árvores desde muito pequeno, uma atividade que não era comum a seus irmãos. Ele atribui essa diferença de comportamento ao fato de sua irmã ser mulher e de seu irmão mais velho possuir problemas físicos e de locomoção por ser diagnosticado com hemiplegia parcial e siringomielia. A fala que atribui um comportamento oposto ao seu e, portanto, um comportamento mais passivo de sua irmã é um discurso que se repete ao longo de toda a narrativa de Severo e aparece em oposição à "*posição fálica*" que ele atribui a sua mãe. Essa constante discursiva mostra o quanto a norma cisheteronormativa binária, oposicional e binária (fêmea/feminina/mulher/heterossexual/passiva ou macho/masculino/homem/heterossexual/ativo) (TOLEDO e TEIXEIRA FILHO, 2013; ZANELLO, 2018) está naturalizada e impregnada em sua história. Essa naturalização está tão presente em sua narrativa que repetidas vezes Severo atribui a posição ativa e

beligerante de sua mãe a uma performance de gênero masculina (BUTLER, 2017), identificada por ele como "*fálica*". Essa leitura e discurso de Severo mostra o quanto nós homossexuais, apesar de sermos vítimas do machismo e da homofobia, ainda podemos também reproduzir em nossos discursos e práticas o machismo, o sexismo e a misoginia que constituem o tecido social no qual somos subjetivados. Um elemento que está implicado nesse processo decorre do fato de gozarmos do privilégio de sermos homens brancos e, por conseguinte, termos maior mobilidade no sentido de ascender à norma (MOMBAÇA, 2017).

Severo cresceu em um ambiente que favoreceu a absorção desses modelos relacionais e posicionais frente ao mundo. Apesar de ser o mais novo dos filhos, desde muito cedo, acabou assumindo responsabilidade de proteção de seus irmãos que "*não eram tão fortes, tão animados, tão vívidos*" quanto ele. Severo envolvia-se especialmente com seu irmão mais velho que, por conta de seu diagnóstico e dos problemas de saúde dele decorrentes, dependia de uma série de cuidados. Mesmo tendo assumido essa responsabilidade ainda na infância ele não se queixa, pois considera que "*era muito esperto, muito forte [...] tive uma infância muito rica, construí a minha infância*". Entretanto, ele reconhece que era "*muito sozinho na infância*" e que havia um distanciamento da presença materna e paterna dentro de casa, "*você tinha meio que se virar*", em contrapartida, havia uma circulação grande de "*empregados dentro de casa*" e que auxiliavam nas atividades cotidianas. Nessa época, Severo relata que eles ficavam muito em casa, o que, de certo modo, explica sua percepção da chácara da família ser o seu "*paraíso*", onde ele se percebia mais livre desse cotidiano familiar.

Quando não estava visitando o "*paraíso*" campestre Severo se refugiava nos estudos. Ele sempre foi muito estudioso o que, segundo ele, "*foi uma coisa excelente*", pois o conhecimento o ajudou a "*superar psicologicamente tudo que eu ia passar*". Severo sentia o afastamento da mãe e também do pai, que viajava muito "*para fazer negócios, rolos de fazenda, coisa de cartorário*". Além disso, ele era muito próximo de sua irmã, porém muito cedo ela foi afastada do convívio familiar para estudar em um colégio interno em outra cidade do estado. Tudo isso fez com que ele fosse se fortalecendo em sua solidão familiar. Esse sentimento de distanciamento, solidão e abandono familiar é uma marca em toda a história de Severo e só fez aumentar com o transcorrer dos anos de sua vida. De uma forma ou de outra, todos os participantes relataram um distanciamento dentro de suas relações familiares, mas, sem dúvidas, é na narrativa de Severo que esse afastamento e sofrimento dele decorrente se mostra de forma mais dura.

O fato de sermos homossexuais e vivermos em uma sociedade que tem a heterossexualidade como norma que se impõe de forma compulsória e "natural"(CASTAÑEDA, 2007; RICH, 2010; RUBIN, 2017; BUTLER, 2017) nos coloca em uma posição de diferenciação em relação aos demais membros de nossas famílias desde muito cedo, desde a infância. Embora não haja ainda discernimento ou conhecimento sobre outras formas de expressão e vivência das sexualidades, que não a heterossexualidade hegemônica, há o sentimento de inadequação, de não encaixe na fôrma que prepararam para nós e na qual querem nos encaixar. Esse sentimento e a ausência de continência e de modelos com os quais nos identificar produz em muitos de nós esse sentimento de solidão que, de uma forma mais ou menos explícita, acompanha a narrativa de todos os participantes desse estudo. O menino Severo não tinha um nome para esse sentimento, mas vivia essa experiência de solidão. Assim, ele encontrava nos estudos uma forma de aplacar esse sentimento e compensar esse afastamento familiar.

Devido a esse interesse e desejo pelos estudos, Severo sempre se deu bem na escola e nunca teve "*problemas*" nesse espaço durante sua infância. Essa ausência de problemas ocorreu também, pois, segundo ele, "*na infância nunca sofri nenhuma agressão porque soube ficar no meu lugar*". Qual o lugar do homossexual? O nosso lugar nós temos que construir, porque esse lugar não existe, esse lugar não nos é dado. A nossa vida não encontra lugar nas nossas relações familiares, nas nossas relações comunitárias e profissionais, não encontra lugar na política ou no direito. Vivemos uma vida e uma experiência nômade que busca dentro da precariedade das nossas condições existenciais fabricar territórios que nos permitam, mesmo que provisoriamente, sermos quem somos. Então que lugar era esse que Severo ocupava e que lhe "protegia" de sofrer agressões? O único espaço possível, o único espaço que nos é reservado, o espaço da negação violenta de quem nós somos, pois nessa sociedade o homossexual é um deslocado, está sempre fora do lugar. Não raras as vezes ocupamos esse (não)lugar, pois é o único que vislumbramos. Essa sujeição torna-se ainda mais comum na infância e adolescência, períodos da vida em que estamos especialmente vulneráveis à agressão.

Nessa época, Severo não se percebia "*diferente por gostar de coisas diferentes. Eu até tipo os 11 anos eu achava que a minha homossexualidade, se é que havia alguma naquela época, era uma coisa muito natural*". Entretanto, chegando nesse período de transição para a adolescência, nessa passagem de um nível de escolarização para o outro ele percebe uma mudança nessas relações. É nesse período que "*você começa a perceber que existe um problema em você ser homossexual. [...] Você ser hetero não vai ter*

problema nenhum, mas você ser homo você descobre que você vai ter um problema. E início dos anos 80, então pra nós as coisas não estão nada liberadas, nesse sentido, naquela época". Aquela naturalidade com que ele percebia sua diferença em relação aos demais decorre do fato de que com aproximadamente sete ou oito anos ele já percebia que os meninos o atraíam muito, porém em sua percepção essa atração não era distinta daquela que sentia pelas meninas. Essa similaridade no desejo é associada por ele ao fato de, aos 14 anos, ter tido uma namorada, um namoro que não foi para frente, pois "*ela arrumou um namorado que transou com ela*". Na época, Severo já sabia e já experimentava "*alguma coisa de sexualidade*", porém elas eram signo de "*tesão*" e não de homossexualidade. "*Mesmo porque eu não entendia essa questão, essa diferença muito forte até essa época, não é uma questão. Não se tinha muita bibliografia ou Google sobre isso* [sorri]*, né?! Bem diferente de agora, bem diferente*".

Severo demonstra como a percepção (mesmo que obscurecida pela ausência de informação) de que a homossexualidade é um problema engendra uma série de medidas de proteção. Uma delas é a reprodução da cisheteronormatividade, seja por meio da adoção de uma série de performances lidas como masculinas, seja por meio de um relacionamento amoroso com uma mulher. Aliás, essa última, se constitui como uma engrenagem muito efetiva dentro da lógica de funcionamento do armário (CASTAÑEDA, 2007; SEDGWICK, 2007). Assim, por meio de seu relacionamento, Severo, por um tempo, livrou-se dos possíveis problemas advindos da homossexualidade. Nesse ponto, é interessante notar que o estabelecimento de um relacionamento heterossexual aparece como uma estratégia de proteção contra a homofobia que carrega um certo componente geracional. Levanto essa questão, pois, diferente dos jovens, os demais adultos que participam da pesquisa também relataram a constituição de relacionamentos heterossexuais nessa fase inicial da adolescência. Nos três casos o encadeamento discursivo segue um roteiro similar: uma identificação maior com performances de gênero lidas como femininas; uma dificuldade de adequação aos rituais e comportamentos atribuídos ao gênero masculino; desinformação sobre as (homo)sexualidades; uma percepção de um desejo semelhante por corpos lidos como masculinos e femininos; a vivência e a percepção da violência homofóbica culminando no estabelecimento de um relacionamento heterossexual que logo se dilui. Embora a adoção de um relacionamento heterossexual, como estratégia de dissimulação da homossexualidade, ainda seja uma prática comum, as narrativas dos participantes da

pesquisa possibilitam inferir que a juventude tem produzido outras formas alternativas de se relacionar com a homossexualidade e de se proteger e lutar contra a homofobia.

Naquele período, com aquilo que Severo tinha de conhecimento e experiência, essa foi a estratégia possível. Tudo o que ele sabia sobre sexualidade decorria da sua própria experiência. Experiência essa que começa em um território que lhe era muito familiar, na chácara da família. Nessa propriedade havia alguns empregados e dentre eles havia um com o qual Severo "*teve alguma coisa [...]. Mas assim, tipo de toque de tesão, também nenhuma relação finalizada assim, sabe?!"*. A relação entre eles não foi "*finalizada*", pois ele não se sentia preparado e também não sabia o que podia fazer, "*já sabia que dava pra pegar nos brinquedinhos, brincar [...], mas nada mais do que isso*". E foi nessa época que Severo começou a ser assediado por um amigo de seu irmão mais velho que frequentava a casa de sua família. "*Ele foi assim... completamente obcecado em querer me possuir, entendeu?! Era maluco porque é... ele queria tocar, ele queria passar a mão, ele queria fazer um monte de coisa que não me dava vontade nenhuma de fazer com ele*". Esse rapaz tentou seduzir Severo de muitas formas e aquilo o "*enojava*", pois em sua percepção "*ele estava querendo descobrir uma coisa que eu não estava querendo descobrir, [...] eu tava querendo ficar na minha, sabe?! a minha sexualidade é minha. E não ia ser daquela pessoa*". Essa experiência foi "*muito marcante, muito terrível, porque eu tava... porra... numa idade muito legal [...]. Cê num merecia ter um cara tentando te seduzir dentro da sua casa, você está muito novo*". Apesar disso, ele não conseguiu denunciar o que ocorria com ele, somente quando já era adulto contou para seus pais sobre esses episódios de assédio, mas seus familiares seguem recebendo esse homem como um amigo da família.

O relato de Severo evidencia que, apesar de experimentar a sexualidade, a ausência de referências e discussões sobre sexo e as diversidades sexuais conduziram a um retardo da compreensão sobre aquilo que ele experimentava em suas explorações sexuais. Além disso, outros efeitos que daí podem resultar são a condução de explorações e experiências de risco e uma maior sucetibilidade a experiências de assédio e/ou abuso sexual (BRITZMAN, 1996). Nesse ponto, novamente, temos uma distinção geracional entre os participantes da pesquisa. Os jovens relataram o início de suas experiências afetivo-sexuais com outros rapazes na mesma faixa etária deles, já a narrativa dos adultos é marcada por experiências de abuso e assédio sexual cometidos por homens mais velhos e que pertenciam ao círculo relacional onde eles cresceram. Embora o processo de exploração sexual atrelado a um conjunto de práticas homoeróticas seja comum dentro

das sociabilidades masculinas, Welzer-Lang (2001) destaca o risco e a incidência de abusos que constituem esse funcionamento da formação das masculinidades.

Mergulhado nesse período de descobertas e de violências Severo teve um professor que era padre e que deu uma aula sobre mitologia grega que o encantou. Esse encanto transformou-se em uma relação de amizade, "*porque o padre...porra... tinha um papo fantástico*". Severo estava cativo. Aquele menino apaixonado pelos estudos se encontrou com um padre que discutia mitologia grega com adolescentes, um professor "*que mostrou Eros pra mim antes de eu ler Freud entendeu?!*". Por conta dessa relação próxima que passou a desenvolver com esse professor, ele conta que ouvia coisas do tipo "*o padre quer te comer*", insinuação que ele "*sabia que não ia acontecer*", pois, segundo ele, o laço que os unia era "*uma amizade muito forte e [...] um amor fraternal muito forte*", sem componente erótico.

Essa relação próxima perdura, porém o padre teve de ir para Europa e eles continuam se relacionado por meio de cartas em muitas das quais eles falavam "*muito de amor um pro outro. Imagina eu tinha 14 anos, cê falando de amor com outro homem, um padre, da cidade*". Acontece que seu pai "*gostava de ter um certo controle sobre as coisas, sempre foi muito autoritário*", ele então interceptou e leu algumas cartas e sem conversar com Severo foi direto falar com o Bispo da cidade, entregando-lhe as cartas. Embora tenha feito isso, seu pai nunca o interpelou sobre o conteúdo das cartas e ele só veio a descobrir o ocorrido anos mais tarde, quando reencontrou esse padre. Essa atitude do pai de não tocar no assunto até hoje é um padrão relacional na família que, apesar da consciência da homossexualidade de Severo, silencia em relação a isso de tal modo que seu pai "*até hoje não conversa nada sobre isso com a gente. Ele trata o Alvo como se fosse um caseiro e eu sei lá... como se fosse qualquer coisa*". Sua família segue "ignorando" sua homossexualidade, uma ignorância que é, contraditoriamente, um produto do conhecimento de sua homossexualidade (BRITZMAN, 1996). Assim, ao evitar falar ou reconhecer a homossexualidade e união de Severo sua família tenta velar e "expurgar o mal" que isso representa. Nesse sentido, Schulman (2010, p. 74) afirma que a evitação é a manifestação mais comum da homofobia e a forma mais fácil de ser operada. "Enquanto a evitação parece ser passiva e pode ser praticada rotineiramente sem muito esforço, seus efeitos são dramaticamente ativos. De fato, estar na ponta receptiva da evitação é ser agressivamente atacado cotidianamente"

Essa posição de evitação é vivida por Severo ainda hoje em suas relações familiares. Ela se configura como um padrão relacional já anunciado na postura de seu

pai que preferiu não conversar abertamente com ele sobre o conteúdo das correspondências interceptadas. Afinal de contas, falar abertamente sobre esses conteúdos implicaria em evocar e materializar um fantasma que a comunidade heterossexual busca de todas as formas esconjurar: os desejos e os impulsos homoeróticos (BORRILLO, 2010; SÁEZ e CARRASCOSA, 2016; TEIXEIRA FILHO, 2012). Assim, ao evitar tocar no assunto, o pai de Severo buscou impedir uma situação e/ou experiência que pudesse produzir uma desestabilização ou questionamento da cisheterossexualidade enquanto norma, enquanto identidade e práticas naturais e, portanto, inquestionáveis. O silêncio de seu pai sobre as cartas é também uma forma de recusar a se comprometer, reconhecer a homossexualidade (SCHULMAN, 2010; TOLEDO e TEIXEIRA FILHO, 2014)

Ele não conversou com Severo, mas sua conversa com o Bispo teve consequências. O padre que era amigo e amado por Severo foi afastado da cidade antes mesmo de retornar da Europa. O afastamento do padre foi "*a única coisa que eu fiquei sabendo naquela época, até porque a gente ficou sem se falar por muito tempo, porque foi um corte [...] a gente nem se falou mais. Eu só fiquei sabendo que ele tinha ido embora, que ele tinha sumido e...e na época nem tinha muito ideia do porque*". Ocorre que, nesse mesmo período, Severo foi matriculado em um colégio interno religioso em Curitiba, onde ele não conseguiu se adaptar, pois lá era um desses colégios "*chamados de "amansa rapazes" e eu não era um guri para amansar, eu era O guri bem comportado*". Nessa época, Severo "*não tinha assumido nenhuma identidade*", ele era "*tão cdf, tão coroinha, tão estudioso e, ao mesmo tempo, tão desprendido com a questão da minha sexualidade, por mais que cê tivesse ali, nossa... eu tava com um bando de homens, porra... em Curitiba, né?! Mas num colégio interno e bem fechado e bem rígido e pelo amor de deus eu demonstrar alguma coisa... não, não queria isso... eu fui lá pra estudar*". Ele já tinha consciência da sua sexualidade, mesmo que sem nomeá-la - "*minha sexualidade eu trabalhava ela de uma forma muito minha assim, sabe?! [...] era difícil expor alguma coisa*". Contudo, ele seguia não percebendo conflito ou diferenciação na diversidade que sentia em si mesmo, "*nada me dizia assim muito: "tem alguma coisa errada aí"*". Diante disso, Severo reconhece que em sua trajetória escolar "*teve sorte [...] porque estava num colégio particular as pessoas tinham um certo nível de educação, um certo nível [...] de sociedade na qual todo mundo estava muito junto, que era aquela coisa assim, a gente não se encontrava só no colégio, a gente se encontrava no Country*

Club, então a gente se encontrava no Clube, a gente se encontrava no inglês, a gente se encontrava no Judô, em vários locais".

É evidente que o fato de Severo ter crescido em uma família que desfruta do privilégio de pertencer a uma classe social elevada serviu como um mecanismo de proteção, mesmo que precária, contra a violência homofóbica. Em sua narrativa fica evidenciado que a agressão ao filho de uma família abastada é uma agressão à própria família e em um conjunto de relações sociais restritas os abalos, como os provenientes de uma agressão, devem ser evitados. É claro que isso não impossibilitou ele ser vítima de insinuações, satirizações e ameaça de agressão física. Entretanto, essas agressões foram facilmente contornadas por ele graças ao auxílio de seu círculo relacional.

Acontece que um dia ele foi chamado pelos religiosos para ter uma conversa e, por conta da rigidez disciplinar da instituição, de pronto ele começa a imaginar: "*"meu deus...o que, que eu fiz que eles pegaram?", "Que que eu fiz?" eu falei "meu deus eu não fiz nada, eu juro que não fiz nada, no máximo eu fiquei olhando alguma coisa"*". Mas a conversa se desenvolveu em um rumo inesperado e ele foi convidado a fazer parte da congregação religiosa por ter sido percebido pelos religiosos como um "*aluno excepcionalmente estudioso, dedicado, proativo com as questões do estudo, preocupado e interessado em conhecer tudo*". Ao constatar que era esse o teor da conversa, Severo agradece por não ter feito "*alguma bichisse*". Essa era uma preocupação, pois ele estava vivendo em um lugar em que "*você tinha que manter certa postura, né?! Claro que tem tudo a ver isso, mas como eu também era muito despreocupado e era mais preocupado com os meus estudos, sempre fui* [...] *o resto assim era fichinha pra mim, se tinha que fazer a imagem de uma coisa ou* [...] *também* [...] *não demonstrar* [...] *Tinha muito mais controle da minha mente naquela época, muito jovem, do que tenho hoje*"

A preocupação de Severo com a possibilidade de ter feito "*alguma bichisse*", sua desenvoltura em "*fazer a imagem de uma coisa*" que não era ou de "*não demonstrar*" sua homossexualidade mostra o quanto a homofobia pode ser internalizada por nós (BORRILLO, 2010; CASTAÑEDA, 2007; TEIXEIRA FILHO, 2012; NASCIMENTO e TEIXEIRA FILHO, 2010). Esse processo de internalização da homofobia é ainda mais insidioso na infância e na adolescência, quando estamos especialmente vulneráveis a esse controle por não possuirmos recursos internos e relacionais que nos possibilitem exercer uma resistência ativa ao controle homofóbico (TEIXEIRA FILHO, 2011), agindo de modo reativo às violências perpetradas contra nós. Ainda são poucos aqueles e aquelas que conseguem exercer essa resistência de modo ativo e justamente por o fazerem

tornam-se alvos privilegiados da violência, como no caso das “bichas afeminadas” e das “sapatões masculinas”. Esse “*controle*” mental que se demonstrava no seu foco nos estudos e se projetava exteriormente no controle de suas condutas é resultado de toda uma pedagogia sexual (LOURO, 2000).

> [...] um aprendizado eficaz, continuado e sutil, um ritmo, uma cadência, uma disposição física, uma postura parecem penetrar nos sujeitos, ao mesmo tempo em que esses reagem e, envolvidos por tais dispositivos e práticas, constituem suas identidades "escolarizadas". Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a *preferir.* Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os cheiros e os sabores "bons" e decentes e rejeite os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar (ou, na maior parte das vezes, não tocar); fazendo com que tenha algumas *habilidades* e não outras... E todas essas lições são atravessadas pelas diferenças, elas confirmam e também produzem diferença. Evidentemente, os sujeitos não são passivos receptores de imposições externas. Ativamente eles se envolvem e são envolvidos nessas aprendizagens — reagem, respondem, recusam ou as assumem inteiramente (LOURO, 2003, p. 61).

A narrativa de Severo também nos permite pensar seu desempenho acadêmico e a sua dedicação aos estudos como mecanismos compensatórios (CASTAÑEDA, 2007; TEIXEIRA FILHO, 2012) e sublimatórios. Sua trajetória acadêmica, na infância e na adolescência, funcionou como uma defesa interna e externa em relação à homossexualidade e à homofobia. É interessante notar como a homossexualidade e a homofobia funcionaram em sua história como molas propulsoras na busca de um entendimento, mesmo que refratado em outros objetos e temáticas, daquilo que ele vivenciava. Isso pode ser visualizado na fala de Severo quando ele afirma que “*a minha trajetória, o que eu queria exatamente com a coisa era entender o significado das coisas*”. Essa busca de sentido é o que constituiu sua empreitada acadêmica através das artes, da arquitetura e da filosofia.

Embora fosse uma criança super ativa e um adolescente extrovertido e sociável, Severo, por essa dedicação aos estudos, vivia aquilo que ele chamou de “*solidão intelectual*”, que era suplantada pela companhia da arte. Inclusive ele decide se mudar para Curitiba para terminar seu ensino médio e também para estudar dança, sendo fortemente incentivado por um amigo que era bailarino do Teatro Guaíra. Nesse período da adolescência, Severo já havia participado e sido aprovado em alguns vestibulares que havia feito como *trainee*, inclusive no primeiro vestibular para a faculdade de Direito de sua cidade natal. Entretanto, não era isso que atraía o jovem Severo que, ao sair do colégio

interno, inicia sua primeira faculdade no curso de Artes Cênicas, no Teatro Guaíra, com 16 anos.

Severo ainda não tinha tido nenhuma relação sexual, além das carícias e toques que trocara no passado com um dos empregados da família, mas se recorda de que nos carnavais, que passava nos clubes da sua cidade natal, começou a aparecer "*a questão da sedução* [...] *mas ao mesmo tempo tinha o oposto a raiva, a partir do outro, né?! Amigo de escola, conhecido e tudo e tal. Vai ver que rolava alguma coisa ali, a pessoa não sabia o que fazer com aquilo, preferia ter mais um ato de violência, né?! Mas isso passou muito frágil* [...] *não cheguei a ter nenhuma briga séria, nenhuma briga séria com cara de escola porque no fim eu acabava tanto ajudando as pessoas que tinham alguma dificuldade, fazendo trabalho de colegas*". Essa experiência que Severo teve nos carnavais mostra como o homoerotismo faz parte da socialização masculina e, ao mesmo tempo, como a homofobia funciona como guardiã das fronteiras de gênero (WELZER-LANG, 2001; BORRILLO, 2010), "protegendo" da comunidade heterossexual dos impulsos e desejos que emergem em suas relações. Assim, com receio dos próprios desejos e impulsos homoeróticos os heterossexuais que os projetam e constroem um *outro* que encarna esse temor paranoico da homossexualidade (SÁEZ e CARRASCOSA 2016; TEIXEIRA FILHO, 2012; WITTIG, 2006) e sobre o qual podem destinar sua agressividade e violência.

Desse modo, Severo percebia sinais da (homo)sexualidade no seu entorno, mas não estava aberto ou disponível para vivenciá-los. Enquanto dançava no Balé Guaíra, havia uma série de pessoas interessadas afetiva e sexualmente nele, mas ele "*não estava a fim de nada*", seu único interesse na época era dançar, estudar e aprender. O saber seguia sendo a via compensatória e sublimatória da sua homossexualidade. Simultaneamente às aulas de dança, ele fazia curso de gravura e também começou a "*sair à noite*". Dessa forma, aos poucos, Curitiba foi se tornando "*uma descoberta [...] eu fui conhecendo a partir do Balé Guaíra pessoas incríveis do meio artístico, do meio gay, do meio intelectual que era uma coisa absurda*". Contudo, ele também cuidava da casa e do seu irmão que, nessa época, também morava em Curitiba para fazer cursinho pré-vestibular e se preparar para ingressar no curso de Medicina. Por conta disso, seu pai comprou um apartamento na região central da cidade e eles passam a morar em "*um local super privilegiado*".

Eles moravam em Curitiba e voltavam nas férias escolares para Umuarama e foi em uma dessas viagens de férias que Severo conhece um homem mais velho que se

demonstrou interessado nele e pela primeira vez ele corresponde a uma investida amorosa. Severo tinha entre 16 e 17 anos quando eles se conheceram e começaram a se relacionar, um relacionamento sério até "tradicional", com direito a jantar de apresentação para a família de seu namorado, "*um jantar assim imenso*". Seu namorado era de uma família abastada da região e queria seguir adiante com o relacionamento, queria que Severo fosse morar na fazenda da família "*criar gado. Então ia ser assim a rainha do gado*", brinca Severo. O relato de Severo sobre esse relacionamento evidencia o quanto a cisheteronormatividade se reproduz em nossas relações cotidianas, inclusive podendo se reproduzir dentro dos próprios relacionamentos homossexuais com a atribuição de papéis, funções e posturas que mimetizam as performances de gênero estereotipadas, binárias, oposicionais e lineares atribuídas a homens e mulheres. Não é raro que a sociedade e os próprios amantes leiam as performances do casal atribuindo a uma pessoa a performance "masculina" ligada à atividade, ao trabalho e ao sustento financeiro do lar e a outra pessoa uma performance "feminina" mais ligada à passividade, ao cuidado e zelo da casa, dos filhos e do parceiro ou parceira. Uma lógica ainda bem difundida nas relações homossexuais masculinas em que há uma valoração distinta entre aquele que assume uma posição ativa e aquele que assume uma posição passiva no ato sexual.

> Conhecemos os valores que existem sobre a penetração, valores que dentro dos sistema heteropartiarcal não são somente símbolos [...]. O penetrador é "ativo", aquele que insere sabe o valor social de se meter num cu ou numa boceta: é uma demonstração de superioridade, de poder e de *status*. Isso é publicizado, estimulado até o paroxismo: não basta ter um pinto, um privilégio, também há que penetrar outro corpo como forma de possessão e dominação, como conquista. [...] Dentro dos milhares de mecanismos que entram na construção do desejo, o penetrado se situa no espaço de submissão, o passivo recebe a ação sem mais atitude que o oferecimento, tão injuriado socialmente (SÁEZ e CARRASCOSA, 2016, p. 156-157).

A narrativa de Severo mostra o quanto essa lógica cisheteronormativa se fez presente desde as posições assumidas no flerte, passando pela apresentação à família do namorado, pelo ato sexual até chegar ao projeto de relação futura. Todo esse trajeto relacional foi emoldurado por uma mimese caricata de um relacionamento cisheterossexual.

Acontece que as férias acabaram e Severo teve que retornar para Curitiba. Ali seguiu envolvido com as artes, fazia dança, teatro, desenhava "*fazia um monte de coisa*" pois, segundo ele, "*não tava querendo mesmo me formar, porque não tinha uma ideia de*

faculdade na época [...] não tinha uma coisa formada [...] sabia lá o que eu ia fazer da vida, eu fazia um monte de coisa, se fosse viver daquilo tava ótimo também". A postura e a possibilidade que Severo tinha para fazer suas experimentações acadêmicas e artísticas, evidenciam o privilégio conferido pela condição econômica de facultar aos indivíduos explorar suas potencialidades sem a preocupação imediata com a sua subsistência. Como apontei anteriormente, a condição econômica produz uma proteção contra a violência e também serve de plataforma de exploração dos (des)limites existenciais, pois uma vez desprendido de preocupações mais imediatas, relativas à reprodução material, o indivíduo pode se lançar, com uma certa segurança, em projetos de produção de outros modos de vida. Isso não significa que indivíduos e grupos que não vivenciam o mesmo bem-estar econômico não tenham essa possibilidade de produção. O que pretendo destacar é o diferencial de segurança produzido pela salvaguarda econômica. Buscando explorar ao máximo essas oportunidades, Severo começou a fazer aulas na Faculdade de Música e Belas Artes de Curitiba. Ele iniciou uma aula de musicoterapia e acabou se apaixonando por seu professor, com quem começou um novo relacionamento, colocando um ponto final em seu primeiro romance.

Seu novo namorado era uma pessoa que "*já tinha toda uma vida na cultura de Curitiba*" e embora Severo estivesse super envolvido com a dança e com o teatro, ele ficava nesse "*circuito mais fechado*" e não circulava com outras pessoas envolvidas com a cultura da cidade. Concomitante ao seu novo relacionamento, ele começa a trabalhar no Museu de Arte Contemporânea e na Galeria do Teatro Guaíra. Severo vivia e transpirava arte. Conheceu "*pessoas incríveis do meio artístico, do meio gay, do meio intelectual*", colaborou com a produção artística de uma reconhecida artista visual de Curitiba, fez curso e ganhou prêmios como modelo fotográfico, modelo e manequim. Severo convivia em um caldo cultural e relacional muito diverso. Porém, a postura competitiva, arrogante, autoritária e melindrosa dos dançarinos e professores de balé já o incomodava. "*Era uma competição que nem me agradava, eu tava procurando arte, eu tava procurando estudo, procurando conhecimento, procurando conhecer as pessoas, não tava nem aí pra essa porra toda, deixei eles brigando com isso*". Foi assim que ele deixou a dança e o teatro e decidiu cursar Arquitetura, pois queria fazer um curso que tivesse "*estrutura*".

Nesse período, seu ex-professor e namorado precisou mudar-se para outro estado, o que resultou no término da relação. Como Severo transitava em diferentes círculos ele conhecia pessoas de diversas áreas e conheceu um importante fotógrafo da capital paranaense que se tornou seu namorado. Seu novo namorado era o fotógrafo oficial da

alta burguesia curitibana e, por isso, Severo começa a circular em espaços privilegiados da capital. Ele brinca com a situação: "*galguei, ascendi socialmente* [sorri] *tive um lapso de ascensão social*". Foi durante o período em que namorava o fotógrafo que, em um final de ano, sua família decide passar alguns dias em uma praia em Santa Catarina. Severo conversava com sua irmã, que, nessa altura, já sabia de sua orientação sexual, e ela o convence de que era o momento dele assumir sua sexualidade para a família. Ele concordou porque "*você pensa que vai dar certo, você pensa que vai ser legal, porque você já viveu tanta coisa e as pessoas são inteligentes e as pessoas são racionais e as pessoas evoluem* [...]. *Você está num momento tão bom que cê nem imagina que as feras podem vir à tona*". Mas elas vieram.

Naquela noite, a família estava toda reunida na cozinha, enquanto sua mãe preparava o jantar. Sem rodeios Severo diz: "*eu sou homossexual, eu gosto de homens tô tendo uma relação*". A primeira reação de seus familiares foi de incredulidade, porém não houve comoção por parte dos irmãos que aparentemente não viram problemas em seu anúncio. Entretanto, ainda assim, instaurou-se uma atmosfera que ele classificou como "*estranha*" que fez com que a comida não descesse *"muito bem*". Aparentava que a novidade havia sido bem recebida com respostas positivas à sua saída do armário: "*"ai que legal, que bom que você falou"; "que bom que você falou a sua verdade"*".

A resposta de seus familiares reproduz a máxima que configura, desde a pastoral cristã, a sociedade ocidental a articulação entre sexo e "verdade" (FOUCAULT, 1979; SEDGWICK, 2007; MADLENER e DINIS, 2007). Sendo assim, ao assumir sua homossexualidade Severo permitia o acesso a uma suposta "verdade" que antes era oculta a seus familiares e a ele mesmo. A partir desse momento, a relação familiar estava fadada a mudar drasticamente. Após o jantar, a família desceu para praia, pois era noite de *réveillon*. A família caminhava junta, sua mãe com um ramalhete de rosas vermelhas que seriam lançadas ao mar, seu pai caminhando mais atrás, Severo e seus irmãos todos juntos. Nessa caminhada, já na praia, Severo conta que sua mãe teve um "*surto*" e começa a gritar: "*"como é que pode depois de tudo esse tempo, agora tenho um filho que dorme com outro homem e ele é gay e o que que é isso, e que bosta é essa?"*". Sua mãe começa a agredi-lo verbalmente e, apesar de ele não lembrar exatamente o teor das agressões, ele se recorda que era "*algo assim de uma agressividade grande quanto a minha sexualidade, quanto a minha opção que eu tinha acabado de falar*". Ela então jogou o ramalhete de rosas contra Severo que sai correndo com medo de ser agredido fisicamente por seu pai, o qual, nesse momento, se aproximou "*super agressivo [...] querendo me pegar eu acho*".

Depois da confissão, veio a penitência. Severo havia colocado sua (homo)sexualidade em discurso, ele a confessou e ao fazê-lo possibilitou que sua "verdade" fosse posta sob "exame" familiar. Um saber agora compartilhado e que produziu uma convulsão de agressividade familiar. Se em outros espaços ele conseguia se proteger da homofobia, por ser homem, branco e classe média/média-alta, o mesmo não era possível frente à homofobia encarnada dentro de suas relações familiares. Atônito com tudo que havia acabado de vivenciar Severo ficou por horas na praia sozinho "*para esquecer tudo o que tinha acontecido*". Depois, ao voltar para casa, os ânimos haviam se acalmado, pois "*ninguém estava a fim de dar porrada em ninguém naquele momento porque tava todo mundo em família, não se podia fazer muita coisa, ninguém ia me matar ali*". Entretanto, a viagem de férias da família acabou e todos voltaram para suas casas, abandonando o plano inicial que era de ficarem 15 ou 20 dias na praia.

Foi um período difícil para Severo, ele não esperava viver uma resposta tão violenta de sua família. Porém, aproximadamente um mês após o ocorrido, seus pais chegam em Curitiba dispostos a conhecer seu namorado. "*É difícil acreditar, mas é aquela coisa, pode até ser que aconteça com mais gente isso, mas é ... nessa classe a frase é clássica, meu pai chega a dizer assim: "a gente quer saber quais as intenções dele para com você"*". Severo convence seu namorado a ir ao encontro de seus pais e, para sua surpresa, o namorado montou um personagem para o encontro, foi vestindo um terno e portando uma maleta, uma maneira de se vestir e se portar absolutamente diferente de sua forma usual. Valia tudo para causar uma boa impressão. E nisso ele foi bem-sucedido e assim receberam a "anuência" de seus pais para o relacionamento. Um consentimento familiar que ocorreu apenas na ordem da aparência, afinal de contas, as aparências são um elemento fundamental dentro do círculo social das famílias mais abastadas. Uma aparente aceitação que está muito mais na ordem da "tolerância" do que do acolhimento e do comprometimento real, a vida de Severo (SCHULMAN, 2010). Como sabemos a saída do armário nunca é um processo que afeta apenas o indivíduo, ela estende seus efeitos a toda sua família (CASTAÑEDA, 2007). Assim, ao sair do armário Severo também arranca dele toda a sua família, que precisa de alguma forma minimizar "os danos à imagem" e assim não perder "o *status* de normalidade" (TOLEDO e TEIXEIRA FILHO, 2014) e o *status* social que gozavam em sua comunidade. A forma encontrada foi "consentir" com o relacionamento e assim silenciar possíveis demandas públicas de Severo que trouxessem novamente sua homossexualidade à pauta familiar e social. A família de Severo cria "um torturante sistema de duplos vínculos"

(SEDGWICK, 2007, p. 26) que marca toda a sua história. Uma "aceitação" que funciona como um novo armário, uma forma de manter silenciada e em segredo a sua "*verdade*".

Enquanto tudo isso acontecia, Severo prosseguia seus estudos em arquitetura, ainda muito ligado às artes e incorporava todo esse trânsito, essa bagagem artística em suas produções e projetos do curso. Ele "*era muito pródigo*" e apresentava projetos que causavam admiração nos colegas e nos próprios professores. Por conta disso, ele afirma que "*não acaba importando para as pessoas a minha volta a questão da sexualidade, porque tem outras coisas a ser feitas*". No curso Severo conheceu pessoas maravilhosas e criativas com as quais construiu importantes laços de amizade. Porém, nesse período, ele descobriu as traições de seu namorado e essa descoberta resultou no término da relação. Para ele, esse término "*foi uma tragédia na minha vida, passei muito mal com isso, porque eu amava muito ele, gostava muito, não imaginava ser traído por alguém naquela idade*". Esse sentimento se intensificou pelo reconhecimento de que ele "*era uma pessoa muito correta, eu me relacionava, eu tentava me relacionar seriamente com as pessoas, eu era o melhor que eu podia ser nos meus estudos, eu era o melhor que eu podia ser no meu trabalho de arte, como pessoa*". Desse modo, seu profícuo e excelente desempenho acadêmico e suas exímias habilidades sociais cumpriam bem a função de compensar colmatar a sua homossexualidade (CASTAÑEDA, 2007; TEIXEIRA FILHO, 2012).

Severo seguia fazendo arquitetura, porém, após o terceiro ano, ele trancou o curso. Depois de um tempo, que ele não soube precisar, ele retomou as aulas, cursou o terceiro ano e queria fazer algumas disciplinas no segundo ano novamente, mas "*não queria fazer o quarto e o quinto ano, não queria fechar, não conseguia*". Por conta disso e principalmente pela falta de apoio financeiro de sua família, que lhe negava recursos para colocar em prática seus projetos, ele abandona definitivamente o curso de Arquitetura. Entretanto, sua passagem pela arquitetura foi marcante e aproximadamente cinco anos após sua desistência ele foi convidado, pelo corpo discente, para ser curador dos 25 anos do curso. Mesmo sem se formar, ele teve sua trajetória reconhecida pelos discentes e pelos professores que haviam sido seus colegas durante o período da graduação.

Todos esses acontecimentos ocorriam em plena década de 1980, que foi um período em que Severo caracterizou com "*um ápice gay*", um tempo em que "*a música era muito boa, o tesão era muito grande, a vontade de conhecer era maior ainda*". Ele vivia essa intensidade, esse "*ápice*" dos primeiros anos da década de 1980 sem ter plena consciência de que aqueles também seriam anos assombrados pelo fantasma da AIDS.

Seu desconhecimento sobre a crise da AIDS não demorou a mudar. Durante o período em que Severo ainda cursava Arquitetura, ele conheceu e teve um relacionamento com um importante arquiteto curitibano, mas foi um relacionamento que não durou muito tempo. Eis que um dia ele estava caminhando em uma importante rua do centro de Curitiba e encontra um amigo em comum desse arquiteto que lhe perguntou se ele sabia o que havia acontecido com seu ex. Diante da pergunta, Severo já anteviu do que se tratava, pois "*ali nesse tempo você já: "aconteceu alguma coisa"... dava medo quando a pessoa dizia isso porque a gente já podia entender que tinha algo a ver com AIDS*". E foi exatamente o que havia acontecido, seu ex-namorado tinha sido diagnosticado com a doença e ido a óbito por conta da AIDS.

Ao receber a notícia Severo estremeceu por inteiro e foi diretamente conversar com um psicólogo, que fora colega de graduação de sua irmã e um importante amigo seu. A primeira coisa que Severo lhe perguntou foi sobre o que fazer e seu amigo lhe orientou a procurar a saúde pública, onde ele encontraria exame gratuito e assim poderia saber se havia contraído ou não o vírus.

"*Fui lá fazer e nossa* [bate na mesa], *você pensa que você tá fudido... Puta que o pariu, né?! Nossa... era muito estranho o local é* [...] *é uma instituição antiga, então por mais que as paredes de fora fossem de alvenaria as de dentro eram de madeira. Tudo meio impessoal, e não tinha uma turma, eles desfaziam as turmas o que era horrível pra gente, porque a gente não tinha por onde se identificar, conversar, ninguém queria conversar sobre, né?! Então era complicado.* [...] *Quando você ia pra um atendimento que você ia fazer o exame de AIDS, não podia muito parecer que você estava indo fazer o exame de AIDS naquela época, entendeu?! Então eles faziam horários diferentes pra pessoa não se constranger no momento, entendeu?! É uma coisa importante historicamente na construção desse mito, né?! Da AIDS* [...]. *Cê já ficava sozinho numa sala, daí era chamado pra ir pra outra sala sozinho* [...] *dai você saia pra um corredor que também você saia sozinho... ai que coisa era aquilo, era tudo fechado. Nossa* [...] *eram cubos quadrados de madeira que você passava de um lugar para outro que não se comunicavam ou eles tinham uma comunicação entre eles que fazia com que a gente não se encontrasse um com o outro, pelo menos os pacientes. A gente não encontrava mais que aquele médico que ia dizer alguma coisa pra gente ou no máximo a enfermeira que ia levar a gente até ele, entendeu? E o cara diz de uma forma assim... um ritual horroroso, numa época que você já está cheio de medos, ele vem com um discurso muito...ahn...difícil, ahn... é... como se você tivesse devendo alguma coisa e você só*

queria o resultado daquele exame entendeu?! Porra fala aí o que que deu, era isso que cê queria dizer, mas não podia dizer pra pessoa, então tinha que ouvir, você faz isso, você faz aquilo [...]*, sabe?! Porra... cê não tá com cabeça* [...] *o espaço já era constrangedor, mas não era pra constranger era pra separar, então o discurso tinha uma coisa assim de "te cuida", sabe?! "Te cuida", porque você não pode contar com ninguém, Entendeu?!".*

Severo relata em detalhes a dureza do atendimento prestado naquela época. Ali, nesse espaço institucionalizado ele encontrou um processo impessoal e absolutamente frio, uma forma protocolar de atendimento que primava pela separação dos indivíduos em uma lógica de segregação que, travestida de preservação das identidades, resultava na peregrinação solitária e desamparada que culminava com um discurso visando disciplinar as pessoas através do constrangimento. Toda uma estratégia de atendimento que, articulando práticas e discursos em prol da saúde e da prevenção, pretendiam, na verdade, o controle do corpo, por meio do discurso biomédico. Essa forma de atendimento vivida por Severo e por tantas pessoas retrata o quanto o corpo funciona como instrumento e objeto de ação moral (FOUCAULT, 2017b). Uma instrumentalidade do corpo que, como apontamos anteriormente, ainda incide sobre nós. Basta pensarmos as restrições à doação de sangue por homossexuais, ainda vigente nas práticas cotidianas de muitos hemocentros, ou a forma como as práticas sexuais fora do circuito cishetero, monogâmico e procriativo, assumem uma conotação pejorativa, sendo categorizadas como "comportamento de risco", criticadas e tornando-se objeto de práticas e campanhas preventivas de saúde. Vale destacar que não pretendo com essa observação sugerir o fim de práticas e campanhas de prevenção, mas levantar a questão de quais são os objetos explícitos e implícitos dessa prevenção: prevenção do corpo; prevenção do caráter. Um duplo registro já apontado por Foucault (2017c, p. 128) "boa saúde e [...] bom estado da alma".

Severo experimentou essa relação entre moralidade e saúde sem nenhum filtro e, após fazer seus exames, descobriu que não havia contraído o vírus. Assim como o resultado havia sido negativo, sua experiência no serviço de saúde também o fora. Mobilizado e sensibilizado por essa experiência de angústia e sofrimento Severo começa a participar de coletivos como o Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS (GAPA) e Grupo pela VIDDA. Seu amigo psicólogo já atuava nesses espaços e junto dele Severo participava ativamente dos encontros e discussões desses coletivos que, segundo ele, tinham um discurso e uma prática completamente distintas daquelas que ele havia

encontrado no serviço público de saúde. Nesses grupos ele vivia e experimentava a união e o acolhimento produzido para e entre seus participantes. Nesses espaços ele teve a oportunidade de conhecer várias pessoas que eram portadoras do vírus, alguns que já na época conseguiam alcançar um bom nível de qualidade de vida. Entretanto, Severo reconheceu que esses últimos só conseguiam manter-se vivos e com uma certa qualidade de vida por possuírem condições financeiras e uma forte rede de apoio. Severo ilustra essa situação dramática citando o caso de um amigo que teve a oportunidade de poder fazer o tratamento na França, graças ao contato de um amigo francês que o acolheu, e à empresa onde ele trabalhava que custeava suas passagens para a capital francesa. Nesse sentido, Severo foi categórico "*se ele ficasse no Brasil ele teria morrido, como vários amigos morreram*".

Relatar todo esse processo fez com que Severo se lembrasse de um outro relacionamento que teve, mas não soube precisar se foi antes ou depois de ter se relacionado com aquele arquiteto. Ele lembra que já havia saído da arquitetura e pretendia trabalhar com algo que lhe rendesse o apoio financeiro que gostaria, mas que não recebia de sua família. E ao conhecer e se apaixonar por esse rapaz, que também queria empreender, decidiram investir suas economias e recursos em um negócio de compra e venda de vestuário. Eles iniciaram o negócio comprando roupas em Santa Catarina e revendendo no próprio carro nos conjuntos habitacionais de Curitiba. O negócio começou a dar certo e com o dinheiro produzido por essas vendas eles decidiram montar uma malharia em sociedade. Eles passaram a produzir algumas peças próprias, que Severo projetava, e seguiam revendendo outras marcas que agora adquiriam também viajando para São Paulo e Rio de Janeiro, visando diversificar os produtos de seu negócio. Eles começam a ter uma renda e uma vida confortáveis e justamente nessa fase descobre-se que o irmão de seu namorado estava com AIDS. "[...] *aí foi aquele sacrifício todo, foi aquela luta toda. O David definhando na nossa frente, não tinha o que fazer*". Severo via seu amigo recebendo o tratamento na França e o cunhado "*definhando*" bem na sua frente. Essa percepção só fazia aumentar a sensação de impotência, pois eles não possuíam dinheiro suficiente para custear o tratamento, sua família se recusava a ajudar financeiramente e a família de seu namorado também não tinha condições para auxiliar. Severo vivenciou diretamente essa situação dramática que mostra de forma extremamente dura o quanto o privilégio e o poder socioeconômico funcionam, como a linha de corte que definia (e ainda define) aqueles corpos que podiam viver e aqueles que devem morrer (FOUCAULT, 1979). A AIDS, identificada, à época, como o "câncer gay", era vista

justamente como uma resposta providencial à eliminação desses corpos abjetos (BUTLER, 2002; TOLEDO e TEIXEIRA FILHO, 2014). Assim, o depoimento de Severo compõe uma página desse episódio triste da nossa história.

> A história social da AIDS foi, em boa parte, a história da culpabilização de suas vítimas. O medo, que sempre se encarregou de impedir a evolução das mentes, transforma a AIDS [...] em uma enfermidade social e não física. De um ponto de vista ideológico, culpabilizar as vítimas têm a função de ocultar o papel fundamental das diferentes condições, sociais, econômicas, raciais, de gênero e sexuais, na criação e expansão das enfermidades, e coloca a responsabilidade da prevenção e do tratamento exclusivamente nos indivíduos, transferindo para o cidadão a obrigação do Estado sobre a saúde da população. Quando a pobreza e a exclusão vão de mãos dadas, e é a maioria das vezes, as condições de saúde podem ser mínimas ou inexistentes e, nessa medida, torna-se impossível separar os problemas de saúde e das desigualdades sociais; e é aqui que surge a grande questão ideológica que fundamenta a pandemia de AIDS: os doentes são os culpados de sua enfermidade ou são produtos da desigualdade social? (SÁEZ e CARRASCOSA, 2016, p. 147).

Consternado e inconformado com a situação à qual David estava submetido, Severo deixa a residência da família, sai do "*luxo do apartamento da família*", onde ele ainda morava, e vai morar na casa da família de seu namorado. Segundo ele, era uma propriedade muito precária, uma "*casa podia a qualquer momento despedaçar num penhasco, numa valeta de esgoto que tinha*". Ali, Severo mergulhou de cabeça nos cuidados de David, pois seu namorado não se envolvia e seguia trabalhando na malharia. A mãe de David era alcoolista e não tinha condições de fornecer qualquer cuidado, além disso, a avó de seu namorado, que estava em idade avançada, não tinha possibilidade de fazê-lo. Severo fazia tudo por ali, "*sempre acordei cedo, fazia o café, nunca deixei a vó fazer café, ajudava fazer comida, dava banho no David, cuidava tudo na casa, fora o que trabalhava na malharia*". Apesar de todo sofrimento no qual estava mergulhado, David não se deixava abater. "*O David assim... era uma coisa assim de se matar de rir. Eu tava ali dando banho nele, ele com meio osso no corpo e você não aguentava ficar quieto de tanto rir com aquele desgraçado fazendo piada da merda que ele tava vivendo, sabe?!*". Entretanto, esse estado de ânimo não era perene e David também sofria, sofria muito e Severo sofria com ele.

Severo estabeleceu uma relação muito importante com David e aprendeu muito com essa afetividade e cuidado. No entanto, David não resistiu e sucumbiu à doença, esse foi um golpe doloroso na história de Severo. "[...] *porque foi foda perder o David, foda pra caralho, foi assim chegar a AIDS em toda a sua crueldade e naquela época pipocando morte*". Mas essa não foi a única perda que essa experiência toda produziu.

Enquanto Severo dedicava-se integralmente aos cuidados de David, ele acabou se tornando "*irmão*" de seu namorado. "*Eu fui irmão do irmão dele, eu que cuidei do irmão dele, então eu era irmão* [...] *que sobreviveu aquela porrada toda do David ter morrido na nossa frente*". O casal já não se relacionava e seu namorado acabou se envolvendo com outra pessoa, enquanto eles ainda namoravam e Severo cuidava de seu irmão. Por conta disso, o relacionamento chegou ao fim.

Foram momentos difíceis para Severo, pois "*tudo isso acontecia nessa época, toda uma espécie de crueldade, em que a gente passou se cuidando, né?! Se cuidando o máximo possível naquela época, né?! Sempre tive relações mais pra sérias do que pra casuais, então a gente se protegia*". Ele vivia todas essas experiências sem nenhum apoio de sua família, era como se ele estivesse "*vivendo uma vida paralela*". Uma sensação de abandono e descaso familiar que Severo segue sentido até hoje, pois ele percebe que aos olhos de sua família ele não é "*nada para eles, nada, nada*". Severo percebia claramente o tratamento desigual que recebia em relação aos seus irmãos heterossexuais, pois, segundo ele, quando "*eu falei que tava numa relação, ninguém me ofereceu nada do que foi oferecido aos meus irmãos quando eles pensaram em ficar com alguém, casar com alguém, estar com alguém, entendeu?! Por que? Então tem toda aquela ideia, eles vão casar vai ter casamento, vai ter o filho, vai ter presente de casamento, vai ter convite de casamento, vai ter toda aquela coisa do casamento, então vai ter que construir uma casa pra eles, um carro especial, um lugar especial, vai ter que ter o ateliê dele, vai ter que ter o escritório dele, vai ter... pra mim nunca, nunca, nunca, nada. Eu já estou há anos falando que eu estou me relacionando com uma pessoa, que tô com uma outra pessoa e a única coisa que eu recebo é o desprezo deles*"

Severo expressa a homofobia que está entranhada em suas relações familiares, uma situação cotidiana que ainda afeta grande parcela das pessoas homossexuais. Segundo Schulman (2010), a homofobia familiar possui especificidades e dimensões amplas e variam desde o desrespeito e ausência de cordialidade, passando por variados graus de exclusão e violência, por ataques brutais que marcam o indivíduo por toda a sua vida chegando até o exercício de práticas cruéis que podem ter como ápice o homicídio ou suicídio da vítima. No caso de Severo, a homofobia familiar se mostra claramente na posição de menor valor que ele ocupa em relação aos seus irmãos, na exclusão que vive dos projetos e planos familiares, na forma como suas necessidades são negligenciadas, no não reconhecimento de seus méritos e conquistas, na recusa de falar abertamente sobre sua homossexualidade e na ausência de validação e reconhecimento da sua união com

Alvo, uma união que não é recebida e tratada com a mesma dignidade endereçada às demais uniões (heterossexuais) da família. A cisheterossexualidade de seus irmãos sustenta a validação de suas necessidades materiais, afetivas e relacionais. Suas demandas, necessidades e desejos são mais importantes do que Severo, pois eles gozam dos privilégios da cisheteronormatividade e, portanto, são lidos e tratados como humanos (que são), ao contrário de Severo que não acessa o mesmo *status* de humanidade de seus familiares.

A constatação de que Severo não terá filhos (ao menos não biológicos) também se conecta e constitui essa percepção desumanizante que caracteriza sua relação familiar. Não produzir filhos biológicos rompe com o projeto e com as idealizações que caracterizam a heterossexualidade compulsória (RICH, 2010) e essa frustração precisa ser elaborada pela família. É preciso elaborar um luto da heterossexualidade idealizada (CASTAÑEDA, 2007; MODESTO, 2015). Um processo que sua família não parece estar disposta a vivenciar, mantendo-se em uma relação de evitação constante. O filho idealizado por seus pais morreu quando Severo saiu do armário. Desde aquela noite fatídica o corpo do filho idealizado deu lugar ao "bode expiatório". Esse é o (não)lugar que Severo ocupa dentro de suas relações familiares, ele tornou-se o depositário de todas as mazelas e frustrações de seus familiares.

> O que faz as pessoas gays bodes expiatórios ideais em uma família é que nela estão sozinhas. Muitas vezes, ninguém no interior da família é como elas ou se identifica com elas. Elas se tornam uma tela projetora, o terreno em que todos os outros depositam suas deficiências e ressentimentos. Além disso, ninguém está olhando. Ninguém de fora irá intervir, porque há a percepção de que os assuntos de família são privados e intocáveis. A estrutura familiar e sua intocabilidade predominam. Então, porque a pessoa gay não tem apoio total de sua família, ela por sua vez se torna o bode expiatório ideal. Na sociedade, assim como na família, ninguém irá intervir. A sociedade não irá intervir na família e a família não irá intervir na sociedade. É uma relação dialógica de opressão (SCHULMAN, 2010, p. 76).

Assim como foi identificado por Toledo e Teixeira Filho (2014) os pais de Severo demonstram uma grande preocupação em garantir o sustento material e afetivo de seus irmãos, eles se preocupam com o bem-estar e com a felicidade deles, se congratulam de seus sucessos e realizações ao passo que Severo encontra apenas o vazio relacional, o desprezo e a ausência de apoio e suporte.

Severo percebia tudo isso, vivia e sofria esse desprezo e todas essas perdas sozinho e decide "*sair daquilo*". Assim, ele já não via sentido em prosseguir na malharia e resolveu acabar com a sociedade com seu ex-namorado e retomar seus estudos, voltando

para a universidade. Ele não tinha certeza quanto ao curso que iria iniciar e nessa indecisão fez uma viagem para a Ilha do Mel com um amigo e, após passar alguns dias, lá decidiu que assim que regressasse à Curitiba iria prestar vestibular. Foi o que ele fez. Ao se inscrever para o vestibular ele vê, entre os cursos disponíveis, o curso de Filosofia e instantaneamente decide que seria nesse que ele iria ingressar. Severo iniciou o curso de Filosofia e pôde "*superar tudo [...] tinha passado até aquele momento*" e se "*estruturar*".

O curso de Filosofia foi uma experiência fantástica para Severo, ele conheceu pessoas com as quais mantêm relação até hoje, especialmente, com um professor por quem nutre uma importante relação de amizade. Esse professor reconheceu a capacidade e o potencial de Severo, sempre fez tudo que esteve ao seu alcance para auxiliá-lo em seu percurso acadêmico, sendo, inclusive, o responsável pela compra de boa parte do acervo bibliográfico que Severo possui hoje. Um professor que, além de companheiro acadêmico, parceiro de festas e de longas conversas, tornou-se um grande amigo que sempre ajudou Severo quando ele precisava, uma pessoa que evoca boas lembranças e bons afetos durante toda a narrativa de Severo.

Graças ao seu potencial e às suas relações Severo desenvolveu uma trajetória academicamente bem-sucedida na Filosofia, apesar das dificuldades que enfrentou, especialmente financeiras. Severo havia voltado a residir no apartamento da família e para poder conseguir algum dinheiro extra vendia sonhos e empadas na universidade. Assim, mesmo com todas as dificuldades, Severo concluiu o curso de Filosofia e foi aceito no Programa de Mestrado em Comunicação e Semiótica de uma prestigiada universidade paulistana. Severo passou em primeiro lugar no processo seletivo do Programa, fato que lhe rendeu a possibilidade de realizar o curso com bolsa integral, além disso, se tornou o representante discente do Programa, ganhando uma boa projeção na universidade. Assim, ele era academicamente reconhecido por seus pares, era procurado para auxiliar na escrita de projetos de pesquisa de postulantes a uma vaga no Programa, auxiliava na confecção de trabalhos de disciplinas e dissertações como forma de geração de renda. Inclusive, um dos trabalhos que Severo ajudou ativamente a conceber e escrever foi aclamado pela banca examinadora e anos depois tornou-se livro. Entretanto, essa publicação ainda é uma questão aberta para ele, pois, apesar de sua contribuição inegável e decisiva no processo de concepção e escrita do trabalho, o livro foi editado e publicado sem seu conhecimento e sem mencionar seu trabalho e coautoria.

Os anos em que cursou o Mestrado foram muito produtivos. No começo do curso ele ainda residia em Curitiba e parte da semana ficava em São Paulo, em uma pensão próxima à universidade, para poder frequentar as aulas. Porém, ele logo fez amizade com uma colega de curso que lhe informou sobre um apartamento que estava disponível no mesmo prédio onde ela residia. O prédio ficava na rua Consolação, próximo à Avenida Paulista, e graças a essa indicação tornou-se o novo endereço de Severo. Durante esses anos vividos em São Paulo, ele conheceu e conviveu com pessoas que eram provenientes e/ou transitavam da e pela elite econômica e intelectual paulistana. Fez boas amizades e pôde, parafraseando seu orientador, adquirir "*complexidade*". "*Essa complexidade é a única coisa que te garante a sua evolução no tempo e no espaço porque é essa complexidade que sobrevive, entendeu?! E assim, quanto mais complexidade você adquiri melhor. E era isso que tinha que ser feito, vamos atrás dessa complexidade*". Justamente por conta dessa busca por complexidade que esse período foi experimentado por ele como um novo "*auge de tudo*", um "*auge*" que ele considera mais qualificado do que aquele dos primeiros anos da juventude em Curitiba.

Foram essas boas amizades, cheias de complexidades, que o acompanharam e celebraram com ele a conquista e o encerramento do mestrado organizando uma grande festa em sua homenagem, "*foi uma festa luxo que era só pessoa luxo*". Além da festa, ele também ganhou uma viagem para o Nordeste de um namorado. Foi tudo muito especial, "*porque eu não esperava nada disso, né?! A vida que eu vivia, e tudo o que eu vivia do afastamento da minha família, então eu nem esperava que ia ter uma festa de mestrado, né?! Então... tão fantástica, tão bonita, tão bem cuidada e os meus amigos que ofereceram*". A ausência de expectativas frente a esse reconhecimento, em forma de festa, promovido pelas suas relações de amizade e sua associação ao afastamento familiar reforçam o sentimento de inadequação e de não pertencimento que ele experimenta em sua família. É quase tangível o ressentimento que Severo sente em relação à sua família e que transparece e se repete inúmeras vezes em seu discurso ao longo de toda a sua narrativa. Um sentimento absolutamente compreensível, pois, não importa o quanto Severo estude e o quanto ele tenha sucesso acadêmico, o quanto ele se esforce ou o quanto seus amigos e professores reconheçam suas capacidades e potencialidades, aos olhos de sua família nada disso compensa o fato dele ser homossexual. Severo pode ser o mais brilhante dos irmãos, mas, assim como identificado por Schulman (2009), suas conquistas nunca serão dignas do mesmo reconhecimento e prestígio familiar endereçados aos seus irmãos.

Apesar disso, Severo ainda nutria afeto pela sua família. Depois do encerramento do mestrado, regressou para o Paraná, por alguns meses, indo residir na mesma cidade em que sua família morava. Uma fase nada agradável para ele, pois, durante o tempo em que esteve com sua família, foi novamente agredido sendo chamado de "*prostituta*" pela mãe, que estava inconformada dele frequentar, com outros amigos *gays*, um bar "*na beira de uma plantação de soja* [...] *no bairro pobre da cidade*". O fato dele frequentar esse bar fez com que seu pai também lhe dissesse que tinha vontade de matá-lo.

Nessa época, a família estava morando em uma cidade com aproximadamente 20 mil habitantes e, conforme afirma Silva (2000, p. 25), "[...] nas pequenas cidades 'todo mundo conhece todo mundo e se mete na vida de todo mundo'". Logo, Severo, enquanto filho do cartorário, na posição de herdeiro de uma das famílias abastadas e "respeitadas" da cidade não poderia ser visto na companhia de conhecidos homossexuais do município, ainda mais frequentando um estabelecimento numa região marcada pela pobreza. Essa cena era insuportável para sua família que "tolerava" sua homossexualidade enquanto ele vivia em Curitiba e São Paulo, mas que não estava disposta a sair do armário de forma tão ruidosa na cidade em que moravam. Ao ser visto frequentando esse bar acompanhado de outros homossexuais Severo quebrou o pacto de silêncio, rompeu com a invisibilidade à qual era submetido e desestabilizou a defesa relacional da família que evitava ver, ouvir e falar sobre sua homossexualidade. E foi justamente por quebrar esse contrato tácito que sustentava a relação familiar que seus pais irromperam sobre ele em uma convulsão agressiva que reeditou e reencenou a noite em que ele havia saído do armário. Ele saiu do armário novamente e agora arrancou sua família de dentro dele (CASTAÑEDA, 2007; Sedgwick, 2007). Essa resposta extremamente agressiva de seus pais tornou claro para Severo que não seria possível conviver ali com sua família.

Ele precisava de uma alternativa e foi graças às amizades que ele construiu durante o Mestrado que uma saída se produziu. Um de seus amigos lhe informou que estava deixando o posto de professor em uma universidade paulistana e recomendou que Severo se candidatasse à vaga. Foi o que ele fez. Severo regressou a São Paulo, participou do processo seletivo e passou a integrar o corpo docente dessa universidade em São Bernardo do Campo. Assim, em meados de 2006, Severo voltou a residir naquele apartamento próximo à Avenida Paulista, onde morava durante o mestrado. Cotidianamente ele fazia o trajeto de duas horas e meia de metrô e ônibus até o trabalho. Apesar de todo o cansaço, estar em sala de aula era gratificante e, em pouco tempo, Severo já tinha caído nas graças dos estudantes e da instituição e sua carga horária na instituição aumentou. As

perspectivas de crescimento profissional eram muito promissoras e Severo estava feliz com o novo emprego.

No início do ano letivo do ano seguinte, na noite do dia 9 de fevereiro de 2007, Severo voltou do trabalho na universidade e chegando em casa próximo da meia noite foi convidado por um amigo para saírem. Esse amigo queria ir a uma festa que haveria nos próximos dias e, portanto, pretendia pegar o *flyer* com informações do evento. Seria uma saída rápida, então, apesar do cansaço, Severo o acompanhou até o bar onde o *flyer* estava sendo distribuído. O bar ficava na Consolação, mesma rua onde Severo residia, enquanto desciam para o bar encontraram mais dois amigos que se juntaram a eles. Após pegarem o *flyer*, começam o trajeto de volta para casa, rumo à Avenida Paulista. Um trecho do trajeto era muito escuro, pois os prédios eram recuados e as boates estavam fechadas, restando apenas algumas que funcionavam com festas privadas. Enquanto subiam, Severo viu no ar uma garrafa *long neck* que havia sido arremessada e advertiu seus amigos: "*olha a garrafa!*". Nesse ínterim, enquanto ele observava a trajetória da garrafa, seus amigos olharam para trás e começaram correr. Severo observa a reação dos amigos, viu que eles "*começaram a correr eu achei estranho, demorei um pouquinho e esse pouquinho que eu demorei foi o suficiente de ser calçado por trás, cai no chão e ali fui espancado*".

Caído no chão Severo foi atacado por quatro homens que lhe agrediam com chutes e pontapés que resultaram em múltiplas lesões pelo corpo e a perda de cinco dentes. Seu rosto ficou desfigurado por conta dos chutes e ele carrega uma grande cicatriz por conta da agressão. "*Na hora eu não tinha sentido nada, por incrível que pareça, eu não sei como eu não senti dor alguma, não sei como, não sei como... é uma coisa assim, muito... até hoje é difícil entender como que isso aconteceu porque eu vi tudo acontecer, como se não tivesse acontecendo nada comigo, foi muito... mesmo quando eu falava "para, para, para" parece que a minha voz não tava junto com o meu corpo, tava uma coisa muita estranha eu levei chutes pelo corpo inteiro, eu levei chutes no rosto que me fizeram perder meus dentes e muito sangue. Mas quando eles tavam ainda nesse começo dos chutes, que foi um começo porque as pessoas que foram mortas nos dias, nas semanas, nos meses anteriores, foram... eles usaram facas e espancaram um também, mas usaram faca e eu graças não tiveram tempo pra fazer isso*".

Enquanto Severo era agredido, seus amigos conseguiram correr e se abrigar em um bar, um deles prosseguiu até a Avenida Paulista para pedir socorro em um posto policial que havia lá. Entretanto, os policiais se recusaram a ir em socorro de Severo.

Segundo seu amigo, a reação dos policiais foi de indiferença: "*"ah... é um gay apanhando? ah... daqui a pouco para, não é?! não vai acontecer nada*"".

A violência extrema à qual Severo foi submetido reflete o cotidiano de violências que nós LGBT estamos a-sujeitados no contexto brasileiro. Diariamente somos expostos a diferentes manifestações de violência que se articulam. São desde a violência simbólica proveniente da ausência de representações fidedignas e coerentes das pessoas LGBT até agressões bárbaras cometidas contra a vida das pessoas, como estupros "corretivos", lesões corporais graves, tentativas de homicídio, como essa que Severo vivenciou, culminando no homicídio propriamente dito e nas tentativas e práticas de suicídio (BENEVIDES e NOGUEIRA, 2019; MOTT et. al., 2019). Esse cotidiano de violências cometidas contra a nossa população é naturalizado e banalizado nas "piadas" e "satirizações" que ouvimos e vivemos desde a infância. Esse processo de banalização resulta nesses padrões relacionais (CANIATO, 2008) que irrompem em atentados concretos contra a nossa existência.

Essa forma de sociabilidade violenta produz corpos que são reconhecidos como vidas e corpos que, embora vivos, jamais ascenderão ao *status* de vida (BUTLER, 2018). Ou seja, os corpos dissidentes são construídos e marcados pela violência (MOMBAÇA, 2017), são corpos descartáveis e matáveis, pois não são corpos lidos como pertencentes ao gênero humano. São corpos que em sua posição subalterna podem e devem suportar todo tipo de injúria e agressão. Corpos depositários do ódio socialmente acumulado e que não podem ser endereçados àqueles corpos lidos como semelhantemente humanos. "Matei porque odeio *gay*", afirmou o assassino de uma pessoa LGBT em 2003. Nossos corpos despertam esse ódio que é semeado e cultivado cotidianamente e que interpreta a nossa aniquilação como uma forma de expurgar o mal que paranoicamente eles projetam sobre nós.

E, nesse ponto, concordo com Schulman (2010) quando afirma que a produção de uma ação negativa ou violenta contra as pessoas LGBT na atualidade tem um sentido intensamente mais negativo e deletério que no passado. Segundo ela

> opor-se aos direitos de gays sessenta anos atrás, quando não existiam quaisquer movimentos visíveis, era uma ação bem diferente do que se opor a nós atualmente. Porém, mesmo conhecendo pessoas gays, vendo nosso desejo por justiça e ainda assim dizer "Não" é muito mais sórdido do que recusar algo vago e teórico (SCHULMAN, 2010, p. 71).

Mas continuam a nos dizer “não!”, uma negação que não é “somente” ao acesso e gozo de direitos básicos e espaços públicos é uma negação reiterada das nossas possibilidades existenciais, é uma negação das nossas vidas (BUTLER, 2018).

Severo foi duplamente vítima dessa negação vital: de um lado seus agressores desejavam exterminar seu corpo e de outro o Estado (encarnado pelos agentes policiais que naturalizaram a agressão e negarem-se a socorrer a vítima) agiu como cúmplice do extermínio. Essa inércia da força policial, naquele momento, evidencia que algumas “[...]narrativas são enquadradas para não serem apreendidas e reconhecidas enquanto violências. Portanto, para além de apreendermos e enxergarmos tais violências, acreditamos ser necessário reenquadrá-las” (NAVASCONI, 2019, p. 54). A ausência de ação dos policiais ou a não efetividade de suas ações, quando as vítimas são identificadas como LGBT, infelizmente conformam um cenário comum no Brasil (MOTT, 2003). Isso pode ser identificado no próprio corpo dessa pesquisa: das seis narrativas que compõem esse trabalho três demandaram a ação policial e em duas situações a polícia se negou a atuar[14]. Esse triste episódio vivido por Severo e por tantas outras pessoas LGBT nos mostra que, além da agressão, a indiferença também mata. Entretanto, Severo é um sobrevivente desse ódio, dessa indiferença e dessa violência gratuita.

Sua sobrevivência foi garantida, pois, a porta de uma boate, por coincidência, foi aberta e diante da figura do segurança da festa seus agressores cessaram os chutes e saíram correndo. Severo se levantou sozinho e, ensanguentado e desfigurado, foi ao encontro de seus amigos que estavam abrigados no bar alguns metros acima. Ao verem o estado em que ele se encontrava, seus amigos o levaram imediatamente para o pronto-socorro do hospital, onde Severo foi atendido. No hospital, Severo ainda estava atordoado com as agressões e não tinha dimensão da gravidade de seus ferimentos e, por conta disso, pediu para que seu amigo tirasse uma foto para que ele pudesse ver como estava. Ao ver a foto, ele teve um choque, pois pôde visualizar o resultado da violência bárbara que o havia vitimado. Ali, naquele momento, a revolta com a agressão sofrida misturou-se com a percepção do abandono e tratamento desigual que recebia em sua família. Essa conexão foi feita, pois em sua percepção a agressão poderia ter sido evitada caso ele tivesse estrutura e apoio financeiro e familiar. A agressão que ele havia sofrido se conectou com as agressões que ele já havia vivido em sua família e mesmo na companhia de seus amigos ele sentiu-se desamparado e abandonado. Infelizmente esses são sentimentos bem

[14] A outra situação na qual a policial recusou-se a atuar refere-se à narrativa de Sam.

conhecidos de muitas outras pessoas LGBT. Sobre esses sentimentos de desamparo e abandono, Schulman (2010) destaca que comumente as famílias são apreendidas como o porto seguro frente às crueldades produzidas na e pela cultura. Já quando a crueldade emerge na família é a sociedade, de modo mais amplo, que funciona como refúgio. Entretanto, a autora pondera que "[...] quando a família e a sociedade mais ampla põem em ação estruturas idênticas de exclusão e inferiorização, o indivíduo não tem lugar para onde escapar" (SCHULMAN, 2010, p. 76-77).

Essa percepção de inexistência de um refúgio que Severo estava experimentando solidificou-se nos dias seguintes à agressão. Assim como identificado por Toledo e Teixeira Filho (2014), não importou o quão grave foram as agressões vividas por Severo, nem o estrago subjetivo produzido por elas, o sofrimento que ele estava vivendo não era suficiente para mobilizar seus familiares a irem em seu auxílio. Nenhum familiar, com exceção de sua mãe, foi até São Paulo para acompanhar seu processo de recuperação ou visitá-lo posteriormente para prestar solidariedade ou para saber se ele carecia de algum tipo de ajuda. Uma resposta familiar impensável se a situação fosse outra e a vítima das agressões fosse um de seus irmãos heterossexuais.

A sensação de Severo era de completa rejeição familiar. Ele sentia-se assim porque historicamente havia apoiado, cuidado e protegido seus irmãos, passando dias no hospital acompanhando familiares internados ou acompanhando o processo de recuperação de procedimentos cirúrgicos, inclusive estéticos. "*Foi inconcebível isso, foi uma coisa, um choque mesmo e ao mesmo tempo uma revelação, uma clarividência... e cê descobre que cê tá sozinho mesmo, sabe?! Foi muito foda, muito foda, porque foi uma época muito difícil*". Além disso, apesar da mãe de Severo ter ido ao seu encontro, ela permaneceu com ele por apenas três dias, período que, segundo Severo, coincidiu com a cobertura jornalística do caso. Desse modo, Severo sentiu que sua mãe só foi ao seu encontro, permanecendo esse curto período em sua companhia, a fim de dar entrevistas e demonstrar nas reportagens um suposto apoio familiar. A presença de diferentes veículos de comunicação ocorreu, pois a agressão que ele sofreu ganhou notoriedade, sendo o primeiro homossexual da cidade de São Paulo a registrar um boletim de ocorrência por agressão motivada por homofobia.

Severo conta que contrariamente à posição assumida pelos agentes policiais da Avenida Paulista, que se recusaram a ir ao seu socorro, ele foi muito bem recebido e acolhido pelas delegadas da Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP), que ficou responsável pelo caso. Ali, Severo e seus amigos conseguiram identificar, por meio

das imagens de câmeras de segurança e do fichário policial, um dos agressores que foi preso, levado a julgamento e condenado a 8 anos de prisão por lesão corporal grave. Durante os primeiros dias após o registro do boletim de ocorrência e enquanto a polícia realizava as diligências, Severo recebeu escolta policial visando garantir sua proteção, contra alguma possível nova agressão. Vale destacar que a cobertura midiática do caso pode ter funcionado como um catalisador dessa resposta célere, efetiva e eficaz das forças de segurança e do judiciário em identificar e levar a julgamento o agressor, bem como em fornecer todo o apoio e proteção de que ele necessitava.

Essa ponderação é importante, pois, segundo Mott (2003), menos de 10% dos agressores que vitimaram pessoas LGBT recebem algum tipo de responsabilização penal. Um cenário que contribui para o sentimento de impunidade que fortalece a postura do agressor, a reincidência de agressões e simultaneamente coloca a vítima em uma posição de descrença na justiça fazendo com que, não raras as vezes, as vítimas deixem de buscar seus direitos e, portanto, não registrem as agressões sofridas. A história de Severo evidencia isso, pois ataques contra pessoas LGBT eram comuns naquela região, eram ações públicas e notórias, porém ninguém ainda havia registrado um boletim de ocorrência que possibilitasse tornar esse conhecimento público em dado oficial. "*Os policiais agem é por estatística, então se não tem estatística em tal lugar de violência eles não vão atrás, então como os gays não faziam B.O. sobre os ataques, não tinha policial pra cuidar de ataque. Não se sabia... claro que sabia*".

O discurso estatal de ignorância dos fatos resplandece em seu cinismo: "sem dados não há como saber onde as violências ocorrem ou se, de fato, elas ocorrem". Entretanto, a inexistência desses dados decorre justamente da omissão do Estado brasileiro que, até o presente momento, não produziu uma codificação penal específica para crimes LGBTfóbicos, nem apresentou nenhum levantamento oficial das violências cometidas contra pessoas LGBT em território nacional. Além disso, essa aparente ignorância em torno das agressões que vitimam as pessoas LGBT antes de configurar um desconhecimento apresenta-se como seu oposto. É uma "ignorância" produzida pelo conhecimento (BRITZMAN, 1996) claro e inequívoco de que as agressões existem e que, portanto, precisam ser dissimuladas. Todos sabiam da violência que ocorria naquela região, mas tanto o Estado quanto seus agentes optaram (e ainda optam) por fazer parte desse pacto de silêncio e de invisibilização das violências cometidas contra a nossa população (NAVASCONI, 2019). O Estado é responsável e precisa ser responsabilizado

pela sua omissão em proteger a vida de seus cidadãos e cidadãs e por sua cumplicidade com as práticas que diariamente ceifam nossas vidas.

Além da ineficiência do processo judicial e de uma ação contundente do Estado, visando prevenir e punir casos de violências motivadas por homofobia, outra situação comum são os agentes do Estado responsabilizarem a própria vítima pelas agressões. Os exemplos são inúmeros e muitos, inclusive, se tornam sátiras nas coberturas de programas policiais locais ou se tornam *memes* virais na internet, demonstrando de forma escancarada como é impossível para algumas pessoas se identificarem e se solidarizarem com as repetidas violências de que somos vítimas (BORRILO, 2007; CASTAÑEDA, 2007). As mídias participam, assim, direta ou indiretamente, de um processo de (in)visibilização perversa que favorece a naturalização das violências e caricaturização das pessoas LGBT.

Durante o período de recuperação das agressões, Severo teve que ficar afastado das atividades docentes. Aproximadamente um mês depois da agressão ele sentia que já podia retomar suas aulas na universidade. Acontece que, nesse mesmo período, Severo começou a receber ameaças dos Carecas do ABC e do Devastação Punk (grupo de origem de seus agressores). As ameaças iniciaram porque ambos os grupos pretendiam puni-lo por ter registrado o B.O. e por ter procurado e exposto o caso na mídia, atraindo a atenção da sociedade para as práticas violentas desses grupos. As ameaças mostram o quanto a visibilidade das homossexualidades e a denúncia do cotidiano de agressões vividos por nós, pode resultar reativamente no aumento ou recrudescimento das práticas homofóbicas (CASTAÑEDA, 2007). Esse é o paradoxo e o dilema que precisamos enfrentar: sem estratégias que possibilitem visibilização coerente da realidade que vivemos não conseguiremos superar as práticas e discursos homofóbicos que pululam em nossa sociedade, entretanto, ao fazê-lo reavivamos práticas, discursos e setores reacionários que compõem o tecido social e que projetam sobre nós toda sua violência.

Por conta dessas ameaças, Severo volta a receber escolta policial. Porém a escolta policial não trouxe a absoluta sensação de segurança. Alguns meses antes, havia ocorrido uma onda de ataques a policiais promovida pelo Primeiro Comando da Capital (PCC), então, viajar dentro de um carro policial também gerava medo em Severo. "*Então assim, cara, era foda, você tinha medo de viver, medo de levar um tiro, medo de tudo acabar, sabe?! Num trajeto assim que era uma coisa de louco, imagina você professor de filosofia ter que dando aula numa faculdade que cê pega uma hora de carro de polícia com um policial armado do seu lado, era muito maluco*".

Contudo, esse retorno de Severo à atividade docente não foi nada pacífico. Inicialmente, quando havia manifestado a intenção de retomar às aulas, a universidade se manifestou favorável à manutenção do seu afastamento sob o pretexto de uma boa recuperação. Passado um tempo, Severo começou a perceber que havia algo errado na posição da universidade que sempre dizia que estava tudo bem e que logo ele retornaria às aulas. Por conta disso, um mês após a agressão ele decide ir para a universidade e lá chegando descobriu que havia um professore em seu lugar, a posição da universidade era de que ele retornaria a dar aulas apenas no semestre seguinte. Severo não concordava com essa posição, sentia-se preparado para retomar suas aulas e assim aciona seus advogados que movem uma ação contra a instituição. Diante disso, a instituição resolveu dar-lhe aviso prévio seguido da demissão. A percepção de Severo é de que "*eles não gostaram nada de eu me expor na mídia, entendeu?! Então assim, cê ser um professor gay tudo bem, mas um gay que vai na mídia falar que é gay, professor? Não dá, entendeu?! Ou sofreu uma violência porque é gay... eles num gostaram disso. Aquilo foi o fim da picada entendeu?!*". Reedita-se em sua história o modo como sua família lidou com sua saída do armário. Assim como sua família, a universidade estava disposta a "tolerar" um professor abertamente homossexual, mas não estava disponível para também sair do armário e assumir com ele uma postura de combate à homofobia. Severo vivia o efeito multiplicativo da evitação (SCHULMAN, 2010) que caracteriza a homofobia. A sua história mostra que

> [...] o sistema é invertido de tal forma que a crueldade parece normativa e regular e o desejo de chamar a atenção e subvertê-la parece estranho. [...] A resistência é falsamente indexada como um comportamento inapropriado, porque resulta em desconforto para o perpetrador. Ironicamente, não é o fato de a pessoa gay estar sendo transformada em bode expiatório que enfurece as pessoas, mas a afirmação de que o perpetrador deveria ser responsabilizado. Não é a horrível verdade que perturba as pessoas, mas sim a construção do processo de contar a verdade que é vista como problema (SCHULMAN, 2010, p. 74).

Inconformados com a sua demissão os alunos fizeram uma homenagem e com o auxílio de Alvo (seu atual marido) e de um político paulista fizeram um protesto diante da universidade exigindo a manutenção do emprego de Severo. No entanto, mesmo com a intervenção de terceiros, apontada por Schulman (2010) como ação fundamental aos atos de resistência e de luta contra a homofobia, sua demanda de reversão da demissão resultou infrutífera. Infelizmente essa não foi a última perda que as agressões geraram. Severo tinha muitas amizades e contatos por conta do período que cursou o mestrado,

entretanto, todas essas relações se dissiparam após o episódio da agressão. Essa evitação "fraternal" mostra como a ideia de "contágio" (LOURO, 2000) persiste no imaginário das pessoas produzindo, no caso de Severo, uma série de resistências em demonstrar publicamente simpatia e solidariedade em relação à situação que ele vivenciava. Seus antigos amigos não desejavam ser tragados a esse vórtice de violências, denúncia, visibilização e lutas, sendo emparelhados à história de Severo.

Ele havia sido brutalmente agredido física e subjetivamente, era ameaçado de morte por grupos criminosos, perdeu o emprego, estava sem apoio familiar e perdeu a conexão que tinha com uma rede de amigos que ocupou um lugar importante em sua história. Não bastasse isso, a sensação de solidão e desamparo era inconteste e só fazia aumentar. Porém, em meio a todo esse turbilhão de perdas e de sofrimento, Severo ainda pode encontrar apoio, solidariedade e amor. Foi nesse período absolutamente conturbado que Severo, por um acaso, no mesmo dia em que assinou a rescisão de contrato com a universidade, conheceu Alvo. Ambos se encontraram, se reconheceram, se gostaram e estão juntos até hoje, 12 anos depois. Esse encontro e essa união foi e é muito importante para Severo que reconhece Alvo como um porto seguro e um norte que esteve "*sempre me apoiando em tudo, desde que eu conheci ele*".

Apesar do bom encontro com Alvo, a situação em São Paulo estava insustentável tanto econômica quanto subjetivamente. "*Depois do espancamento eu não conseguia sair à noite, o Alvo ia no cinema ou no teatro ou ia numa festa com algum amigo, saía... eu não conseguia sair à noite. Eu comecei a adquirir alguns sintomas difíceis de lidar, como alguma coisa de auto-mutilação, alguma coisa de [...] onicofagia, um pouco mais insistente, alguma coisa de transtorno explosivo intermitente, que é muito foda*". Diante de todo esse quadro, o casal decide mudar-se para o Paraná, para a cidade natal de Severo. Eles tomam essa decisão porque a família de Severo mantinha um discurso de que o ajudariam se ele estivesse por perto e, além disso, ele tinha a esperança de que a relação familiar pudesse ser restaurada de alguma forma. "*Vou lá perto deles, quem sabe agem diferente?!. E o erro era meu porque tou longe, porque eu me afastei de todos eles*". Um discurso e uma intenção que mostra o quão bem-sucedida a homofobia pode ser em inculcar em nós a ideia de que nós é que somos a causa das violências e não o inverso (SÁEZ e CARRASCOSA, 2016). Apesar disso, não lhe restavam alternativas. Agarrado nessa ingênua e débil esperança de receber uma ajuda historicamente prometida e nunca concretizada e crente na possível restauração dos vínculos e da convivência familiar, Severo e Alvo mudaram-se para Umuarama-PR.

Chegando na cidade Severo logo percebeu que a ajuda familiar não viria, tão pouco seria possível restaurar os vínculos e a convivência com os membros de sua família. Essa percepção tornou-se evidente quando ele constatou que, apesar de todo sofrimento que havia passado, apesar de todas as dificuldades, inclusive financeiras, seus familiares seguiam tendo uma vida confortável e despreocupada em relação às suas necessidades. Apesar disso, sua família não o deixou em absoluto abandono, afinal de contas não faria bem à imagem da família na cidade. Portanto, assim que chegaram na cidade seus pais alugaram uma casa para que ele e Alvo pudessem morar. Em pouco tempo que estavam ali, o potencial do casal foi reconhecido e eles começaram o projeto da Feira Agroecológica de Inclusão Social Cultura e Artes (FAISCA) que passou a integrar as ações da Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários de uma Universidade Estadual paranaense. Também começaram a articular algumas ações juntos a coletivos e movimentos sociais locais, aproveitando o conhecimento de Severo e os conhecimentos, experiência política e militante de Alvo. Foi a inserção nesse projeto que possibilitou que ele recomeçasse a ter uma renda, agora como bolsista do CNPQ.

Nesse ínterim, havia a promessa de seus pais de comprarem uma casa para o casal, uma promessa que, assim como inúmeras outras, nunca se efetivou. A não concreção dessa promessa familiar aliada ao fato de concomitantemente seus pais terem comprado três propriedades rurais que somadas chegam a quase 1 milhão de reais fez com que Severo percebesse que a família tinha muito mais condições de ajudá-lo financeiramente do que ele jamais imaginara. Por estarem envolvidos com a FAISCA, que também lidava com projetos agroecológicos, Severo e Alvo foram morar em uma das propriedades recém-adquiridas pela família. Entretanto, ali ele não recebeu nenhuma ajuda financeira da família para poder investir e tornar a propriedade produtiva. "*A gente mal tinha condição de colocar combustível no automóvel, chegar em Umuarama sem emprego, sem trabalho, né?! Se não fosse eu ter conseguido entrar na incubadora, né?! a gente tava fudido*".

Tempos depois Severo descobre que na verdade a intenção de seu pai era comprar o sítio, pois acreditava que a Universidade iria investir na propriedade e fazer as benfeitorias de que ela necessitava, ideia irrealista uma vez que a incubadora fornecia apenas trabalho técnico. Enquanto isso, no segundo sítio, comprado pela família, havia a promessa de sua mãe de que o casal poderia desenvolver um projeto concebido arquitetonicamente pelo próprio Severo, que ficou muito entusiasmado com a possibilidade de finalmente ver um de seus projetos concretizados. "*Quis fazer a coisa o*

mais rápido o possível, trabalhando um monte no projeto, todo dia, incansavelmente, terminei o projeto desenhei tudo o projeto, ficou lindo o projeto da cozinha, o ateliê, sala de aula, tudo fantástico, bem legal... a gente ia começar, já tinha comprado umas madeiras pra fazer umas marcações. [faz uma pausa] *De repente a minha mãe some, minha mãe sumiu, sumiu*". O sumiço de sua mãe foi logo explicado. Sua mãe havia saído em viagem para a Europa e mais uma vez um projeto e uma promessa familiar se viram irrealizadas. Diante de todas essas promessas não concretizadas, diante do evidente bem-estar econômico da família, diante do tratamento desigual que Severo recebia em comparação aos seus irmãos heterossexuais, que, segundo ele, sempre receberam ajudas financeiras de alta monta de seus pais, diante de tudo isso, Severo percebe que realmente jamais receberá o mesmo tratamento e/ou a ajuda que sempre aguardou.

Não demorou muito tempo e a família iniciou um discurso de que o casal devia se mudar da cidade, pois tinham "*que ir pra um lugar melhor*". Severo achou estranho o discurso de seus familiares, porém, Alvo aderiu à ideia motivado pelo constrangimento que o pai de Severo vinha fazendo com ele há algum tempo. Situação que Severo só descobriu um tempo depois. A ideia e proposta da família era eles se mudassem para Cascavel, para uma propriedade rural que a família tinha na cidade com a promessa receberem toda a ajuda necessária. Nesse período, o pai de Severo "*ficou chantageando o Alvo, daí prometeu que ia chegar aqui ia ter internet, ia ter um carro novo, que ela ia colocar um dinheiro na conta, um monte de coisa que eles falaram pro Alvo, o Alvo ficou completamente alucinado com essa história, mas ao mesmo tempo que ele diz pra mim, ele falou assim... depois ele falou pra mim: "Severo teu pai era tão terrível, o constrangimento do teu pai comigo, que a única coisa que eu queria era sair de Umuarama""*. Depois de um tempo nessa tentativa de convencimento, o discurso da família mudou e seu pai disse que não queria continuar pagando seu aluguel e que eles teriam que mudar de casa. Não havia alternativa e o casal então mudou-se para Cascavel para o sítio onde nos encontramos para realizar a entrevista.

Quando chegaram no novo endereço, se depararam com a situação precária do sítio e, aos poucos, eles têm trabalhado para organizar a propriedade. Como já era esperado por Severo a ajuda familiar prometida não veio. Aqui ele assumiu uma vaga de professor de filosofia na rede estadual de ensino, em um processo seletivo simplificado, e o casal tem vivido da renda proveniente desse trabalho, da bolsa do CNPQ e do trabalho como mestre artesão de Alvo que, além das artes que produz, também oferece cursos e oficinas. Atualmente seus pais se mudaram para Cascavel e na cidade também reside um

de seus irmãos que é médico e professor universitário, mas evita contato com o casal, de tal modo que sequer se dispôs a ajudar o irmão nem mesmo quando Severo quebrou o braço enquanto trabalhava na limpeza do sítio.

Desde que estão morando em Cascavel, houve uma nova promessa da família de financiar um projeto de Severo e que, após uma briga familiar, foi novamente abortado. E assim Severo tem certeza de que não pode contar com o apoio e o afeto familiar, pois "*no fim é uma mágoa que cresceu, que era pequena que cresceu e ficou tão grande, tão imensa* [faz uma pausa] *que eu não consigo mais ver eles nem como meus pais assim, tem duas frases sobre eles que resume mais ou menos o que eu penso deles. Do meu pai é: "A única coisa que o meu pai me deu sem cobrar foi medo". E da minha mãe é: "A minha mãe me diz eu te amo como se me desse um cuspe na cara"*". Essa constatação dolorosa é resumida em uma frase escrita em um de seus inúmeros cadernos: "*o espancamento continua*".

Apesar de tudo isso, de todo o sofrimento que Severo passou e as dificuldades que eles têm enfrentando, é impressionante o quanto há de vitalidade e de não abatimento em sua narrativa. Atravessamos a noite toda revisitando a sua história e posso dizer seguramente que Severo ainda não se rendeu e não demonstra sinais de que o fará. Aqui em Cascavel, ele e Alvo têm se articulado com os movimentos sociais locais e com as Universidades buscando parceria para novos projetos. Juntos eles têm construído uma sólida rede de relações que, como no passado, tem servido de sustentáculo para o casal. "*E eu e o Alvo temos sobrevivido de amizade de pessoas que ajudam*", um apoio muito importante para ambos.

Além desse apoio construído nas amizades e em suas redes relacionais, Severo reconhece o papel fundamental que Alvo desempenha na sua vida. "*Alvo* [...] *é um sustento assim, ele é um cara que me aguenta, porque tá muito difícil pra mim e eu tenho muitos sintomas em relação a tudo isso, entendeu?! A todo esse descaso de todo esse tempo e se não fosse o Alvo eu não sei o que tinha acontecido comigo, então muita sorte de ter uma pessoa como ele perto, um redutor de danos perto, porque é algo que me ajuda muito, é alguém que me ajuda muito nesse sentido*".

E foi assim que terminamos nosso encontro que durou quase treze horas, muito produtivas para ambos, diga-se de passagem. Foi uma longa noite e, nesses momentos finais, aqueles traços aflitivos e de sofrimento, que marcaram vários momentos de seu depoimento, deram lugar a uma expressão de alívio. Era como se visse diante de mim a imagem de uma pessoa que havia tirado um peso das costas.

Me despedi de Severo e iniciei meu caminho de volta pra casa. Estava incrédulo com a experiência que tinha acabado de vivenciar, nunca havia imaginado que poderia passar por tamanha experiência de imersão. Havia um sentimento de contentamento com esse processo, de poder ter contatado aquela história tão cheia de sofrimentos, mas tão transbordante de vida e potência. Percebia também que aquele relato tinha produzido um impacto importante em Severo, houve um processo que depois Alvo me resumiu em uma mensagem: "*Quando a boca cala, o corpo fala! Quando a boca fala, o corpo sara!*". Era como se todo esse trabalho tivesse se plenificado de sentidos. Imerso nesses afetos segui meu caminho de volta para minha casa.

Alguns minutos depois, sou retirado dessa imersão pelo toque do meu celular. Todo esse tempo que estive no sítio, estive sem conexão com a internet ou rede de celular, logo não pude avisar ninguém sobre o andamento do trabalho. Meu companheiro e meus amigos estavam em desespero, ninguém sabia onde ou como eu estava. Sabiam que havia saído para realizar uma entrevista da pesquisa, porém, por conta do sigilo, não sabiam o endereço nem o nome do entrevistado, não recebiam notícias minhas há, pelo menos, treze horas. Nada indicava, nem eu mesmo esperava, que algo do gênero ocorreria. Além disso, duas semanas antes um jovem negro e homossexual de 21 anos, Gabriel Batista de Souza, havia sido assassinado em Cascavel e tudo apontava para um crime, planejado, por homofobia. Os ânimos estavam exaltados por conta do resultado do segundo turno das eleições presidenciais, as ameaças à população LGBT se tornavam constantes e abertamente declaradas. Tudo isso junto produziu uma das experiências mais desesperadora para todos. Temendo que algo tivesse acontecido e de maneira preventiva registraram um Boletim de Ocorrência do meu desaparecimento, se reuniram na minha casa para poder dar apoio ao meu companheiro, tentaram fazer algumas buscas para ver se me encontravam e não obtiveram êxito. E foi só no momento em que retornava para casa que, restabelecido o sinal de telefonia, pudemos conversar.

Alguns amigos e meu namorado pegaram um carro e foram ao meu encontro, para facilitar e agilizar o retorno. Estávamos todos emotivos. Eu havia ido para o sítio para fazer uma entrevista e, por acaso, um Boletim de Ocorrência me fez realizar outra. Uma entrevista que me fez mergulhar de maneira intensa na vivência da homofobia e na sua superação. E justamente por essa imersão, por conta do sentimento tão presente da homofobia que todos vivíamos naqueles dias, devido ao assassinato do Gabriel e do momento histórico, com o resultado das eleições, um novo Boletim de Ocorrência havia sido registrado. Não podia deixar de perceber esse Boletim de Ocorrência atual também

como um resultado da homofobia. Conversávamos no caminho de volta e eu tentava acalmar meus amigos e meu companheiro e contar um pouco do que havia ocorrido. Chegando em casa encontro mais amigos e ali pude contar tudo que havia ocorrido. Nos emocionamos, choramos muito. Estávamos todos cansados e abatidos, pois todos passaram a noite em claro, mas ainda tínhamos que ir à delegacia retirar o Boletim de Ocorrência, meu companheiro tinha que ir trabalhar e assim o fizemos.

Após ir à delegacia retirar o Boletim de Ocorrência e ter a sorte de ser bem atendido por uma policial conhecida da minha amiga, retornei para casa. Porém estava muito agitado, era um turbilhão de afetos. Foi uma experiência absolutamente afetiva de imersão na história de vida de alguém que gratuitamente compartilhou suas dores e suas superações comigo. Me sentia feliz por isso e por me sentir ainda mais presente nesse trabalho, mas me sentia mal e triste com todo o sofrimento que essa imersão havia causado para aqueles próximos a mim. Meu companheiro chegou do trabalho, conversamos bastante e somente depois das 15h conseguimos “desligar” e dormir um pouco. Estávamos cansados física e emocionalmente. Levei alguns dias para elaborar tudo que tinha acontecido comigo e com as pessoas que me são próximas, as quais, de um modo meio do avesso, tiveram de vivenciar tudo isso comigo também. Naquele dia, ainda recebi mensagens de Severo e Alvo que me agradeceram pelo encontro e pela escuta e disseram que aguardavam meu retorno ao sítio, o que ocorreu alguns dias depois.

QUINTO ENCONTRO: CAMINHANDO COM ALVO

Havia conhecido Alvo graças à intermediação de Santhiago, uma pessoa muito solícita e disponível, que logo nos primeiros contatos se disponibilizou a participar da pesquisa. Quando nos conhecemos, a percepção de que Alvo era uma pessoa afetuosa e cuidadosa se confirmou. Graças a ele pude entrar em contato também com Severo e sua história. Assim, aquele nosso primeiro encontro acabou por se tornar a experiência mais (in)tensa de toda a pesquisa. Naquela noite, conforme o relato de Severo ia progredindo, mais íamos nos envolvendo no processo de sua narrativa. Havia muito sofrimento represado ali que, aos poucos, emergia. Dessa maneira, as horas foram passando, houve choro e acolhimento, houve cuidado e carinho. Alvo acompanhava partes da entrevista, preparou o jantar, nos trouxe café e bolinhos de chuva, no começo da madrugada e depois mais café, pois tudo indicava que aquele encontro não acabaria tão cedo (como, de fato, foi). Não havia ponto de corte, de interrupção, eu não os via. Estava envolvido, mergulhado naquela narrativa que visivelmente era necessária também para Severo. Em determinado momento, Alvo foi vencido pelo cansaço, se despediu e foi dormir. Enquanto isso, eu e Severo prosseguimos com seu relato. Ali ficamos por quase treze horas, das quais nove horas e meia em entrevista. Terminamos nosso encontro às 05:50 da manhã. E, como relatei anteriormente, aquele ainda seria um longo e (in)tenso dia.

Passaram-se algumas semanas até que eu pudesse retornar, pois não conseguíamos uma compatibilidade entre a minha agenda e a de Alvo. Durante essas semanas, Alvo e eu trocamos algumas mensagens nas quais ele contava como eles estavam, os planos para o sítio e também solicitava auxílio em algumas questões particulares. Tentei auxiliar em algumas demandas que estavam ao meu alcance de intervenção e passadas três semanas conseguimos agendar um dia para nos encontrarmos. Em uma sexta-feira à tarde, refiz o caminho até a casa de Alvo e Severo. Dessa vez, não fui de bicicleta, uma amiga me levou e outro foi me buscar, por pura prevenção.

Cheguei ao sítio e encontrei Alvo trabalhando em sua horta. Conversamos brevemente e ele pede para que eu vá até a casa encontrar Severo, disse-me que logo iria ao nosso encontro. Chegando na residência me encontro com Severo e fomos tomar um café e esperar até que Alvo estivesse disponível. Conversamos sobre como ele passou esse período de tempo entre os nossos encontros. Não havia sido um período fácil, como já sabia pelo que Alvo havia me adiantado por mensagens. Severo teve uma crise de

agressividade e também perdeu um irmão, que falecera dias antes. Enquanto conversávamos, Alvo chegou e, alguns minutos depois, chegam também, de maneira inesperada, o pai e uma tia de Severo. Fui apresentado à família e eles iniciam uma conversa sobre temas familiares. Alvo e o pai de Severo saem da casa e vão conversar sobre algumas demandas da propriedade. Severo, sua tia e eu permanecemos sentados em torno da mesa tomando café enquanto a conversa familiar prosseguia. Alguns minutos se passaram e, retornando para a cozinha, Alvo pede licença aos familiares de Severo e, em seguida, nós nos dirigimos até seu ateliê que fica em uma das estruturas do sítio, a poucos metros de distância da casa. Como Alvo já conhecia a pesquisa e os processos que envolvem a narrativa, retomamos o termo de consentimento livre esclarecido (de maneira pró-forma) e, após sua assinatura, demos início ao relato de sua história de vida.

Alvo é um homem-cis gay, branco, com 56 anos de idade que não possui confissão religiosa, mas que se considera um "*espiritualista*". Ele trabalha como mestre artesão e professor de artes. Alvo iniciou uma graduação em Filosofia, porém não chegou a concluí-la. Sua renda mensal varia entre um e dois salários mínimos, "*uma renda flutuante*", pois trabalha com "*economia criativa*". Ele é o décimo segundo filho de um grupo de quatorze, um grande grupo de irmãos dos quais quatro ele nem chegou a conhecer, pois faleceram antes de seu nascimento. Alvo viveu sua primeira infância inteira na zona rural de um pequeno município mineiro e mesmo em tenra idade destoava do resto de sua família, pois era dotado de "*toda uma sensibilidade [...] uma diferença*" que divergia dos demais membros de sua família, física e subjetivamente talhados na dureza do trabalho no campo.

Aos cinco anos de idade, Alvo foi vítima de abuso sexual. Um primo de sua mãe, "*bem mais* velho" do que ele, o "*seduziu e [...] violentou*". Uma experiência que "*foi muito marcante porque foi prematuro [...] foi violento, não foi consentido*". Um consentimento obviamente impossível, pois seu agressor era adulto e ele apenas uma criança. Embora sofresse com a agressão, Alvo não contou para ninguém o ocorrido e lidou com a violência sozinho. Como apontamos anteriormente, há uma certa suscetibilidade à ocorrência de assédios, abusos sexuais, no processo de socialização e fabricação das masculinidades (WELZER-LANG, 2001). Um tipo de violência que marca a narrativa dos três adultos que compõem a pesquisa. E que deixa marcas e cicatrizes físicas e emocionais em suas vítimas, fazendo com que ainda hoje seja difícil para Alvo falar sobre esse triste episódio da sua história. Por conta da violência e da dificuldade de falar sobre ela, Alvo não se aprofundou no relato desse evento. Sabia que

narrativas de eventos como esse são potencialmente mobilizadoras afetivamente, podendo evocar uma grande carga de sofrimento, sendo assim, e buscando evitar um processo de revitimização, prosseguimos em sua narrativa.

Alvo lembra que começou a trabalhar muito cedo para auxiliar na renda familiar. Formalmente ele começou a trabalhar aos quatorze anos de idade, porém desde os seis ele desenvolvia atividades visando produção de renda. "*Então minha mãe fazia doces, eu saía vendendo doce. Minha mãe fazia bolinho de chuva, eu saia vendendo bolinho de chuva. [...] Minha mãe fazia pipoca eu ia pro campo de futebol vender pipoca*". Com sete anos de idade sua família se muda do interior de Minas Gerais para a capital do estado de São Paulo. As indústrias paulistanas substituem os campos mineiros e a família de lavradores se transforma em família operária.

Na escola, Alvo "*só tinha amigas, não tinha amigos e porque amigas e não amigos, tinha inimigos*". Assim como na narrativa de todos os demais participantes da pesquisa Alvo também teve uma proximidade maior com as mulheres, pois apresentava posturas e comportamentos socialmente lidos como femininos. Essa proximidade que borra as fronteiras de gênero desencadeia os ataques homofóbicos (BORRILLO, 2010; WELZER-LANG, 2001; LOURO, 2003; TEIXEIRA FILHO, 2012; ZANELLO, 2018). Desse modo, Alvo era "*agredido na escola por ser o 'viadinho', o perseguido*". Assim teve de lidar desde muito cedo com o "*bullying [...] na escola, na igreja e na família*".

Embora a agressão homofóbica o acompanhasse em diferentes espaços existenciais e institucionais, Alvo sempre lidou "*muito diretamente*", nunca "*terceirizando*" e "*sempre enfrentando*" de frente as agressões. No espaço escolar, ele nunca gostou "*muito de esporte, [...] gostava mais de arte*". Por ser "*sensível*" e "*por ser gay*" ele era obrigado nos jogos de futebol, sempre frequentes na escola, a ir para o gol, posição que ele "*não suportava*". O professor de educação física tinha como prática montar um "*corredor polonês*" através do qual o time perdedor da partida tinha que passar recebendo "*cascudo*" dos vencedores. Essa era uma prática que Alvo execrava, pois para ele a experiência do "*corredor polonês*" era ainda pior. Como era o "*viadinho*" da turma o que ele recebia "*não era cascudo, era chute, era tudo*" e viver isso cotidianamente na escola fez com que ele desenvolvesse "*uma aversão a esportes*". Além dessas agressões cotidianas no espaço escolar, houve um episódio em que, aos doze anos de idade, ele foi "*amarrado e jogado num lixão*" por seus colegas de escola, tudo porque ele "*brincava com as meninas e [...] os meninos da escola que não suportavam isso*". Alvo denuncia

assim os rituais violentos que buscam forjar e afirmar as masculinidades dentro da "casa-dos-homens" (WELZER-LANG, 2001).

Na igreja ele não vivenciou muitas experiências de agressões homofóbicas, até porque desde muito cedo ele se envolveu em atividades de liderança dentro dos grupos e ações da comunidade religiosa. Entretanto, em sua família, ele recorda ter sofrido agressões homofóbicas de seus cunhados e de seus irmãos que "*sempre queriam*" levá-lo a prostíbulos, "*eles forçavam a barra*", especialmente seu irmão mais velho. Enquanto que na escola Alvo fazia enfrentamentos em relação às agressões que sofria, em casa ele "*não enfrentava grandes emoções familiares*", ele se "*retraia... o esquisitinho*" se "*trancava no quarto, chorava sozinho*". Responder à homofobia familiar é uma das maiores dificuldades que enfrentamos (TOLEDO e TEIXEIRA FILHO, 2014). Isso ocorre, pois, a família deveria funcionar como um refúgio frente às violências que vivenciamos na sociedade (SCHULMAN, 2010; HORKHEIMEIR e ADORNO, 1973b). No entanto, como Schulman (2010) destaca, as pessoas homossexuais são facilmente transformadas em bodes expiatórios nas relações familiares tornando-se depositárias de toda insuficiência e ressentimentos que são vividos no núcleo familiar. E Alvo vivencia isso, pois, embora membro de uma família numerosa, ninguém intervinha em seu favor.

Desse modo, Alvo precisou desenvolver suas próprias estratégias de proteção e hoje ele acredita que seu grande enfrentamento foi assumir sua própria vida e assim "*ganhar todos os ônus e os bônus*" de fazer isso. Ele teve que "*aprender a transformar carência em competência muito cedo*". Era preciso compensar (CASTAÑEDA, 2007), de alguma forma, sua homossexualidade, pois se não fosse assim ele se transformaria na "*criança problema, a criança sem afeto*". A sua saída foi o trabalho, a forma que ele encontrou de manter-se afastado de agressões: "*Eu acho que o fato de eu trabalhar muito cedo, me sustentar muito cedo... essa autonomia... muito cedo eu tenho autonomia... então as pessoas me aceitam*". Como visto também em outras narrativas, a relação entre vínculo financeiro e vínculo afetivo é uma preocupação vital dentro da história de pessoas homossexuais. Atingir a independência financeira é visto por muitos de nós como uma alternativa no processo de se posicionar e se sustentar frente às relações familiares e, assim, poder assumir quem somos e como vivemos (TOLEDO e TEIXEIRA FILHO, 2014). Desse modo, Alvo acredita que sua independência financeira foi um fator preponderante para que a relação e o vínculo afetivo com a família, mesmo que fragilizado, se mantivesse.

Embora em sua infância e início da adolescência ele se retraísse do confronto aberto em sua casa, ele desenvolveu algumas estratégias de luta. Alvo, "*desde muito cedo [...], lutava contra a discriminação*" e vindo de uma família católica e tradicional havia muito a ser produzido de questionamento, muitas lutas a serem travadas "*contra a discriminação*" que circulava nas suas relações familiares. Quando adolescente, ele não fazia enfrentamentos quanto à sua homossexualidade, pois estava se descobrindo e "*cheio de dúvidas*". Ele não tinha referências com as quais pudesse se identificar e entender o que se passava com ele. Alvo percebia que "*não tinha interesse por meninas, [...] tinha interesse por meninos*", mas sempre se "*reprimindo, [...] sempre com esse comportamento diferente*".

Apesar de comportar-se de maneira diversa de seus irmãos, sua família "*não percebia nada*". Entre dúvidas e repressões e como forma de livrar-se das agressões homofóbicas Alvo, por volta de seus 16 anos, começou a namorar, afinal de contas "*pra enfrentar a discriminação a melhor coisa é desfilar com a menina*". Estratégia comum para dissimular a homossexualidade (CASTAÑEDA, 2007), a adoção de um relacionamento heterossexual marcou tanto a adolescência de Alvo como a dos demais adultos da pesquisa. Mesmo que seja uma estratégia utilizada por muitos homossexuais ainda hoje é interessante notar que, por meio das narrativas que tive acesso, é possível inferir a existência de um processo de transformação dessa realidade. Afirmo isso, pois, apesar de todas as dificuldades e violências que Sam e Santhiago narraram, eles encontraram, cada um ao seu modo, outras saídas que não a adoção de um relacionamento heterossexual. É importante pensar nesse elemento geracional, pois as narrativas de Victor, Severo e Alvo deixam explícito o quanto os acessos, informações e consequentemente as estratégias de proteção contra a homofobia e modos de vida homossexual eram limitados nos contextos em que eles viveram durante a infância e adolescência.

Desse modo, não é de surpreender que a adoção de um relacionamento heterossexual tenha figurado como a melhor maneira que Alvo encontrou para se proteger da homofobia. Porém, Alvo percebe que, de um certo modo, essa estratégia também serviu para colocar em questionamento alguns valores discriminatórios de sua família. Ele faz essa análise, pois seu primeiro relacionamento foi com uma moça negra, e hoje ele percebe que essa relação possibilitou a exposição e discussão sobre o racismo que desfilava em sua família e fazia com que eles não aceitassem "*essas diferenças étnicas*". Terminado esse relacionamento, ele começou a namorar uma moça que era médium e

"*recebia o santo*", o que, segundo ele, serviu para questionar os valores, tabus e dogmas de sua família católica. Entretanto, eram namoros "*pra manter uma aparência, então um namoro que não evoluiu de jeito nenhum e acabou*".

Nesse período, se inseriu mais ativamente nas atividades da igreja. Para algumas dessas atividades ele reconhece que ainda "*não tinha maturidade*", como, por exemplo, aconselhar casais. Além de conselheiro de casais, Alvo era catequista e coordenador na Igreja que frequentava. Ali, cheio de responsabilidades ele conhece seu "*primeiro amor*", seu *"primeiro namorado*". Alvo se apaixona por um seminarista. Mas "*nessa época foi muito difícil [...] era muita repressão*" e, por isso, ele nunca chegou, de fato, a chamar o seminarista de namorado. Assim, a repressão externa e a consequente internalização da homofobia (BORRILLO, 2010, CASTAÑEDA, 2007) impossibilitou Alvo vivenciar em plenitude seu primeiro relacionamento amoroso. Desse modo, enquanto mantinha esse relacionamento com o seminarista, terminou o colegial e iniciou a graduação em Filosofia e, nessa época, "*como curiosidade [...] fazia muita experimentação com arte*". Ele se envolveu com dança, teatro e artes plásticas buscando saber se era o que queria, enquanto ia "*empurrando com a barriga [...] a graduação em Filosofia*".

Em meio às suas experimentações artísticas e transitando pela Filosofia, ele decidiu ir para o seminário, pois acreditava que ele e o seminarista poderiam "*ter uma vida lá dentro*". Sua família, muito católica, apoia totalmente a sua decisão de ingressar no seminário. Entretanto, uma vez lá dentro ele viu "*tanta coisa que não batia*" com seus "*valores*" e "*princípios*", coisas que tornavam impossível sua permanência lá dentro. Alvo não relata suas experiências e as "*coisas*" que viu durante o período em que viveu no seminário. Ele apenas conta que, após deixar o seminário, seu relacionamento com o seminarista também chegou ao fim. Aproximadamente um ano depois do término, ele descobre que seu ex-namorado havia falecido em decorrência de AIDS. Era o começo da epidemia no Brasil e Alvo sofreu muito com a notícia da morte de seu "*primeiro amor*". Apesar de não estarem mais juntos, ele havia encontrando nesse namorado e nesse relacionamento todo um acolhimento e compreensão que foram muito importantes em sua história. Seu namoro e namorado lhe ajudaram bastante, pois pela primeira vez Alvo sentiu que "*não era errado, [...] era normal*" ser quem ele era. Mas o sofrimento não foi apenas pela morte de seu ex-namorado. A dor da perda de uma pessoa importante em sua história somou-se ao "*pavor*" da AIDS. "*Contrai ou não contrai AIDS?*", uma dúvida que martelava sua cabeça e o fazia sofrer ainda mais. Foi um período muito difícil em sua vida, um período do qual ele saiu "*muito machucado*".

Fora do seminário e antes mesmo da notícia do óbito de seu ex-namorado, Alvo não se "*ajustava*" aos empregos que sua família "*conseguia arrumar em São Paulo*". Por conta disso, resolveu que, mesmo sem "*nenhum apoio da família*", iria "*viver de arte*". Seu "*primeiro projeto de vida era sair de casa*", porém ainda não tinha condições financeiras de fazê-lo. Foi assim que, mesmo sem o apoio familiar, ele inicia um mergulho em cursos e atividades artísticas. Como ele se mantinha financeiramente sozinho os cursos que ele fazia "*ninguém tinha nada a ver com isso*" e assim ele podia seguir suas atividades sem tanta pressão familiar. Alvo se esforçava demais e pela arte ele "*fazia loucuras*". Ele trabalhava o dia todo, não fazia horário de almoço, pois precisava aproveitar esse tempo para fazer aula de dança.

Fazia aula de dança todos os dias da semana e participava de três grupos de teatro simultaneamente. A arte pulsava em suas veias e isso lhe dava a energia que precisava. O espaço do teatro sempre foi muito importante para ele porque se encantava com a possibilidade de representar e encarnar "*diversas vidas possíveis*", vidas diferentes da que ele viveu e vivia, vidas que ele gostaria de ter. Essa vivacidade atravessa sua experiência e sua trajetória de vida e ali, nesses grupos de teatro e dança, fez uma boa rede de amizades. Diferente de sua família, os seus amigos da arte sabiam da sua orientação sexual e "*isso dava um conforto, dava uma segurança [...] sempre foi uma [...] relação protegida [...] de aceitar essa orientação sexual, de não questionar e conviver com naturalidade em relação a isso. [...] Você vai construindo essa rede de amizades que você sabe que você tem escuta garantida, sabe?! em qualquer situação que você está passando*".

Tudo ia bem nos grupos artísticos que ele circula, mas em sua família ele se transformou em "*uma ovelha negra [...] de bom menino a um mau menino*". Alvo era o "bode expiatório" perfeito, porém, mesmo mantendo financeiramente suas incursões artísticas, ele queria a participação e a audiência de sua família. "*Enquanto eu fazia teatro dentro da igreja todos admiravam, quando eu fui fazer teatro profano ninguém ia ver*". Ele tinha 19 anos quando foi apresentar seu primeiro espetáculo profissional e nenhum de seus familiares foi assistir. Ele ficou "*muito chateado*" pela ausência familiar e pelo "*desprestígio*" que eles demonstraram em relação ao seu trabalho. Na peça Alvo interpretava dois personagens - uma "*prostituta [...]e um anjo*". Apesar da ausência de sua família, ele estava decidido a mostrar sua arte para eles, então resolveu se "*montar*" e mostrar para toda sua família quais eram os seus personagens na peça que eles deixaram de ir. Ele "*chocou*" sua família e seu pai "*quase teve um infarto*" quando o viu como

prostituta. Alvo era e é um artista, mas, naquela época, sua família não conseguia compreender isso e ele sentia que aquela casa não lhe era mais continente.

No teatro havia vários casais homossexuais, era um ambiente e um coletivo no qual Alvo se sentia pertencente, sentia-se em casa. Ali ele conheceu um ator, Tiago, eles se tornaram namorados e, nesse momento, protegidos pelos laços coletivos do grupo de teatro, não tinham receio de anunciarem-se assim. Com uma sólida rede de amizades e um namorado ele se sentia fortalecido o bastante para tomar algumas decisões, percebia que "*precisava sair de casa de verdade*" e, por isso, resolveu montar um apartamento e ir morar junto com Tiago. Nesse momento da sua vida, as suas relações de amizade, o seu relacionamento e especialmente sua independência financeira foram determinantes para a saída de casa e daquele contexto que não compactuava com a vida que ele havia escolhido construir.

Toledo e Teixeira Filho (2014) apontam que um resultado comum da independência financeira, no caso de pessoas homossexuais, é a produção de um afastamento das relações familiares. Foi o que aconteceu com Alvo. Agora ele tinha sua própria casa e sorrindo conta que "*com vinte e um anos já estava casado*". Apesar de ainda lhe restarem algumas dúvidas, ele assume "*todos os ônus e bônus*" de sua orientação sexual. "*Eu acho que [...] durante muito tempo eu me reprimi, [...] não assumia minha orientação, entendeu?! Não assumi meu desejo de querer ficar com os meninos e não querer ficar com as meninas... eu demorei pra resolver isso*". Sim, Alvo ainda tinha dúvidas especialmente em relação à paternidade, essa questão o "*perturbou durante muito tempo [...] era uma confusão*". Mas foi uma questão superada com o tempo e seu relacionamento com Tiago perdurou por 24 anos.

É compreensível que Alvo tenha demorado e tenha encontrado dificuldades para dirimir suas dúvidas em relação à paternidade. Esse é um processo que demanda tempo, pois era necessário que ele também elaborasse o luto da heterossexualidade (CASTAÑEDA, 2007; TEIXEIRA FILHO, 2012). Isso ocorre, porque, como mencionei anteriormente, nosso processo de subjetivação e socialização é produzido dentro de uma sociedade que entende a heterossexualidade como uma norma compulsória a todos os indivíduos (RICH, 2010). Única manifestação "natural", "boa" e "sadia" da sexualidade, a heterossexualidade "evolui" naturalmente para a constituição de uma família que só se completa quando o casal heterossexual tem seus filhos. Essa é "A" família idealizada e projetada sobre nós desde antes do nosso nascimento (HORKHEIMEIR e ADORNO, 1973b; WELZER-LANG, 2001; CARVALHO e ALMEIDA 2003; SEQUEIRA, 2007, p

91). Sendo assim, embora Alvo tivesse assumido sua dissidência sexual, recusar esse projeto imposto não foi tarefa simples nem rápida. Foi um luto que tomou o tempo necessário, mas que foi elaborado.

Logo que saiu de casa, Alvo fazia e vendia artesanato, fazia bonecos para se "*sustentar*". Ele realmente tinha talento para o artesanato e para a manufatura de bonecos. Então ele e Tiago resolvem montar "*uma fabriqueta*", em que "*fabricavam brinquedos educativos, fabricavam fantoches*". Com o tempo eles conseguiram construir uma "*uma estrutura legal*" e viviam bem com aquilo que produziam a partir dessa "*fabriqueta*". Financeiramente estável, o relacionamento, ao longo desses 24 anos, "*teve altos e baixos*". Alvo "*sempre militante, sempre nos movimentos sociais e ele* [Tiago] *sempre apolítico, sempre fora desse contexto*". Eles viviam da arte, pois, além da produção de fantoches, Alvo também vivia da "*arte educação*", envolvendo-se em projetos e/ou formações artísticas ou "*trabalhando com população vulnerável: mulheres, adolescentes, [...] egressos de hospitais psiquiátricos*". Um dos momentos críticos do relacionamento veio quando a "*fabriqueta*" faliu e eles viram aquela estrutura que tinham se dissolver. Alvo se viu obrigado a retornar para a casa de seus pais.

Nessa época, Alvo e Tiago já viviam juntos há quatorze anos, mas sua família "*não entendia a relação*" dos dois. Eles viviam "*maritalmente*", mas Tiago ainda era visto como seu "*amigo*". Apesar de viver há mais de uma década nesse relacionamento, Alvo nunca havia falado clara e abertamente sobre sua orientação sexual com seus familiares. Assim, a homofobia familiar se "escondia" no "segredo aberto" da relação (SCHULMAN, 2010, SEDWICK, 2007). Perder a "*fabriqueta*" e retornar a viver com seus pais foi uma experiência dura para eles, porém também produziu algo positivo nesse retorno à convivência familiar. Morando ali, Alvo decidiu reconstruir sua "*oficina*" na garagem de casa e, em pouco tempo, já estava empregando seis pessoas de sua família.

Esse processo foi fundamental para produzir uma reaproximação, "*um certo resgate*" e uma "*reconciliação*" entre ele e seu pai. A decisão de Alvo de viver profissionalmente através da arte provocou um forte abalo na relação com seu pai, que não aprovava, não participava de suas conquistas e considerava que Alvo havia se tornado um "*vagabundo*". Seu pai acompanhou todo o processo de reconstrução da "*oficina*" e ao ver quanto trabalho estava envolvido em toda essa atividade já não o chamava mais de "*vagabundo*". Certa vez seu pai lhe confidenciou que sempre achou que suas escolhas "*eram escolhas erradas*", mas observava que Alvo "*trabalhava muito e que era um trabalho muito sério*". Houve um "*resgate*" da relação entre pai e filho, porém Alvo nunca

conversou com seu pai sobre sua homossexualidade. Seu pai morreu sem que eles chegassem a ter essa conversa. Alvo conta que o pai "*era muito sistemático então ele não baixava a guarda*" e da mesma forma sempre manteve a guarda alta, às vezes, até agredindo-o "*com alguns comportamentos*", mas sem ter "*coragem de chegar pra ele e ter essa conversa*". Assim, a relação entre Alvo e seu pai foi marcada pela evitação e pelo silenciamento em torno da sua homossexualidade, (SCHULMAN, 2010; ZANELLO, 2018) uma forma de se relacionar com os homens da família que também identifiquei nas histórias dos demais participantes.

Depois a morte de seu pai, Alvo decidiu se assumir para sua mãe. Ele não teve coragem para conversar abertamente com seu pai sobre sua homossexualidade, mas estava decidido a não repetir o mesmo com sua mãe. Ele estava certo de que "*que não valia a pena tanta hipocrisia nas relações familiares*". Alvo queria "*pôr em pratos limpos essa história [...] não iria mais carregar esse fardo*" sem contar com sua própria família. Era necessário ter essa conversa, pois o silêncio que existia em torno da sua homossexualidade reforçava os sofrimentos e até as agressões e constrangimentos que Alvo vivenciava nas relações familiares (SCHULMAN, 2010; CASTAÑEDA, 2007; TOLEDO e TEIXEIRA FILHO, 2014).

Alvo passou "*muito natal, muito ano novo com muita amargura [...] evitava as festas de família pra não ser constrangido*". O constrangimento partia especialmente de seus "*cunhados homofóbicos*" que o "*agrediam verbalmente, que enchiam a cara e falavam o que queriam*". A relação era especialmente difícil com dois cunhados que bebiam muito e sempre produziam um "*constrangimento*", faziam "*chacota, brincadeiras indesejáveis, [...] de chamar de 'mulherzinha', 'afeminado'*". O constrangimento e consequentemente a vergonha que Alvo vivia nessas relações são estratégias poderosas de controle utilizadas em relação às homossexualidades. São mecanismos relacionais que servem simultaneamente para forjar a masculinidade hegemônica e silenciar e invisibilizar as dissidências (NASCIMENTO e TEIXEIRA FILHO, 2010; GODOI e ARANTES, 2012)

Um de seus cunhados não queria que Alvo pegasse seus filhos no colo, pois "*ia contaminar*" as crianças. Essa evitação de contato mostra como a ideia de "contágio" é forte dentro da apreensão social das homossexualidades (LOURO, 2000) e se reproduzia dentro das relações familiares de Alvo. Nessas reuniões, havia outro cunhado que sempre "*fazia umas brincadeiras insuportáveis [...] de testar a virilidade*" mostrando que a posição de vulnerabilidade e vitimação que marcam "o vestíbulo da "gaiola da

virilidade"" (WELZER-LANG, 2001, p.463) pode ser revisitada e revivida por nós mesmo na idade adulta. Certa vez, em uma dessas reuniões familiares um de seus sobrinhos, filho desse último cunhado, chamou Alvo de "*gay*", foi o que bastou para que o pai desse "*uma surra*" em seu sobrinho exigindo que ele nunca mais repetisse aquilo. Mesmo com as exortações de Alvo afirmando que não era necessária aquela reação, que não era ofensa, a surra prosseguiu. Esse foi um dos muitos episódios das festas familiares que deixaram Alvo "*muito mal*" e constrangido de frequentar essas reuniões. Isso ocorreu, pois,

> usualmente, a família é o refúgio das crueldades da cultura. Se a família é a fonte da crueldade, a sociedade mais ampla é o refúgio da família. No entanto, quando a família e a sociedade mais ampla põem em ação estruturas idênticas de exclusão e inferiorização, o indivíduo não tem lugar para onde escapar (SCHULMAN, 2010, p. 76-77).

Após a morte de seu pai, Alvo não queria mais vivenciar essas agressões e "*constrangimentos*" e via a possibilidade de transformar essas relações através da assunção de sua homossexualidade junto aos seus familiares. E como havia decidido, começaria por sua mãe. Alvo já estava com quase quarenta anos, "*vivendo maritalmente*" com Tiago, há pelo menos quinze, e, mesmo assim, sua mãe "*ficou muito chocada, [...] ficou alguns dias com a cara virada [...]. Mas aí ela caiu em si [...] superou o preconceito e aceitou na boa*". No fim, acabou dizendo que Tiago era o "*genro mais querido dela*". Após essa conversa com sua mãe e depois de sua aceitação, contou para ela que iria conversar também com todos os seus irmãos, porém ela lhe pediu para não ter essa conversa, "*porque ainda não era a hora*". A resposta da mãe de Alvo apesar de aparentemente ser de aceitação da sua homossexualidade mostra que quando assumimos a nossa homossexualidade não fazemos isso de maneira isolada e nunca o fazemos de maneira completa (CASTAÑEDA, 2007).

A proposição de sua mãe de manter "segredo" sobre sua homossexualidade insere-a no armário e assim também funciona como uma proteção para ela. Uma proteção frágil (uma vez que a homossexualidade de Alvo era conhecida, embora não verbalizada), mas que a confortava contra possíveis respostas negativas de seus familiares e comunidade. O que ela não sabia naquela época era que Alvo já havia conversado com seis dos seus irmãos e restavam apenas quatro que ainda não tinham conhecimento da sua orientação sexual. Mesmo assim, Alvo obedeceu o pedido de sua mãe e adiou essa conversa, porém sem contar para ela que alguns de seus irmãos já sabiam da sua homossexualidade. Essa

"resolução" do impasse em relação à saída do armário de Alvo ilustra como "o próprio segredo patogênico [...] pode circular contagiosamente como segredo" (SEDGWICK, 2007, p. 39).

Alvo e Tiago permaneceram na casa de sua mãe por mais um tempo, após a morte de seu pai. Durante esse período, eles conseguiram "*resgatar um monte de coisa*", tanto financeiras quanto relacionais. Ambos conseguem empregos fixos, prosseguem com a produção artística, e como já estavam financeiramente estáveis, alugam uma casa e vão "*de novo morar longe da família*". Nessa nova fase da vida, Alvo conheceu a "*luta antimanicomial*" e foi através dela que ele se tornou um "*ativista*". Ele trabalhava em uma ONG que atendia pessoas em sofrimento mental. Nesse espaço ele "*trabalhava muito, trabalhava final de semana, saia com os pacientes*" e Tiago não entendia essa dedicação que Alvo tinha com o trabalho. Não bastasse sua dedicação, ele "*Sempre pegava desafios assim de trabalhar no hospital psiquiátrico, de trabalhar no presídio, então sempre aceitando desafios*". Para Alvo, aquilo não era apenas um trabalho, seu envolvimento com a militância também lhe trazia "*um crescimento muito grande*" como pessoa. Ali ele teve a oportunidade de desconstruir em si mesmo "*muita coisa ruim, muito preconceito, muita falsa verdade*".

Apesar de tudo isso, essa experiência de trabalho não foi fácil para Alvo, pois enquanto trabalhava nessa ONG ele foi vítima de assédio moral e, por conta disso, relata ter desenvolvido um transtorno que na época "*não entendia direito o que era*". Alvo foi diagnosticado com Bipolaridade e, em decorrência do assédio, abandonou o trabalho naquele espaço. Neste mesmo período, seu relacionamento, que já estava em crise há pelo menos dois anos, se abala ainda mais. Tiago não compreendia seu trabalho e sua militância, "*assumiu um comportamento de adolescente [...] não trabalhava todos os dias e começou andar com adolescentes*". Eles começaram a se desentender e juntou-se a isso as peculiaridades do diagnóstico de Alvo. Assim, "*a relação não sustentou, a relação ficou insustentável*". Após vinte e quatro anos juntos, a união de Alvo e Tiago chegou a um término e ele saiu "*muito magoado, muito machucado*" dessa relação. Desenvolveu Síndrome do Pânico e estava certo de que não queria se relacionar mais com nenhuma outra pessoa.

Apesar de todo esse sofrimento, ele não deixou de seguir na sua militância na "*luta antimanicomial*" e começou a trabalhar também como assessor parlamentar. Nesse período, ele já atuava nas "*redes de combate à violência contra criança e adolescente, [...] estava muito engajado politicamente e tava no movimento LGBT*". Sua "*tarefa*

partidária era, enquanto um homossexual assumido... trabalhar com esse movimento LGBT, ajudar o movimento se organizar". Alvo morava em Santo André-SP, cidade que na época apresentava "*muitos casos de homofobia*". Nessa época, o movimento organizou a Primeira Parada Gay de Santo André e depois montaram uma casa de acolhida para a população LGBT. Por conta de seu envolvimento político, Alvo também participou da organização da segunda, terceira e quarta paradas gay de São Paulo-SP.

Nesse mesmo período, ocorreu o episódio do ataque homofóbico contra Severo, na capital paulista. Como havia a casa de acolhida em Santo André, alguns membros do movimento, sensibilizados com a história, queriam acolher Severo. Porém, Alvo se posicionou contrário a essa ideia, pois entendia que existiam outros coletivos e movimentos na capital que poderiam acolhê-lo e que o movimento em Santo André precisava focar nas demandas locais. Havia na cidade uma grande incidência de crianças e adolescentes que, provenientes das regiões Norte e Nordeste, eram obrigadas a se travestir e eram sexualmente exploradas. Diante dessa realidade local, o movimento decide focar o trabalho nessa questão. Atuar no movimento LGBT foi um processo "*muito difícil*" para Alvo, pois ele percebia que no "*movimento tinha muito [...] personalismo*" e, aos poucos, ele deixou de atuar diretamente com o movimento LGBT, mas seguiu atuando na militância antimanicomial.

Foi após a sua saída do movimento LGBT de Santo André que Alvo conheceu Severo, "*na night*". Alvo "*recém-separado, completamente destruído*", Severo sobrevivente e se recuperando de um ataque homofóbico que quase lhe custou a vida. Ambos "*caídos*" resolveram "*se apoiar*". Eles começaram a se relacionar "*sem expectativa de querer outro relacionamento estável*", mas resolutos em ficarem juntos e "*um apoiar o outro*". Alvo voltou a morar em São Paulo-SP e teve ali um novo recomeço, "*reconstruir todo um caminho profissional*". Nessa época, a condição de saúde de sua mãe não era estável e, no ano seguinte, logo no início de seu novo relacionamento, Alvo e sua família fizeram aquele que seria "*o último aniversário*" de sua mãe. Nessa festa sua mãe lhe fez um pedido: "*Ow meu filho... você já viveu 24 anos com o Tiago, você não precisa mais disso, você não precisa mais ter outra experiência homossexual*". Alvo lhe respondeu "*muito tranquilamente: 'mãe eu não vou ser hipócrita, eu não vou deixar de me relacionar, entendeu? Eu não vou te prometer isso'*".

O que sua mãe queria era que ele voltasse a morar com ela, coisa que ele não percebia como uma possibilidade. Alvo tinha saído muito cedo da casa de sua família e "*o sentido de casa, não era a casa da minha mãe, pra mim casa tinha outro sentido, era*

onde estava a minha vida, minha energia". Mesmo assim, durante todo o período que se seguiu àquela festa de aniversário, sua mãe insistiu "*nessa entoada até desencarnar*". Alvo recorda que "*lá no hospital, no leito de morte, ela veio de novo com essa conversa*" e ele não fez a "*negociação*" que ela tanto queria.

A homofobia familiar se manifesta de muitas maneiras. Além da evitação que caracteriza a maior parte das narrativas da pesquisa, é perceptível que os mitos e acusações (SCHULMAN, 2010) também se reproduzem na história de Alvo. Nesse caso, a homofobia familiar assume, no discurso de sua mãe, uma formulação interpretativa que, na impossibilidade de legitimar a homossexualidade como uma das vicissitudes da sexualidade, opta por concebê-la como episódica, uma "*experiência*", uma "fase" ou desvio que pode ser corrigido de modo a retomar o caminho da heterossexualidade (SEDGWICK, 2007). Desse modo, ao sugerir que Alvo "*não precisa mais ter outra experiência homossexual*" ela mostra também o quanto o luto da heterossexualidade é difícil de ser elaborado (CASTAÑEDA, 2007; MODESTO, 2015; TEIXEIRA FILHO, 2012).

Depois da morte de sua mãe, Alvo decidiu que era necessário conversar com todos os seus irmãos sobre sua homossexualidade. Além disso, havia outro assunto que precisava ser abordado com sua família. Alvo havia descoberto recentemente que era portador do HIV e quando ele recebeu o diagnóstico "*foi um choque*", mas sua reação foi: "*vamos lutar*". Com essa percepção e vontade de lutar, ele sentou com cada irmão para poder se "*abrir*" sobre sua orientação sexual e seu estado de saúde. A conversa com seus irmãos caçulas "*foi mais fácil*" que a com os irmãos mais velhos. Ele recebeu "*a compreensão de alguns, na época. A não compreensão de outros*". Essa conversa foi muito importante para Alvo, ele se sentia "*bem mais aliviado*", pois finalmente "*tinha tido essa conversa franca*" o que lhe fez "*muito bem*". E, assim, "*com o passar do tempo [...] a relação foi evoluindo, a gente foi se cuidando, a gente foi aprendendo a se cuidar... olha, hoje eu tenho o respeito de todos os meus irmãos, todos eles... as suas mulheres com seus maridos sabem, uns são muito afetivos*".

Seu relacionamento com Severo progredia e a relação com seus familiares também. Alvo estava com um "*trabalho super legal*" em São Paulo no qual atuava na formação de professores. Porém, ele e Severo, decidem se mudar para o Paraná em um movimento de "*resgatar a história de Severo*". Como relatei anteriormente, Severo tem uma relação conflituosa com sua família e Alvo tinha a intenção de auxiliar no "*resgate*" dessas relações. O casal se mudou inicialmente para Umuarama, cidade natal de Severo,

onde residem seus pais. Alvo percebeu que "*tinha muito que construir, socialmente falando [...] porque os movimentos sociais eram um pouco tímidos, dentro da universidade, dentro do sindicatos*" e, ao chegar na cidade, buscou se engajar e levar o movimento social "*pra rua*". Em 2003, Alvo havia participado do Fórum Social Mundial e vivenciou uma grande experiência que foi o "*ápice*" de sua "*definição mesmo de rumo*". Nesse evento ele tomou contato com o movimento de economia solidária e percebeu o potencial transformador desse trabalho. Alvo se vê como um "*socialista por escola*" que pretende compartilhar tudo o que puder compartilhar. Com percepção de si e do mundo, ao chegar em Umuarama, ele e Severo montam uma feira de produtos agroecológicos que chama a atenção de uma Universidade a qual acolhe o projeto em sua Incubadora de Projetos.

Eles mantêm esse projeto de agroecologia em Umuarama, porém se mudaram para Cascavel e aqui vivem em um sítio nas proximidades da sede do município. Alvo avalia que na atualidade e, especialmente, aqui em Cascavel, "*é mais fácil pras pessoas assumirem a sua orientação sexual*". Em sua percepção essa facilidade decorre do fato de que aquele jovem que está buscando compreender o que se passa consigo mesmo, que está buscando assumir sua orientação sexual, "*encontra redes, encontra semelhantes, encontra proteção*". Em sua percepção são todos esses acessos que constituem uma rede de solidariedade, pois "*rede é tudo isso, é você aproximar os pares, né?! os semelhantes, então eu acho essencial [...] as redes*". Essa é, evidentemente, uma experiência completamente distinta daquela que ele teve em sua juventude em que esse tipo de acesso "*não existia, isso era inexistente*". Apesar disso, ele reconhece que ainda não é um processo simples, pois assumir a homossexualidade ainda "*[...] é um enfrentamento, o preconceito do outro é um enfrentamento todo dia*".

A partir dessa percepção, Alvo acredita que "*a gente precisa expressar [...] esse amor que a gente vive, mas também a gente tem que se proteger*". E é nesse sentido de autopreservação que ele prefere não fazer demonstrações de afeto públicas quando está com Severo, pois teme ser vítima de algum tipo de agressão. "*Não vale a pena você correr o risco de você encontrar um homofóbico pela frente e vir a passar por uma situação de violência como o Severo passou*". Dessa maneira, o contexto social de violência ao qual somos submetidos nos obriga a estarmos sempre envoltos com nossos armários que seguem funcionando de forma ambígua como prisão e como defesa (CASTAÑEDA, 2007; SEDWICK, 2007). Alvo tem ciência disso e, nesse momento, recorda o caso de assassinato de um jovem negro e homossexual que havia ocorrido, dias antes do nosso

encontro, em Cascavel. Um caso que, para ele, ilustra o quanto a violência homofóbica ainda é presente em nosso cotidiano.

Embora esse temor esteja sempre presente, Alvo considera que sua experiência aqui tem sido "*bastante interessante*". Ele ainda não conseguiu se "*estabelecer financeiramente*", mas segue articulando alguns projetos, produzindo arte e envolvendo-se com as ações dos movimentos sociais, pois percebe que há "*muita coisa pra ser feita*" tanto em Cascavel quanto na região.

Foi com a conversa sobre seus projetos e sobre essas possibilidades e potencialidades existentes aqui que encerramos nosso encontro. Depois seguimos até a casa onde Severo estava, seus familiares já haviam ido embora, sem se despedir de Alvo, pois não queriam atrapalhar a nossa entrevista. Conversamos mais um pouco e o casal me convidou para permanecer e jantar com eles, porém, devido a compromissos na cidade, não pude ficar. Me despeço dos dois e começo meu caminho de volta a pé. Assim que consigo sinal, aviso meus amigos que a entrevista havia terminado e um deles vai ao meu encontro. Ao invés de esperar a chegada do meu amigo, segui caminhando pela estrada pensando em tudo que havia vivido nesse percurso da pesquisa. Havia finalmente concluído uma etapa importante que era a realização das entrevistas e estava muito feliz com o resultado e com as histórias que contatei pelo caminho. Era um pensamento reconfortante, emoldurado pela paisagem do campo e iluminada pela luz dourada do sol que se punha. Um cenário que trazia uma sensação nostálgica, típica dos entardeceres. Eu segui caminhando. Tinha ainda uma longa estrada pela frente...

DIVAGAÇÕES ENCRUZILHADAS

Chego ao momento final deste percurso com a certeza de que é fundamental compartilharmos nossas experiências e conhecimentos como uma estratégia de reconhecimento, identificação e luta contra a homofobia. Nesse sentido, este foi um trabalho coletivo, feito de muitos encontros, muitas histórias, muitas vozes e muitos afetos. Tomar contato com todas essas histórias de vida foi um processo intenso de mergulho na experiência dos participantes da pesquisa, mas também na minha própria história. Essa relação dialógica funcionou tanto nos nossos encontros quanto agora neste processo de construção escrita do trabalho. Revisitar as histórias repetidas vezes é um exercício de encontros múltiplos, cada um tingindo com uma coloração nova em diferentes tons afetivos.

Durante todo o período de imersão, neste percurso, uma percepção tornou-se constante companheira na minha vida pessoal, acadêmica e profissional: os preconceitos atravessam nossa experiência, nos constituem, nos subalternizam, nos oprimem, nos violentam, mas também permeiam nossos pensamentos, nossos discursos, ações e omissões. Portanto, reconhecer as manifestações do preconceito nos outros, nas nossas relações e em nós mesmos é fundamental, pois o que está em jogo não é sermos ou não preconceituosos, mas o que fazemos com nossos preconceitos. Nessa perspectiva, posso perceber na história de vida dos participantes o modo como a vivência da homofobia produziu uma série de limitações afetivas, relacionais e experienciais. Foram negados espaços de circulação e de livre manifestação dos afetos, foram produzidos distanciamentos e rompimentos nas relações familiares, foi instaurado um policiamento das condutas, cerceadas vivências e relações sociais, desde a esfera lúdica até a relacional, especialmente no caso dos jovens houve um atraso em relação ao início da vida sexual ativa, quando comparamos esse início no caso dos cisheterossexuais.

Percebo assim que a homofobia age em nós mesmo sem a ocorrência concreta e direta de nenhuma agressão e/ou reação homofóbica. O medo e as tentativas de prevenção da ocorrência de qualquer agressão homofóbica configura-se em si um efeito e uma ação da homofobia sobre nós. A perspectiva e/ou possibilidade de sua ocorrência são suficientes para disparar e funcionar como fontes de sofrimentos, angústias e cerceamento quanto à fruição e ao trânsito em determinados espaços e situações. Essa observação é importante, pois evidencia o quanto os desgastes físico e mental são experiências

constantes e até inevitáveis na conjuntura social em que vivemos. Dessa maneira, é perceptível o quanto a homofobia afeta, dificulta ou mesmo inviabiliza a fruição de direitos básicos como o acesso às políticas de educação, saúde, assistência e previdência social.

Neste ponto concordo com Santhiago "*a homofobia sempre vem acompanhada de alguma coisa!"*. Ela vem acompanhada de gordofobia, de racismo, de sexismo, machismo, misoginia, classismo e tantas outras formas de manifestação da violência contra aquelas e aqueles cujos corpos são lidos como dissidentes. Nessa multiplicidade de violências há "*um ponto onde eles se encontram*" (SANTHIAGO) e esse ponto é o nosso corpo, nossa história, nossa vida. Somos (a)sujeitados a parâmetros e julgamentos construídos dentro de um dispositivo de controle que articula discursos e práticas normalizadoras, normatizadoras e disciplinadoras que objetivam nos subjetivar, nos formatar e nos oprimir por meio dos modos pelos quais nos adjetivam. Nos nomeiam antes mesmo que nós possamos nos nomear, antes que a gente se identifique, antes que nós possamos nos assumir para nós mesmos, o outro já diz por nós e para nós: "gay", "viado", "bicha", "boiola". Toda uma série de adjetivos e identidades projetadas sob o imperativo alheio: "você é...".

Um processo que começa já na infância e nos impõe desde muito cedo a uma postura reativa. Precisamos reagir e resistir a esses processos para sobrevivermos ao cotidiano de agressões ao qual estamos submetidos, sem mesmo saber ou entender o motivo de sermos vítimas dessas violências. Essa reação se manifesta de diferentes formas nas histórias dos participantes, para alguns a saída era o isolamento, o afastamento, para outros a fuga para outros espaços onde sentiam-se acolhidos ou ainda redirecionando a reação agressiva contra eles próprios.

Todas essas estratégias produzidas como táticas de sobrevivência às agressões homofóbicas de que somos vítimas trazem à tona algumas questões: Quanta violência é necessária para (re)produzir, sedimentar e naturalizar a cisheteronormatividade? Quantas violências constituem quem nós somos? Quanto esforço precisamos dispender para sair desse (não)lugar? Quanto sofrimento ainda vivem aqueles e aquelas que não conseguiram migrar desse (não)lugar?

Pensar essas questões é um exercício fundamental para todas as pessoas, sejam elas LGBT ou não. Arrisco dizer que talvez seja ainda mais importante que as pessoas cisheterossexuais se engajem nessa luta. Falo dessa importância, pois, diferente de nós que precisamos lidar cotidianamente com toda essa violência e ainda produzir todas essas

estratégias de sobrevivência, a população cisheterossexual goza do privilégio de possuir, antes mesmo de sua concepção, todo um arcabouço de referências e modelos identificatórios que possibilitam a constituição de um saber-de-si que favorece a assunção de suas identidades. Saber-de-si e identidade que são constantemente confirmados pelos diferentes dispositivos em funcionamento em nossa sociedade. Nesse sentido, vale lembrar que saber é poder (FOUCAULT, 1979) e, portanto, percebo que esse saber de si implica, já de partida, um diferencial de poder nas relações que tecemos desde a mais tenra infância.

Essa é a máxima que configura, desde a pastoral cristã, a sociedade ocidental: "'Para saber quem és, conheça teu sexo'. O Sexo sempre foi o núcleo onde se aloja justamente com o devir de nossa espécie, nossa "verdade" de sujeito humano" (FOUCAULT, 1979, p. 229). Sendo assim, essa relação entre saber e poder sobre as sexualidades "autoriza" a população cisheterossexual a identificar, nomear, categorizar e violentar aqueles e aquelas que escapam aos seus modelos existenciais e que, portanto, tornam-se objetos de seus modelos explicativos e "corretivos". É importante destacar que quando trato aqui desse saber-de-si não o penso apenas como um constructo intrapsíquico, antes disso, o concebo como uma construção social, histórica, política e econômica mutável, volátil, um vir a ser.

Além desse saber-de-si, as pessoas cisheterossexuais também têm o privilégio de poder falar, fruir e viver livremente seus afetos, desejos e paixões. Uma possibilidade e uma experiência que são subtraídas e/ou alijadas das pessoas LGBT. Desde a infância, as pessoas cisheterossexuais são estimuladas a vivenciar seus afetos, a ter enlaces amorosos, ter suas paixões, seus namorados e namoradas. Em contrapartida, as pessoas LGBT sentem, sem saber bem o porquê, que aquilo que vivenciam e experimentam em seus corpos, em seus afetos e em suas fantasias são, de uma forma ou de outra, "*errado*" (SAM; ALVO; SEVERO), "*feio*" (SANTHIAGO), "*deslocado*" (VICTOR), uma "*aberração*" (SAM).

Essa percepção de que o que sentimos, desejamos e experimentamos não está em conformidade com a "natureza", com a forma "correta" de sentir, desejar e experimentar a vida é (re)produzida e sedimentada, pois qualquer discussão ou abordagem que trate, direta ou indiretamente, sobre sexo e sexualidades e que potencialmente podem fissurar ou romper o véu da cisheteronormatividade é percebida e caracterizada como "precoce" ou fruto de uma "hipersexualização" da infância e da adolescência. Um atentando contra a "inocência" e a "pureza" das crianças, caracterizada por uma suposta e falaciosa

ausência de sexualidade. Assim, por meio dessas estratégias de silenciamento e invisibilização, nós sentimos (antes de saber) que ser quem somos é potencialmente subversivo e potencialmente perigoso para a "ordem" estabelecida e para nós mesmos.

Durante o percurso de construção da pesquisa, ficou nítido que no caso dos adultos o impacto dessa ausência de informação, de (re)conhecimento sobre si mesmo e sobre as sexualidades foi ainda mais intenso do que aquele ocorrido com os jovens. Digo isso porque foi possível perceber o quanto esse desconhecimento de (in)formações e discussões básicas sobre as sexualidades afeta e se articula com o desconhecimento de si mesmo. Os aprendizados e as experiências se fizeram através da ocultação, da não exposição, da ausência, dos silenciamentos, dos isolamentos e das violências. Esse vácuo de discussão sobre as sexualidades em diferentes espaços sociais, institucionais e familiares em diferentes momentos da vida, especialmente na infância e na adolescência, alijam as possibilidades das pessoas LGBT de produzirem (re)conhecimento delas mesmas. Não quero dizer com isso que apenas o fornecimento de (in)formações seja suficiente, haja vista que a esfera da experiência, dos afetos e do desejo não são redutíveis a esquemas conceituais e conjunto de pressupostos e teorias. Assim, é importante destacar que, nos relatos dos participantes, o processo de (re)conhecimento de si passou primordialmente pela sensação, pelo afeto e pela experiência. Vivências absolutamente precedentes a qualquer tipo de "compreensão" (in)formativa.

Algo se agita em nossos corpos, algo se sente, nos afeta e nos mobiliza, porém o que nos falta são palavras, (in)formação que nos possibilite nomear aquilo que se passa em nós. Destarte, ao advogar pela criação de espaços (in)formativos sobre a temática da diversidade sexual estou ciente de que o mero despejo de saberes, dados, conceitos, pressupostos e teorias não é suficiente para mitigar o atual desconhecimento, preconceito e violência contra as minorias sexuais e sociais. É preciso atentarmos para a forma e os modos através dos quais esses conteúdos têm sido veiculados, pois a palavra e a (in)formação podem ser uma abertura ao saber-de-si, porém podem funcionar também como uma redução e um fechamento à experiência.

Imerso nesse contexto que "ignora" nossa existência, a sensação de deslocamento, muitas vezes, dificulta o estabelecimento de vínculos afetivos verdadeiros e duradouros, pois em um estado de vigilância constante nunca sabemos quem, de fato, está do nosso lado. As pessoas com as quais convivemos não têm dimensão do que se passa em nós e conosco e, muitas vezes, são afastadas justamente por não entenderem e por não ter a possibilidade de fazê-lo (haja vista seu desconhecimento quanto ao que estamos

experimentando em nossos corpos e em nossos afetos). Vivemos mergulhados em uma sensação de não pertencimento, um sentimento de ser e estar "fora do lugar", "*um peixinho fora d'água*", como caracterizou Victor. Uma sensação ou constatação, às vezes, muito mais experiencial do que consciente de que não possuímos um lugar nos territórios e espaços que habitamos e transitamos. Vivemos em um certo nomadismo relacional. Não encontramos espaços, pessoas e relações que nos sejam continentes, que ofereçam ancoragem às nossas experiências e nos permitam fincar raízes. Então precisamos produzi-los, fabricá-los.

Esse sentimento sempre presente produz um aprendizado equivocado e igualmente doloroso. Mesmo sem plena consciência dos motivos, aprendemos que só poderemos acessar esses espaços sociais e afetivos, só poderemos fruir dessas relações se negarmos ao menos uma quota de nós mesmos, negarmos quem somos para os outros e para nós mesmos. Aprendemos que precisamos dissimular quem somos, o que sentimos e o que desejamos. Aprendemos que precisamos construir, assumir e performar um personagem com um figurino que não serve e não cabe em nós. É assim que aprendemos, desde muito cedo, que precisamos nos policiar, precisamos estar vigilantes, exercer força sobre nós mesmos, nos reprimirmos, às vezes violentamente, em função de uma demanda social que sobre nós se impõe.

Nos armamos e disciplinamos nossos corpos, vozes, gestos, postura e interesses, fazemos a contenção de nós mesmos para manter uma pretensa "segurança" cisheteronormativa. Toda uma série de procedimentos, infligidos pelos outros, pelas instituições e também por nós mesmos. Procedimentos que nos violentam e oprimem para assim assegurar o privilégio daqueles que (re)produzem, nutrem e sustentam a cisheteronormatividade. Toda essa vigilância e esses procedimentos de disciplinamento do corpo e da subjetividade buscam, assim, a mortificação do eu (GOFFMAN, 2008) e a reconstrução de nós mesmos de acordo com os interesses e os moldes cisheteronormativos. Desse modo, enquanto não temos a possibilidade de ancorar nossa experiência em modelos identificatórios próprios e/ou a possibilidade de produzir e fabricar a nossa própria identidade e espaços de pertencimento e proteção, somos forçados a aniquilar quem somos seja por meio de ações de dissimulação, seja por meio de práticas concretas que coloquem fim a nossa existência. Não raras as vezes, abdicamos de experiências e potências estéticas e afetivas por medo da exposição e das possíveis agressões dela derivada. Alijamos nossos desejos, mortificamos a carne e o espírito como bem deseja a culpa cristã que marca e constitui em larga medida a sociedade ocidental.

No fim, somos vítimas de agressões externas e autoinfligidas e ainda vivenciamos a culpa de sermos quem somos.

Vivemos assim, mergulhados em um contexto experiencial absolutamente cindido de desejos, vigilâncias, controles, potências, culpas, não entendimento e ausência de lugar. Vivemos de um modo que nos faz perceber que esse mundo, essa sociedade e essa forma estandardizada de ser família não é continente à nossa experiência, aos nossos corpos, aos nossos desejos e potências. Vivenciamos tudo isso como seres estranhos, deslocados e exóticos. É como se não pertencêssemos ao *habitat* que nos produziu, somos como que estrangeiros nos locais comuns. Todas essas experiências e afetos se misturam, nos faltam modelos, nos faltam espelhos e nos faltam aprendizados e experiências de nós mesmos que nos possibilitem fabricar o nosso próprio caminho.

Assim, imersos nessas experiências e carentes de identificação, todos os participantes relatam uma proximidade e identificação com as mulheres e com o feminino desde a infância. Porém, essa localização nas mulheres e no feminino como figuras de identificação e de acolhimento se constitui como uma experiência contraditória. A forma binária em que a nossa sociedade se estrutura aloca nossa experiência em um limbo relacional que nos faz sentir e perceber que quem somos, aquilo que vivemos e sentimos não encontra ancoragem nem naquele modelo de masculinidade, que nos exclui e violenta, nem naquele modelo de feminilidade, que nos acolhe.

Além de ser um espaço de acolhimento e identificação, essa aproximação com as mulheres aparece, nas histórias dos participantes, como uma das causas da violência homofóbica, pois "*os meninos [...] não suportavam isso*" (ALVO), não suportavam essa aproximação e esse acolhimento. Não suportam e não entendem essa aproximação e esse tipo de relação estabelecida com as mulheres e com a feminilidade, uma relação muito diferente daquela a qual eles são, de modo estandardizado, talhados a estabelecer. Logo não suportam e agridem aquilo que leem como feminino em nós e que tiveram que suprimir em seus próprios corpos. Isso me faz pensar sobre o quanto de operações violentas são necessárias para constituir essa masculinidade tóxica que, de modo reativo, projeta-se violentamente sobre nós. Uma projeção paranoica que escancara e evidencia o quanto nossos agressores são algozes de suas próprias dores. Dores que eles, como "verdadeiros machos, homens com H", não podem reconhecer e sentir em si mesmos. Um tipo de funcionamento que deixa evidente a afirmação de Borillo (2010) e Castañeda (2007) de que a homofobia afeta e constitui a experiência e a história de todas as pessoas.

Outro fator ligado a essa proximidade com as mulheres pode ser percebido nas histórias dos participantes: assumimos nossas homossexualidades primeiro para elas e somente depois para os homens dos nossos círculos relacionais. Essa foi uma experiência compartilhada por todos os envolvidos neste estudo, especialmente no que tange à assunção das homossexualidades em nossos núcleos familiares. Essa percepção e experiência comum levanta algumas questões: Por que é tão difícil para nós assumir nossas homossexualidades para outros homens? Por que sentimos essa dificuldade em assumir nossas homossexualidades, especialmente, para nossos pais e irmãos?

Em certa medida, é possível perceber nessa dificuldade, quanto à assunção das homossexualidades para os homens com os quais nutrimos relações familiares, os efeitos da vivência e sofrimento do luto da cisheterossexualidade. Assumir nossas homossexualidades é frustrar o projeto cisheteronormativo que constitui essas relações familiares e frustrar também as expectativas quanto à reprodução da masculinidade normativa que, de modo geral, constitui a experiência dos demais homens de nossas famílias. Um tipo de frustração que passa pelo receio da perda da "virilidade", da "masculinidade" e da possibilidade reprodutiva. "Mas você é o homem ou a mulher?". Essa questão comum que ouvimos quando assumimos nossas homossexualidades demonstra o quanto o temor em relação à perda da "virilidade" e da "masculinidade" está presente em nossas relações. Uma questão que implicitamente traz a concepção de que ao assumir o papel de "homem-cis", ou seja, aquele que penetra, o indivíduo estará sendo "menos" *gay* ou ocupando hierarquicamente uma posição privilegiada em relação àquele que assume o papel de "mulher", ou seja, o penetrado. Compreensão binária, machista, misógina e sexista que margeia o imaginário social, mas que em nada condiz com as práticas sexuais sejam elas homo, bi ou heterossexuais. Como uma manifestação da homofobia internalizada percebemos que, muitas vezes, essa compreensão compõe a percepção de muitos homossexuais que consideram os homossexuais passivos e/ou "afeminados" como subalternos em relação aos ativos e/ou "masculinos".

Ligada a essa compreensão binária, machista, misógina e sexista da prática sexual encontramos a expectativa reprodutiva que se projeta sobre nós, inclusive como prova e confirmação dessa "masculinidade" e "virilidade". Somos impelidos, desde a infância, a assumir um projeto de constituição de uma família através do casamento e da geração de uma prole que assim reproduzirá e dará continuidade às nossas famílias. Ao nos percebermos como homossexuais, nos defrontamos com a frustração, mesmo que parcial, de todas essas expectativas e anseios familiares que se projetaram sobre nós. Falo em

frustração parcial, pois podemos constituir família e termos filhos, porém fora dos padrões projetados sobre nós. Precisamos cotidianamente fazer o luto dessa heterossexualidade.

Vivemos assim um misto contraditório de afetos e de possíveis "saídas" para esse imbróglio relacional. Em alguns casos, há o desejo genuíno pela constituição de uma família, mas que vem acompanhado do temor de não ter a família constituída acolhida pela família de origem e pela comunidade ou ainda o receio ante a possibilidade de não conseguir ou encontrar obstáculos no processo de adoção por ser um casal homossexual. Em outros casos, esse projeto de constituição familiar é completamente abolido, dando lugar a outras formas de se relacionar colocando acento maior nas relações de amizades percebidas como a família que "*a gente escolhe*" (ALVO). Há aqueles que constituem sua família compreendendo-a como a relação estabelecida com seu parceiro, deixando de lado a pretensão de ter filhos. E nos polos é possível ver aqueles que rechaçam toda e qualquer pretensão de constituição familiar e aqueles que, diametralmente opostos aos primeiros, enxergam nesse projeto a possibilidade de evitar, modificar e/ou dissimular a própria homossexualidade. São muitas as saídas e os caminhos possíveis.

Sim, são muitas saídas possíveis, mas tomar essas estradas não é simples. Vivenciamos todas essas dúvidas, angústias e sofrimentos, não raras as vezes, sozinhos e sem qualquer tipo de parâmetro ou exemplo com o qual nos identificar. Todos os participantes relataram terem lidado de modo solitário com a descoberta de suas homossexualidades. É possível observar nesses relatos que, embora os participantes tivessem grupos de amizades com os quais se identificavam, eles não forneciam ou não garantiam de forma ativa e proativa o apoio, defesa e proteção contra as agressões homofóbicas. Apesar disso, em algumas narrativas o trânsito nesses grupos funcionava e servia como um espaço seguro e solidário apesar de que a discussão sobre a orientação sexual não era uma pauta dessas relações.

Vivemos assim, em grupos e relações parciais, pois não encontramos modelos que possibilitem identificar e experimentar sermos quem somos, nossa sociedade é construída de um modo que nega a nossa existência, nossa experiência e a nossa história. Somos talhados para sermos cisheterossexuais e na ausência de modelos identificatórios precisamos construir, de forma muitas vezes precária, nossos próprios espaços e percursos formativos mergulhados nesses processos de (de)formação aos quais estamos (a)sujeitados nas relações sociais, institucionais e familiares.

Soma-se a esse processo a constituição de um "*padrão social ideal*" (SANTHIAGO) pautado também na constituição de uma dimensão estética da existência. Existe um imperativo estético que molda nossas experiências, (de)forma nossos corpos e nos aloca em determinados nichos no olhar e na valoração que atribuímos aos outros e a nós mesmos e que eles, por conseguinte, atribuem a nós. Nesse sentido, foi possível perceber nos relatos de Sam e Santhiago o modo como o gordo e o negro não são aceitos ou não encontram lugar dentro desse imperativo estético da nossa sociedade. Essa ausência de aceitação ou de lugar restringem seus corpos à ocupação de posições de exclusão como aqueles que são rejeitados e indesejados ou produzem uma lógica de alocação e inclusão perversa ou marginal condenando-os ao lugar de exotismo, peculiaridade, curiosidade e "fetiche" nas fantasias e nas relações sociais. Nesses lugares e posições não são sujeitos, não são indivíduos, não têm identidade, são objetos, "*mercadoria*" (SANTHIAGO), massa amorfa e pasteurizada.

Essa discussão é fundamental, pois não podemos falar ou pensar na homofobia sem pluralizá-la, enquanto experiência, afinal, não existe "uma", mas múltiplas formas e lugares a partir dos quais experienciamos a homofobia, com suas diferentes faces, expressões e efeitos. A singularidade da experiência da homofobia, atravessada pelos diversos marcadores sociais de diferença, torna-a necessariamente uma multiplicidade. Nesse sentido, podemos perceber que pensar a homofobia descolada das especificidades produzidas por suas múltiplas intersecções com os diferentes marcadores sociais de diferença conduz à armadilha da universalização e essencialização da própria violência homofóbica. Uma vereda que invariavelmente acaba por reproduzir, mesmo que implicitamente ou por omissão, uma série de discursos e práticas que invisibilizam e silenciam as especificidades e experiências vividas por diferentes corpos que compartilham conosco a dissidência sexual.

Fazer essa consideração é importante porque percebemos Cascavel como uma cidade onde a diversidade sexual ainda é borrada por um processo de homogeneização das expressões das sexualidades e identidades dissidentes da cisheteronormatividade. Observamos aqui um processo de pasteurização da experiência e da expressão de si ainda muito conectada a um conservadorismo interiorano, condescendente e provinciano que "aceita" e "tolera" as sexualidades e identidades dissidentes, desde que elas não sejam visíveis e vivíveis.

Essa lógica produz uma série de estratégias de não exposição e de manutenção de um segredo que produzem em nós a sensação ou a percepção de que as

homossexualidades não são experiências para serem ditas, vistas ou vividas livre e abertamente. As homossexualidades tornam-se assim, aos mais "tolerantes", assunto de uma pretensa vida privada, reservada às quatro paredes da casa, exilada à experiência de "*dentro do quarto*" (ALVO). Tudo bem ser homossexual, desde que ninguém saiba, ninguém veja, ninguém escute. "*Tudo bem gay, mas não afeminado, porque são muito escandalosos e chamam muito a atenção*"; "*Não... tudo bem o cara ser gay, mas longe de mim, mas não ser afeminado, não tentar ser uma mulher, não andar só com menina e ser branco*" (SANTHIAGO).

É claro que, para ocupar um (não)lugar desses, é necessário pagar um preço alto e a moeda de troca é sempre a mortificação do eu. Mortificar o eu não é apenas um processo de direção unívoca no sentido direto ao indivíduo, pois esse conduz à tentativa de eliminar os traços do eu que são projetados em um outro com o qual o indivíduo, mesmo que inconscientemente, se identifica. Desse modo, muitas pessoas LGBT aceitam ou são impelidas à reprodução das mesmas práticas cisheteronormativas e homofóbicas das quais, de forma direta e/ou indireta, elas também são vítimas. Desse modo, percebo que a ausência de modelos identificatórios aliada ao desejo e à necessidade de pertencimento e identificação com algo, alguém ou grupo e de alcançar algum nível de segurança subjetiva, relacional e econômica são alguns dos motores desse processo de internalização e reprodução da homofobia.

Em contrapartida, é importante ressaltar que devemos ter cuidado para não (re)produzirmos um discurso de cobrança e responsabilização dos sobreviventes da homofobia. É necessário observarmos os (des)caminhos percorridos por cada um, suas experiências e sua história sem incorrermos em uma cobrança quanto à assunção de determinadas práticas, mudanças discursivas, engajamento militante, desconstrução normativa ou qualquer outra forma de exigência. Precisamos estar atentos e cônscios de que sobreviver e habitar nossos corpos já é em si uma luta, sobreviver e habitar nossos corpos é em si um ato político.

Além disso, o processo de internalização da homofobia, não raras as vezes, pode gerar um descrédito em relação às nossas próprias percepções, sensações, afetos e experiências, colocando em xeque a nossa própria história. Um processo que coloca a nossa própria narrativa em um plano de inferioridade em relação às narrativas produzidas por aquelas instituições, grupos e indivíduos que buscam fabricar "o" discurso "verdadeiro" sobre as homossexualidades. Esse processo de descrédito passa pela

apreensão de que a experiência das homossexualidades e da violência homofóbica é um evento "privado" e "particular".

O que produz em nós essa percepção privatista dessas vivências? Nossas histórias fornecem algumas pistas, nelas podemos rastrear algumas teias de relações histórica e socialmente construídas que nos privam da possibilidade de tratarmos e vivermos aberta e livremente as nossas sexualidades. Essas privações (re)produzidas nas relações macrossociais, institucionais e nos aparelhos de Estado se reproduzem nas microrrelações familiares, comunitárias e sociais. Em nossas histórias a família, a escola e a igreja aparecem como as primeiras instituições e relações de socialização e também como as primeiras a operarem diferentes mecanismos, estratégias, táticas e manobras de privação em relação a nossas sexualidades e experiências.

A vivência contínua e persistente dessa privação nos subjetiva e privados da experiência e do conhecimento de nossos corpos, de nossas sexualidades, da nossa história e de mecanismos sociais de proteção e continência somos conduzidos à percepção de que tudo aquilo que vivenciamos é um evento particular, privado, íntimo, pessoal, algo que ocorre apenas conosco. Esse entrelaçamento entre a experiência social de privação e a subjetivação enquanto uma experiência privada funciona de maneira perversa. Esse entrelaçamento é em si um resultado da homofobia reinante em nossas relações e opera em uma lógica de retroalimentação, pois favorece e fomenta as práticas de violência homofóbica uma vez que fragiliza nosso poder de reação, porque sendo experimentada como evento particular somos alijados da possibilidade de conhecer e conviver entre semelhantes e de estabelecermos alianças que possam nos fortalecer e servir como mecanismos de apoio, proteção e cuidado.

É justamente a convivência entre semelhantes e a possibilidade do estabelecimento de alianças que nos fortalece e viabiliza uma rede de proteção e cuidado. O coletivo e suas alianças são nossas trincheiras, pois a luta contra a homofobia não é e não pode ser uma luta travada de modo individual, solitário e privado. A luta contra a homofobia deve ser percebida e assumida como uma luta contra um inimigo comum a todes, um inimigo que viola, agride e mata não apenas nossos corpos individuais, mas todo o corpo social. Daí a importância, relatada em todas as histórias, de (re)conhecermos e convivermos outras pessoas que também são LGBT.

Esse processo de identificação foi fundamental na experiência dos participantes, pois possibilitou, através do contato com um outro diferente e relativamente semelhante, a constituição de um processo de autorreconhecimento e constituição identitária. Essa

trama relacional se constituiu enquanto uma rede solidária que funcionou como ancoragem e porto seguro onde os participantes puderam se sentir protegidos para serem eles mesmos e se expressarem livremente. Essas redes e identificações funcionaram como "[...] *um farol pra gente. Então no meio do escuro você vê uma luz lá no fundo*" (SANTHIAGO). Essa rede de solidariedade e identificação fundamental nessa constituição da identidade nos possibilita revisar algumas páginas da nossa própria história. Falo de um processo de revisão histórica, pois começamos a nos nomear por nós mesmos, a partir da nossa própria experiência, buscando nos libertar daquelas caracterizações que outros fizeram de nós e de quem nós somos.

A ação de nos fortalecer coletivamente e estabelecermos essas redes é fundamental para resgatarmos e reconstituirmos nossas potências historicamente negadas pelas diversas expressões da homofobia. Trato desse resgate porque o cotidiano de violências homofóbicas, que constitui e afeta todes nós, funciona como um mecanismo de despotencialização que, não raras as vezes, retarda, dificulta e/ou impede a atualização de nossas potências. Isso aparece nas nossas histórias como um rechaço à prática esportiva, na ocultação ou na vivência periférica da produção artística e na evasão escolar. Deixamos de fruir ou não gozamos em plenitude desses espaços e possibilidades por não nos sentirmos capazes, porque nos fizeram crer que eles não eram correspondentes a quem nós somos ou não são lugares para pessoas como nós. Abandonamos algumas de nossas potencialidades por medo, vergonha ou como proteção frente às diferentes formas de rejeição e agressão que nos são direcionadas. Por deixarmos de lados tantas possibilidades e na tentativa de restaurar ou alcançar um lugar nessas relações que nos excluem, acabamos por desenvolver uma série de mecanismos e estratégias compensatórias como resposta à experiência de nossas homossexualidades, tivemos que "*aprender a transformar carência em competência*" (ALVO).

Nesse processo de construção de práticas compensatórias, o trabalho e a emancipação financeira figuram como importantes mecanismos de emancipação em relação às amarras normativas da família e das relações sociais. Se você é uma pessoa LGBT, "'*você vai ter que trabalhar e ter as suas coisas, o triplo das pessoas, pra as pessoas não falarem nada*'" (SAM). Foi perceptível na história dos participantes que a dependência financeira da família funciona como um processo de aprisionamento, pois condiciona literalmente as nossas possibilidades e meios de (sub)existência. "*Eu me cobrava, mas eu sabia também que eu não podia falar, que eu não ia saber como lidar com aquilo ali, tipo assim se meu pai, não sei... se meu pai viesse a me expulsar de casa,*

vamos supor... que era o que me vinha muito na minha cabeça. Como que eu iria me virar naquela época né?" (SAM).

Desse modo, somos paradoxalmente forçados a conviver em relações familiares, sociais e de trabalho que negam e violentam nossa existência para garantir nossa (sub)existência material. Esse (a)sujeitamento material relaciona-se diretamente aos processos de subjetivação uma vez que o dinheiro deixa de ser apenas um signo material e ocupa também uma função relacional e subjetiva que condiciona a sobrevivência material à negação ou à (sub)existência subjetiva. Há, sem dúvidas, uma ligação e uma relação entre a dependência econômica, a relacional e subjetiva. Nesse sentido, os participantes relatam que ao conseguirem se emancipar financeiramente alcançaram um certo nível de segurança, afiançada pelo trabalho, para poderem viver suas sexualidades com mais "liberdade".

Percebo, dessa maneira, que o trabalho e a independência profissional e financeira, principalmente, se configuram como importantes mecanismos de sustentação, material e subjetiva, e de proteção frente a possíveis rompimentos relacionais com a família e/outros grupos sociais. Porém, não posso deixar de notar que o trabalho e os estudos também podem funcionar como uma fuga ou adiamento da experiência da própria sexualidade, como ocorreu no caso de Victor e Severo. Durante um longo período de suas vidas o trabalho e os estudos cumpriram uma dupla função: torná-los independentes financeiramente de suas famílias e, ao mesmo tempo, afastá-los do convívio e da experiência com e da sua sexualidade. Esse caminho em busca da emancipação financeira produziu também, no caso dos adultos, um processo de afastamento das relações familiares. Um afastamento que parece, no caso deles, ser necessário para a vivência da homossexualidade.

Sair da casa de suas famílias era um projeto necessário e emergencial, pois percebiam incompatibilidade entre quem eles são e as expectativas familiares que se projetavam sobre eles, bem como por visualizarem que não encontrariam apoio nessas relações. Apesar disso, pude perceber, ao longo de todo o processo de realização das entrevistas e especialmente durante a transcrição e montagem das histórias de vida, que existe uma dificuldade dos participantes relatarem e exporem as violências homofóbicas que vivenciaram no contexto familiar, excetuando apenas a narrativa de Severo, em que fica evidente o relato repetido da homofobia familiar. Embora os demais participantes relatem a existência de reações e agressões homofóbicas em suas famílias, eles tendem a abordá-las de modo rápido e superficial ou mesmo deixarem à margem de seus relatos.

Essa reação demonstra como as marcas da violência nem sempre são visíveis aos olhos ou audíveis aos ouvidos alheios. Daí a importância de construirmos em nossas pesquisas e intervenções espaços e encontros que viabilizem uma escuta acolhedora e ativa. Digo isso, pois sinto que essas marcas de violência, que também constituem a minha experiência, comunicam-se através dos silêncios que transpassam nossos tímpanos, nossas retinas e os poros da nossa pele. Tendo essa experiência nos encontros com os participantes da pesquisa posso afirmar que sim, é possível que as marcas invisíveis da violência se tornem tangíveis em uma experiência de encontro com o outro, com suas experiências e sua história. Tudo que precisamos é estarmos e nos mantermos abertos a elas.

Nessa mesma linha, é possível perceber que existe em seus discursos uma tentativa de amenizar ou minimizar os episódios de reações e agressões homofóbicas. É como se ainda hoje relatar os episódios de homofobia aos quais eles foram (a)sujeitados funcionasse como um signo de fraqueza e assim acabam por reeditar os discursos vindos de suas famílias e especialmente da escola que tratavam a homofobia com ares de naturalidade. Os episódios de violência homofóbica foram caracterizados, em muitos momentos, como: "*brincadeiras indesejáveis*" (ALVO); "*brincadeira*" (SAM; VICTOR; SEVERO; SANTHIAGO; ALVO); "*brincadeira de mau gosto*" (SAM); "*bullying*" (SAM; VICTOR; SEVERO; SANTHIAGO; ALVO).

Além dessa forma eufemística de tratar os episódios de violência vivenciados, pude perceber que houve em todos os nossos encontros uma tendência em abordar os episódios de agressão homofóbica de forma breve e sucinta. Nesses momentos, foi inevitável perceber e sentir o desconforto produzido pelo recordar e relatar esses episódios. Essa percepção e esse sentimento me levam a pensar sobre a brutalidade e durabilidade dos efeitos das violências sofridas, mesmo que elas tenham ocorrido num passado distante. E perceber esse desconforto de modo presente tornou possível a audiência dos ecos desses sofrimentos passados. Durante o transcorrer dos encontros, pude perceber e entrar em contato com conteúdos e reminiscências dessas violências que ainda não foram elaborados plenamente (se é que isso é possível), conteúdos que agem como uma ferida que mesmo cicatrizada ainda fisga, lateja e dói. O corpo lembra bem das dores às quais ele foi submetido.

Desse modo, não me resta dúvida que trabalhar com essas narrativas e propor-me a ouvir e a (re)construir essas histórias foi e é um ato de entrega e de mergulho na experiência. Experiência que, vale destacar, não foi percebida por mim apenas como um

ato do pensar teórico/acadêmico, mas uma relação especular em que pude através dos encontros ver, às vezes com mais em outras com menos nitidez, um pouco da minha própria história e um pouco de mim mesmo. Nós nos vemos uns nos outros, nos identificamos e esse exercício tão próximo de mim mesmo talvez tenha produzido todas as dificuldades e resistências que enfrentei nesse exercício relativamente solitário da escrita desse trabalho.

Encontrar-me com o texto, com o outro, comigo mesmo e minha própria história não é um exercício fácil e, apesar de necessário, às vezes, ele nos faz resistir. Resistir ao encontro e mais ainda resistir por conta daquilo que esse encontro produz ou pode produzir. Hoje posso dizer com uma certa segurança que vencidas essas resistências sinto-me ainda mais capaz de resistir às ondas e aos ataques homofóbicos tão presentes e insistentes no contexto atual do Brasil. Essa foi sem dúvidas uma das maiores experiências da minha vida e cada momento que paro para pensar sobre isso me emociono. Diante de tudo isso, chego nesse momento final da escrita, de concretização material do trabalho com a certeza de que a experiência dessa parte do percurso constitui um capítulo importante da minha própria história.

E essa caminhada há de continuar...

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo?. **outra travessia**, Florianópolis, n. 5, p. 9-16, jan. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576>. Acesso em: 15 set. 2018.

ARANTES, José Estevão Rocha. **Vivendo no Entre-lugar: Raça e Homossexualidade na Construção de Identidades**. in COSTA, Horácio. e*t. al* (org.). Retratos do Brasil homossexual : fronteiras, subjetividades e desejos. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo : Imprensa Oficial, 2010. p. 959-972

ARAÚJO, Patrícia; MARTINS, Emília; FERNANDES, Rosina; MENDES, Francisco; MAGALHÃES, Cátia. O Método das Histórias de Vida na Investigação Qualitativa em Psicologia. **CIAIQ2016** , Vol. 2, p. 588-595, 2016. Disponível em: <http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/798/784>. Acesso em: 24 Jan. 2018.

AQUINO, Júlio Groppa. **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (Orgs.). **DOSSIÊ: Assassinatos e Violência Contra Travestis e Transexuai no Brasil em 2018**. Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA) Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE), 2019. Disponível em: https://antrabrasil.files.wordpress.com/2019/01/dossie-dos-assassinatos-e-violencia-contra-pessoas-trans-em-2018.pdf

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no brasil**. In: Carone, Iray., Maria Aparecida Silva (orgs). Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil (eBook). 6. Ed – Petrópolis: Vozes, 2014.

BERNARDET, Jean-Claude. **Os homossexuais no momento de sua definição**. In Folhetim, suplemento dominical da Folha de São Paulo, 11 de Julho, 1982, p. 9.

BIGLIA, Barbara, BONET-MARTÍ, Jordi. La construcción de narrativas como método de investigación psicosocial. Prácticas de escritura compartida. **Forum Qualitative Social Research**, Vol. 10, nº 1, 2009. Disponível em: http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1225/2666 Acesso em: 23 de Jan de 2018.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: História e crítica de um preconceito.** Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010

BOSSA, Débora Ferreira; NEVES, Anamaria Silva. O Unheimlich na adoção da criança com deficiência. **Cad. psicanal.**, Rio de Jeneiro, v. 40, n. 38, p. 97-109, jun. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952018000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 31 Jul. 2019.

BRITZMAN, D. O que é esta coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan./jun. 1996. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71644/40637 Acesso em: 15 de Jun de 2018.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"**. 1ªed. Buenos Aires: Paidós, 2002. 352 p.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Trad. Renato Aguiar. 13ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. 287 p.

_____. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?**. Trad. Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha; Revisão de tradução Marina Vargas; revisão técnica Carla Rodrigues. 4ª. Ed. Rio de Janeiro Civilização Brasileira, 2018.

CABRUJA, Teresa; IÑÍGUEZ, Lupicinio; VÁZQUEZ, Félix. Como construimos el mundo: relativismo, espacios de relación y narratividad. **Análisi**, Barcelona, nº 25, p. 61-94, 2000. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/Analisi/article/view/15050/14891>. Acesso em: 24 Jan. 2018.

CANIATO, Angela Maria Pires. Violências e subjetividades: o indivíduo contemporâneo. **Psicol. Soc.**2008, vol.20, n.1, pp. 16-32.

CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de; ALMEIDA, Paulo Henrique de. Família e Proteção Social. **São Paulo em Perspectiva,** São Paulo, v.17, n.2, Jun 2003.

CASTAÑEDA, M. **A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas**. Tradução de Brigitte Hervot e Fernando Silva Teixeira Filho. São Paulo: A Girafa, 2007a.

_____. **Escuchar(nos)**. Ciudad de México: Editora Taurus (eBook), 2011.

COSTA, Jurandir Freire. **Dar cor ao corpo: a violência do racismo** (prefácio). In SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascenção social. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100011>. Acesso em: 18 Mai 2017.

_____. A intersecionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2004.

CROCHÍK, José Leon. O conceito de Preconceito e a perspectiva da Teoria Crítica. *In* **Perspectiva Teóricas Acerca do Preconceito.** CROCHIK, José Leon org. 1ª Ed.São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p.69-101.

DANTAS, Rafaelli Lins. **Os Homossexuais e a Adoção**. In COSTA, Horácio. e*t. al* (org.). Retratos do Brasil homossexual : fronteiras, subjetividades e desejos. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial, 2010. p. 107-118

DARÓS, Lindomar Expedito S.. **Homoparentalidade e Práticas Sutis de Discriminação à Diversidade Sexual: Um Estudo de Caso**. In COSTA, Horácio. e*t. al* (org.). Retratos do Brasil homossexual : fronteiras, subjetividades e desejos. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial, 2010. p. 741-752.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977. 160 p.

DELLABONA, S.R.; MENDES, S.M.S. O lúdico na educação infantil: jogar brincar uma forma de educar. **Revista de divulgação científica do ICPG**. v. 01, n. 04, p. 107 – 112, Janeiro-Março/2004.

DIAS, Maria Berenice. **A União Homoafetiva e a Constituição Federal**. In COSTA, Horácio. e*t. al* (org.). Retratos do Brasil homossexual : fronteiras, subjetividades e desejos. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial, 2010. p. 27-32.

DIGIÁCOMO, José Murillo; DIGIÁCOMO, Ildeara de Amorim. **Estatuto da Criança e do Adolescentes; Anotado e Interpretado**. Curitiba: SEEDS, 2013.

RIBEIRO, Djamila. **Precisamos romper com os silêncios**. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6JEdZQUmdbc&t=18s>. Acesso: 10 jun. 2017.

EBRAHIM, Surama Gusmão. Adoção tardia: altruísmo, maturidade e estabilidade emocional. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 73-80, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722001000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 31 Jul. 2019.

ERIBON, Didier; HABOURY, Frédéric. **Dictionnaire des Cultures Gay et Lesbienne**. Paris, Editions Larousse (à paraître), 2003.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Poder-corpo**. In Microfísica do poder. Org. e trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. 145-152.

_____. **Ditos e Escritos Volume IX: Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade**. MOTTA, Manoel Barros da (org.). Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 6 ed.. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017a.

_____. **Ditos e Escritos Volume V: Ética, sexualidade, política**. MOTTA, Manoel Barros da (org.). Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017b.

_____. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 3 ed.. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017c.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRY, Peter. **Ser ou não ser homossexual, eis a** questão. In Folhetim, Suplemento Dominical da Folha de São Paulo, 10 de Janeiro, 1982, p. 3.

GUATTARRI, Félix. ROLNIK, Suely. **Micropolítica - Cartografias do desejo**. 12ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 439 p.

GODOI, Marcos Roberto; ARANTES, Clovis. **Governo dos corpos, gênero e sexualidade: reflexões sobre situações do cotidiano das escolas**. In: LEMOS DE SOUZA, Leonardo; GALINDO, Dolores; BERTOLINE, Vera. (Org.). Gênero, corpo e @tivismos. 1ed.Mato Grosso do Sul: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - FAPEMAT, 2012, v. 1, p. 57-68.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

HARAWAY, Donna J. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Tradução Mariza Corrêa. **Cadernos Pagu**, n° 5, pp. 7-41, 1995. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828. Acesso em: 15 Mar 2018.

HORKHEIMER, M. e ADORNO, T. W. **Preconceito**. In: HORKHEIMER, M. e ADORNO, T. W. (Org.) Temas Básicos de Sociologia. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo: 1973.

_____. **Família**. In: HORKHEIMER, M. e ADORNO, T. W. (Org.) Temas Básicos de Sociologia. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo: 1973b.

JODELET, D. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão social: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 53-66.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Revista Bagoas,** Belo Horizonte, v. 01, n. 01, 2007. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2256.

LEMOS DE SOUZA, Leonardo. **Homofobia, juventude e escola**. In: LEMOS DE SOUZA, Leonardo; GALINDO, Dolores; BERTOLINE, Vera. (Org.). Gênero, corpo e

@tivismos. 1ed.Mato Grosso do Sul: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - FAPEMAT, 2012, v. 1, p. 111-131.

LEMOS de SOUZA, Leonardo; MEDEIROS, Paula Azevedo de; DUARTE, Juliana Farias. **Gênero, sexualidade e ética na educação: um estudo com professores sobre a homofobia na escola**. In: Fazendo Gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamentos, 2010, Florianópolis. Fazendo Gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamentos. Florianópolis: UFSC, 2010. v. 1. p. 1-10.

LEMOS de SOUZA, Leonardo. **Representações sobre os enfrentamentos à homofobia na escola por jovens de Mato Grosso e São Paulo**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder, 2008, Florianópolis. Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis: UFSC, 2008. v. 1. p. 1-7

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 Julho 2018.

_____. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **Pedagogias da sexualidade**. In LOURO, Guacira Lopes (Org.). O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica 2000.

MADLENER, Francis; DINIS, Nilson Fernandes. A homossexualidade e a perspectiva foucaultiana. **Rev. Dep. Psicol.,**UFF, Niterói , v. 19, n. 1, p. 49-60, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232007000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 Julho 2017.

MACRAE, Edward. A Afirmação da Identidade Homossexual: seus perigos e sua importância. In: TRONCA, I.. **Foucault Vivo**. São Paulo, SP, Brasil: Pontes Editores, 1987. p. 81-88.

MEIRA, Marisa Eugenia Melillo. **Psicologia escolar: Pensamento crítico e práticas profissionais**. IN TANAMACHI, Elenita de Rício; SOUZA, Marilene Proença Rebello de; ROCHA, Marisa Lopes da. Psicologia e educação: desafios teórico-práticos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 35-72.

MENEGHEL, Stela Nazareth. Histórias de vida - notas e reflexões de pesquisa. **Athenea Digital**, Barcelona, nº 12, p. 115-129 2007. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=53701207>. Acesso em: 24 Jan. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologia**s, Porto Alegre, n. 21, p. 150-182, Junho 2009. Disponível em:

from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222009000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 Ago. 2017.

MODESTO, E. **Mãe sempre sabe? Mitos e verdades sobre pais e seus filhos LGBTS.** 2.ed. Campinas, SP: Papel Social, 2015.

MOMBAÇA, Jota. **Lugar de fala e relações de poder**. *Radio Afrolins*. 2017a. Disponível em: <https://soundcloud.com/r-dio-afrolis/audio-166-lugar-de-fala-e-relacoes-de-poder- com-jota-mombaca-parte-i>. Acesso em: 05 Jun. 2019.

_____. **O mundo é meu trauma**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 11, página 20 - 25, 2017b.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. **Crônicas de um gay assumido**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MOTT, Luiz Roberto de Barros et. al.. **Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil Relatório 2018.** Grupo Gay da Bahia, 2019.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das nocões de raça, racismo, identidade e etnia. **Palestra proferida no 3o Seminário Nacional Relações Raciais e Educação – PENESB-RJ.** 2003.

NASCIMENTO, Márcio Alessandro Neman do; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. **Entre a Margem e a Linha: Produção de Subjetividades Homonormativas e Práticas Sociais Homofóbicas entre Homossexuais Masculinos.**In COSTA, Horácio. e*t. al* (org.). Retratos do Brasil homossexual : fronteiras, subjetividades e desejos. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial, 2010. p. 741-752.

NAVASCONI, Paulo Vitor Palma. **Vida, adoecimento e suicídio: racismo na produção do conhecimento sobre jovens negros/as LGBTTIs**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

NEVES, Sofia. **Investigação Feminista Qualitativa e Histórias de Vida**. In M. J. Magalhães, I. Cruz & R. Nunes (Org.) Pelo Fio Se Vai À Meada: Percursos de Investigação em Histórias de Vida. Lisboa: Ela por Ela. 2012.

NEVES, Sofia; NOGUEIRA, Conceição. A psicologia feminista e a violência contra as mulheres na intimidade: a (re)construção dos espaços terapêuticos. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 43-64, Dez. 2003 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822003000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 Jan. 2018.

OLIVEIRA, João Manuel de; AMÂNCIO, Lígia. Teorias feministas e representações sociais: desafios dos conhecimentos situados para a psicologia social. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 597, jan. 2006. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2006000300002>. Acesso em: 24 jan. 2018.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada** 2008, Vol. 8 n. 2.) Disponível em:<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=339829603001>. Acesso em: 23 jan 2018.

PASSOS, Eduardo; BARROS Regina Benevides de. **Por uma política da narratividade**. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 150-171

_____. **A cartografia como método de pesquisa-intervenção**. *In* Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade / orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. – Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 17-31.

PAULILO, Maria Angela Silveira. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço Social em Revista**, Londrina Vol 2, p. 135-148, 1999. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v2n1_pesquisa.htm>. Acesso em: 24 Jan. 2018.

PONTES, Júlia Clara. SILVA, Cristiane Gonçalves. Cisnormatividade e passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans. **PERIÓDICUS**. N. 8 vol. 1. 2017. p. 396-417. Disponível em: https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/viewFile/23211/15536. Acesso em 02 Fev. 2019.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. 2ª ed., Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016. 248 p.

RICH, Adrienne. Cisheterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas***, Vol. 4*, n. 05, pp. 17-44. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309/1742. Acesso em: 26 Mar. 2017.

RUBIN, Gayle. Pensando o sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. In: RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, pp. 63-128, 2017.

SARDENBERG, Cecília M. B. **Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista**?, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6875/1/Vers%C3%A3o%20FInal%20Da%20Cr%C3%AD tica%20Feminista.pdf. Acesso em: 26 Mar. 2018.

SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Pelo cu: políticas anais.** Trd. Rafael Leopoldo. Belo Horizonte, MG: Letramento, 2016. 192 p.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Racismo e antirracismo: a categoria raça em questão. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 41-55, jan. 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2010000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 mai. 2017.

SCHULMAN, Sara Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. **Revista Bagoas**, n. 5, 67-78, 2010. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2312. Acesso em 15 Abr. 2017.

SCOTT, J. A invisibilidade da experiência. **Revista Projeto História**, São Paulo, Vol. 16, p. 297-325, 1998.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu,** n. 28, 19-54, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf.

SEQUEIRA, V. C. Família: uma crítica ao discurso técnico sobre a família desestruturada. In: FARINA, A. A. de S., et al. **Introdução à Psicologia do Cotidiano**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2007.

SILVA, Aline Pacheco; BARROS, Carolyne Reis; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de. "Conte-me sua história": Reflexões sobre o método de história de vida. **Mosaico: Estudos em Psicologia**, Belo Horizonte, Vol. 1 nº 1, p. 25-35, 2007. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/4344/3154>. Acesso em: 24 Jan. 2018.

SILVA, Joseli Maria. Cultura e territorialidades urbanas: uma abordagem da pequena cidade. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa-RS, v. 5. n. 2, 2000, p. 9-37. Disponível em: https://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2109/1590. Acesso em: 14 Jun. 2019.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascenção social**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. AS REPRESENTAÇÕES DO HOMEM NEGRO E SUAS CONSEQUÊNCIAS. **Revista Fórum Identidades**, [S.l.], jan. 2014. ISSN 1982-3916. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/5500/4511>. Acesso em: 21 jun. 2019

TEIXEIRA FILHO, F. S.. Homofobia e sua relação com as práticas "psi". In: Conselho Regional de Psicologia (CRP) 6a. Região. (Org.). **Psicologia e diversidade sexual (Cadernos Temáticos)**. 1ed.São Paulo: CRPSP, 2011, v. 11, p. 41-57.

_____. A construção social das diferenças nas (homos)sexualidades e suas relações com a homofobia. In: LEMOS DE SOUZA, Leonardo; GALINDO, Dolores; BERTOLINE, Vera. (Org.). Gênero, corpo e @tivismos. 1ed.Mato Grosso do Sul: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - FAPEMAT, 2012, v. 1, p. 83-109.

TELLES, João A. A trajetória narrativa: história sobre a formação do professor de línguas e sua prática pedagógica. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas-SP, jul./dez., p 79-92 1999.

TOLEDO, Lívia G. **"Será que eu tô gostando de mulher?": tecnologias de normatização e exclusão da dissidência erótica feminina no interior paulista**. 2013.

434 f. Tese (Doutorado em Psicologia). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis-SP, 2013.

TOLEDO, Lívia Gonsalves; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Homofobia familiar: abrindo o armário 'entre quatro paredes'. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 65, p. 376-391, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672013000300005

_____. Barreiras para uma educação sexual democrática: a ação da homofobia sobre a vivência do homoerotismo entre mulheres no interior paulista. In: Paulo Rennes Marçal Ribeiro et. al. (Org.). **Sexualidade, gênero e educação sexual : diálogos Brasil-Portugal**. 1ed.Araraquara, SP: Publicações CIEd:Padu Aragon, 2014, v. 1, p. 305-316.

_____. Laços de família e segredos (sexuais) compartilhados: narrativa de história de vida de uma jovem dissidente em uma família homofóbica.**Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 8, n. 11, 11. 2014. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6546

TEIXEIRA FILHO, F. S.; RONDINI, C. A.; SANTOS, Élcio Nogueira dos; MENDES, Andressa Benini . Homofobia e sexualidades em adolescentes: trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidades. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, p. 16-33, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000100003#*a.

VERGUEIRO, Viviane Simakawa. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. 2015. 224fs. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação.** 1. Ed.. Curitiba: Appris, 2018.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Rev. Estud. Fem.** 2001, vol.9, n.2, pp.460-482. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 Jul 2018.

WESTON, Kath. **Families we choose: lesbians, gays, kinship**. New York: Columbia University Press. 1991.

WITTIG, Monique. **El pensamiento heterossexual**. Trad. Javier Sáez e Paco Vidarte. Barcelona: Editorial EGALES, 2006.